

SINÉIA RANGEL

O EPINICIO
DE SANGUE







SINÉIA RANGEL

O EPINICIO
DE SANGUE



O EPINÍCIO DE SANGUE

Esta é uma obra de ficção.

Nomes, personagens e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Copyright © 2019 Sinéia Rangel
Todos os direitos reservados.

PRODUÇÃO EDITORIAL

Autora: Sinéia Rangel

Revisão: Cris Castro

Leitura Final: Alice Martins

Capa: Sinéia Rangel

Imagens: Shutterstock

Diagramação: Sinéia Rangel

Ilustrações: Vih Singer

**ESTE É UM ROMANCE DE FANTASIA URBANA,
O UNIVERSO CRIADO É PRODUTO DA IMAGINAÇÃO DA AUTORA,
REUNINDO ELEMENTOS DE CULTURAS DIVERSAS E FICCIONAIS,
SEM QUALQUER VÍNCULO OU COMPROMISSO COM A
REALIDADE.**

ATENÇÃO

O livro contém alguns capítulos em 3ª pessoa, com o objetivo de ampliar a perspectiva do leitor em relação a eventos que ocorrem sem a presença da protagonista. Contudo, Triana é a principal narradora desta história.



3ª PESSOA



1ª PESSOA

Epílogo e Posfácio estão assinados pelos personagens que os narram.



SINOPSE

O ar medieval de Toledo, antiga capital da Espanha, sempre instigou a imaginação de Triana. Quando uma série de eventos misteriosos e sinistros acontecem, ela sente-se no limite da insanidade, incapaz de diferenciar entre fantasia e realidade. No entanto, seus instintos persistem em alertá-la do perigo e revelam que as ruas sinuosas e estreitas se transformaram no palco de confrontos entre anjos, demônios e decaídos, que acreditam que ela é a peça chave de uma antiga profecia.



PLAYLIST

Para ouvir a *playlist* de “*O Epinício de Sangue*” no Spotify, abra o app no seu celular, selecione “buscar”, clique na câmera e posicione sobre o *code* abaixo.



ÍNDICE DE ARMAS



Katana



Espada



Hidden Crossbow

ÍNDICE DE ARMAS



Chakra Blades



Shuriken



Adaga

ÍNDICE DE ARMAS



Nunchakus



*Machado
de dois gumes*



Bastão

SUMÁRIO

[Sinopse](#)

[Playlist](#)

[Índice de Armas](#)

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Epílogo](#)

[Posfácio](#)

[Bônus](#)

[Agradecimentos](#)

[Biografia](#)

*"Sonhar o sonho impossível,
Sofrer a angústia implacável,
Pisar onde os bravos não ousam,
Reparar o mal irreparável,
Amar um amor casto à distância,
Enfrentar o inimigo invencível,
Tentar quando as forças se esvaem,
Alcançar a estrela inatingível.
Essa é a minha busca"*

Dom Quixote - Miguel de Cervantes



PRÓLOGO

*“Cada um é como Deus o fez
e ainda pior muitas vezes”*

Dom Quixote - Miguel de Cervantes

Há milhões de anos, anjos travaram uma guerra em campos celestiais.

Derrotados pelo exército liderado por Miguel, os anjos rebeldes foram expulsos do Céu e condenados a viver pela eternidade entre os homens. Os decaídos, como ficaram conhecidos, perderam seu halo, suas asas e com eles sua imunidade à dor e ao sofrimento.

Após os primeiros tempos de reclusão, os decaídos misturaram-se aos humanos, ensinaram-lhes artes e a manusear espadas, deram-lhe inspiração política e filosófica, e instruíram-lhes sobre a vida após a morte. Conquanto, a vida mundana não lhes oferecia desafios, os homens eram limitados e entediados ante a sabedoria dos anjos. Conspirações surgiram, facções revolucionárias orquestraram a derrocada da humanidade.



Lúcifer nunca desejou a destruição dos homens, tampouco queria governar, seu único pecado foi apaixonar-se. Diante da iminência de uma guerra na Terra, despiu-se do orgulho, pôs os joelhos no chão e abriu o seu coração na esperança que o Criador lhe escutasse.

— Sei que não mereço que ouças minha prece. Falhei, abandonei teus ensinamentos. Vós pregais o amor como um ato sublime e fizeste dele o primeiro mandamento para teus filhos. Condenarás a humanidade para me punir? Eu te suplico, Pai. Ajude-me. Salve-nos.



Intimado a reger o Principado dos Decaídos, Lúcifer tornou-se o Príncipe do Inferno, tinha por obrigação manter a ordem e disciplina dos seus seguidores, bem como garantir que ficassem confinados nas sombras. Obedecendo às ordens recebidas, ele reuniu os seus e deixou a Terra antes do Dilúvio, prometendo não mais voltar.

A notícia da aliança entre Lúcifer e o Criador chegou ao ouvido dos revolucionários, alguns conseguiram encontrar os portais para o Inferno e refugiaram-se, os que ficaram na Terra foram banidos e suas almas voltaram para os Céus, onde foram trancafiadas à espera do Juízo Final.



CAPÍTULO 1

*“A história é émula do tempo,
repositório dos fatos, testemunha do
passado, exemplo do presente e
advertência do futuro.”*

Dom Quixote - Miguel de Cervantes

Era noite. Caminhava distraída pelas ruelas estreitas e tortuosas. Munida

da minha Nikon era fácil esquecer do tempo. Nunca me cansava de admirar as altas muralhas que há muitos séculos protegiam Toledo, mantendo-a incólume no ponto mais alto da montanha.

Por vezes, sentava-me nos arredores dos portões da cidade e me perdia entre livros de história e cliques do pôr do sol sob as águas do Rio Tejo. Adorava andar sem rumo, eternizando a arquitetura Mudéjar que podia ser vista por todos os lados. Visitando as lojinhas de antiguidades no centro, entre armaduras, espadas e brasões, era capaz de me imaginar no palco das batalhas medievais.

Havia crescido por aquelas ruas, conhecia atalhos que fariam turistas pensarem que estavam vivendo “*O Labirinto do Fauno*”, ou “*O Inferno de Dante*”, se levassem em conta as gárgulas grotescas que endossavam fachadas de catedrais e mosteiros. Para mim, tudo era familiar como o quintal de casa. Perto de completar dezoito anos não pensava em ir embora. Ao contrário da maioria dos adolescentes que conhecia, era a sensação de viver num século passado o que mais gostava.

Eram raras as vezes que deixava os muros da cidade. Motivo que fomentava a implicância da minha melhor amiga. Meus pais não eram paranoicos, na realidade, eram até liberais demais a meu ver, e Belinda achava injusto que tivesse que implorar por semanas seguidas para ir numa festa, enquanto eu, que podia sair, nunca o fizesse, porque preferia ficar fotografando paredes velhas e lendo sobre o passado ao invés de aproveitar a minha juventude; palavras dela.

Vez ou outra cedia às suas súplicas. Não entendia o apelo, não passava do encontro com uma galera que você via todos os dias no colégio, com o agravante dos hormônios estarem em ebulição devido ao álcool e o nível de estupidez alcançar marcas assustadoras. Se não fosse por Belinda, não me esforçaria para vivenciar tais rituais juvenis, entretanto, éramos amigas desde os seis anos, isso lhe dava algum crédito.

Havia prometido que não desmarcaria de novo e a vibração na minha mochila significava que estava ferrada. Perdi a hora apreciando o pôr do sol no *Mirador Del Valle* e me atrasei. Precisava elaborar uma boa desculpa, porque a insistência com que minha amiga me ligava, dizia o quanto estava brava.

Digitei uma mensagem curta: *Chegando*.

— Para pegar o trem — completei a meia voz, devolvendo o aparelho à mochila. Ela me mataria se soubesse.

Ergui o rosto para a torre do relógio que se projetava numa das esquinas da estação, como um campanário numa igreja. Meus olhos percorreram as paredes em tom terroso. Arcos polilobulados e almenas escalonadas decoravam

a parte superior de toda construção. Os ponteiros marcavam dezenove horas e treze minutos.

Apressei o passo e me dirigi para uma das muitas entradas. A mochila posicionada apenas em um dos ombros escorregou pelo meu braço quando trombei com alguém tão apressado quanto eu. Segurei a alça rápido, impedindo que caísse, o que poderia arruinar minha câmera, e olhei na direção de quem atingi.

Só foi um esbarrão, precisa fazer essa carranca? — Comprimi os lábios encarcerando a pergunta na minha mente.

O desconhecido me olhou irritado e por pouco achei que fosse discutir. Sua expressão suavizou-se e os olhos me perscrutaram curiosos.

— Você se machucou? — Mediu-me de cima a baixo, constrangendo-me.

Não me olhe como se estivesse sem roupas, por Deus! — Interceptei meu pensamento antes que minha boca o pronunciasse e tornasse pior a situação.

— Desculpe-me, não quis... — Parou de repente. — Você disse algo? — Seu olhar estreitou-se sobre o meu. Ele era muito alto. Inclinou-se para a esquerda, curvando de modo sutil o corpo e aproximando-nos alguns centímetros.

— Não. — Corri os dedos pela alça da mochila, ajustando-a ao meu ombro. — Estou bem.

Ele abriu a boca, tive a impressão que diria algo, porém voltou a fechá-la e meneou a cabeça, assentindo. O braço esquerdo projetou-se para cima e os dedos perpassaram os fios anelados, o que fez com que uma mecha castanha tocasse sua testa. Endireitou a postura e os olhos permaneceram a me sondar.

Sexy. E estranho. — Encrespei o lábio inferior. — *Primeiro me olhou como se me despisse o corpo, agora parece que quer destrinchar meu cérebro. Qual é o seu problema?* — perguntei-me em silêncio, dando-lhe as costas.

O ruído de uma risada soou baixo. Interrompi-me e o mirei. O ângulo em que estava permitia-me ver seu perfil desaparecer na calçada, ostentando um sorriso. Estava agradecida por ele não ter sorrido quando nos encontramos, porque teria feito papel de idiota. Se era lindo de cara amarrada, sorrindo era o pecado original num corpo quente como o inferno, coturnos e jaqueta de couro.

Senti uma nova vibração vinda da mochila. Minha morte sendo anunciada, com toda certeza. Depois de dois cancelamentos e um atraso, precisava recompensar Belinda e me submeter aos sacrifícios sociais que ela tanto amava. Ignorei o celular, não queria mentir e sabia que não ficaria feliz com a verdade.

De posse do bilhete, sentei-me para aguardar a chegada do trem. Deslizei a mochila para o colo e peguei minha câmera. Apontei para o teto adornado por artesanatos em madeira e luminárias em ferro decorativo, registrando algumas fotografias. Não importava quantas vezes estivesse diante do mesmo cenário, sempre haveria algo novo a ser desvendado.

Através da lente capturei uma sombra recair sobre um conjunto de vitrais. Abaixei a câmera, fixei meu olhar na parede, atentando-me aos detalhes que os compunha. Nem sinal do vulto que se assemelhava a asas. Devia ser o cansaço. Guardei-a e levantei, encaminhando-me para a plataforma de embarque.

Faltavam alguns minutos para meu trem. Peguei um dos livros da mochila, o meu velho e surrado exemplar de *“Dom Quixote de la Mancha”*. Havia tantas páginas marcadas pelo desgaste, resultante do manuseio frequente, que abria nos meus trechos favoritos sem qualquer esforço. Meus grifos e rabiscos tomavam as margens.

Alguém puxou o livro da minha mão. Aturdida, meus braços pairaram no ar. Meus olhos se avultaram sobre o idiota que achava engraçado assustar os outros. Repuxei os lábios, numa expressão contrariada. O garoto de cabelos platinados e olhos de um azul intenso enrugou o nariz. Abriu o livro, segurando-o acima da minha cabeça e girou, lendo-o em voz alta.

— *Nunca pense que seu amor é impossível, nunca diga "eu não acredito no amor"*. *A vida sempre nos surpreende*. — Ele voltou a ficar de frente para mim e sorriu de lado. — Não achei que gostasse dessas coisas. — Sacudiu os ombros.

Não éramos desconhecidos, tampouco amigos. Sabia o seu nome: Iker Romero. Estudávamos juntos, ambos éramos segundanistas e cursávamos o Bacharelado^u em Humanidades e Ciências Sociais, embora ele não parecesse preocupado com suas notas ou frequência acadêmica.

— O que te deu a entender que me conhece?

— Tenho a observado. — Seus dedos raspavam a maçã do meu rosto.

O jeito enigmático causava um alvoroço entre garotas e garotos. Os lábios cheios, e de um tom róseo provocante, abriram-se e sua língua umedeceu-os, desaparecendo numa mordida. Ele arrastou os dentes devagar e o sangue se acumulou na porção inferior. Tomei consciência que agia como se estivesse deslumbrada — o que era verdade, mas ele não precisava saber — e puxei meu livro de volta.

— Devo acionar a polícia? — Ele ergueu uma das sobrancelhas e sorriu, alheio à minha tentativa de ser indiferente. — Por que está falando comigo?

— Não posso?

— É alguma aposta idiota? — Enfiei o exemplar no bolso da mochila. — Se for, topo fingir que você se deu bem e fico com metade da grana.

— Planejando alguma fuga?

Ele está ignorando minhas perguntas ou é sempre aleatório? — perguntei-me, notando — pela primeira vez — uma tatuagem sob a gola da camisa. Iker era um dos caras que deveriam vir com um alerta de perigo afixado na testa. A postura confiante projetava-se no porte esguio e até os seus gestos mais banais tinham uma aura de sensualidade.

— O quê?

— Você disse que concordaria em dividir a grana de uma aposta. Pensando em fugir?

— Esse foi seu primeiro pensamento? — Sorri, achando ridículo.

— Não é o seu?

— Sinto desapontá-lo. — A chamada para o embarque foi anunciada. — Preciso ir.

— Para que precisa do dinheiro?

— Lentes — respondi sem olhá-lo e segui para a entrada do vagão.

— Que tipo de lentes? — Sua voz estava mais próxima do que deveria. Olhei para trás e ele apontou para o trem. — Não estou te seguindo.

— Para minha câmera — respondi, desejando que ele não estivesse planejando sentar-se comigo.

— Nunca te vejo nas festas, Triana.

— Você sabe meu nome? — Adentrei o vagão.

— Você não sabe o meu? — Ele sorriu alto e estendeu o braço, apontando para dois assentos vagos, lado a lado.

— Desculpe, não gosto de viajar conversando.

— Tudo bem. — Deu de ombros. — Não é porque sentaremos juntos que precisamos conversar.

— Fala logo o que quer comigo, Iker. — Acomodei-me no assento, empurrando a mochila para meus pés.

— Te reconheci e pensei em cumprimentar.

— Você nunca falou comigo antes. Por que hoje?

— Só estou sendo educado. Se te incomodo, posso me sentar em outro lugar e te deixar em paz.

— O transporte é público. — Recostei a cabeça na janela e fechei os

olhos.

Ouvi quando se sentou ao meu lado. O joelho encostou-se à minha coxa, o jeans friccionando minha fina meia. Impedi que um suspiro desertasse por entre meus lábios e me remexi no banco, cruzando a perna para que não ficasse tocando-o.

— Está tudo bem se eu sentar aqui? — O seu hálito aqueceu meu pescoço.

— Tanto faz para mim. — Esforcei-me a permanecer com as pálpebras cerradas. Podia senti-lo muito próximo.

— Você tem namorado?

Abri os olhos e o encarei. Iker estava largado no banco, o mais confortável possível, com o rosto virado para mim. Ele piscou os longos cílios negros.

— Você não vai calar a boca?

— Sou curioso. — Pinçou o lábio com o polegar e indicador, repuxando-o e revelando um *piercing lip frenulum*.^[2]

— Não, não que seja da sua conta. — Virei o rosto para a janela.

— Pode não ser da minha conta, mas é do meu interesse.

Arregalei os olhos e minha boca cedeu alguns milímetros. Refreei o impulso de olhá-lo para ver se sua expressão revelava escárnio. Inclinei o corpo para frente, busquei pelo livro que tinha dado início à nossa interação incomum e abri numa página aleatória. Eu via as palavras e não conseguia concatená-las em orações sentindo um par de olhos fixos em mim.

— Você está me atrapalhando.

— Estou? — A falsa inocência no seu timbre irritou-me.

— Sejamos francos, se não há qualquer aposta, você está querendo se divertir às minhas custas e não gosto disso.

— Por que é impensável que esteja atraído por você?

— Até alguns minutos atrás você sequer tinha me notado alguma vez.

— Você não é exatamente a garota mais receptiva. Não pode me culpar por querer evitar levar um *passa fora* na frente de todos.

— Isso quer dizer que logo você voltará a fingir que não existo apenas porque não sou uma das muitas garotas que faria qualquer coisa para ter um minuto da sua atenção?

— Tenho uma reputação a zelar.

— Vá pro inferno!

Ele gargalhou. Bufe de ódio. Arrastei a mochila para meu colo. Procurei pelos fones, encaixei-os no celular e pus nos ouvidos. Visualizei as mensagens de Belinda e respondi: *Só mais um pouco*.

Volume no máximo, selecionei minha *playlist*. Dessa vez nada atrapalharia minha leitura. Mais alguns minutos e estava em Madri. Esperei que meu companheiro de poltrona se retirasse, como ele não fez menção de levantar, guardei meus objetos na mochila, a pendurei no ombro e forcei a saída, empurrando-o.

Ele segurou minha mão, bem quando estava entre suas pernas e a poltrona defronte: — Vamos para o mesmo local, podemos rachar o táxi.

— E arruinar sua reputação? — Soltei-me e avancei por entre as pessoas, deixando-o para trás.

Não queria que ele me alcançasse, por isso decidi caminhar por algumas quadras. Péssima escolha, percebi tarde demais. Senti que alguém me seguia. Abandonei a calçada em paralelo à via principal e desviei por entre ruas adjacentes. Olhei ao redor algumas vezes e não avistei ninguém. Tranquilei-me e solicitei um carro. Estava numa praça e o tempo estimado para chegada do táxi era de cinco minutos, sentei-me para aguardá-lo.

Lembrei-me do vulto que pensei ver nos vitrais da estação de Toledo. Asas. Perseguidor. Deveria ouvir mais Belinda, ficar tão mergulhada em histórias me levaria à loucura. Ri sozinha, pensando no quão irônico seria se minha vida imitasse o meu romance favorito e me tornasse uma versão Quixotiana Contemporânea.

Um tinido gutural eriçou os pelos do meu corpo. Corri às cegas, sem saber para onde ou o porquê. O coração desvairado. As luzes apagaram-se. A inércia subjugou-me e caí de joelhos. Meus gritos ecoavam na minha mente, incapazes de romper meus lábios.

As luminárias dos postes piscaram e vi uma imensa sombra descer dos céus sobre minha cabeça. Não ousei olhar para cima. Senti garras arranharem meus ombros. Lampejos seguiram-se ao barulho de estilhaços. Um raio caiu adiante e minha visão foi ofuscada.

A criatura rugiu e um bater de asas estrondoso tilintou nos meus ouvidos. Levei as mãos à cabeça, tampando-os. Senti que lágrimas revestiam meu rosto e um choro baixo ganhava voz. Meu corpo tremia, caído no chão.

Um manto de luz me envolveu. Alguém estava comigo e me abraçava, sentia braços fortes ao meu entorno. Eu queria agradecê-lo por ter me salvado. Tateei o que aos meus olhos era nada além de um fulgor e afaguei seu rosto.



CAPÍTULO 2

*“É o mundo que eu vejo descobre
Um mistério
à espera de ser revelado”*

Under Grey Skies - Camelot

— Triana? — Um leve sacolejo movimentou meu corpo.

O barulho de corrediças sobressaltou-me. Abri os olhos e a luminosidade obrigou-me a fechá-los. Um zunido agudo repetia-se como se estivesse dentro do meu ouvido. Entreabri as pálpebras de modo gradativo, adaptando-me à brancura que se espalhava pelo ambiente.

O que aconteceu? — Meu cérebro articulava-se à procura de respostas. — *Onde estou?* — Agarrei o primeiro objeto que encontrei e a confusão dominou-me. — *No meu quarto?* — Não conseguia lembrar como, ou quando, havia chegado em casa.

— Você está bem? — Minha mãe colocou a mão na minha testa. — Por que não me falou que estava se sentindo mal?

— Estava? — Minha voz saiu num balbucio.

— Não está com febre. Deve ser um resfriado.

— Por que você acha que estou doente?

— Belinda ligou perguntando se melhorou... Você mentiu, Triana?

— Não! Eu... Quando Belinda ligou?

— Ela ficou preocupada por você não ter ido à aula e como não atendia ao celular, me ligou e vim ver como estava. Eu pensei que tinha saído ontem à noite, mas ela disse que você enviou uma mensagem desmarcando porque estava nauseada. Triana, se estiver escondendo algo... Não precisa ter medo de me contar. Eu e seu pai te amamos e...

— Não, mãe! Gravidez na adolescência não é hereditário, ok? Apesar da família do meu pai fazer parecer o contrário.

Não precisava que ela continuasse a falar. Não importava quantas vezes repetisse que mal tinha beijado, meus pais cultivavam o péssimo hábito de imaginar que eu escondia uma vida secreta com muitas badalações, o que incluía sexo insano e um namorado misterioso, com quem me encontrava durante meus sumiços aos finais de tarde.

— Não tem nada para me contar?

— Você não vai ser vovó. — Forcei um sorriso e levei as mãos aos cabelos, juntando-os e enrolando-os num coque preso com os próprios fios. — Acho que foi algo que comi. — Era mais fácil manter a história do mal-estar do que explicar algo que não fazia qualquer sentido. Deveria ter encontrado com Belinda na festa. Lembrava de ter pego o trem. Depois tudo era um caos de imagens embaralhadas. — Preciso de banho, chá e algumas horas na cama. Pode voltar para a loja, mãe. Vou ficar bem.

— Está querendo se livrar de mim? — Ela arqueou a sobrancelha.

— Você vai ficar no meu pé o dia todo, então sim. — Afastei os lençóis.

— Vou aproveitar minha folga do colégio para revelar algumas fotografias. Meu plano é passar o dia no quarto escuro. — O meneio das suas mãos me chamou atenção e reparei no objeto que ela segurava. — Onde você achou isso?

— Estava aos pés da cama. — Ela ergueu a pena negra. — Você deve ter deixado cair. — Entregou-me. — Acho que nunca vi uma pena assim. Presente de alguém especial?

— Se houvesse alguém, eu contaria, mãe. Nunca a vi antes.

— Você não sabe nada sobre o garoto que estava olhando pela sua janela quando cheguei?

— Tinha alguém na minha janela? — Corri para o parapeito e vasculhei a área abaixo.

— Triana, calma.

Flashes piscaram diante dos meus olhos. Não consegui identificar as figuras, eram sombras e uma luz forte. Senti o pânico pulsando nas minhas veias. Meu coração batia numa frequência ensurdecadora, ouvia o eco retumbando nos meus ouvidos e minhas mãos suaram frio.

— O que mais você viu? — Virei-me para minha mãe.

— Nada. Não precisa ficar com medo. Era um garoto, não me pareceu perigoso. Ele podia estar de passagem e olhou para sua janela bem quando eu estacionava. Pensei que estava esperando que você aparecesse para deixá-lo entrar. Coisas da sua mãe.

— Como ele era?

— Desculpa, não observei. Fiquei mais interessada em pegar você no flagra e dar uma bronca por estar faltando ao colégio para namorar, quando podia trazê-lo aqui em outro horário.

Apesar do pressentimento de que algo ruim estava acontecendo, o riso foi inevitável. Só minha mãe para ver um provável invasor rondando a casa e criar um cenário de encontros furtivos da filha.

— Mãe, pode confessar. — Fiz uma pausa dramática. Ela me olhou confusa. — Vocês me adotaram.

— Bobinha. — Apertou minha bochecha. — Vou ficar, você está assustada e não gosto te ver com essa rusga de preocupação. — Depositou um beijo na minha testa. — Trate de expulsá-la daqui.

— Por acaso o garoto tinha os cabelos platinados?

— Ele usava um capuz... Ou era um gorro? — Sua mão voou para o maxilar e o indicador cobriu os lábios. Ela franziu o cenho, pensativa. — Não tenho certeza. Prometo que se acontecer de novo, vou ter o suficiente para um

retrato falado.

— Tudo bem, mãe. — Abaixei os olhos para a pena. — Sabe que não precisa ficar, né?

— Vou preparar seu café da manhã.

Minha mãe deixou o quarto. Coloquei a pena sobre meu travesseiro e segui para o banheiro. Quanto mais me esforçava para lembrar da noite anterior, mais real se tornava a sensação de medo. Minha pele se arrepiava inteira e calafrios enraizavam-se por minha dorsal. E a pluma? Nunca a havia visto e era impossível que ela tivesse brotado do carpete no meu quarto.

Belinda poderia ter omitido alguma informação da minha mãe. Não me atormentaria até falar com ela. Vai que tinham me drogado, um alucinógeno explicaria minha confusão mental. Não que o fizesse intencionalmente, nem bebidas alcoólicas ingeria, mas não podia descartar a possibilidade. Uma vez tinha comido brigadeiro com maconha por acidente.

Terminei o banho o quanto antes, precisava de respostas. Depois de me vestir, procurei pelo celular. Mochila, criado-mudo, sobretudo, revirei o quarto de cabeça para baixo e não o encontrei. Nunca mais deixaria Belinda me convencer a ir numa festa, decidi, concluindo que o aparelho tinha ficado onde quer que tenha ido.

Peguei a câmera e saí do cômodo. Parei no primeiro degrau da escada e retornei. Pus a Nikon na cama, resgatei a pena e me dirigi à minha escrivaninha. Abri a caixa de bijuterias e tirei um colar prateado. Ele tinha um adereço de asas angelicais, o removi do gancho, após amarrar uma linha de silicone na *raque*^[3] da pluma a substituí pelo pingente.

Admirei a peça entre minhas mãos. A tonalidade negra tinha um brilho azulado. Vesti o colar e toquei a pena macia caindo entre meus seios, seu fulgor refletiu no espelho e incidiu na nuance amendoada da minha íris.

— Que você seja um bom presságio. — Fechei-a na palma da mão.

Levantei o zíper do moletom, para minha mãe não fazer insinuações sobre meu novo acessório, pendurei a alça da câmera no pescoço e desci as escadas apressada. Não queria contar que perdi o celular, por isso adiei a conversa com Belinda ou minha mãe estranharia estar fazendo a ligação do telefone fixo. Tomei o café e me refugiei no quarto escuro, que meu pai me ajudou a construir, nos fundos de casa.

Aquele era meu santuário. Ao fundo da sala ficava uma mesa que ocupava toda sua extensão. Em cima dela, da direita para a esquerda, todas as ferramentas e produtos necessários no processo, a começar pelo tanque, agentes

químicos e toalhas, seguidos pelas caixas com revelador, interruptor e fixador.

Na parede lateral havia uma pia e, na bancada, mais uma caixa para a lavagem final em água corrente. No centro do quarto encontrava-se um móvel com o ampliador, além de gavetas com os papéis fotográficos, uma cadeira e varais espalhados por todo espaço.

Recolhi as fotografias do varal, parando para examinar cada uma delas. As guardei numa caixa onde as mantinha antes de organizá-las em álbuns, desliguei o interruptor, destravei o chassi da câmera. Estava vazio. Eu nunca, absolutamente nunca, o deixava sem um rolo de filmes.

— Não entre em desespero. — Respirei fundo. — Belinda vai explicar tudo o que houve e você vai perceber que foi vítima de algum dos imbecis do colégio que diluiu uma dose de psicodélicos no suco. Não há motivos para surtar. — Inspirei e expirei, contando até dez. — Preciso descobrir se estou enlouquecendo!

Corri para dentro de casa, sequestrei o telefone e disparei escadas acima, trancando-me no quarto. Deitei no carpete, busquei o número na agenda e disquei.

— Amiga, você não podia ter ficado doente logo hoje! — Ao que parecia, Belinda estava mais no escuro do que eu.

— Claro que tinha que acontecer algo importante no único dia do ano letivo que me ausento.

— Temos dois novatos, um garoto e uma garota. Não parecem irmãos. Como não andaram de mãos dadas, estou considerando que são apenas amigos. E ele já chegou arrasando meu pobre coração.

— Eu o perdoo por esse dano colateral, a culpa é toda do seu cupido que não sabe brincar de arco e flecha e adotou uma *Glock 17*.^[4]

— Começou a difamar meu coração, está bem.

— São fatos. Você apaixona e desapaixona mais rápido do que troco meu sutiã. — Ela gargalhou. — E sim, está tudo bem comigo. Acho que tive alguma crise de enxaqueca e isso bagunçou minha cabeça.

— De novo essas crises?

— Elas vêm e vão. Nunca tinha acontecido de apagar.

— Tri, você tem que descobrir o porquê delas.

— Odeio médicos e você não vai falar nada aos meus pais.

— Isso não é coisa que se peça, amiga.

— É sim. Se piorar, eu conto. Pode ficar tranquila. Fora sua nova paixonite, o que mais perdi?

— Martin e Mia monopolizaram o assunto do dia. Rolou até uma tensão entre os dois Deuses do Olimpo do colégio.

— Que são...

— Quem mais? Martin e Iker.

— Quem é o mais bonito?

— Se você pedir para escolher entre levar um tiro ou um golpe de espada, decido mais rápido. Não dá para dizer qual deles é mais... sexy e GOSTOSO. Você vai concordar comigo.

— Não, você vai me obrigar a concordar, mesmo eu dizendo que não fazem o meu tipo.

— Enquanto você listar personagens literários como exemplo do garoto dos seus sonhos continuarei a ignorar o *seu tipo* — enfatizou as duas últimas palavras. — Não basta ser lindo, inteligente, sarcástico e com pegada, você quer viver um romance com grandes gestos românticos e sacrifícios?

Gargalhei, porque no fundo era o que pensava. Vivíamos num período de relações frívolas, a inconstância era norma vigente, e eu era uma apaixonada por romances que iam além do seu tempo, onde mais do que o corpo, entregava-se a alma ao outro. Pensava que havia nascido no século errado.

— Só quero sentir a tal eletricidade que tanto leio.

— Tri, não querendo estragar seu ideal romântico... Isso é tesão!

— Só sei que nunca senti.

— É porque para você, tesão e sentimentos estão relacionados. Para mim, e a maioria das pessoas, eles são distintos.

— Isso é seu jeitinho carinhoso de me chamar de esquisita?

— Você é esquisita, amiga. Mas quanto a esse aspecto não tem nada de errado, é uma característica e tem até um nome. Espera um segundo que vou pesquisar. — Ela fez uma pausa. Fechei os olhos, deslizando-a pena pelo nariz. — Achei! Você é uma demissexual.

— Como é?

— DEMIssexual. Significa que você só sente atração sexual por alguém com quem estabeleceu uma ligação emocional prévia. Não impede que você ache alguém bonito e sexy, apenas não vai desejar estar com a pessoa de pronto. Relações casuais não te excitam. Entendeu?

— Acho que sim e até que faz sentido. — O toque da plumagem era macio e percebi que exalava um cheiro que não conseguia definir, era agradável e... aconchegante?

— Você deveria me ouvir mais vezes, sempre tenho razão. E um dos

motivos de querer que você conheça e se aproxime das pessoas é porque não dá para criar elos emocionais trancada no seu quarto escuro ou fotografando muralhas.

— Você é a melhor amiga que poderia ter.

— Eu sei, sou demais. — Deu risada. — Vou esperar você conhecer o Martín antes de atacar, se ele despertar seu interesse...

— Duvido muito.

— Se for o caso, é todo seu. Preciso desligar.

— Beijos.

Encerrei a ligação, decidida a esquecer o assunto. Não havia me ocorrido que poderia ter sido uma crise de enxaqueca até conversar com Belinda. Fazia quase um ano que não acontecia. Era um sintoma recorrente desde os meus doze anos.

Pelo restante do dia, entretive-me ajudando minha mãe a atualizar o site da loja de doces, assistimos um seriado e terminamos a noite na cozinha. Ela preparando o jantar, eu me deliciando com algumas receitas novas que ela estava testando. Meu pai era professor universitário e estava em Barcelona.

Nenhum mal-estar, nada fora do comum aconteceu. Antes de subir para dormir, fui ao quarto escuro buscar a câmera. Certifiquei-me de colocar um rolo de filme novo e saí, trancando a porta.

Um sopro gelado agitou meus cabelos e um arrepio percorreu-me o corpo. Esperei. Nem um barulho se fez ouvir. Corri para a entrada da cozinha e, na segurança de casa, bisbilhotei pelo visor lateral. O quintal parecia intocado. Tomei um copo de água, voltei a enchê-lo e fui para o quarto.

Um tempo depois de ter deitado, permanecia acordada. O colar com a pena estava no criado-mudo e banhado pela luz da lua, que se propagava pela fresta da cortina, uma silhueta diáfana o envolvia.

Pisquei as pálpebras e esfreguei os olhos, tanto maravilhada quanto assustada, e estiquei o braço, trazendo-o para mim. Pendurei a corrente entre os dedos, a pluma pendeu sobre minha palma, as *barbas*^[5] reluziam.

— O que é você? — A fechei na mão e coloquei sobre o coração.



CAPÍTULO 3

*“Você e nós, ou eu e eles
Aí vem um tempo
para tomar uma posição
A roda está observando tudo,
ela continua a queimar”*
Paradise - Within Temptation

— Pensei que não fosse vir de novo. — Belinda retira a bolsa da cadeira

ao seu lado e empurra para debaixo da carteira. Ela cursava Bacharelado em Tecnologia. Nas poucas disciplinas que dividíamos, ninguém conseguia nos separar. Trabalhos, provas, grupos de estudos. Sempre juntas. — Mia está sentada atrás de você — emendou num murmúrio.

— Não sei onde deixei meu celular e minha mãe teve que me acordar, porque o bipe do rádio relógio nem fez cócegas no meu sono. — Caderno e livros na mesa, volvi o tronco para pendurar a mochila na cadeira e ergui os olhos para a garota nova.

Pensei que estava sendo discreta, porém seu olhar encontrou o meu e seus lábios — pintados de roxo — formaram uma linha reta ao passo que ela cruzou os braços sobre a carteira e encarou-me inexpressiva. As longas madeixas avermelhadas esparramaram-se pelos ombros.

— Mia? — Um resmungo atraiu-me. Na fileira ao lado, um garoto exigiu atenção da ruiva.

— Quê?

Trocaram olhares e ela não pareceu feliz. Ele tinha um ar de superioridade e emanava confiança. Os cachos bagunçados eram opostos a todo o resto. Uma caneta rolava entre seus dedos. Seus olhos recaíram em mim no instante em que me perguntei se o conhecia de algum lugar. Ele confrangeu a expressão e jogou a cabeça para trás, sustentando-a na base da cadeira.

— Triana, você pretende olhar para a lousa em algum momento ou encontrou algo mais interessante aí atrás? — Risos seguiram-se ao comentário do professor. Colei o tronco ao encosto da cadeira, abri o caderno e sorri me desculpando. — Obrigado pela sua atenção.

— Diga se ele não é gato. — Belinda cutucou meu braço.

— Não me meta em problemas.

Sabendo que eu não continuaria cochichando, minha amiga esperou o final da aula para retomar o assunto.

— Descobrimos seu tipo. — Ela mordeu o lábio e apontou para Martin, que deixava a sala com a ruiva.

— Eu não esperava... Você poderia ter me avisado.

— Aí você teria se armado e não te veria de queixo caído por um garoto.

— Nunca neguei que acho Iker lindo.

— Nunca te vi encarando-o como fez com Martin.

— Sinto que o conheço.

— De onde?

— Não sei. Algo nele me é familiar.

— É a tal eletricidade? — Ela adorava usar as minhas falas contra mim.

— Não foi o que quis dizer. — Fiz um coque e enfiei uma caneta para prendê-lo. — Nos vemos no intervalo. Vou correr, minha próxima aula fica do outro lado.

— Vai lá. A minha é nesse bloco.

— Beijos! — Escorreguei o braço direito pelas alças da mochila.

— Te contei que ele é do seu Bacharelado?

— Ela também? — Estava mais preocupada com a garota que parecia querer arrancar minha cabeça.

— Tecnologia. Está na minha turma. — Belinda soltou um beijo no ar. — Corre ou vai chegar atrasada de novo.

Segui o conselho da minha amiga e cheguei à sala logo atrás da professora.

— Estranhei sua ausência ontem. — Ela segurou a porta para que passasse.

— Desculpe não ter avisado, Rúbia. Não estava me sentindo bem.

— Está melhor? — Seu semblante denotava preocupação real.

— Sim, muito melhor. — Apertei a alça da mochila ao reparar na composição da sala.

As carteiras organizadas em trios preenchiam os lugares que antes ficavam as fileiras individuais. Esquadrinhei o ambiente. Meus colegas estavam alheios a minha presença, ou da professora. Cada um no seu mundinho particular. Se tivesse chegado minutos antes estaria perdida na minha leitura da vez, sem notar o burburinho de vozes e risos.

— Pelos próximos meses faremos um trabalho em trio... Você e Iker são os melhores alunos da turma, achei que podiam ajudar o Martín, para que ele consiga nos acompanhar. — O espanto deve ter estampado meu rosto, porque ela completou: — E espero que você consiga incentivar Iker a estar mais focado nos estudos. As notas dele são excelentes, mas com o índice de inadimplência...

— Ele mal vem às aulas. — Soltei exasperada, virando-me para ela.

— Imagina o potencial que ele poderia explorar se levasse o colégio a sério. — Rúbia sorriu complacente e seguiu para sua mesa. — Bom dia, classe! — O cumprimento resolutivo pôs fim às conversas. Aqueles que estavam sentados sobre as carteiras pularam para suas cadeiras. — Abram o livro na página 87.

Caminhei com lentidão, avançando pelo corredor, observando meus novos companheiros de estudo. Eles tinham uma postura não amigável, para não dizer hostil. Sentados no extremo de seus lugares, como se não suportassem

compartilhar o ar, cada qual mirava um ponto da lousa em branco.

Inspirei fundo, vestindo-me de coragem para ficar entre o que aparentava ser uma disputa alfa. Garotos podiam ser completos imbecis. Levei a mão à corrente de prata em meu pescoço e trouxe a pena para fora da blusa. Seus olhos deslocaram-se e se prenderam ao adereço que sobrepunha meu decote.

Senti-me desconfortável. Apanhei a ponta da caneta exposta pelo coque e o removi dos cabelos. Os fios castanhos caíram nas minhas costas e os transpus sobre o ombro, numa tentativa de esconder-me. Quando pensei que nada mais estranho poderia acontecer, eles entreolharam-se e levantaram-se. Empunhando seus cadernos, passaram por mim.

O bater da porta denunciou que se foram. Rúbia emitiu um som de desagrado e, quando assumi meu lugar, ela olhou-me e sacudiu as mãos no ar. Não sabia se desculpando-se pela encrenca que havia me metido ou como confirmação de que precisava da minha ajuda. Esperava de verdade que fosse a primeira opção, porque não queria ficar no meio de uma briga que só podia ser explicada como uma disputa territorial.

Tomei notas do que deveríamos fazer, e que pelo visto faria sozinha. No que dependesse de mim, eles teriam suas médias sem precisar mover um dedo. Era mais seguro do que colocar os dois para trabalharem juntos. Quando saí da sala, Belinda me aguardava no corredor e arrastou-me para a cantina, assoberbando-me com perguntas e comentários sobre seu mais recente caso de paixão platônica: Martín.

— Ele não acendeu nem uma faísca. Pode ir fundo.

— Tri, do jeito que você é intransigente, só vai notar quando tudo estiver tomado pelo incêndio. — Minha amiga arrumou a franja, jogando-a para o lado. O rosto oval com queixo proeminente, moldado pelos fios lisos e alinhados na altura do pescoço, destacava os traços delicados. Seus olhos e cabelos tinham uma coloração de caramelo e os lábios eram linhas finas de um nude discreto, embora estivessem sempre coloridos. — Vai por mim ou você vai se queimar antes de ver o fogo.

— Mas disso tenho plena certeza. Rúbia dividiu a turma em trios e advinha quem são meus pares?

— Se você disser Iker e Martín... — Anuí. Ela alongou os lábios e sorriu, colocou a mão sobre a boca, tentando não gargalhar da minha desgraça. — Esse é um marco histórico, amiga. Acho que você poderá bombar numa disciplina pela primeira vez... Seria o que aconteceria comigo, porque não prestaria atenção a nada além daquelas bocas e corpos. — Belinda apoiou o cotovelo na mesa e olhou por sobre meu ombro. — Vou parecer invejosa se disser que queria ter os

cabelos dela?

Volvi o pescoço e segui seu olhar. Mia estava em pé, gesticulava efusiva, enquanto Martín, sentado sobre o encosto de um banco de ferro e com os pés no assento, olhava-a com torpor.

Ela era linda, fato. O cabelo vermelho tinha um movimento suave e sob a luminosidade natural era ofuscante. Sua pele alva, marcada pelo vestido escarlate, exibia um corpo magro e de curvas evidentes.

E ele... Mordi o lábio, enaltecendo-o em pensamentos, porque se o fizesse em voz alta Belinda não me daria paz. Sua jaqueta repousava sobre o banco. Ele vestia uma camisa cinza, as mangas ajustavam-se aos seus braços e tórax, o que deixava em perspectiva a musculatura definida.

Ele deve ter quantos anos? Estudamos juntos, não pode ser tão mais velho. Dezenove? — Observei que sua mão apertava o arco do banco. — *Mãos grandes. Seu toque deve ser firme. Que merda de pensamento é esse?* — Os cantos dos seus lábios curvaram-se num sorriso. Mia ficou brava. Ela deu um passo à frente, seus joelhos tangenciando o banco, e deu um tapa no rosto dele. Sorri da maneira que ele deslizou as mãos pela cabeça, bagunçando os cachos. — *Como deve ser a sensação de tocá-los?*

Um beliscão e voltei-me para minha amiga.

— Triana, você está me ouvindo? — Minha expressão a respondeu. — Não acredito! Estou falando e falando, e você nem estava prestando atenção!

— Desculpa, Bel.

— Você ouviu alguma coisa do que falei?

— Perdão, eu... Acho que posso ter sofrido outro apagão.

— Claro. — Ela inclinou o rosto e estreitou os olhos por alguns segundos. — Moreno, alto e quente, amiga. Que inferno de apagão delicioso! — Enrubesci, o que a fez rir, um tanto escandalosa. — Posso ter me enganado, afinal.

— Sobre?

— Você não é demissexual.

— Belinda!

— Só estou dizendo... — Ela deu uma piscadinha e entortou o pescoço para espiar o Martín. — Você é exigente, nisso temos que concordar.

— Você está fazendo deduções por sua conta e risco.

— Ciência é dedução, amiga. — Sorriu. — Onde você comprou esse pingente? É lindo! Parece de verdade.

— Eu que fiz. A pena estava no meu quarto, minha mãe que encontrou.

— Avistei Iker pegando uma bandeja e servindo-se. — Eu tenho que ir, Bel. Preciso resolver um assunto.

Na medida que me levantava, girei o corpo no eixo, virando-me de vez. Duas mãos me seguraram ao mesmo tempo que as minhas se moldaram aos músculos de um abdômen definido.

— Você se machucou?

Essa voz. — Soergui o rosto. — *Onde a tinha escutado antes?*

Ofeguei, como uma idiota, ao vê-lo sorrir. Aprisionada nos seus olhos, vi meu reflexo desajeitado dar um passo para trás e chocar-se nas costas da cadeira. Novamente ele evitou minha queda. Por instinto, agarrei seu braço e as pontas dos nossos dedos enroscaram-se.

— Obrigada. — Recolhi minha mão.

— Você parece ter facilidade em encontrar... — franziu os lábios e piscou um dos olhos — problemas.

— Você é um problema? — A pergunta escapou antes que pudesse detê-la. — *Estou flertando? Pare de falar e caía fora.* — Ouvi o riso de Belinda. Ela estava assistindo de camarote o meu desastre.

— Sou? — Ele inclinou o rosto e arqueou a sobrancelha, declinando o olhar para minha boca.

Seu lábio inferior era levemente mais cheio e ambos se combinavam em harmonia. Ele os umedeceu. Convidativos e provocantes.

Adoraria provar seu beijo. Por Deus, o que estou pensando?

— Desculpe, estou atrasado.

— Nossa aula é... Eu não quis... — Interrompi-me porque me explicar não estava funcionando.

— Não poderei ficar para as próximas aulas. Cuidado por onde anda ou vai acabar se machucando.

— Nós já nos vimos?

— Não que eu lembre. — Nem pestanejou.

— Você parece...

— Atrasado. — Tirou óculos amarelos, de lentes espelhadas, do bolso da jaqueta e os vestiu.

— Não vai perguntar meu nome?

— Até amanhã, Triana. — Semicerrei os lábios sem reação. — Martín. Caso não saiba.

Fiquei plantada, absorvendo minha vergonha. Desejando que todos

estivessem ocupados demais nas suas bolhas para notar os últimos minutos e, contrariando meus anseios, vi Iker sentado a algumas mesas, olhando-me com reprovação.

— Este momento fez os últimos dezoito anos da minha vida valerem a pena. — Levantei o dedo médio e mostrei para Belinda.

— Salve-me se essa cena se repetir.

— Salvar do quê? — Ela sorriu e a olhei atravessado. — Te amo, amiga.

Minha conversa com Iker teve que esperar, porque o intervalo acabou e seguimos para as salas. Estudávamos juntos fazia meses, ele nunca tinha me cumprimentado, e só porque me viu conversando com Martin me tornei alvo da sua hostilidade. Pelas aulas seguintes, Iker concentrou toda sua energia em me fazer sentir uma completa idiota pelo que aconteceu na cantina. A sua expressão era uma variação de raiva, decepção e incredulidade.

— Podemos conversar? — Segurei seu braço na saída do colégio.

— O que você quer, Triana?

— O que te fiz? Você está me condenando com o olhar desde...

— Sobre o que você queria conversar? — interrompeu-me.

— Quero saber sobre o dia que nos encontramos na estação.

— O que tem?

— Quero que você me conte o que aconteceu.

— Conversamos. — Ele deu de ombros.

— Nada incomum?

— Flertei com você. — Enrubesci. — Mais alguma coisa?

— Descemos juntos do trem? Você estava comigo quando passei mal?

— Não. Você passou mal? O que houve?

— Nada demais.

— A última vez que te vi foi dentro do vagão. Você fugiu de mim quando chegamos em Madri.

— Por que eu fugiria de você? — Ele riu. — Por quê?

— Você duvidou que pudesse estar atraído por ti. Eu contei que nunca me aproximei para não levar um fora diante de todos, porque tinha uma reputação.

— Você só flertou comigo porque estávamos sozinhos?

— Não podia ignorar a oportunidade.

— Você é um imbecil!

— Você deixou isso claro quando me mandou para o inferno.

— Estou mandando de novo: Iker Romero, vá para o inferno!



CAPÍTULO 4

*“Por que é o mais mortal
dos pecados, amar como te amei?”*

Bless The Child - Lacuna Coil

Era final de tarde quando o anjo retornou aos campos celestiais. Havia

cerca de três meses que estivera ali pela última vez. Filho de Miguel, o Primeiro General e Príncipe dos Arcanjos, o jovem anjo foi enviado à Terra para descobrir o porquê demônios e decaídos romperam os portais do inferno e estavam andando entre humanos.

Sabia o motivo de ter sido chamado de volta, ele descumpria as ordens recebidas. Tinha feito uma escolha e não se arrependia, receberia sua punição de cabeça erguida. Em pé, diante de uma fonte, em mármore branco, com corcéis alados esculpidos, o anjo mirava a água cristalina.

Nas suas costas estava o Palácio Real, uma construção imponente, em azulejos espelhados, nos tons de azul anil e prata. A área em frente era coberta por um gramado florido e caminhos estreitos, projetados para passeios a dois, do mesmo azulejo que compunha as paredes do castelo.

Uma torre de dimensões dantescas soerguia-se entre torres menores, três de cada lado. Uma para cada arcanjo, os sete generais. Uma delas estava abandonada desde que Lúcifer caiu. Os rumores eram de que ele desposou uma humana e o fruto dessa união proibida teria força e poder para devastar Céus, Terra e Inferno. Sob ordens do Pai de tudo e todos — o Criador —, Miguel empunhou sua espada e comandou o exército contra Lúcifer, que derrotado teve suas asas arrancadas e o halo destruído.

Todas essas histórias não eram faladas para quem quisesse ouvi-las. Durante os dez séculos — para os seres angelicais o tempo tinha um ritmo próprio, em um século eles envelheciam o equivalente a um ano para os humanos — em que viveu no Palácio, ao lado dos pais, o jovem anjo nunca soube o porquê de a torre estar isolada ou o que aconteceu com o arcanjo que deveria ocupá-la. Teve conhecimento destas atoardas^[6] quando iniciou a Academia, uma escola preparatória, onde além de aulas das grandes ciências eram treinados para se tornarem guerreiros.

Estas histórias eram passadas de geração em geração e fomentadas pelo mistério que envolvia um livro que só poderia ser lido pelos arcanjos. Conquanto, os anciões estavam no comando desde os primórdios. A sucessão das regências obedecia à linhagem de sangue e deveria ser consagrada quando o primogênito completasse dezoito séculos. O anjo seria o primeiro da nova geração e nunca antes havia pensado no que significaria assumir a cadeira do seu pai.

Por direito, ele seria o Primeiro General e comandaria um exército de alguns milhares de anjos. Seu pai tinha lhe preparado para uma possível revolta, afinal alguns dos arcanjos tinham filhos que sequer estavam na idade de ir para a Academia, eles poderiam questionar a habilidade de um garoto ser condecorado

Príncipe, quando a coroa poderia ser passada para um deles. Ele estava disposto a lutar para honrar o nome do pai.

O jovem anjo tirou uma moeda do bolso e jogou na fonte, observando-a ricochetear. A ondulação provocada pelo objeto fazia tremular no espelho d'água as sombras das copas das árvores. Ele cresceu conhecendo suas obrigações para com o Principado, foi educado e treinado para ser o melhor guerreiro. Também aprendeu que os humanos eram falhos e limitados, porém, depois de estar entre eles, a afirmativa lhe parecia simplória.

— Não usa mais a armadura? — O jovem viu o brilho prateado refletir na fonte, indicando que o outro caminhava ao seu encontro. — Não me apareça vestido assim outra vez — advertiu, parando ao seu lado e examinando com contrariedade a vestimenta do filho.

— Sim, senhor — respondeu o jovem, sem desviar os olhos do reflexo.

O arcanjo vestia uma armadura prata por cima de uma sobrecasaca verde esmeralda. Botas marrons em couro, tal como as cotoveleiras, e calça escura. Atravessado no peitoral uma bainha com chape em prata pura contendo uma espada. No pomo² incrustado uma balança, o símbolo da justiça. O cabelo castanho com mechas loiras na altura dos ombros, mesclado por alguns fios grisalhos, movia-se com o vento.

Ele tinha acompanhado de perto a queda de Lúcifer. Recordava com nitidez. Na época era o segundo no comando, apesar de mais velho que o arcanjo de fios dourados como o sol. Após a prisão de Samael, a lei de sucessão exigia que sua linhagem fosse mantida, como não tinha filhos, seu irmão — Lúcifer — foi designado como Primeiro General. Ele tinha dezoito séculos e tornou-se o mais jovem dos arcanjos.

Por dois séculos Lúcifer governou sem que houvesse desavenças, todos reconheciam a competência do novo arcanjo. No entanto, uma intervenção nos conflitos humanos foi o princípio da maior guerra já vista nos Campos Celestiais.

Miguel sabia que a coroação do seu filho reacenderia aquelas memórias. Outro jovem no poder alardearia os demais arcanjos. A necessidade de enviar à Terra uma comissão de anjos para investigar a movimentação dos decaídos foi providencial. Enviou seu filho, certo de que este cumpriria suas ordens com afinco, e sua obediência tranquilizaria os membros do Principado.

— Você interferiu.

— Ele a atacou.

— Quais eram suas ordens?

— Observar e reportar.

— E nunca, independente do que acontecesse, interferir. A vida de uma humana não é mais importante do que assegurar que demônios e decaídos continuem longe da Terra. Se eles iniciarem uma guerra, a existência da humanidade, e também a nossa, estará ameaçada.

— Ela não é qualquer humana, tem algo diferente nela. — O anjo moveu os olhos da fonte para o homem, buscando sua compreensão. — Pai, eu senti...

— Cale-se! Não repita isso.

— Você me mandou descobrir a razão dos decaídos terem quebrado o acordo e estarem vivendo entre os humanos. Ela é o motivo.

— Pedirei que Enoch me traga informações sobre a humana.

— Posso investigá-la.

— Quero que foque na sua missão.

— Se eu estiver certo, e sei que estou, ela é minha missão.

— Fique longe da garota. Se você voltar a interferir, não poderei defendê-lo e os outros arcanjos exigirão que seja punido.

— Por que eles estão atrás dela?

— Há histórias... — Miguel afastou-se da fonte a passos lentos e seguiu no sentido de uma ponte arqueada, com arquitetura em mármore e arabescos representando as sete casas regentes do Principado.

O anjo pegou outra moeda no bolso, a girou entre os dedos e arremessou, dessa vez com força. Não esperou para observar o trajeto, deu as costas para a fonte e apressou-se para acompanhar o pai. Colocou as mãos nos bolsos do jeans, pensando em meios de fazê-lo rever sua decisão.

Após meses observando Triana de longe, enfim tinha uma desculpa para estar com ela. Não diria ao pai o que essa aproximação lhe causou, não o deixaria ver que ela o fascinava. Se ele desconfiasse, nunca o deixaria voltar à Terra.

A caminhada foi silenciosa. Ao final da ponte tomaram o percurso que os levaria ao pomar. Miguel parou sob a copa da mais antiga oliveira. O tronco retorcido da árvore equivalia cinco vezes à espessura das duas figuras a sua frente.

— Quando você era criança gostava de usá-la como alvo. Lembra-se?

— O tronco deve estar cheio de marcas de dardos.

— E após séculos ela permanece aqui, forte. O que teria acontecido se tivesse envenenado suas raízes?

— Eu a teria matado.

— Antes de Lúcifer, o Primeiro General era Samael. Ele foi condenado à prisão depois de ter desposado Lilith, a primeira mulher de Adão.

— Uma humana?

— Adão queria que Lilith fosse submissa. Ela queria ser livre para pensar e agir conforme suas vontades. Não se conformava em estar sempre por baixo durante o sexo, tendo que suportar o peso do seu corpo enquanto ele se aprazia. Cansada de tentar fazê-lo aceitar que tinha direitos iguais, ela o abandonou. O Criador mandou Samael atrás dela. Encantado por sua beleza, ele deitou-se com ela, oferecendo-lhe a almejada igualdade, deixando-a conduzir o ato e atingir o clímax. Eles esconderam o romance, mas quando Lilith descobriu que foi entregue a Adão uma nova esposa, sua revolta retomou. Ela não aceitava que uma mulher tivesse que viver submissa e convenceu o arcanjo a levá-la de volta ao Éden. Lilith seduziu Eva com a promessa que nos braços de Samael ela descobriria um prazer nunca sentido. Da noite vivida nos braços do Príncipe dos Arcanjos nasceu Caim, o primeiro nefilim.

— Isso quer dizer que houve outros?

Miguel ignorou a pergunta do filho e continuou a falar: — Samael e Lilith foram condenados. Ele a ajudou a fugir antes de ser preso. O mundo é composto de dualidade: luz e trevas, bem e mal. O Criador trancafiou a encarnação do mal absoluto no fundo do oceano. Os rumores que ouvimos é que Samael instruiu Lilith para que ela pudesse resgatar Leviatã, a mãe de todos os demônios. Em troca de libertá-la, Lilith teria pedido que sua natureza humana fosse removida.

— E o que houve?

— Lúcifer foi intimado a assumir a coroa do Principado, em nome do irmão. Os demônios se infiltraram entre os homens e incitaram muitas guerras. Lúcifer pediu permissão ao Pai para que pudessemos intervir. Ele liderou as batalhas na Terra, impediu massacres e deu um propósito aos humanos: evoluir. E cometeu um erro, apaixonou-se.

— É possível? — Havia mais do que curiosidade na pergunta proferida.

— Não entendo como aconteceu, não compartilhamos dos sentimentos mundanos. Inconformado que não pudesse viver seu amor, Lúcifer blasfemou contra o Criador, exigiu que fosse dado o livre arbítrio aos seres angelicais, para que pudessemos escolher como viver, e centenas de anjos uniram-se a ele. Esses campos ficaram banhados por sangue. Quando o derrotamos, fui eu quem arrancou suas asas e o bani do Céu, juntamente com outros duzentos e dois anjos. Os decaídos relacionaram-se com humanos, tiveram filhos. Houve um tempo onde dezenas de nefilins andaram na Terra. Anos mais tarde, Samael

escapou e fugiu, levando consigo o Livro da Revelação.

— E foi atrás de Lilith e Leviatã.

— Juntos eles planejaram instaurar o Principado dos Nefilins, usariam as crianças fruto da união de decaídos e humanos para aumentar o poder dos demônios. Lúcifer descobriu e suplicou que o Pai intercedesse. Eles encontraram-se e firmaram um acordo. O ex arcanjo reuniu os decaídos que não o haviam traído e fugiu para o Inferno, tornando-se Príncipe. Antes de partir, pediu que seu filho e a mulher que amava fossem salvos. O Criador garantiu que eles estivessem na arca de Noé e mandou o Dilúvio que devastou a Terra. Todas essas informações estavam descritas no livro antes que acontecessem e mais... — Miguel ficou pensativo. — Há uma profecia... *“aquele que carrega o sangue do portador da luz será o fim e o princípio”*.

— O que isso quer dizer?

— Há muitas especulações. O que há de concreto é uma referência irrefutável ao descendente de Lúcifer. — O pai colocou as mãos no ombro do filho. — Você não deve esquecer qual é sua missão. Podemos combater o que vemos... Se permitirmos que a maldade se infiltre em nossas almas, morreremos como a árvore que a raiz é envenenada.

O anjo anuiu e abaixou a cabeça em sinal de resignação. O que lhe foi confidenciado era um segredo há séculos resguardado, seu pai não romperia com o sigilo se não lhe comprometesse. O arcanjo tinha dado alguns passos pelo entorno do tronco e o jovem o observava à distância, decidindo-se sobre anunciar sua suspeita ou mantê-la para si, por fim, ergueu o rosto e deixou que sua boca expusesse a sentença que seu pai não tivera coragem de dizer-lhe com clareza.

— O senhor acredita que sou parte da profecia.

— *“A história se repetirá, e quando passado e presente se encontrarem, o epínicio de sangue conclamará a queda do jovem arcanjo”*. — Miguel percebeu a hesitação dominar o semblante do filho. — Se for verdade que o nefilim sobreviveu ao Dilúvio, Samael não parará até localizar seus descendentes e corrompê-los. Não o subestime. Ele era o anjo da morte e regente do mundo material, conhece a fundo a alma humana, suas fraquezas e desejos mais ocultos. Quando fugiu, levou um filho. Um menino que nenhum de nós tinha conhecimento. Concebido durante os anos em que esteve preso. Ele seduziu uma das guardiãs da prisão — foi ela quem o ajudou a roubar o livro —, e a deixou morta, com uma adaga na garganta, quando escapou, logo após fazer o parto. Eu e Uriel, acreditamos que Samael arquitetou os mínimos detalhes: a fuga de Lilith para unir-se a Leviatã, tornar-se prisioneiro e, em especial, o filho.

Um arcanjo por direito de nascença.

— Outro jovem arcanjo. — O anjo ponderou suas palavras, ciente de que havia sinais que não deveriam ser desprezados. — A queda... As asas precisam ser arrancadas ou... — O pai estreitou os olhos. — Existe outro jeito?

— Há uma passagem no Livro da Revelação: “*o Principado não é mais sua casa, ele despiu o halo e abdicou de suas asas. De joelhos entregou sua alma ao caminho escolhido por seu coração*”.

— Uma queda pela renúncia.



CAPÍTULO 5

*“História da minha vida
Procurando o que é certo
Mas ele continua me evitando
Tristeza na minha alma
Porque parece que o errado
Realmente adora
minha companhia”*

Unfaithful - Exit Eden

Peguei alguns livros da biblioteca do meu pai e os levei para meu quarto.

Afofei as almofadas, recostei-me e abri o primeiro exemplar, eram livros sobre guerras que ocorreram há séculos. Eu alternava minhas leituras entre livros fictícios e histórias reais. Posso ter sofrido um pouco da influência do meu pai, que é historiador, mas acredito que esse apego ao antigo é parte da minha personalidade.

A leitura sempre foi o meu passaporte para outros mundos e épocas, e durante o tempo que estava com meus livros, as preocupações inexistiam. Todavia, algo havia mudado. O medo não me permitia desconectar da realidade e me assustava ao prenúncio do mínimo ruído.

Cansada de forçar a compreensão do que lia, desci para o quarto escuro. Na mesa ao fundo da sala estava o meu celular. Como? Não era possível! Estive ali no dia anterior e não o vi. Assustada, o peguei e voltei para casa, passando as trancas na porta da cozinha. Retornei para o quarto e forcei a leitura, minha prioridade era distrair-me. Ao anoitecer, meu coração encurtou as batidas e meus sentidos ficaram em alerta. Quanto mais tentava me concentrar, mais as memórias forçavam seu caminho. Enquanto não obtivesse respostas, não ficaria em paz.

Recorri a um banho para relaxar. A água morna embalou meu corpo, transmitindo-me calma. Cobri o rosto com as mãos e as deslizei para o alto, enredando-as entre os fios molhados. Os nós dos dedos fecharam-se, repuxando o couro cabeludo e imagens galgaram as catacumbas da minha memória.

Vi a mim mesma na estação, com olhos apregoados nos vitrais. A sombra tornara-se maior e, por detrás das formas e cores projetadas em vidros, não restava margem para interpretação, um par de asas agigantava-se. Gotículas de suor brotavam na minha pele. Ouvi um estouro e o vitral estilhaçou-se. As pernas não obedeciam ao apelo da minha mente, que gritava desesperada para correr.

Uma dor aguda se instaurou no meu ouvido, dissipando as lembranças. Desliguei o chuveiro e agachei no chão do banheiro, pressionando os dedos numa tentativa vã de suprimir o chiado crescente. A lâmpada apagou e reacendeu em seguida.

Levantei às pressas. Enrolei-me numa toalha, não me importei que os cabelos estivessem escorrendo ou que meus pés deixassem marcas de água no piso laminado. Peguei um blusão de moletom — que estava pendurado na cadeira —, e o enfiei pela cabeça, jogando no carpete a toalha. A dor nos meus ouvidos tinha dado lugar a um estalido.

Abri o *closet*, me enfurnei no primeiro sobretudo que encontrei, escondendo meus cabelos sob o capuz, e tateei os lençóis a procura do celular.

Recolhi a mão ao sentir um impulso eletrostático. Um ranger atraiu meus olhos para janela e distingui um feixe luminoso na escuridão. Meus batimentos acentuaram-se, um lembrete de que não podia ficar paralisada esperando que minhas alucinações se personificassem.

Agarrei as pontas do lençol e o sacudi, fazendo o celular e o colar caírem. Atentei-me para o lume circundando a pluma, tal como na noite anterior. Dessa vez não havia espaço para encantamento, pânico ameaçava me soterrar. Enrolei a corrente na minha mão, mantendo a pena próximo da minha pele, e resgatei o celular.

Desbloqueie o *display* e acessei o aplicativo de táxi. Solicitei o carro, calcei um tênis e em dois tempos estava na porta principal. O vento açoitava os galhos, emitindo silvos, e eu tremia, não sabia se de frio ou medo. O carro despontou no início da rua e corri ao seu encontro. Tinha esquecido que o colar estava preso ao redor de minha mão e quando as levantei, balançando-as, fui tomada pelo assombro. A pena estava incandescente. Fagulhas azuladas incidiam por toda sua superfície.

O motorista colocou a cabeça na janela: — Triana?

— Sim! — Escondi a pena dentro de minha mão e me direcionei à porta traseira do veículo, acomodando-me no banco.

— Para a Sonhos do Éden? — Confirmei. — Quer que ligue o aquecedor?

— Por favor.

Não pensei em nada quando saí de casa, apenas precisava ir. Estar entre pessoas para não ceder à loucura que me tragava em doses lentas. Sob o aperto dos meus dedos, a tenra trama de barbas e raque provocava um *frisson* nas minhas células. Ao menos sabia que ela não era produto da minha imaginação. Só me faltava encontrar uma explicação racional para uma pena com propriedades luminosas.

Saltei do táxi na entrada da loja da minha mãe — era uma doceria —, adentrei pela pequena varanda com mesas em madeira. Repuxei o capuz para que o emaranhado de nós dos meus cabelos não assustasse os clientes e avancei pela porta. Minha mãe atendia um casal numa mesa ao canto direito e não me viu entrar.

Cumprimentei uma funcionária que arrumava a vitrine de doces ao lado do balcão. Ela perguntou se estava bem, respondi que sim, não muito convincente, porque não demorou para que minha mãe fosse me procurar na cozinha.

— Triana, o que... — Ela puxou o capuz da minha cabeça e tomou meu rosto entre as mãos, afastando os fios molhados da testa. — Você está bem? Aconteceu alguma coisa?

— Eu só pensei em dar uma volta.

— Assim? — Alisou meus cabelos.

— Estou bem, mãe.

— Vá ao banheiro e seque os cabelos. Vou preparar um chocolate quente para te aquecer. Tem uma escova na minha bolsa.

Obedeci porque não queria que ela continuasse a fazer perguntas. Segui para o vestiário, era uma saleta com alguns armários individuais, um banheiro e um grande espelho ao fundo. Suspendi o braço onde o colar estava trançado entre meus dedos e admirei o adorno.

— É uma pena. Sem chamais, raios ou luminescência. — Levei a peça ao pescoço e a vesti. — Vê? — Toquei-a. — Você está lendo histórias fantásticas demais.

— Falando sozinha?

Movi os olhos do colar para um ponto mais alto do espelho, fitando o loiro de cabelo comprido parado na entrada do vestiário. Duas mechas tão lisas que podiam ter sido passadas a ferro caíam sobre seus ombros. Ele tinha um rosto angular, o queixo pontiagudo destacava o maxilar. Olhos claros, não saberia dizer o tom exato, e sobranceiras retilíneas, mais baixas na parte interna.

— Coisa de garotas. — Fiquei de frente para ele. — Não te conheço.

— Funcionário novo. Acho que se continuar me atrasando, não terei tempo de eliminar o novo dessa sentença. E você?

— Filha da dona.

— Não se ofenda, você não é muito velha para ser filha dela?

— Pais adolescentes. — Sacudi os ombros. — Vou sair, não quero te atrasar mais. — Alguns passos e o contornei rumo à porta.

— Qual seu nome?

— Triana. E o seu?

— Asier.

Ele deu meia volta com o tronco e pude confirmar que tinha olhos verdes. Precisei inclinar o rosto alguns centímetros para olhá-lo no rosto.

— Tente não ser demitido.

— Irei me esforçar. — Piscou e teceu os dedos no cabelo.

Acho que encontrei a próxima paixão da Bel. — Sorri sozinha, fechando

a porta ao sair.

Refugiei-me numa mesa no canto mais reservado da loja com um exemplar de “*O Jogo do Anjo*”^[8] que confisquei da estante com livros. A Sonhos do Éden era um cantinho aconchegante e além dos mais variados doces e tortas, contava com cafés exclusivos no menu, o que atraía numerosos clientes. Alguns iam com amigos, outros em pares, e tinham aqueles que buscavam um ambiente tranquilo para se perder entre as páginas de um livro.

Ainda apreciava a capa quando minha mãe surgiu com uma caneca enorme coberta de chantili. Eu deveria estar com uma cara péssima, porque não era qualquer coisa que abalava o mundo de Dona Isabel, e podia ver no seu semblante o quanto estava preocupada.

— Mãe, estou bem. Juro.

— Você está agindo de modo estranho.

— Tensão pré-prova de acesso.^[9]

Ela tocou minha têmpora: — Não. É algo mais.

— Não estou envolvida com nenhum garoto, mãe.

— Não é isso também. — Sentou-se, pousou a mão sobre o livro e olhou-me com uma profundidade que me fez sentir desconfortável por estar escondendo meu recente lapso de memória. — Você pode me contar qualquer coisa. Sabe disso, não é? — Assenti. — Se alguém tentou te machucar ou se...

— São uns sonhos... Bom, não é bem sonho, porque acontecem quando estou acordada. É tão real e... — tranquei a pena na minha palma — apavorante. — Minha voz saiu trêmula. — Eu sei que é idiota e estou grande demais para ter medo de monstros...

— Triana. — Ela afagou meu queixo. — Tudo bem sentir medo, não tem do que se envergonhar.

— Se estiver ficando louca, mãe?

— Isso sim é uma bobeira. — Segurou meus punhos, abaixando meus braços na mesa e cobrindo minhas mãos com as suas. — Sonhos podem trazer mensagens ocultas. Essa versão assustadora que você tem criado pode representar o medo de crescer, por exemplo. Seu aniversário de dezoito anos está chegando e sei que há uma certa pressão quanto a universidade, relacionamentos, profissão...

— Não gosto de me sentir assim. Assustada, acuada...

— Não tenha pressa de encontrar seu lugar no mundo, Tri. Está tudo bem se você tiver dúvidas. Seguir os passos do seu pai seria maravilhoso, mas construir seu próprio caminho seria incrível, e nós dois te apoiaremos sempre.

— Obrigada, mãe.

— Agora toma esse chocolate e dá um descanso para essa cabecinha. Você precisa relaxar com mais frequência. Sair, dar uns beijos...

— Essa não é a reação esperada entre as mães.

— Não gosto do padrão. — Empurrou o livro para o lado e pôs a caneca no seu lugar. — Conheço a filha que tenho, sei que posso confiar nas suas decisões, e acho que você deve se permitir cometer alguns erros. Você nunca se deixa levar pelo momento, Tri. Algumas vezes é disso o que a gente precisa.

— Mesmo se isso — enfatizei o pronome demonstrativo — se autodenominar de problema? — *O quê? De onde veio essa pergunta?*

— Quem sabe você não possa resolvê-lo?

Enquanto ela se afastava, eu sorria, mergulhando o canudo de chocolate no chantili e recordando... — *Droga, estou a fim do Martín!*

Ponderei o quão grave era meu estado para admitir que um mísero encontro foi o suficiente para desenvolver algum tipo de atração por ele. Era algo físico é claro, nunca tinha me sentido desse jeito.

Belinda vai me perturbar tanto. — Como ela gostava de dizer, vingança é um prato que se come frio, e eu tinha que admitir que não poupava piadas e brincadeiras quanto a rapidez com que ela caía de amores por alguns garotos.

— Posso me sentar aqui?

Meu cupido só pode estar tirando com minha cara. — As maçãs do meu rosto ficaram rubras antes de confirmar que meu palpite sobre o dono daquela voz estava correto. — *Agora estou corando igual às mocinhas dos livros? Por favor!* — Mordi a ponta da língua para não acabar dizendo algo sem pensar e balancei a cabeça em concordância.

— Oi. — Girei o canudo.

— Lugar legal. — Martín se acomodou na cadeira onde minha mãe esteve, de costas para todos e com olhos fixos em mim. — E de nome curioso. — Ele apontou para o topo do menu.

— Sabe como é... cidade medieval, com uma herança de conflitos religiosos... E minha mãe adora analogias.

— Sonhos do Éden é da sua família? — Exalei um suspiro combinado com sorriso e anuí. — Esse não foi o melhor jeito de puxar assunto, né?

— Foi melhor do que você vem sempre aqui.

Ele jogou a cabeça para trás e sorriu com veemência. Meu coração inflou. Agradei por não ter despido o sobretudo ou ficaria envergonhada com o embate violento dos meus seios contra o tecido.

— Era minha segunda opção — disse por fim, apoiando ambos os cotovelos na mesa.

— Você pode fazer melhor que isso. — Desisti do canudo que estava afogado em chantili e levei a caneca aos lábios.

— Com licença. — Asier nos interrompeu. — Quer fazer o pedido?

Martín moveu-se, abandonando a postura relaxada, e o encarou. Ambos travaram o maxilar e estufaram o peito.

Sério que esse é o comportamento típico dos garotos? — Depositei a caneca na mesa. — *O que estou perdendo?* — Sondei ambos, analisando os traços rígidos nas suas expressões.

— Vou querer um *café bombón* e *torrijas*. — A voz de Martín era ríspida.

— Mais alguma coisa? — Asier não estava melhor, os nós dos dedos pressionavam com força a caneta no bloco de notas.

— Não. Pode ir. — Ele esperou que o outro se afastasse antes de virar-se para mim. — Você atrai muitos tipos.

— Acho que não entendi.

— Deixa para lá. — Coçou a cabeça, agitando os anéis castanhos que se concentravam tão somente no topo, as laterais eram baixas. — Bonita. — Seu olhar recaiu no meu busto e percebi que tinha a mão em volta da pena. — Ganhou do namorado?

— Tenho ouvido tanto isso que começarei a pensar que foi um amuleto que meu cupido deixou para que possa encontrá-lo. — Ele riu. — *Inferno de sorriso mais lindo!* — Seu olhar buscou pelo meu e abaixei o rosto mais que depressa, concentrando-me no chocolate que, a essa altura, estava mais para gelado. — Você vai achar que sou louca, mas... Não, esquece.

— Garota de pouca fé. — Ele estendeu o braço, cobrindo a extensão da mesa e deslizou a ponta dos dedos nas barbas negro-azuladas. Um arrepio espalhou-se por cada terminação nervosa do meu corpo. — Dê-me o benefício da dúvida.

— Ela fica luminosa. É estranho, até um pouco assustador, e a coisa mais linda que já vi.

— Você acha que ela brilhará quando se aproximar de quem estiver destinada a... — ele transferiu a mão para o meu rosto e acarinhou-me — amar? — A palavra deixou seus lábios com dificuldade.

— Eu sou uma garota vivendo no século errado, Martín.

— Acho que sim. — O seu carinho cessou e ele repetiu o gesto nos cabelos. Começava a notar um padrão.

— Disse que você iria me achar...

— Boa noite. — Claro que minha mãe se ocuparia de servi-lo. — Deixei-me colocar isso aqui. — Ela dispôs o prato e a xícara na mesa. — Não lembro de tê-lo visto antes.

— Sou novo na cidade.

— Seja bem-vindo. Se precisar de ajuda para se encontrar pelos labirintos que são essas ruas, Triana pode ser uma excelente guia.

— Tchau, mãe. — Olhei aflita para ela, esperando que visse o apelo no meu rosto.

— Lembrarei disso se me perder por aí. — Martín se divertia. Os cantos da sua boca insinuavam um sorriso e ele me observava com olhos atentos.

— Vou deixá-los conversar em paz.



CAPÍTULO 6

*“O que é esse agitar, tão evidente
em nossos corações arremetidos?”*

The Call Of The Mountains - Eluveitie

— Adoraria ver algumas de suas fotografias.

— Não é algo que compartilho... — *Não me olhe desse jeito!* — Minha voz interior implorou. Ele prendeu o riso, o que fez com duas covinhas afundassem nas maçãs do seu rosto. — Quem sabe um dia — terminei por dizer.

— Um talvez é melhor do que uma... Perdão. — Ele puxou o celular do bolso da calça. Elevou o supercílio ao verificar o aparelho. — Preciso ir. É a Mia, ela...

— Não precisa explicar.

— Não a leve a mal. Não iremos demorar na cidade e Mia tem medo do que pode acontecer se nos envolvermos demais...

— Vocês moram juntos?! — Meu sobressalto foi irrefreável e devo tê-lo assustado porque ele me olhou confuso. — *Quase dezoito anos para sentir a maldita eletricidade descrita nos livros e o garoto que a provocou mora com a namorada!* — Eu queria afundar na cadeira e desaparecer.

— Nossos pais acham que é mais seguro ficarmos juntos do que se cada um fosse para um internato ou coisa do gênero. Eles nunca estão em casa, por isso esperam que cuidemos um do outro.

— Mia é sua irmã?

— Ela tem esse senso de proteção gigante, às vezes é meio sufocante.

— Acho que posso entendê-la. São apenas vocês dois, se algo acontecesse com você, seria difícil de suportar. Não acho que conseguiria viver sem os meus pais, imagino que deve ser como ela se sente.

— Deve ser. — Ele olhou para o visor do celular, que novamente acendia. — Eu queria poder escolher como viver.

— Onde você gostaria de estar agora?

— Aqui. — Meu coração perdeu uma batida. Esperava qualquer resposta, menos a que ele deu. Marte, Alpes Suíços, Nevada, Brasil, Ártico... Tudo, exceto aqui. — Silenciosa demais. — Ele tinha razão. Minha mente era um deserto... Todo o resto queimava. Eu era consumida por sentimentos que nunca havia experimentado e não sabia o que pensar ou fazer. — É uma pena que seu amuleto da sorte não tenha se iluminado, porque nunca me senti tão conectado a alguém.

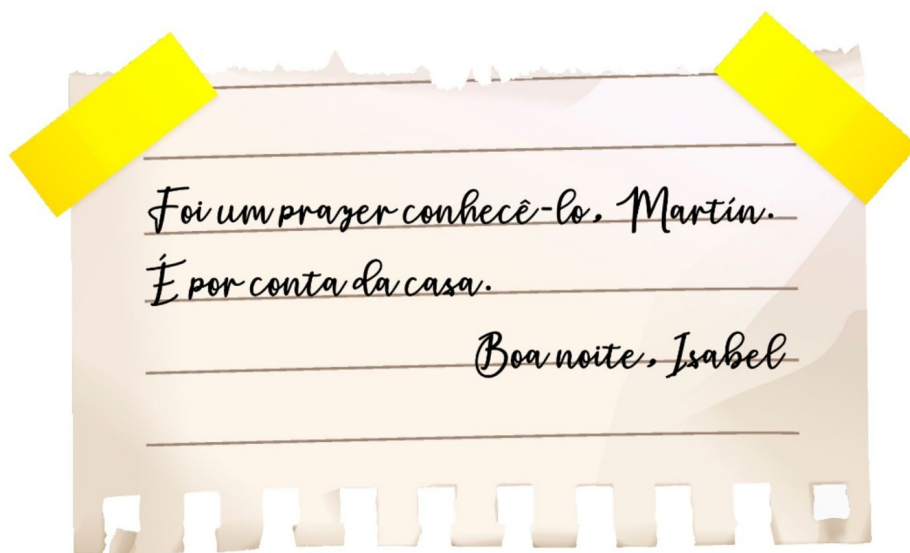
— Eu também.

— Quem sabe um dia. — Levantou-se. — Cuide-se, ok?

Aquiesci: — Boa noite, Martín.

Quando ele desapareceu pela porta de madeira, e o meu olhar despreendeu-se da sua figura, notei que a Sonhos do Éden estava vazia. As janelas fechadas, mesas arrumadas, luzes numa penumbra. Conversamos por

horas que pareceram breves instantes. Levantei, tranquei a porta e parei junto ao balcão, onde havia um bilhete grudado ao vidro:



Sorri, dedilhando a pluma e lembrando das suas palavras. Apaguei as luzes restantes e adentrei a copa. Minha mãe estava tirando uma bandeja de biscoitos do forno. Ela abriu um sorriso largo.

— Eu sei o que você está pensando... Eu nem tenho o telefone dele.

— Eu não disse nada. — Ela colocou a bandeja na bancada de mármore.
— Com um problema desses, cair de cabeça parece um bom plano.

— Não é estranho? Ontem eu nem o conhecia e... — Peguei um biscoito e mordi. — Poderia conversar com ele por dias a fio.

— Encontro de almas?

— Menos, mãe. — Tive que rir. — Não sei o que esperar ou como devo agir. Se...

— Pare de pensar, Tri. Nem tudo na vida precisa ser medido e ponderado, algumas coisas devemos apenas sentir.

— Sei que você e o meu pai pensam que sou superdescolada e vivo altas aventuras por aí...

— Você acha que não te conhecemos de verdade? — Ela segurou minhas mãos e me fez sentar numa banqueta. — Você deve ter beijado uns dois garotos e mais por insistência da Bel do que por vontade própria, é virgem e não tem nenhum problema com isso, e guarda todas as camisinhas que compramos numa caixa embaixo da sua cama, porque acha mais fácil do que nos dizer para não as

comprar. — Acariciou o meu rosto. — Não importa, continuaríamos comprando porque queremos que você sinta que pode dar esse passo quando quiser, sem culpa e independente de ser com um namorado, ficante ou um carinha que acabou de conhecer. Você nem deve ter reparado que há um bom número de camisinhas femininas, porque tudo bem se você se apaixonar por uma garota. É apenas a nossa forma de dizer que a escolha sempre deve ser sua.

Ergui o corpo, atirando os braços no seu pescoço e permitindo as lágrimas caírem. Minha mãe circundou minha cintura e abraçou-me apertado. Amava meus pais com todas minhas forças e perceber que eles me conheciam mais do que podia supor, fez-me transbordar.

Ela beijou-me nos cabelos, depois no rosto, secando as marcas deixadas pelas lágrimas. Nos sentamos na bancada e devoramos a travessa de biscoitos, depois fomos para casa.

Por algumas horas o terror que me sondava desapareceu. Minha mãe propôs de terminamos a madrugada assistindo a um filme no seu quarto, o que era uma desculpa para dizer que podia dormir com ela sem parecer uma menina assustada. Foi uma noite tranquila, sem sonhos ou pesadelos.

No dia seguinte, cheguei ao colégio com antecedência e esperei por Belinda próximo ao portão. Abri meu exemplar de *“Dom Quixote”* para reler alguns trechos e distrair-me.

— Oi, você. — Um toque determinado deslizou na base da minha coluna no segundo que senti um beijo na minha bochecha.

— Oi, você? — Reposicionei-me, ficando de frente para o portão. Mia acabava de entrar e bufou de ódio ao ver que o irmão estava comigo.

— Como passou a noite?

— Muito bem.

— Andei pensando no que sua mãe falou... você topa me apresentar à cidade?

— O quanto de problema isso me trará? — Ele olhou-me com atenção, entortando um pouco a cabeça. Iniciei uma caminhada, porque me senti intimidada, e ele me acompanhou. — Quero dizer, quais as chances da sua irmã cravar um punhal no meu coração? — Ele parou de súbito. Suprimi o passo e revirei o pescoço para olhá-lo. Suspeição. Estarrecimento. Não podia afirmar com certeza que emoção lia na sua face. — Estou brincando, Martín. Não acho que sua irmã seja uma homicida.

— Nos falamos depois, lembrei que tenho algo a fazer.

Ele me deixou plantada no pátio sem compreender a mudança repentina

em seu humor. Tínhamos a primeira aula juntos, quando pegou o corredor à direita supus que tivesse ido atrás da irmã.

Deve ter percebido que não vale a pena irritá-la pela companhia de uma garota que mal conhece. — Odiei como essa constatação me fez sentir.

— Meu Deus, da próxima vez que estiver a fim de um garoto, darei um jeito de esbarrar nele. — Belinda saltou ao meu lado, batendo seu ombro no meu. — Quando vão ficar?

— Quem disse que vamos?

— A linguagem corporal de ambos, não dá para negar que existe uma atração mútua. Você sentiu a eletricidade, não foi?

— Estamos nos dando bem.

— Você sentiu! — Tapei sua boca.

— Você quer que todos nos ouçam? — Ela livrou-se de minha mão e sorriu, desculpando-se. — O encontrei ontem à noite.

— QUÊ?!

— Para de gritar, sua louca!

— Você me larga uma dessa e espera que reaja como?

— Não foi um encontro, coincidiu de estarmos no mesmo lugar e tivemos um tempo sozinhos.

— AH, MEU DEUS!

— Se controla ou não vou falar mais nada.

— Diz que rolou beijo, só unzinho.

— Nós estávamos na Sonhos do Éden, portanto é claro que não. Depois... — Mordi o lábio lembrando das horas que ficamos conversando.

— Depois o quê? Fala, Tri!

— Martín não me parece ser como os outros garotos... Tive a impressão que compartilhamos o apreço pelo romance na sua plenitude.

— Você está se apaixonando? — Ela colocou as mãos em concha sobre a boca, impedindo-se de gritar e logo em seguida agarrou meu braço, parando-nos.

— Não estou falando das minhas paixonites, porque sabemos que elas não passam de atração.

— Suponho que é preciso mais do que algumas horas para se apaixonar.

— Para alguns escritores, basta um único olhar.

— Eles têm licença poética, Bel.

— Pelo sim e pelo não, cuidado, amiga. Alguns garotos sabem exatamente o que dizer para conseguir o que querem.

Não deveria, entretanto, seu comentário me magoou. Acenei em concordância e inventei que precisava correr para a sala, porque havia esquecido uma atividade. Despedimo-nos e segui pelo corredor pensando no que ela disse e desejando que estivesse enganada. Belinda era experiente com todas as coisas que envolviam garotos e sexo, ela não teria dito se não acreditasse na possibilidade de o Martín estar me iludindo.

O olhar raivoso do Iker me atingiu na porta da sala. Fiquei feliz que só tivesse que sentar com ele numa disciplina. Procurei por uma carteira vazia, fora do seu campo de visão, porque não queria continuar me sentindo horrível sem entender o motivo, afinal ele nunca tinha demonstrado interesse.

Martín chegou segundos antes do professor e sentou-se duas cadeiras na minha frente. Não tirei os olhos da sua nuca por toda aula, o que me levou a rabiscar um lembrete no caderno para sentar-me sempre na primeira fileira, ou minhas notas iriam sofrer um grave declínio.

Ele saiu de imediato ao final da aula. Às quartas não tinha aula com Belinda, nos reencontramos no intervalo. Ela perguntou do Martín e dei de ombros. Mais alguns minutos e Mia jogou a bolsa sobre a mesa e acomodou-se no banco ao meu lado.

— Incomodo?

— Não — dissemos em coro.

— Triana, certo? Serei direta. Afaste-se do Martín, você lhe trará problemas irreversíveis.

— Por que você pensa que irei...

— Você já está fazendo com ele esqueça quem é.

— Desculpa... — Levantei, jogando a mochila no ombro. — Mia? — Ergui a sobrancelha, inquirindo-a. Ela assentiu. — Não vou dizer o que Martín deve ou não fazer e você não decide o que faço da minha vida. — Troquei um aceno com minha amiga. — Nos vemos depois, Bel.

Deixei a cantina, sorrindo satisfeita por não ter ouvido calada e corrido para chorar no banheiro. Para um primeiro confronto, fiquei feliz pela maneira que me portei. Não que estivesse como meta discutir por causa de um garoto, porém não permitiria que qualquer pessoa interferisse nas minhas escolhas.

Atravessei o gramado que separava a cantina do prédio de aulas, passei pelos armários e segui pela escada para o segundo pavimento, onde ficavam os laboratórios e a sala de estudo, que me garantia um local silencioso quando queria ler ou ficar sozinha, pois era usada somente depois do término das aulas para alunos que precisavam de reforço.

Parei com a mão na maçaneta e uma fresta entreaberta. A persiana estava repuxada revelando as três janelas que ocupavam a parede do outro lado da sala. Sentado numa carteira, Martín virou-se sob o ombro com a abertura da porta e os cantos da sua boca se elevaram na insinuação de um sorriso que me deixou encabulada.

— Desculpa, pensei que não tivesse ninguém. — Dei um passo para trás, intencionando sair.

— Acho que tem espaço para nós dois.

— Você não quer ficar sozinho?

— Sua companhia é melhor do que a minha.

— Sua irmã discorda. — Deixei escapar.

— Mia foi atrás de você. — Ele moveu os olhos para a janela. — Ela não sabe quando ficar na dela.

— Ela acha que sou uma péssima influência. — Fechei a porta e encaminhei-me para a fileira do meio. Coloquei a mochila na primeira cadeira e sentei logo atrás, cruzando as pernas em cima da carteira. — Posso te viciar em fotografias, história, ou pior... — Suspirei alto para efeito teatral. — Posso te fazer acreditar que é um guerreiro medieval e se tornará o próximo Dom Quixote, travando batalhas contra monstros invisíveis. Armado com sua espada, ou flechas? O que você prefere?

Ele riu, de início baixo, e quando terminei de falar, gargalhava. Admirei sua silhueta, os ombros tornaram-se mais largos à medida que arqueou o corpo, jogando a cabeça para trás. Os tríceps, visíveis sob as mangas da camisa clara, exibiam veias elevadas. Na mesa ao lado, a jaqueta que o vi usando em todas as vezes que nos encontramos.

Aposto que o cheiro dele está gravado no tecido. Não começa, para de pensar merda. — Martín prendeu o riso e girou o rosto para mim. — *Não me importaria de passar o dia sentindo o perfume dele.* — Eu tinha que calar meu cérebro antes que minha boca fosse mais rápida do que meu discernimento. Estiquei-me para alcançar a mochila, abri o zíper menor e puxei uma barra de cereal.

— Fico com a espada. — Piscou. — E se você concordar em substituir o arco e fecha por uma *hidden crossbow*^[10], também aceito.

— Podemos negociar. — Abri a embalagem. — Quer?

— Obrigado. — Ele negou com um aceno e voltou a olhar para a janela. Mordi o lanche e dediquei-me a decifrar alguns rabiscos na parede, impedindo que ele se tornasse o protagonista dos meus pensamentos.

— Quer dar uma volta depois da aula? — perguntou após alguns segundos.

— Prometa que não serei seu Sancho Pança.

— E nem Dulcinéia. — Ele olhou para trás. — Não quero levar uma repolhada na cabeça.

— Só tenho uma barra de cereal. — Sacudi os ombros, encenando consternação. — Aonde você quer ir?

— Esperava que você tivesse alguma sugestão.

— Não vale reclamar.

— Devo me preocupar?

— Eu sou a única sob ameaças de uma irmã superprotetora, não esqueça.

Ele levantou, passou a mão na carteira ao lado, arrastando a jaqueta e pulou uma cadeira, eliminando a fileira entre nós. Era ridículo que meu coração acelerasse com sua aproximação. Enfiei a barra de cereal na boca e dei uma mordida grande. Foi uma ideia idiota.

Martín parou diante de mim e sorriu, levando a mão livre ao meu rosto. Ele limpou o canto da minha boca enquanto eu me esforçava para engolir o mais depressa possível. Quando pensei em calar-me com comida, não presumi que ele pudesse estar rente ao meu rosto, me vendo mastigar sem conseguir fechar a boca.

— Parece gostoso. — Quase engasguei. Suspendi a mão com o que restou da barra de cereal, oferecendo-lhe. Martín o pegou e aproximou dos lábios. — Pago pelo lanche no nosso encontro — disse, mordendo-a.

O sinal tocou para minha salvação e desespero. Minha mente resetou ao ouvi-lo dizer encontro. Era a primeira vez que saía com um garoto. Os poucos que fiquei, se resumiram em um beijo no meio de uma festa, cercados por outros adolescentes. Forcei a descida do bolo de cereal que estava em minha boca e saltei no chão, assistindo-o vestir a jaqueta e deslizar a alça da minha mochila no braço.

— Vamos?

— Juntos? — Arregalei os olhos, incapaz de disfarçar a perplexidade.

— Estamos na mesma classe.



CAPÍTULO 7

*“Invadindo cada pensamento
e cada batida do seu coração
O amor pode te fazer gritar
e te deixar sem palavras”*

Love Exists - Amy Lee

Descemos a escada sem conversar. Seu braço esbarrou no meu algumas

vezes e ele me olhou sorrindo. Senti uma onda de calor espalhar-se no meu rosto quando percorremos o corredor dos armários. Cochichos e interjeições nos seguiram. Martín abriu a porta da sala e a segurou. Agradei com um aceno e entrei, evitando contato visual com os presentes.

— Obrigada. — Indiquei a mochila.

— Levo para você.

Aquiesci e caminhei para meu lugar, ciente que ele estava logo atrás. Um resmungo no fundo da sala me fez erguer o rosto. Com os pés cruzados na mesa e pendurado na cadeira escorada à parede, Iker tinha os olhos cravejados além de mim. Olhei de relance para Martín, ele curvou os lábios num sorriso, indiferente a qualquer sinal de ameaça ou advertência vinda do Iker. Mais alguns passos e deslizei no assento, dando um meio sorriso, que foi retribuído com uma carícia quando me entregou a mochila.

Passei os últimos horários acenando em concordância com tudo o que os professores falaram e minha mente vagando por uma dimensão paralela, projetando centenas de encontros com Martín, procurando uma onde eu não estivesse prestes a vomitar na frente dele.

Ao toque do sinal, guardei caderno e canetas. Ajeitei a mochila nas costas, respirei fundo e me direcionei para fora da sala. Martín me esperava no corredor, conversando entredentes com Iker. Parei a pouca distância.

— Você ainda quer conhecer a cidade? — Arqueei a sobrancelha inquirindo Martín.

— Inacreditável. — Iker moveu a cabeça de um lado ao outro, olhando-nos, em seguida deu-nos as costas e afastou-se.

— Qual o problema com ele?

— Diga-me você.

— Eu? Sei menos sobre o Iker do que sobre você.

— Pensei que fossem... *amigos*? — Seu timbre mudou, revertendo a afirmativa em pergunta.

— Não.

— Para onde iremos? — O novo rumo da conversa não me deu tempo para analisar se o tom empregado antes foi retórico ou revelava interesse.

— Logo você descobrirá. — *E eu também* — completei em pensamentos, dando alguns passos.

Ele me seguiu. O frêmito do seu sorriso provocando estragos no meu coração. Minha autoconsciência se esforçava ao máximo para manter a expectativa sob controle. Parei no meu armário e ele recostou ao lado,

observando-me tirar alguns livros da mochila e guardar.

— Você não traz cadernos e livros para o colégio?

— Hoje eu me dei uma folga das anotações.

— Menos de uma semana de aula e você está de saco cheio das matérias?

— Estou avançado no curso.

— Deve ser um tédio rever os assuntos.

— Não se você estiver sentada na fileira em frente à minha. Podemos fazer disso um hábito.

Dei de ombros, desviando os olhos dele. Tranquei o armário e voltei a caminhar. Recitei em silêncio trechos favoritos dos meus livros numa tentativa de acalmar-me. Ele entrelaçou nossas mãos e desviamos do pátio para a quadra do colégio.

— O que...

— Não quero que você tenha que aguentar a implicância da Mia. Pensei que podíamos tomar uma rota alternativa. — Encrespou os lábios, atento à minha reação.

Meu olhar pousou no muro e entreabri a boca, a compreensão do que faríamos excitando-me. Um primeiro delito. Era bom que o nosso encontro fizesse jus à infração.

— Se íamos quebrar as regras, podíamos ter matado a última aula para tornar o crime mais verossímil.

Soltei-me da sua mão e me aproximei da parede, tocando as inscrições minúsculas. Eram nomes de alunos e somente podiam ser vistos aos pés do muro. Coloquei minha mochila no chão e busquei por uma caneta hidrográfica.

— O que vai fazer?

Ele parou nas minhas costas, frisando os dedos entre meus cabelos e acomodando-os sobre o ombro direito. Minha pele arrepiou-se e precisei de um minuto para estabilizar minha frequência cardíaca.

— Nós vamos gravar nossos nomes.

Volvi o pescoço para o lado. Não esperava que seus lábios estivessem tão próximos. Ele era uns bons centímetros mais alto, entretanto estava curvado sobre meu ombro. Nossas respirações formaram uma bolha de ar quente. Senti meu corpo ser consumido pelo calor. Seus dedos deslizaram pela corrente de prata em meu pescoço, alongando-se pela minha clavícula.

Como não criar expectativa, se nunca desejei tanto um beijo? — Fechei os olhos e movi o rosto com indolência. Deixando-o ficar para trás, aprumei a caneta e dei um passo à frente. A ausência do seu toque em minha pele foi

sentida com dor, mas sob nenhuma circunstância seria eu a tomar a iniciativa e se continuássemos, não resistiria.

Escrevi meu nome e lhe entreguei a caneta, evitando tocá-lo. Ele prendeu uma porção do lábio e encarou a parede, parecendo pensar. Segundos depois parou junto ao muro e assinou seu nome abaixo do meu, contornando-os com um círculo.

— Vem, te ajudo a subir. — Devolveu-me a caneta.

— Mia não ficará te esperando? — perguntei, fechando o bolso da mochila.

— Ela vai me ligar e verá que o celular está desligado, o que é igual a... — ele me estendeu a mão — quero estar só.

— Você sempre faz isso? — Acomodei a mochila nas costas e segurei sua mão. — *O que estou pensando? Não posso estar com ciúmes. Martín deve ter estado com algumas dezenas de garotas e isso não é da minha conta.*

— É a primeira vez que minto sobre ficar sozinho. — Ele me encorajou a chegar mais perto, guiou minha mão para seu ombro e agarrou-me, erguendo-me. — Consegue pular?

— Sim? — Faltava-me convicção, estava morrendo de medo de cair de mau jeito e me machucar, porque teria que explicar aos meus pais o que aconteceu.

— Isso foi uma pergunta? — Ele riu.

— Nunca pulei um muro antes.

— Quando puder soltá-la, me avise. Só não demore ou seremos pegos no flagra.

Se caísse poderia inventar uma desculpa, o que não seria possível se nos vissem e nossos pais fossem informados do ocorrido. Apressei-me em concluir a tarefa e, dentro de minutos, estava do outro lado, esperando-o. Parada, esperei vê-lo, buscando apoio para pular, no entanto quando sua silhueta despontou sobre a parede foi saltando ao meu encontro.

— Não precisava me humilhar — resmunguei. Ele franziu o cenho. — Pulando como se fosse um gato.

— Você foi bem. — Estreitei os olhos, acusando-o de estar me enganando. — Para uma primeira vez. — Ele levou a mão ao meu queixo, removendo a distância entre nós.

Senti a pressão dos seus dedos na minha cintura e lábios macios se moldaram aos meus. Cingi suas costas, entreabrindo a boca para receber sua língua. Ele rodeou meu corpo, comprimindo-me entre seus braços. Nada que

conhecia poderia descrever o efeito que seu beijo desencadeou. Entreouvi dois corações baterem em uníssono, vibrando numa frequência quase inaudível.

A intensidade com que Martín me segurava era indômita. Meu corpo febril foi devastado e fui sorvida por um desejo aniquilador. Pude sentir sua excitação imprensada contra meu ventre e sua musculatura abraçando-me, oferecendo-me alívio para a necessidade que sentia, e suplício, porque quanto mais o beijava, mais profunda era a urgência a me dominar.

Ele se afastou antes do que eu queria. Suas mãos deixaram-me desejosa e deslocaram-se para seus cabelos, enquanto distanciava-se míseras polegadas. O bastante para que pudéssemos respirar sem inalar a essência do outro. Prendi o lábio inferior e meu olhar foi atraído por sua íris. Uma nitescência ramificava-se a partir da pupila.

— Seus olhos...

Ergui a mão para tocar seu rosto, ele me deteve. Segurando meu braço, o vi pestanejar e o lume desapareceu. Enruguei a testa, mirando-o. Ele perpassou o polegar na parte interna do meu punho e deslizou na minha palma, cobrindo meus dedos com os seus.

— O que... — Neguei antes que ele concluísse a pergunta. Eu não estava na minha melhor performance mental e não ia estragar nosso encontro com minhas paranoias. — Qual nosso destino?

— Podemos ir andando ou pegar um ônibus até o Casco Histórico. Contudo, a segunda parte do percurso faremos a pé, porque a caminhada é um preço ínfimo a pagar pela vista que teremos.

— Nesse caso, vou ficar com o ônibus para poder te beijar e ter um incentivo para a segunda etapa.

— Um estrategista. — Levantei uma sobrancelha.

— O melhor. — Ele pousou a mão livre na altura do meu quadril e resvalou na minha lombar, restabelecendo a proximidade.

— Modesto também.

— E você é linda. — Deu-me um beijo singelo. — Quer que leve sua mochila?

— Não precisa.

Beijos mais sutis e breves, intercalados com risos e comentários sobre as paisagens além das janelas do ônibus preencheram os minutos seguintes. A caminhada ao *Mirador Del Valle* foi um momento que, em mil anos, não teria acreditado que protagonizaria. Conquanto, comparado aos eventos que sobrevieram, andar de mãos dadas com um garoto que conheci há vinte e quatro

horas era o mais provável de acontecer.

Ele nos fez parar por diversas vezes, abrigava-me entre seus braços e me beijava. Em seguida, sorriamos e retomávamos o caminhar, até que eu o pedia para esperar e deixava minha retina buscar o melhor ângulo por trás da câmera. O tempo que me dedicava a fotografar, ele ficava a distância, me olhando contemplativo. Três vezes consegui capturá-lo com minha lente antes que notasse que era o meu alvo.

— Eis o meu lugar favorito.

O soltei, dando um passo a mais, e girei, levando as mãos à câmera. De repente me dei conta que nenhuma fotografia poderia substituir o pulsar acelerado sob minha pele. Abandonei a tarefa. A correia, que transpunha meu ombro esquerdo e recaía sobre meus seios em transversal, regressou à sua inércia, tangenciando meu colar e pendendo de lado. Meus lábios retribuíram seu sorriso, trêmulos.

Como numa valsa ensaiada, buscamos um ao outro e nos encontramos num beijo ébrio. Suas mãos seguraram meu rosto, as pontas dos dedos pressionavam minha nuca, meus braços encarceravam-no junto a mim. A termo de nossos lábios apartarem-se, tudo mais se manteve estático, ele dentro do meu abraço e minha pele a se arrepiar com seu toque.

Suas palmas moldaram meus ombros num gesto delicado. Eu ofegava, sentindo o leve raspar da sua boca na minha, úmida devido ao beijo. Observava suas pálpebras a encobrir a íris e sentia a respiração branda a tocar-me. Três ou cinco segundos foi o tempo que demorou para que abrisse os olhos e me permitisse lançar-me neles.

O vento incitava meus cabelos e trazia o frescor exalado pelas plantas. Raios solares iluminavam seu rosto. Estar com Martín era como ter um balão de ar no lugar do coração. Ele ia inflando e inflando, até que respirar exigia um tremendo esforço, não tanto físico quanto mental. Desfiz o abraço e rodopiei nos calcanhares, movendo-me para a beirada.

Não havia nada de grandioso no local em si, o que o fazia especial era a vista panorâmica de Toledo. Daquele ponto a cidade era majestosa. Sentei-me na murada, depusitei a mochila no chão e, segurando a câmera, passei as pernas para o outro lado, como fazia em todas minhas idas.

— Entendo porque é seu lugar favorito — disse, juntando-se a mim.

— Gosto de vir pra cá e presenciar o serpentear do Rio Tejo às margens da muralha, as construções medievais que permanecem de pé após séculos de invasões e disputas. — Mirei a ponte e fotografei. — Aquela é a Ponte de Alcântara, remonta à época Romana. Durante a Idade Média tornou-se passagem

obrigatória para os peregrinos. Sua entrada e saída eram defendidas pelas portas nos seus extremos, uma é em estilo barroco, outra árabe, e ambas ostentam o escudo dos Reis Católicos.

— O que é aquele prédio ao fundo?

— O *Alcázar*. Atualmente, acomoda a *Biblioteca de Castilla-La Mancha* e o *Museu do Exército*. Ao longo da história teve muitas funções. É um marco na Guerra Civil Espanhola. Foi residência de rainhas, prisão, quartel militar e Academia de Infantaria. Ele sofreu muitos incêndios, foi restaurado e ampliado ao longo da história, mas foi edificado no reinado de Izabel de Castilla. Ela pode ser sua ancestral, del Castillo é uma variação da família.

— Isso faz de mim um príncipe? — perguntou, beijando a base do meu pescoço. Segurei a câmera no colo, reclinei o rosto para ele e franzi o nariz, negando. — Neste caso, espero que você não esteja esperando por um.

— Não pensei que estivesse esperando por alguém até... — Desviei o olhar, escondendo-me atrás da Nikon. — Quando o sol se põe e as luzes da cidade se acendem, é mágico daqui.

— Você tem hora para estar em casa?

— Não ultrapassando as vinte e duas, está tudo bem. Minha mãe fica até o fechamento da Sonhos do Éden e meu pai está viajando.

— Podemos ficar para o pôr do sol, porém te prometi um lanche e não vejo opções por perto. — Curvou-se para trás, olhando um quiosque, metros adiante, de forma interrogativa.

— Adoro sorvete.

— Volto logo.

Martín retornou com dois sorvetes, transpassou uma perna na murada, assentando-se, e encostou a coxa esquerda em minha bunda, acomodando-me entre suas pernas. Ele estendeu ambas as mãos para que escolhesse o sabor. Coloquei a câmera na superfície pedregosa, tomando o cuidado de deixar alguns centímetros livres, para que não esbarrasse nela sem querer, e peguei um dos potes.

Fiz um esforço para deter meu olhar na cidade. Decerto minha expressão denunciaria a excitação que sua presença despertava. Sentir seus olhos atentos a desvelarem meus traços, não ajudava a aplacar o enxame de emoções que tinha atracado em meu corpo.

Ele terminou o sorvete, guardou o pote vazio atrás de si e persistiu mirando-me. Alisou uma mecha dos meus cabelos, afagando, por conseguinte, a maçã do meu rosto. Tomei a última colherada do sorvete e umedeci os lábios,

sentindo-os gelados. Dispus a embalagem junto da câmara e virei para Martín.

— Não entenda mal o que vou dizer... — Mordi a parte interna do lábio. — Nunca estive com ninguém... não foi meu primeiro beijo, não é isso. — Atrapalhei-me. Vi seu pomo de Adão elevar-se. Ele desenhou meu lábio inferior e acenou para que continuasse. — Não sei como agir quando nos encontrarmos amanhã.

— Você não quer mais me ver?

— Quero. — Suspirei. — Esse é o problema

— Eu também quero estar com você, Triana. — Ele pousou os lábios no meu ombro.

— Apenas não quer contar a sua irmã — comentei, não ressentida, mas porque percebi que era algo que ele não conseguia me dizer.

— Mia é uma garota complicada. — Tocou meu rosto, convidando-me a olhá-lo. — Prometo que, se concordar em nos encontrarmos escondido, será por pouco tempo.

Um beijo foi minha resposta. Não me parecia mal tê-lo em segredo. Os encontros furtivos com um gato misterioso que eram minha piada favorita para a insensatez dos meus pais reverteram-se em verdade. Sorri nos seus lábios. Ele mordiscou-me e distanciou-se para examinar meu semblante.

Seus olhos detiveram-se nos meus. Eles não eram de um castanho comum, lembravam cobre. Outra vez fui acometida pela intuição que o conhecia. Ele acarinhou meu rosto, arqueou meu corpo, sustentando-me no braço que se moldava à minha cintura e me beijou com afã.

Horas se foram sem que me desse conta, se perguntassem, diria que não havia mais do que minutos que estávamos sentados na murada, ora perdidos entre beijos, ora sorrindo entre conversas. Abraçada ao Martín, contemplei o crepúsculo cair como um véu sobre a cidade e, aos poucos, milhares de pontos luminosos se acenderem. Tons de azul coloriram a noite.

— Olhe, uma estrela cadente! — O rastro de luz projetava-se sobre a torre da Catedral Primada. — Está... — Volvi os olhos para Martín.

Ele cerrou o maxilar, os lábios uniram-se numa linha reta: — Em ascensão — murmurou. — Recolheu o braço que me enlaçava e segurou minha mão. — Devemos ir, anoiteceu e não quero te causar problemas.

— Só um minuto, deixei-me fotografar... — Não completei a fala. Vasculhei o infinito estrelado e o arco brilhante tinha desaparecido. — Você também viu.

— Deve ter sido fogos de artifício. — O tom da sua resposta foi evasivo,

o completo oposto de quando sibilou “*em ascensão*”.



CAPÍTULO 8

*“Em algum lugar tempos
e tempos mais tarde.
Dois caminhos se divergiam
em um bosque”*

The Road Not Taken - Lyriel

— O que faz aqui?

O decaído saiu das sombras, revelando-se sob a iluminação precária. Estavam no pátio interno do [Monastério de San Juan de los Reyes, era madrugada e as lâmpadas nos corredores que enquadravam o pequeno jardim tinham sido desligadas horas atrás. Uma lua minguante permitia-lhes ver suas silhuetas, como os contornos das árvores e arbustos mais próximos.](#)

— Fique longe dela — exigiu ao outro.

Pouco lhe importava que fosse um anjo, seu respeito era para com os seus. Podia não ter sua força ou poder, porém cresceu manejando uma espada e o enfrentaria. Filho de decaídos, tivera suas asas arrancadas no primeiro minuto de vida. Por dezoito séculos viveu trancado em galerias no subsolo, ouvindo histórias a respeito do mundo além dos portões do Inferno.

— Onde você estava quando um demônio quase a matou?

— Há muito tempo anjos não deixavam os Campos Celestiais. Samael quis provar que seu plano era bom o suficiente para que Miguel arriscasse tudo. Seu próprio filho, o herdeiro do Principado. — O decaído deu um passo à frente. — Foi uma armadilha para que você se revelasse. Eles a querem viva, idiota!

— Se conhece sua estratégia, por que não os mandou de volta para o Submundo e selou os portais?

— Lúcifer me enviou para protegê-la, não para caçá-los. Do mesmo modo que você foi enviado para descobrir a razão de estarem atrás dela e não para protegê-la. O que acha que seus superiores farão se desconfiarem que o próximo arcanjo a liderar um exército está arriscando sua coroa por uma humana?

Grunhidos esganiçados os sobressaltaram. Após uma troca de olhares inquisitiva, uma aliança provisória se estabeleceu. Tinham um inimigo em comum. Anjo e decaído se puseram de costas, eliminando pontos cegos e assumiram posições defensivas. Vasculharam a área térrea e, por conseguinte, ergueram suas cabeças.

Demônios sobrevoavam os muros do Monastério. Dezenas de demônios. Nenhum deles os havia visto mais do que uma ou duas vezes em suas verdadeiras faces, e nunca tantos.

O anjo resgatou a adaga que trazia no coldre preso ao tornozelo, escondido sob a calça. Forjada da mesma matéria que os halos, uma energia mítica extraída da Fonte das Almas, e que em fusão com prata tornava-se passível de ser manipulada, dando forma às únicas armas capazes de extrair a vida dos anjos.

Por sua vez, o decaído armou-se com a *chakra blades*. A peça moldava-

se com precisão à sua anatomia. Ele encaixou os dedos no desenho da soqueira, segurando-a na horizontal, com o punho em riste. Deslizou a mão esquerda na jaqueta e puxou uma *shuriken* de três pontas. Ambas antes guardadas nos bolsos internos.

Os demônios pularam para o pátio e os cercaram. Suas asas eram esqueléticas, os dentes pontiagudos e tinham garras nas extremidades dos membros. Alguns possuíam caudas, outros chifres. Uma camada escamosa recobria dos seus quadris aos tornozelos, evidenciando as formas de seus corpos. Os troncos desnudos destacavam ossos sobressalentes nos braços e ombros, e veias incandescentes.

Ganidos violentos faziam vibrar as paredes. A luz da lua foi encoberta. Os jovens dentro do cerco ergueram seus olhos para o alto. Nunca haviam visto uma criatura como aquela, suas asas eram feitas de penas brancas até a primeira envergadura, quando se transmutavam em membranosas. Três grandes ossos excediam sua extensão, projetando-se como lanças na parte inferior das asas e foices acima do arqueamento.

A figura pousou diante do anjo e rugiu, silenciando os demais. Suas feições não eram animais, apesar dos chifres. Os olhos ardiam em chamas. Vestia a mesma pele escamosa que os demônios e no seu tórax exibia um ouroboro tatuado, diferente do modelo circular tradicional, a cauda do dragão fazia três círculos; uma representação dos três principados.

Uma faísca surgiu nos olhos do anjo, disparando raios azulados em sua íris. O céu fechou-se e um relâmpago iluminou o pátio. O mestre dos demônios estalou o pescoço e sorriu, estudando seus adversários. O decaído não mexeu um músculo, permaneceu de costas, sua pupila dilatou-se e as bordas da sua íris iluminaram-se, mapeando a posição ocupada por cada demônio dentro do seu ângulo periférico.

Um segundo clarão foi seguido por um baque atroz. Uma das árvores do jardim foi atingida por um raio, partindo-se ao meio. Os galhos caíram por terra ao passo que um trovão rasgava os céus. Os demônios distanciaram-se, emitindo silvos e chios, logo silenciados por um rugido brávio.

— Sou Dalkiel, filho do Príncipe dos Demônios, descendente direto da linhagem dos arcanjos. — O demônio contorceu o rosto e se metamorfoseou, revelando uma face cadavérica. — Por que um anjo interferiria na vida de uma humana? — Em passos lentos caminhou até parar diante do outro. — O que faria com que um anjo e um decaído se unissem? — Sorriu diabólico. — É lamentável que não possam impedir o que está por vir. — Refez os passos, voltando a ficar de frente para o anjo. — Não tardará para que ela descubra o seu

lugar de direito.

— Você nunca colocará as mãos nela — vociferou o decaído, girando o corpo para encarar o demônio.

— Quem me impedirá? — Orbes vulcânicas moveram-se entre os dois pares de olhos a encará-lo. — No fim, a escolha só caberá a ela.

— Antes de corrompê-la, você terá que me destruir. — Um novo relâmpago ruiu entre as nuvens. O anjo deu passos para frente. — Sou Hamon. — Sua voz fez tremer o chão. Os minúsculos raios que reluziam em sua íris expandiram-se, formando uma esfera prateada. — O primogênito de Miguel e herdeiro do Principado dos Arcanjos.

Um fulgor eclipsou o anjo, cegando momentaneamente os demônios. O decaído o tinha visto na sua forma angelical antes, mas não presenciou a transformação. Boquiaberto, viu asas negras, de plumas perfeitas, abrirem-se.

Não houve tempo para definir uma tática de luta. Antes que os demônios recobrassem a integridade visual, o decaído arremessou a *shuriken*, saltando para cravar a *chakra blades* na garganta de um demônio, ao mesmo tempo em que puxava outra *shuriken* do bolso da jaqueta, lançando-a em um terceiro.

Hamon partiu para cima de Dalkiel, empunhando a adaga. O adversário puxou as farpas de ossos em formato de foice das asas, lançando-as contra o anjo, que as partiu ao meio com a lâmina. A regeneração do demônio era impressionante, assim que um osso era arrancado, um novo surgia. O embate elevou-se, anjo e demônio moviam-se no ar, usando suas asas como arma e escudo.

Dalkiel arrancou duas das lanças, os ossos logo despontaram abaixo das asas, entretanto não tinha as mesmas dimensões dos que ele segurava, demoraria no mínimo algumas horas para que as pequenas pontas afiadas se desenvolvessem. O demônio conseguiu perfurar uma costela do anjo. Hamon urrou de dor e recuou as asas, perdendo altitude.

O decaído desviou os olhos para o alto para entender o que acontecia. Puxou a *shuriken* que prendia um demônio na parede e enfiou a lâmina da *chakra blades* no pescoço da criatura, fazendo-a virar cinzas. Outro demônio fincou as garras nas suas costas, erguendo-o do chão e o lançou-o de encontro ao segundo piso do claustro. Seu corpo chocou-se a balaustrada e despencou no pátio.

Hamon tentava extrair a lança em vão. Ele não compreendia a dor que estava sentido, mas a arma, produzida a partir da amálgama da genética de anjo e demônio, agia como uma bomba intravenosa, disseminando veneno na sua corrente sanguínea.

Os anjos eram ensinados que nada poderia feri-los, exceto a lâmina de outro anjo, a arrogância era quase como uma armadura na sua educação, e naquele momento a responsável por ele não se precaver do ataque do seu inimigo. Dalkiel beneficiou-se da vulnerabilidade do anjo e disparou sequências de foices. De nada lhe adiantou 18 séculos de duro treinamento sem o conhecimento dessa valiosa informação numa batalha.

Demônios se aproximaram do decaído, lacerando sua pele. Ele firmou os dedos na *chakra blades*, apoiou as palmas no chão e inspirou fundo, tomando fôlego. Sustentou o peso do corpo no braço esquerdo e ergueu o direito, desferindo golpes nas criaturas que o cercavam. A jaqueta estava com rasgos em todo o comprimento. Os bolsos revestidos com fibra de carbono, além de suporte para suas armas, serviam como proteção para os órgãos vitais. Diferente dos anjos e demônios, os decaídos não podiam curar-se.

— Se você não a remover... — ele gritou para Hamon, ofegando — antes que o veneno — cuspiu sangue — chegue ao seu coração... — Um demônio prendeu-se as suas costas, ele jogou-se para trás, colidindo na parede e enterrou uma *shuriken* na sua jugular. — Irá morrer!

O anjo soltou sua adaga e agarrou a lança com ambas as mãos. O veneno ramificava-se da superfície para a ferida em cadeias incandescentes. Dalkiel voou atrás da adaga. Hamon reuniu suas forças e alongou as asas, uma aura fluorescente blindou a plumagem e feixes de luz iluminaram a noite. Um brado gutural se seguiu ao puxar da lança. Ele a atirou em convergência a um raio, fragmentando-a em poeira. Colocou a mão sobre a lesão, pressionando-a.

— Por que não fui convidada para a festa? — perguntou a garota de cabelos vermelhos. Ela saltou o claustro e perfurou o crânio de dois demônios. — Depois você me agradece.

O decaído a olhou por cima do ombro, após livrar-se da criatura que o prendera com a cauda. A ruiva piscou e atirou as adagas. As lâminas voaram próximo ao seu rosto e alvejaram dois demônios que iriam atacá-lo. Ele arremessou uma *shuriken* e derrubou um terceiro, que estava atrás da garota. Ela sorriu e pulou nas costas de uma das criaturas, arrancando suas asas, enquanto ele agarrava dois demônios pelos chifres. Os bateu de frente, derrubando-os e lhes cortou as gargantas com lâmina *chakra*.

Hamon estava fraco, não conseguia curar-se antes que o veneno fosse eliminado do seu corpo. Ele fez um último esforço, seus olhos piscaram, as faíscas apagando-se em sua íris. Ao som de um trovão, um último raio sobreveio. Os braços do anjo penderam, a cabeça tombou de lado. Atingido pela descarga elétrica, Dalkiel foi arremetido sobre o poço artesiano, localizado no

meio do jardim, e teve as costas perfurada pela manivela. A estrutura em metal côncavo alojou-se no eixo dorsal. Há alguns metros, Hamon desabou sobre as lajotas.

Dalkiel puxou duas lanças de suas asas, as espetou no chão e usou para tomar impulso, libertando-se. Seu uivo atraiu todos os olhares. De pé, ordenou que os demônios o seguissem. O decaído e a garota buscaram pelo anjo entre a profusão de asas acima de suas cabeças. Nada indicava que o estivessem levando como prisioneiro.

— Onde está Hamon? — perguntou a ruiva, removendo suas adagas da parede e guardando-as nos coldres atados as coxas.

— Ele estava... — O decaído olhou para o céu. Fixou-se no ponto exato onde viu o anjo pela última vez. — O veneno — murmurou, abaixando os olhos para o pátio.

— O que você quer dizer?

O decaído não se deu ao trabalho de respondê-la, recolheu suas armas, e, apressado, atravessou o jardim, enfiando-as nos bolsos. A garota seguiu no seu encalço. Encontraram Hamon inconsciente e ferido, em sua forma humana.

— Por que ele não está se curando? — A garota ajoelhou ao lado do anjo e pôs sua palma sobre o ferimento.

— Sangue de demônio.

— O que fazemos? — perguntou, levantando a camisa para examinar a gravidade da lesão.

— Esperamos que não tenha sido o bastante para chegar ao coração. — Mehiel apontou para a teia de fluxo vulcânico visível sob a pele do anjo. — É o veneno em ação.

— Preciso de uma tira de sua camisa. — Ela pressionou a ferida, tentando estancar o sangue. O decaído despiu os trapos restantes de sua jaqueta, removeu os frangalhos da camisa e rasgou uma faixa de tecido, entregando-lhe. — Deve haver algo... — Interrompeu-se ao notar que ele abaixou a cabeça, evitando contato visual. — Mehiel...

— É arriscado, Damabiah. — Ela enrugou a testa, seus olhos perfuram os dele. — Um anjo no Inferno?

— Faremos o que tiver que ser feito. — Segurou a faixa pelas pontas. — Erga o tronco dele, afastando a jaqueta. — Mehiel seguiu sua instrução. Ela envolveu a lesão com o tecido e transpassou a tira nas costas do anjo, amarrando-a na lateral do seu tórax. — Como iremos levá-lo?

— Deixe-me falar com Lúcifer primeiro, explicar-lhe o que aconteceu.

— Não temos tempo para diplomacia.

— E também não é o melhor momento para iniciarmos um conflito entre anjos e decaídos. — Seus olhos recaíram sobre o rosto pálido de Hamon. — Foda-se! — resmungou, balançando a cabeça.

Mehiel amparou o corpo do anjo e levantou-se, sustentando-o nos braços. Cerrou os dentes, reprimindo os gemidos. As feridas em seu corpo não eram poucas. Um corte na cabeça empapava de sangue os fios que caíam em sua testa, o tórax e braços tinham arranhões profundos. Nada se comparava a escoriação que se estendia da omoplata à primeira vértebra lombar.

— Espere. — Damabiah se ergueu e tocou suas costas. Mehiel prendeu a respiração, negando-se a dar voz às lamúrias do seu corpo. Não se via pele, a carne exposta gotejava sangue. — Você também necessita de cuidados. — A garota olhou para a camisa no chão, o que restou era insuficiente para tamponar a área afetada.

— Eu aguento.

— Não disse o contrário. — Ela deslizou seu casaco pelos braços, deixando-o cair. Tirou a blusa e abriu a costura. — Encaixamos aqui — inseriu uma ponta por baixo do braço de Mehiel e puxou sobre o peitoral, na diagonal — e temos uma bandagem improvisada — concluiu, encobrindo a ferida aberta. Um murmúrio escapuliu entre os lábios dele quando ela uniu as pontas, repuxando o tecido para dar o nó. — Desculpe. — Damabiah recuperou seu casaco e o vestiu por cima do sutiã. — Estou com suas armas. — Resgatou a jaqueta dele e jogou sobre o ombro. — Vamos pelos túneis.

Abaixo das ruas da cidade, um emaranhado de galerias interligava catedrais, criptas, calabouços, construções históricas e os portões de entrada para o Inferno e Submundo: a chamada Zona Morta. Após o Dilúvio, com a expulsão dos decaídos da Terra, os túneis deveriam ter permanecido abandonados, conquanto, transformaram-se no reduto para os insatisfeitos com a subserviência às ordens divinas e Samael fez deles sua antessala para firmar pactos e tratados de guerra.

Mehiel e Damabiah seguiram para o porão do Monastério, onde ficava a passagem para o subterrâneo. A jornada até o portal que os levariam até Lúcifer era longa e, com os traumatismos sofridos pelo decaído, demorou o dobro do tempo. A garota foi alguns passos à frente, segurando uma lamparina em uma das mãos e, na outra, uma adaga.

Chegaram ao destino sem interferências no caminho. Eles não relutaram diante do portal, atravessaram-no e adentraram a cripta abaixo da Catedral Primada, um salão circular com piso em mármore e abóbada superior em tons

claros. As paredes em blocos de pedras diferiam-se dos túneis pela simetria e alinhamento minuciosos. Sete estatuetas, com os símbolos das casas regentes, retratavam os arcanjos segurando espadas, todas apontadas para uma tumba em ferro forjado, no centro da cripta.

Damabiah empurrou a tampa, revelando uma escada. Pôs a lamparina no primeiro degrau. Esperou que Mehiel passasse com Hamon, recuperou a luminária e os seguiu, fechando a tumba atrás de si. Ao final dos degraus, havia um corredor iluminado por archotes. Eles o percorreram e saíram numa arena ampla. Um grupo de decaídos treinava com *nunchakus* e pararam ao vê-los.

— Voltem ao que estavam fazendo! — Mehiel ordenou.



CAPÍTULO 9

*“Porque estou despedaçado
quando estou sozinho
E eu não me sinto bem
quando você vai embora”*

Broken - Amy Lee

— Tri? — O vocativo acompanhou uma batida na porta.

— Pode entrar, mãe.

— Jantou?

— Ainda não, cheguei tarde. — Desprendi uma fotografia e juntei às que segurava. — Tomei banho e vim pra cá. Queria revelá-las.

— De hoje? — perguntou, aproximando-se do varal. — Não precisa responder. — Sorriu, removendo o pregador e admirando a imagem retratada. — Ele despertou mais do que seu interesse, não é?

— Não sei dizer o que ou porquê... — Sentei-me, analisando as fotografias que fiz do Martín. — Gosto de como o mundo parece girar em outra frequência quando estou com ele. — Olhou-me em silêncio, os lábios curvados para cima. — O quê?

— Nada. — Sacudiu os ombros. — Venha, vamos jantar.

Na manhã seguinte, acordei com uma revoada de borboletas no meu estômago e todos os clichês imagináveis. Ensaiei em frente ao espelho como reagiria ao encontrá-lo. Um meio sorriso, um aceno tímido, um olhar que somente ele conheceria o significado, deveríamos ter definido uma tática, teria me poupado tempo.

Por pouco não perdi o ônibus para o colégio. Esperei ansiosa por reencontrá-lo, entretanto minhas inquietações foram embalde, Martín não apareceu. Conversava no pátio com Belinda quando Mia passou por nós, sozinha. Remexi-me, espichando o olho à procura dele.

— O que há com você? — Belinda agitou as mãos em frente ao meu rosto.

— Comigo?

— Sou sua melhor amiga, lembra? Desembucha!

— Martín. — Mordi o lábio. — Ele não veio.

— Vocês... — Anuí. — Sabia que ia rolar!

— Não faça alarde. — Olhei ao redor, verificando se alguém bisbilhotava. — Estamos juntos, eu acho.

— Você estava com ele ontem, por isso não a vi na saída.

— Ninguém pode desconfiar, Bel.

— Por quê?

— Ele não quer que Mia saiba... E tudo bem por mim.

— Triana Guerrero e um namorado misterioso? Vivi pra ver isso!

— Pode rir, eu deixo.

— Quero é detalhes!

— Lamento, tenho que ir pra aula e você também. — A empurrei pelos ombros. — E só teremos essa conversa em terreno neutro. Gosto da minha cabeça onde ela está e não quero arriscar perdê-la.

— Depois da aula... — Ela virou-se para falar, antes de nos separarmos no corredor principal. — Na sua casa. — Deu um tapa em minha bunda.

— Não é como se eu tivesse escolha.

Iker também não foi à aula. Foram duas semanas sem que nenhum dos dois se fizesse presente. Martín não me ligou ou enviou mensagem. Por mais que quisesse falar com ele para saber se estava tudo bem e o motivo da sua ausência, prometi que não faria. Se ele quisesse, se estivesse sentindo minha falta, como sentia a dele, entraria em contato. O que não aconteceu.

Minha vida voltou ao que era. Os acontecimentos estranhos não se repetiram, a pluma que adornava meu colar era o único registro daqueles dias, e as fotos do Martín tudo o que restou do nosso tempo juntos. Quando pensava nele sentia o meu coração apertado, a incógnita sobre o porquê do seu sumiço me atormentava, contudo, Mia continuava frequentando o colégio e não demonstrava estar preocupada ou triste, o que devia significar que seu irmão não estava em apuros.

Começava a pensar que não o veria outra vez. Era uma quarta-feira quando entrei na sala e ele estava sentado na carteira ao lado da minha, de cabeça baixa, rabiscando. Arrastei minha cadeira e sentei-me, cumprimentando-o. Um monossílabo indecifrável saiu dos seus lábios.

— Se quiser posso te emprestar minhas anotações.

— Não é necessário.

— Tudo bem com você?

— Sim.

As respostas ríspidas magoaram-me. À minha direita, o lugar do Iker permanecia vazio. Levantei, colocando minha mochila onde estive sentada e ocupei a cadeira ao lado. O barulho dos riscos suspendeu-se e pensei que ele fosse se dignar a me olhar, no entanto, retornou sem que ele desprendesse os olhos do papel.

Pedi licença à professora Rúbia faltando dez minutos para o intervalo, e fui ao banheiro. Joguei a mochila na pia e analisei meu reflexo no espelho. Lábios comprimidos, olhos cheios de lágrimas. Precisava me recompor. A porta abriu. Tranquei-me no reservado.

— Sei que você está aí.

— Este é o banheiro das garotas.

— Você está chorando por minha causa?

— Vá para o inferno, Martín!

— Nunca fui tão sincero como quando disse que com você era onde eu queria estar. Eu... Não posso explicar... Não sei como fazê-la entender que tudo o que estou fazendo, tudo o que irei fazer, por mais que te magoe, é por você. — Calou-se por um momento. Ouvi uma batida abafada na porta. — Não deveria ter me aproximado... Não era para ser assim... Eu não podia... Queria que as coisas fossem diferentes para nós.

— Apenas vá, Martín.

E ele foi. Sem argumentar, sem protestar, sem discutir.

No almoço com Belinda dei por encerrado o assunto Martín. Ela não entendeu, entretanto não exigiu explicações. O que fortalecia nossa amizade era o respeito pelo tempo da outra, os segredos eram compartilhados quando estávamos prontas para falar e não para saciar uma curiosidade.

Ela decidiu ser minha seguidora no *tour* fotográfico, o que reafirmava que tinha a melhor amiga, porque Belinda odiava perambular pelas ruas do centro. Pedestres. Vitrines. Fachadas de lojas. Todos estiveram na mira da minha lente, incluindo minha amiga, apesar dos seus protestos. O passeio rendeu centenas de fotografias e uma parada para nos empanturrarmos de *tapas* e *patatas bravas*.

Ao anoitecer, fomos para a Sonhos do Éden.

— Oi! — Parei junto ao balcão. Belinda tinha ficado com os olhos grudados na vitrine de doces. Ela poderia ser confundida com uma formiga. — Mais um dia sem ser demitido.

— E cheguei no horário. — Asier guardou o bloco de notas no avental. Ele estava com os cabelos presos num rabo de cavalo.

— Precisamos comemorar. — Sorrímos. — Onde está minha mãe?

— Ela avisou que não volta para a loja hoje.

— Verdade. Ela foi buscar meu pai.

— Tri... — Belinda interrompeu-se. — Você é novo?

— Asier. Comecei há pouco tempo e trabalho apenas no período da noite.

— Prazer, Asier. — Ela estendeu a mão para cumprimentá-lo. — Sou a Belinda, melhor amiga da Tri e adoradora de doces. Você vai me ver bastante, acostume-se.

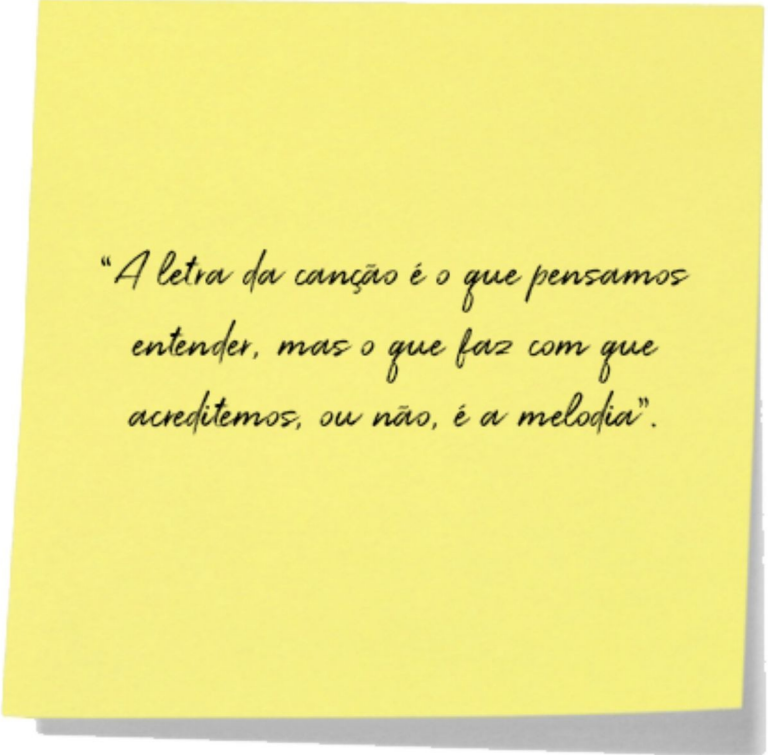
— Posso ter descoberto um incentivo para manter este emprego.

— Eu vou...

Levantei o dedo e apontei para lugar nenhum. Eles não estavam

prestando atenção em mim. Sorri sozinha por ter validado minha suspeita sobre quem seria o próximo alvo da Bel e encaminhei-me para a estante de livros. Movi os dedos sobre as lombadas e, por fim, escolhi o mesmo exemplar da noite que encontrei Martín. Acomodei-me numa mesa com banco estofado e abri o exemplar.

Rabiscado num pedaço de papel, que foi deixado na folha de rosto, uma citação, que mais tarde descobri ser do próprio livro:



"A letra da canção é o que pensamos entender, mas o que faz com que acreditemos, ou não, é a melodia".

Eu teria dispendido horas para analisar a beleza e profundidade por trás das palavras, se outro item não tivesse reacendido dúvidas e sentimentos que me levavam ao limite da sanidade.

Outra pena.

Removi a corrente do meu pescoço e coloquei ambas as plumas na minha palma. Elas eram idênticas. Deixei meu colar sobre a mesa e contemplei o adorno recém-encontrado. Toquei as barbas com as pontas dos dedos, dedilhando-as, e segui até o princípio da raque. A textura ali alterou-se num ponto ínfimo. Pressionei o polegar no local e quando o virei, lá estava, uma gota

de sangue.

Quem a teria deixado aqui e porquê? Ou o que é mais importante, de onde foi arrancada? — Ergui o papel e reli a citação. — *Seja quem for você, não faça ideia do está tentando me dizer.*

— Te deixo sozinha dois minutos e você já está falando sozinha? — Belinda me empurrou e ocupou o espaço ao meu lado.

— Olha o que encontrei. — Entreguei-lhe o papel. — Acho que deixaram para mim.

— O que te levou a... — Balancei a pluma. — Outra? Quem usa penas para chegar numa garota? E o que isso significa? — Ela agitou o papel no ar. — Qual o problema com: ei, vamos sair?

— A gente pode sair qualquer dia desses. — A voz do Asier chegou antes que o visse se aproximar.

— Perfeito! — Minha amiga não disfarçou o entusiasmo. — Viu como é simples? — Ela virou-se para mim. Ela puxou o colar e segurou o gancho do pingente em pinça, aproximando-o da minha mão, de modo a comparar ambas as penas. — Certeza que é igual a sua.

— Onde a encontrou, Triana? — inquiriu Asier.

— Foi minha mãe. Bel, é melhor irmos.

— Mas...

— Vou ligar para sua mãe e perguntar se você pode dormir na minha casa.

— Você pode embrulhar para viagem, Asier?

Dentro de instantes estávamos no táxi a caminho de casa. Meus pensamentos voltados para o bilhete e pena que ocupavam um dos bolsos da minha mochila.

Meus pais ligaram para avisar que dormiriam em Madri, queriam curtir uma noite a sós. Belinda falou sobre o Asier até pegar no sono. Cansada de me revirar na cama, levantei na ponta dos pés para não acordar. Abri a janela. A brisa gelou meu nariz e trouxe um perfume suave.

Passei uma das pernas para fora e firmei o pé no espaço entre o telhado e a marquise, repeti o movimento com a outra perna. As telhas *shingle* me ofereciam estabilidade. Caminhei até um ponto onde a superfície era menos reclinada. Aquele era meu lugar quando queria esquecer do mundo. Seguro e inviolável.

Deitei, flexionando os joelhos. Minha calça surrada de moletom protegendo-me do contato frio da manta asfáltica. Emiti um gemido com o toque

do meu tronco na mesma. A camiseta fina que vestia não impediu que minhas costas fossem golpeadas pela sensação gélida. Meus braços estavam à mostra, a alça fina não oferecia qualquer contenção térmica. Abracei-me, de modo a aquecer-me e logo o clima tornou-se agradável.

— *“A letra da canção é o que pensamos entender, mas o que faz com que acreditemos, ou não, é a melodia”*. — Pensei que, repetindo as palavras em voz alta, fosse enfim entender sobre o que elas se referiam. — Odeio enigmas. Posso estar quebrando a cabeça em vão, o bilhete pode ter sido deixado para qualquer pessoa. — Joguei meus braços acima da cabeça e encarei o céu. — A maldita pena! É esse o motivo da minha fixação. — Meus lábios tremiam. Não era frio. Eu chorava. As lágrimas escorriam pelas laterais do meu rosto. Por mais que fizesse, ele estava lá, presente em cada infinitesimal pensamento. — Odeio você, Martín. — Engoli o nó na minha garganta.

Um sopro acariciou meu rosto, levando embora as marcas deixadas pelas lágrimas. Senti uma leve cócega na palma esquerda. Meu coração bombeou tão rápido que pensei que fosse morrer. Outra pluma fluorescente tremulava sobre minha pele.

— Tem alguém aí? — Reposicionei-me, sentando e olhando desconfiada para os lados. Estava no telhado de casa em plena madrugada, me senti ridícula pela pergunta. Segurei a pena em frente ao rosto e assoprei, sorrindo para o objeto inanimado, me sentindo um pouco mais idiota por fazê-lo. Ouvi a citação ser repetida dentro da minha cabeça e começava a pensar que tinha um anjinho e um diabinho brincando comigo. — Não consigo ouvir a melodia, mas tudo sempre me leva para você. — A aproximei do nariz, inspirando seu cheiro. A brisa, o mesmo perfume reconfortante.

Assisti aos primeiros raios de sol caírem sobre as muralhas da cidade, revestindo o horizonte de uma névoa dourada e depois retornei para meu quarto. Minha amiga dormia, encolhida no canto esquerdo. Não que fosse necessário, minha cama era de casal, porém Belinda sempre dormiu parecendo um charuto, abraçada às próprias pernas. Peguei um par de roupas e segui para o banheiro. Na volta, a despertei ou nos atrasaríamos. Enquanto ela tomava banho, prendi as duas novas penas ao meu colar e o vesti.

Parei diante do espelho. A camiseta branca realçava o negro-azulado da pluma, exposto pela abertura da jaqueta. Meus cabelos soltos, largados sobre o ombro direito camuflavam o pingente. Joguei-os para trás e movi os dedos na pele desnuda do busto, envolvendo a base das penas que tocavam meu decote.

— Você está linda. — Belinda entrou, usando um vestido jeans que a emprestei e o tênis branco encardido, de cano alto, que era seu xodó. — Tri, não

sei o que aconteceu entre você e Martín, mas quero que você prometa que não irá se condenar por ter deixado que ele se aproximasse.

— Estou me condenando por ainda pensar nele.

— Ele não sabe a garota que perdeu e se tentar qualquer coisa, vai se ver comigo.

Sorri da sua expressão ameaçadora. Conhecendo-a, podia esperar de um tapa na cara até uma grande cena teatral no pátio do colégio. Esperava que Martín não me procurasse mais. Era isso o que queria, até chegar ao colégio e descobrir na aula da Rúbia que ele pediu para mudar de grupo. Eu sentaria com Iker e Cassandra. Ela era uma garota baixinha, de sorriso exuberante e usava o cabelo repicado e tingido de azul, na altura dos ombros.

Nunca tinha dado importância para os garotos e estava irritada por Martín fazer o que pedi. Não! Fiquei brava, fugi, mas foi ele quem disse que precisava se afastar. O que deveria ter feito? Dito o que sentia quando sequer compreendia? Como explicaria que minha alma sentiu sua ausência pelos últimos dezoito anos? E que com ele descobri que metade do meu coração batia fora do peito?



CAPÍTULO 10

*"Estou tão cansada de estar aqui
Suprimida por todos
os meus medos infantis
E se você tem que ir
Eu desejo que você apenas vá"*
My Immortal - Evanescence

Uma semana depois e tinha que me forçar para ir ao colégio. Odiava ser

alvo dos sorrisos maldosos de Mia, do olhar entediado do Iker e da indiferença colossal do Martín.

Em casa as coisas também não estavam das melhores. Toda madrugada, religiosamente, despertava às três horas, suando frio e assustada, porém nunca recordava o que havia sonhado. Incapaz de voltar a dormir, subia para o telhado e esperava pelo nascer de um novo dia.

Para piorar, sentia-me vigiada aonde quer que fosse. Minhas andanças pela cidade beiravam as batalhas invisíveis travadas por Dom Quixote, mirando em sombras e fotografando as cenas mais arbitrárias.

Estava cansada de me esquivar e fugir daquilo que não via, ainda que sua presença eriçasse todos os pelos do meu corpo e por vezes me fizesse sentir andando na direção de um precipício. Havia uma sensação recorrente de que nada poderia me salvar. Fosse o perigo real ou insanidade, minha condenação parecia ter sido orquestrada pelas linhas do destino.

O que era uma festa para alguém assombrada por sua psique? Pouco importava onde ou com quem estava se os monstros invadiam meus sonhos, se estava atormentada por sentimentos que não compreendia e por medos infundados.

Nós saltamos do táxi e de pronto meus olhos percorreram as gárgulas. Nunca entendi de onde surgiu inspiração para projetar figuras horripilantes. Empoleiradas em balaustradas e torres, a mensagem que projetavam eram de um exército vigilante que arrastaria os pecadores para os confins da Terra.

— Quem dá uma festa no calabouço de uma igreja?

Nunca fui religiosa e meu espanto com a escolha do local não tinha qualquer relação com os conceitos de pecado, céu e inferno, e sim com o quão sombrio era o lugar. Não bastasse a fachada imponente e obscura, a parte interior mais se assemelhava a uma cripta.

— Jovens que querem quebrar as regras. — Belinda descia as escadas na minha frente. Fora a claridade proporcionada pelas tochas, a escuridão reinava.

— E morrer sufocados sob um mar de pedras? — Olhei para o teto desejando que não houvesse fissuras na fundação, porque se ocorresse um desmoronamento, seríamos enterrados vivos.

— Ninguém vai morrer, Tri. Não seja dramática.

— Se chegarmos ao final da escadaria inteiras, começo a acreditar em você. — À medida que descíamos, as paredes de pedras afunilavam, as voltas tornavam-se mais sinuosas, o que impedia que as chamas cobrissem alguns degraus. — Bel, cuidado onde pisa, não sabemos o quão distante estamos. —

Coloquei uma mão no seu ombro.

— Tri, você está nos agourando, pare com isso.

— De quem foi a ideia brilhante de proibir celular?

— Não podíamos arriscar que algum sem noção postasse fotos, estamos invadindo um patrimônio histórico.

— A cada minuto aqui me pergunto por que não fiquei em casa.

— Porque você me devia uma noite de curtição. — A partir daquele ponto a escada seguiu em espiral e, quando comecei a ficar zonza, a penumbra penetrou as frestas entre as pedras e saímos num corredor. — Chegamos!

Bufei diante da sua exclamação. Para mim, parecia que tínhamos vencido o primeiro círculo do inferno e estávamos diante do portão de entrada para o segundo. Um imenso portal arqueado e, tal como as paredes, esmerado por pedras era velado por duas gárgulas vestindo armaduras e empunhando espadas.

— Por Deus, essas coisas me dão medo!

— São estátuas, Tri.

— Não fazem sentido estarem aqui, Bel. Gárgulas são desaguadouros, estamos no subsolo.

— Qual o problema com você? — Ela parou e virou-se para mim.

— Você não acha estranho?

— Amiga, que diferença faz onde elas estão?

A despeito da minha recente síndrome persecutória, abandonei a discussão: — Vamos encontrar com o pessoal, não quero me perder por esses corredores.

Não era o melhor momento para ter um dos meus pesadelos ou alucinações, pouco importava o nome, estava mais preocupada em manter-me no controle das minhas emoções.

Encarei as gárgulas, me detendo por segundos nas asas. Nada de penas esculpidas, eram representações esqueléticas, como de morcegos. As espadas se uniam no ar, demarcando a entrada do túnel. Apressei-me, ignorando os calafrios e palpitações que brandiam no meu peito.

— Você acha que Martín virá?

— Não faço ideia, Bel. Como disse, quero esquecer que um dia o conheci.

— Se ele estiver com alguém...

— Tanto faz. — Minha resposta brusca teve efeito oposto ao que desejava. Belinda segurou-me pelo antebraço. Exalei um suspiro de frustração e

virei-me derrotada. Seu olhar era condescendente. — Pode ser... bom? — Ergui os ombros. — O fato de ele agir como se eu não existisse... — Soltei uma lufada. — Sinto como se tivesse feito algo de errado. Sei que era para estar com raiva e feliz por ele ter se afastado, eu só...

— Queria que ele desejasse estar perto tanto quanto você.

— Fico me perguntando se não significou nada para ele, se foi tudo fingimento.

— O que você sentiu não foi uma mentira, Tri. Independente das intenções do Martín, seus sentimentos foram honestos e... — Fez uma pausa. — Se ele não percebeu que seu coração bateu mais forte por ele, é porque não o merece. — Ela capturou uma mecha dos meus cabelos e arrumou sobre meu ombro. — Por mais inacreditável que pareça neste momento, você irá se sentir assim de novo e perceberá que o amor tem várias faces, mas quando é recíproco é que a mágica acontece.

— Você nem acredita no amor, Bel.

— Você sim. — Ela deu de ombros. — E não é que eu desacredite. A diferença entre nós é que não tenho paciência para esperar pelo meu grande amor, prefiro viver de paixões carnis até que a gente se esbarre por aí. Sei lá, vai que estejamos de lados opostos do oceano? Por que não aproveitar a viagem?

— Às vezes queria ser como você.

— Não diga bobagem, você é minha melhor amiga por ser quem é. De onde você acha que vem a certeza que no fim tudo ficará bem? — Ela sorriu. — Você é minha esperança, Triana. A sua crença inabalável no amor é o que me inspira.

— Espero que sua fé seja justificável.

— Mas é claro que sim! — Ela enganchou-se no meu braço e recomeçamos a andar. — Um foda-se para o Martín, porque esta noite você vai se divertir.

Mais alguns minutos, cerca de dez ou quinze metros, e chegamos à festa. Havia uma pira num cerco de pedras e mais algumas dezenas de tochas presas nas paredes à nossa volta. Música, bebida, jogos de luzes. Corpos movendo-se com entusiasmo. Vozes sobrepondo-se. Risos, beijos e amassos. Sabia o que encontrar antes de ter saído de casa e foi ele quem primeiro vi.

Sentado numa rocha — com uma garota, agarrada ao seu pescoço —, Martín movia a mão nas longas pernas que descansavam no seu colo e a garota ria, puxando seu rosto, beijando-o.

As pessoas deveriam ser proibidas de entrarem nas nossas vidas para

fazer estragos — a voz na minha cabeça pontuou com sabedoria. Tragicamente, meu coração não compreendia que Martín deveria ser banido.

— Sinto muito. Vamos ficar onde não possamos vê-lo.

— Podemos começar com uma bebida?

— Você nunca bebeu e não vai ser por causa de um garoto que vai tomar seu primeiro porre.

— Você está certa. Que ele vá para o inferno!

— Quanto Lúcifer está te pagando? — Um sopro de ar quente fez cócegas na base do meu pescoço.

Ergui o rosto e Iker segurou meu pulso, interceptando-me. Apertei a mão de Belinda, impedindo-a de prosseguir. Ela sorriu de lado e esperou. Sem soltar minha mão.

— O quê? — Fiquei na ponta dos pés para sussurrar no ouvido dele.

— Você está sempre mandando alguém para o inferno. — Ele se inclinou, aproximando-se. — A comissão deve ser boa.

— Pelo visto Lúcifer anda recusando os meus pedidos. — Arqueei a sobancelha. — Por que você está falando comigo?

— Há quanto tempo nos conhecemos?

— Por conhecer você quer dizer estudarmos na mesma sala sem que tivesse me cumprimentando uma única vez?

— Você parecia ser o tipo de garota que prefere não ser notada. — Ele arqueou a sobancelha. — Estou enganado?

— Não, essa sou eu. O que não entendo é o porquê de uma hora para outra me tornei interessante o bastante para você vir falar comigo. Qual é, Iker? Um garoto novo chega ao colégio, você se vê ameaçado e num duelo de neandertais decidem que o vencedor é aquele que capturar a presa primeiro? Que fique entendido que por capturar quero dizer seduzir e a presa em questão sou eu, é claro.

— Há muito que você não entende, Triana. — Ele abaixou os olhos para meu decote e correu os dedos pela corrente de prata, tocando minha clavícula. — Mas você sente...

— Desculpem o atraso.

— Chegamos agora há pouco. — Belinda soltou minha mão.

Iker endireitou a postura e enrijeceu a mandíbula, virando-se para encarar Asier, que sorriu com deboche, envolvendo minha amiga entre os braços e beijando-a no rosto.

— Vocês se conhecem — afirmei, observando a troca de ameaças

veladas.

Os olhos do Iker assumiram um aspecto fúnebre, o azul vívido de instantes, petrificou-se, e sua respiração golpeou a caixa torácica. O som alto e denso fez um arrepio percorrer minha espinha. Eles não apenas se conheciam, se odiavam. Coloquei-me entre ambos, posicionando-me de frente para Asier. O loiro liberou Belinda e deslizou o braço na minha cintura, pressionando minha lombar e puxando-me para si. Ouvi Iker ranger os dentes.

— Você está linda, Triana.

— Obrigada. — Dei um passo para trás. Minhas costas bateram no tórax do Iker e ele segurou-me pelos antebraços, com mais força do que o necessário. — Desculpe. — Olhei-o por cima do ombro. Sem resposta. O olhar continuava vidrado no Asier.

— Iker Romero. Não sabia que você era amigo das garotas.

— O que você faz aqui?

— Ele é meu convidado! — Belinda respondeu ao Iker, que não se importou em esconder a irritação.

— Claro que é. — Praguejou num idioma desconhecido e arrastou-me alguns metros. Afastei suas mãos e girei o tronco para confrontá-lo. — Nem Lúcifer pode com você, garota. — Ele incorreu os dedos entre os fios platinados.

— Você acha que está em algum clube de luta? Não pode ser sociável com o sexo masculino? E outra, não somos amigos, você não é nada meu, portanto pare de agir como se tivesse algum direito de opinar na minha vida e nos meus relacionamentos.

— Você está saindo com aquele cara?

— Quando disse isso?

— Relacionamentos?

— Amigo! Você sabe que pode haver amizade entre garotos e garotas?

— Não é o que ele quer.

— Ele está num encontro com Belinda. — Revirei os olhos. — Satisfeito?

— Não. — Iker olhou para os lados, como se procurasse por alguém. — Você tem que ficar longe dele e sua amiga também. — Segurou meus ombros. — Não saia daqui com ele. Preciso resolver algo, mas volto o quanto antes.

— Você será minha babá? — Um risinho zombeteiro escapuliu sem minha permissão.

— É o que parece. — Sacudiu as mãos no ar.

— Você está falando sério. — Meneei a cabeça incrédula.

— Tri, você vem?!

Iker ergueu o supercílio de modo inquisitivo.

— Estarei aqui, está bem? Quando você voltar, nós teremos uma conversa honesta... — Apontei o dedo para seu peito. — E você me contará tudo o que está escondendo. — Não queria ouvi-lo discutir. Dei-lhe as costas e acenei para Belinda. — Estou indo!

Iker não tinha retornado. Asier e Belinda ora dançavam ora se amassavam, eu fingia não estar entediada. Ao que tudo indicava, era péssima atriz, além de um fracasso como espiã.

— Pare de procurá-lo. — Eu reconheceria aquela voz em qualquer lugar. Ela tinha um ar de superioridade que se destacava em cada sílaba.

— Não sei do que você está falando. — Limitei-me a responder, sem contemplar o regozijo na sua face. Não entendia o porquê de Mia me odiar.

— Martín.

— Vocês são irmãos de verdade? — Abaixei a guarda e a olhei. Ela franziu o cenho e me olhou como se eu fosse louca. — É estranho o jeito como você me ataca para defendê-lo. Verdade seja dita, eu não fiz nada. Bastou que ele me desse o mínimo de atenção para você querer me ver longe.

— E o que isso tem a ver com sermos irmãos?

— Não é um comportamento normal entre irmãos. Seu ciúme parece... Vocês poderiam ser irmãos adotivos e...

— Sua conclusão é que sou apaixonada pelo meu irmão? — Ela gargalhou. — Por que a paixão está sempre relacionada a emoções destrutivas? Não entendo como podem viver buscando por amor se ele acarreta tantos infortúnios. — Não soube o que dizer, sequer tinha certeza se ela falava comigo. — Respondendo sua pergunta, sim, somos irmãos. Mesmo pai, mesma mãe, mesmo sangue. E não, não tenho esses sentimentos pelo Martín, também não é ciúme o que me motivou a odiá-la. Vejo em você a ruína do meu irmão e farei o que tiver que ser feito para assegurar sua existência. Martín é um idealista, ele é bom, tem a alma pura, e não consegue ver o mal que você representa.

— Mal? Ruína? Do que você está falando?

— Estou falando de você fazê-lo percorrer um caminho sem volta.

— Mia, você não está exagerando? Tenho dezessete anos, que grande mal faria ao seu irmão?

— Martín está destinado a liderar um império. — Seu olhar recaiu sobre o meu colar com as penas e um suspiro deixou seus lábios. — Se ele a escolher, é o fim.

— Já pode parar de me odiar, ele não quer nada comigo.

— Você é perceptiva. — Ela olhou para trás, onde Belinda e Asier estavam. — Ouça sua intuição e tudo ficará bem.

— Por que não ficaria?

— Coisas ruins acontecem, Triana. — Mia moveu-se com graciosidade, as ondas vermelhas disseminando um doce aroma. Ela parou na minha frente, os olhos verde-esmeralda fixaram-se além de mim. Asier e Belinda. Era o que dizia meus instintos e confirmei ao olhar de relance. — O mundo é muito mais do que seus olhos podem ver.



CAPÍTULO 11

*"Tenho que ficar firme,
não vou ceder
Sem mais negações,
tenho que encarar isso
Não vou fechar meus olhos
e esconder a verdade dentro de mim"*

Stand My Ground - Within Temptation

Iker. Martín. Mia. Não sabia dizer o quê, mas sentia que nada do que eles

falavam era apenas o que podia ser ouvido. Havia uma dualidade implícita na escolha de palavras e novamente me vi debruçada sobre a citação deixada dentro do livro na Sonhos do Éden. De tanto relê-la, tinha memorizado.

Enquanto a repetia em pensamentos, lembrei de algo que o Martín me disse: “*garota de pouca fé*”. No momento pareceu sem importância, entretanto, se tivesse um sentido oculto? Minhas crenças se fundamentavam na história, e os registros bíblicos estavam repletos de furos.

Por isso é preciso ter fé — dizia minha avó materna. Para mim era uma desculpa para que as pessoas não questionassem a religião. Não era descrente, era agnóstica, estava aberta para crer, desde que minhas perguntas fossem respondidas.

E elas foram. Por meios inimagináveis.

Não naquela noite, por mais estranha que tenha sido.

Cansada de fingir que me divertia para que Belinda pudesse estar com Asier sem sentir-se responsável por mim, aventurei-me em explorar a área. A algazarra do pessoal me ajudou a abstrair a atmosfera aterrorizante e deixei que a história por trás das paredes e labirintos fluísse. Lamentei por não estar com minha câmera ou com o celular, faria fotos incríveis.

A iluminação oriunda das chamas e sombras projetadas nas paredes criou uma aura de suspense, o que contribuiu para que inúmeros cenários medievais se desenhassem na minha mente. Não obstante estava cogitando uma segunda festa naquele calabouço, com direito a vestimentas características. Não seria difícil consegui-las e adoraria viver uma noite na Idade Média. O difícil seria convencer um bando de adolescentes a vesti-las.

Aproximei-me da fogueira, montada dentro de um cerco de pedras. Esfreguei as mãos, absorvendo o calor das labaredas. Ergui a cabeça e percorri com o olhar o ambiente. Cinco portais circundavam a câmara onde estávamos. Não eram idênticos, de longe podia distinguir a arcada que os sustentava. Fechando o ângulo óptico, havia corpos desengonçados se movendo sem ritmo à batida eloquente da música eletrônica. Era como ter dois eixos históricos em congruência e não sabia de qual lado eu deveria estar.

— É difícil demais para você me ouvir? — Uma baforada de ar quente arrepiou minha nuca. — Onde está sua amiga?

— O que você quer, Iker? — Virei-me para confrontá-lo. — Merda! O que aconteceu? — Toquei seu rosto por reflexo e retesei os dedos ao perceber o que fazia. — Você não resiste a uma briga?

— Vai contra minha natureza. — Iker esfregou o polegar no lábio

inferior. Uma nova gota de sangue surgiu no segundo que a pressão findou e ele levou a mão à frente do rosto, examinando os resquícios deixados no seu dedo. — Não se preocupe, já estive pior.

— Com quem você brigou?

— Você sabe a resposta. — Seu olhar vagou para longe e o persegui. No portal oposto ao da entrada, duas figuras discutiam, e não precisei me esforçar para reconhecer Martín e Mia. — Temos opiniões divergentes. — O resmungo tinha um tom de desprezo. Voltei meus olhos para ele e presenciei um sorriso se formar. — Eu costumava achá-la fácil de ler... Não entendo o que mudou...

— Por que você acredita que algo mudou? Posso ter criado a impressão errada e enganado a todos.

— Você não o faria nem se quisesse. Tenho bons instintos. — Piscou. — Vamos encontrar Belinda.

— Ela está dando uns amassos no Asier.

— Onde?

— Sei lá, Iker. O especialista é você.

— Quero falar com você. — Mia irrompeu entre nós. — Agora!

— Não acato ordens suas. — Iker exibiu um sorriso debochado. — Vamos, Triana.

— Romero, não seja imbecil. — Mia parou-nos, segurando-o pelo tríceps.

O ouvi resmungar entredentes: — Solte-me. — Olhei-os de soslaio. Ela removeu a mão e deu um passo para trás. Ele continuava envolvendo meu braço direito num aperto firme. — Se quer ajudar, garanta que ele não fique no meu caminho.

Iker não esperou por uma resposta, escorregou os dedos pelo meu punho, entrelaçando nossas mãos e prosseguimos. Ele me puxou para si e desviamos de um garoto que equilibrava uma garrafa e três copos num abraço troncho. Eu teria tomado um banho de vodca se ele não fosse rápido. Para meu espanto, não demoveu o braço da minha cintura, firmou-o e me prendeu rente ao seu corpo, avançando a passos largos. Quem nos visse, teria a impressão errada.

— Pode me soltar, por favor. — Removi seus dedos do cóis da minha calça. — Não quero que pensem que estou com você.

— Por causa do Martín?

— Porque não é verdade — declarei, me enfiando na sua frente.

— E se fosse? — Segurou-me pelo cotovelo, unindo minhas costas ao seu tórax.

— Você pensa que faz o tipo de todas? — sibilei, olhando-o de lado.

— Você não sente nenhuma atração por mim? — Um sorriso provocante se desenhou.

— Não mais do que você por mim. — Desvencilhei-me dele e apressei o passo, interrompendo-me quando nos aproximamos de um portal, onde Martín estava escorado na parede, com os braços cruzados e o olhar inquiridor em nós. Encarei Iker. — Não farei parte de nenhum jogo entre vocês.

Ele ergueu meu queixo e deu uma piscadela: — Deixe comigo. — Atravessou o portal. — Pensei que nossa conversa estava acabada.

— Mais deles estão aqui.

Martín respondeu baixo e os vi olhando na minha direção, pareciam querer confirmar se eu poderia ouvi-los. Fingi estar distraída para que continuassem.

— Tem certeza?

— Leve-a para casa.

— Triana não irá embora sem a amiga.

— O que está acontecendo? — Eles calaram-se. Entreolharam-se num sinal de alerta mútuo. — Falem comigo! — Empurrei ambos. — O que houve?

— Triana... — Iker tocou meu ombro.

— Quem são eles? De quem vocês estavam falando?

— Não se preocupe, nada vai acontecer com você — Martín assegurou.

— Belinda? — Ele hesitou e desviou os olhos dos meus. — Onde ela está?

— Vamos encontrá-la — disse Iker.

— Qual é, garotos? — Fui surpreendida pela chegada de Mia. Ela estava sob o arco do portal. — Vamos ficar discutindo a noite toda ou podemos procurar pela garota de uma vez?

— Odeio concordar com a ruiva. — Iker passou a mão nos cabelos. — Vocês procuram por aqui. — Apontou para mim e o Martín. Bufei. Ele entortou o lábio, desculpando-se com um dar de ombros. — Sinto muito. Não confio em deixá-las sozinhas e preciso estar de olho em um deles.

— Se arrependimento matasse... — Mia inspirou fundo.

— Estaríamos todos mortos, estou certo. — O ouvi dizer enquanto ambos saíam, deixando-me a sós com Martín.

— Vou pela esquerda — apontei para a bifurcação metros à frente — e você... — O encarei, lembrando da garota em seu colo. — Tanto faz.

Um passo e ele segurou-me: — Não iremos nos separar.

— Estamos perdendo tempo. — Puxei meu braço e prossegui.

— Nunca quis te magoar.

Não aguentei, girei nos calcanhares e o olhei com a expressão endurecida. Eu era uma bomba prestes a explodir e a culpa era dele, nada mais justo que fosse atingido pelos estilhaços.

— Martín, você sumiu! — Cerrei os punhos e lábios, inspirei devagar, controlando minha respiração. — Não me mandou uma única mensagem. Por duas semanas me preocupei com você... Sofri por você, pensando no que poderia ter acontecido para que não desse notícias. Aí você retorna e é rude comigo, diz que não pode explicar, mas precisa se afastar... Eu deveria ser um segredo... Você não parece ter nenhum problema em ser visto com outra garota. — Arquejei. — Quando você não quis me magoar? Quer ser um imbecil, seja! Só não venha me dizer que sente muito. — Ele me encarou inexpressivo, o que aumentou minha frustração. — Se não for ajudar, adeus. — Retomei a caminhada.

Ele não emitiu qualquer som, seus passos não fizeram ruído, mas sua sombra ondulou ao lado da minha, através da luz bruxuleante das tochas. Aos poucos a música foi diminuindo até restar uma melodia débil, passível de ser quebrada ao menor sussurro. O limítrofe demarcado pelo clarão das chamas estava próximo, um casal surgiu da escuridão, correndo e abotoando as roupas.

— Voltem! — gritou o garoto.

— Esperem! — Martín os parou. — O que vocês viram?

— Gritos e...

— Bel! — Esqueci o terror que aquelas passagens me causavam, os calafrios que percorriam meu corpo e os pelos eriçados nos meus braços e nuca. — Bel?! — Corri em meio ao escuro.

— Triana! — Senti os braços de Martín detendo-me. — Perdida ou machucada, você não ajudará a encontrá-la.

— Como vamos continuar... — Minha voz falhou.

— Eu te guio. — Ele escorregou uma mão pelo meu braço e entrelaçou nossos dedos. — Se seguirmos devagar, consigo enxergar os vultos e formas.

Encolhi-me próximo a ele, apreensiva, e caminhamos com cuidado, adentrando cada vez mais o túnel. Um murmurinho ininterrupto fazia doer meus ouvidos. Flashes de memórias se impuseram. Eu me vi esbarrando no Martín, seus olhos curiosos encontraram os meus. Não estávamos no colégio. Era noite. Ele soergueu o braço esquerdo e frisou os cabelos, um cacho caiu sobre a testa. Em seguida, caminhava de costas, afastando-se.

A estação de trem. — Meus músculos retesaram-se. Martín moveu o polegar e afagou minha mão. — *Tudo começou quando ele apareceu.* — Senti minha pele resfriar-se e o bombear descompassado do meu coração.

— Alguém aí? Por favor!

— Belinda?!

— Ajudem-me, por favor. — Uma lamúria regada por choro atravessou as paredes. — Alguém!!!

— É a Bel! — Agarrei o braço de Martín, obrigando-o a parar. — Bel?! — As súplicas continuavam. — Bel!

— Acho que ela não pode nos ouvir. — Ele colocou a palma da mão nas minhas costas e me conduziu para perto da parede. — Desculpe — sussurrou, segurando meu rosto.

— O que... — Um vórtice acendeu-se nos seus olhos, a partir da pupila, irradiando faíscas por toda íris. — Martín... — Minhas pálpebras ficaram pesadas de repente.

Pancadas agudas sobrepunham imagens desconexas em um martelar insistente. Movi o corpo, meu nariz raspou o tecido, fazendo cócegas. Descerrei os olhos, recobrando a consciência. Meu pensamento estava acelerado, reunindo frases aleatórias e cenas vívidas demais para terem sido sonho. Um crepitar na janela atçou meus sentidos, dispersando o pandemônio que se instaurava em minha cabeça.

Empurrei os lençóis e coloquei as pernas para fora da cama, sentando-me na lateral. Analisei minhas roupas. Puxei a gola da blusa, por baixo vestia um sutiã camiseta, preto e com detalhes em renda. Não era uma peça de vestuário que usava em casa ou para dormir. Entre meus seios o pingente de plumas pendia. Na poltrona próximo a janela, havia uma calça jeans e blusa jogadas, no chão um par de tênis.

— Isso confirma que saí ontem à noite.

Meus pés descalços tocaram o tapete felpudo. Os baques persistiam. Percorri o cômodo. O trinco da janela estava destravado, escancarei suas dobradiças, empurrando as folhas de madeira para os cantos e fui atingida na testa por um graveto.

— Aí! — Esfreguei o local.

— Não era para te acertar.

Devo estar sonhando. Na dúvida, tire a remela dos olhos. — Passei a mão no rosto, obedecendo ao meu apelo interno.

— O que você faz aqui?

O orvalho recobria as folhas das árvores e gramado, impregnando o ar com uma essência delicada. Uma neblina tênue dissipava-se, recolhendo-se antes do amanhecer. Debaixo da minha sacada, Martín trazia um anseio desvelado em mãos que se moviam irrequietas e um olhar suplicante.

— Quero conversar...

— Você estava agarrado com outra garota há o quê... — Escorei as mãos no batente. — Quatro horas?

— Eu? Passei a madrugada em casa. — Ele coçou a cabeça.

Era você, sei que sim. — A imagem da garota no seu colo estampou-se diante dos meus olhos. — *Ou não? Há lacunas na minha memória. Lembro de ir à festa com Bel, de ver o Martín, de conversar com Iker e Mia. Chamas tremulando nas paredes e depois um escuro total.*

— Cinco minutos.

— Telhado. — Indiquei a árvore que ele deveria escalar. — Te encontro lá em cima.

Escorei-me de costas para janela, fitando a roupa abandonada na poltrona. Meu hábito era despi-las no banheiro e jogá-las no cesto, nunca em outro lugar. Mais uma vez era traída pelas minhas lembranças. Recordações e sonhos teciam um nó arrojado e não conseguia enxergar suas pontas para desatá-los.

Desisti de adivinhar o desfecho da minha noite. Dirigi-me ao *closet*, tirei um short do cabide e o vesti. Um bochecho com antisséptico, amarrei os cabelos em um rabo de cavalo desalinhado e saltei a janela, subindo para o telhado. Martín estava sentado com as pernas flexionadas e os cotovelos dobrados sobre os joelhos. Trajava uma camisa escura, jeans e coturnos. No braço esquerdo usava uma pulseira de couro em três voltas.

Acomodei-me ao seu lado, mantendo uma pequena distância entre nós. A fragrância em torno dele era envolvente e de uma sutileza embriagante. Distendi as mãos na manta asfáltica, reclinando-me de leve. Martín estendeu seus dedos, tocando os meus.

— Eu... — Pigarreou. — Tem algo aqui dentro — apertou minha mão — que não existia até te conhecer. Pensei que fosse desaparecer quando estivesse longe, mas...

— Por favor, Martín... — Retraí minha mão e me reposicionei, encolhendo minhas pernas — Não continue. Quando nós ficamos, perguntei o que esperar e você me disse que queria estar comigo. Então evaporou. Escrevi tantas mensagens. Não por achar que você me devia explicações, mas porque me

preocupe, queria saber se estava tudo bem, e aí me dizia que se você quisesse que eu soubesse onde ou como estava, se estivesse sentindo saudades, como eu estava, teria me escrito. Isso não foi o pior, o que me magoou foi você voltar agindo feito um babaca. Você foi indiferente, frio e grosso.

— Eu precisei...

— Por quê? — Virei para ele e sustentei seu olhar. — Um motivo, Martín. É só o que peço.

— Não posso.

— Você terá que entender que também não posso acreditar que será diferente.

— Entendo. — Acariciou a maçã do meu rosto. — E você? Crê em mim?

— Garota de pouca fé, lembra? — Ele assentiu e abaixou a cabeça, sorrindo. — Você não esteve na festa ontem?

— Não. Por quê?

— Esquece.



CAPÍTULO 12

“E teu nome é como uma oração”

Dom Quixote - Miguel de Cervantes

Fiquei no telhado após Martín ir embora. Minhas sinapses trabalhando

sem pausas, absorta em elucubrações e elencando os dados escassos sobre o que aconteceu desde a minha viagem de trem para Madri até a festa. Para onde quer que minhas teorias seguissem, ele era uma variável presente.

À tarde, encontrei com Belinda na Sonhos do Éden. De acordo com ela, não vimos Martín ou Mia na festa e fomos embora pouco depois de chegarmos porque estava chato, o que sugeria que ela também não lembrava de Asier.

Minha noite de sono foi agitada, o último mês era um emaranhado de acontecimentos desconexos, que de alguma forma pareciam concatenados, e deixar Belinda paranoica não me ajudaria a compreender tais eventos. Inventei uma desculpa para ficarmos até mais tarde na loja, revê-lo podia acionar sua memória, contudo, ele não apareceu para seu turno.

Por volta das dezenove horas, despedimo-nos da minha mãe e saímos. Uma lua cheia iluminava as ruas e decidimos apreciar a atmosfera de quietude, antes de irmos para casa. Caminhávamos entre as vielas do centro, nos deliciando com uma porção de mini churros.

Era começo de fevereiro, época de poucos turistas. Não havia movimento de transeuntes e o percurso que fazíamos era exclusivo para pedestres. Se déssemos as mãos e abrísssemos os braços, tocaríamos as paredes que margeavam o beco. Construídos em pedras pomes, os prédios de dois andares, com portas e janelas gradeadas, arandelas e flores nas sacadas, davam um ar romântico às ruas.

Estávamos no princípio de uma escadaria quando um homem saltou do telhado, caindo em pé, defronte para nós. Ele era alto, musculoso e tinha a pele leitosa. Os cabelos eram longos e platinados, os olhos de um verde-água néon. Segurei a mão de Belinda, desejando que ela compreendesse minha advertência. A saída era voltar, para isto teríamos que dar as costas ao estranho e, a julgar pelo seu porte, ele nos impediria em segundos.

— Espero que você valha o tanto de esforço que tem demandado. — Ele me olhou de cima a baixo. — Vamos, princesa — disse com deboche.

— Ela não vai a lugar nenhum.

O reconhecimento dominou-me. Meu corpo tombou para o lado em que minha amiga estava e esgueirei os olhos para o vulto que avançava pela viela.

— Está em tempo de vir para o lado vencedor. — O sujeito levou a mão às costas e puxou uma espada.

Meu grito ficou preso na garganta, os churros caíram. Belinda abraçou-me, chorando.

— Não vai rolar. — Iker agachou, puxou uma espécie de faca da bota.

— Você vai morrer! — exclamei em desespero.

— Escute-a e se entregue.

O homem moveu a espada, desafiando Iker a se aproximar. Eu queria arrastá-lo e fugir, mas o medo me paralisou. Os sons das lâminas zuniram nos meus ouvidos. Cerrei os olhos, amedrontada.

— Nós vamos morrer — Belinda balbuciou.

A adrenalina corria apressada por minhas veias. O tilintar das armas e o baque dos corpos em confronto reavivaram algo em mim. Sentia-me sendo engolida por uma neblina turva. Pestanejei, forçando a abertura ocular, no entanto não era o beco, Belinda ou Iker o que via. Eu corria sozinha, em pranto, ouvindo grunhidos e uma sombra devorando-me.

Triana, volte! — Uma ordem em timbre feminino exigiu nos meus pensamentos e a visão dissipou-se. — *FUJA*.

Levantei em um rompante, parecia que meus movimentos eram regidos por uma força onipresente. Olhei para Belinda, ela apertava minha mão, puxando-me com aflição.

AGORA! — emendou a voz.

Eu queria obedecê-la, entretanto permaneci em pé e meus olhos se fixaram no embate que se estendia na escadaria. Eles eram ágeis. Os corpos enérgicos moviam-se com destreza, os pés derrapavam nos degraus e usavam as paredes para impulsioná-los em assaltos sobre o adversário. Minha descrença no que estava acontecendo só não era maior do que o medo.

— Por que estariam atrás de mim? — sibilei, observando-os boquiaberta.

Belinda levantou e se encolheu ao meu lado.

— Temos que ajudá-lo.

— Fugam! — Iker exclamou pouco antes de ter o ombro alvejado. — Arghhhhhh — rugiu entredentes.

O cheiro de sangue jorrando deixou-me nauseada. Cambeleei, batendo as costas na parede. Belinda gritou e cobriu a boca, jogando-se no chão entre soluços abafados.

— Se você suplicar — o homem forçou a espada, aprofundando a ferida — e jurar sua lealdade... — Retirou parte da lâmina e enfiou de uma vez. Iker urrou, blasfemando em um idioma que eu desconhecia. — Posso poupar sua vida.

— Mate-me, desgraçado!

— Eu — ele afundou a lâmina até a metade —, realmente — levou a mão livre ao pescoço de Iker —, sinto muito.

— Meu Deus! — Belinda lamentou.

— Não!!!

Corri para alcançá-los. Iker estava sufocando. Ele não lutava, não resistia. Reuniu sua força em um suspiro e murmurou: — Não é o fim.

— É o seu. — O homem cravou a espada até a guarda-mão, atravessando o ombro de Iker, a ponta ensaguentada despontou abaixo dele.

Paralisei no terceiro degrau. No topo da escada, a lâmina de uma espada flamejante brilhou. Uma bruma púrpura anteveio a uma silhueta. Com braços distendidos em um ângulo de cento e oitenta graus, pés sobrepostos e pernas flexionadas, a figura saltou.

Não consegui desgrudar os olhos dela. Seus gestos eram sileciosos e incoercíveis. Seu corpo pousou num baque surdo. O estranho girou o rosto sobre o ombro. A lua refletiu no fio da espada, no seu flanco direito. As chamas gravitavam por toda a lâmina, que em um golpe célere deslizou de um lado ao outro de seu pescoço. A cabeça despencou, rolou pela escada e parou aos meus pés. Belinda gritou histérica. Eu estava em choque, meus membros não reagiam

— Estou sempre salvando sua pele. — Mia guardou a espada na bainha que trazia presa ao quadril e escorou Iker.

— Essa foi por pouco.

A ruiva seguiu na empunhadura da espada cravada no ombro de Iker e iniciou a remoção. Ele urrou, praguejando. O tronco corpulento permanecia em pé e parecia calcificar-se. Abaixei os olhos, o estranho que vi ser decapitado transformou-se em pedra. Vi quando a centelha néon dos seus olhos apagou-se e até o último fio de cabelo solidificou-se.

Minha consciência foi recobrando o controle e poderia jurar que tudo não passou de outra alucinação, o que explicaria o porquê os moradores da vizinhança não tinham chamado a polícia, apesar do choro insistente da minha amiga e dos gemidos do Iker. Mia retirou por completo a lâmina que estava presa no ombro dele e pressionou o local. Eu os olhava sem reação.

Aquilo não tinha como ser real. Era o que pensava até então.

Um grito de Belinda chamou minha atenção. Ela apontou para cima. Virei, Olhei para o céu, dezenas de pares de asas desciam sobre nossas cabeças. A viela foi invandida por gárgulas vivas.

— Salve-a — resmungou Iker. Virei para onde eles estavam. Mia o ignorou e prosseguiu a contenção que fazia no ferimento. — Vá! Você me deve isso. — Ele afastou as mãos dela. — Vá — repetiu, ofegante.

— Idiota. — Ela pegou a espada coberta pelo sangue dele e o entregou.

— Tente não morrer.

A garota desceu correndo os degraus, agarrou-me pelo braço, em seguida içou Belinda do chão e saiu arrastando-nos, sem dizer uma palavra. As criaturas vieram atrás de nós, algumas pousaram, outras sobrevoavam muito baixo, rosnando e tentando ferir-nos com suas garras.

— Abaixem — ordenou.

Minha amiga parecia catatônica, tremia e murmurava frases sem sentido. A abracei e obedeci à Mia, que sacou sua espada, desferindo golpes contra os monstros que nos cercavam. Quando diminuiu o número deles, ela se abaixou, empurrou a tampa de um bueiro e mandou descer.

— Ela não consegue — comentei, alisando os cabelos de Belinda.

— Vá na frente.

Estava escuro, pisei em falso e quase me estabanei. Consegui segurar-me e firmar o pé no aro de metal da escada. Ouvi um burburinho, deveriam ser ratos. Olhei para a saída. Lá fora havia monstros de asas e expressões demoníacas querendo matar-nos.

O que são uns ratinhos?

Continuei a descida e quando cheguei ao final, gritei por Mia. Ela colocou Belinda pela entrada do bueiro e segurou até que eu conseguisse abraçar suas pernas e descê-la, depois foi sua vez. Ela entrou, fechou a tampa e pulou do início da escada ao fundo do túnel.

A garota despiu a espada da bainha, mais uma vez, e a ergueu. As chamas surgiam do pomo e expandiam-se por toda a lâmina, oferecendo-nos claridade suficiente para ver cerca de dez metros à frente.

— Vamos por aqui.

— Aquelas coisas eram gárgulas?

— Vocês os nomearam dessa forma — respondeu, como se falássemos sobre a cor das paredes. — Eles são demônios. — Olhou para trás quando não ouviu meus passos. — Anda logo!

— Você cortou a cabeça de um homem!

— Ele era o vilão.

— Deixamos o Iker para trás.

Ela girou o corpo e me encarou: — Iker deu a vida para salvá-la. Ele morrerá por nada se não formos para um lugar seguro antes que nos capturem. — Eu segurava minha amiga pela cintura, seu braço apoiado no meu ombro. — Esqueci da garota.

Mia refez os passos. Diante de Belinda, seus olhos acenderam-se, uma

fagulha avermelhada, como lava de vulcão, revestiu sua íris. Um lampejo trouxe Martín aos meus pensamentos.

Seu rosto, sua voz, seus olhos.

Um vórtice de raios projetou-se a partir de sua pupila.

Não sei quanto tempo fiquei mergulhada em memórias, retornei delas com Belinda chamando-me.

— Tri, você está bem?

— Eu... — Olhei para Mia, que segurava a espada como se fosse uma lanterna. Ratos perambulavam por gretas entre as pedras. — Tudo bem contigo? — Fitei Belinda, sem entender como ela não estava surtando.

— Sim. Estou adorando explorar as galerias subterrâneas e não vejo a hora de chegarmos a casa de Mia para a sessão de filmes de terror.

— O quê?

— Triana, se quiser, pode ir.

— Sem agressividade, Mia. — Belinda pendurou-se no meu braço. — Você está preocupada em encontrar com Martín?

— Interessante. — Mia arqueou a sobrancelha.

— Conversamos hoje cedo, ficou claro que não haverá nada entre nós. — Dei de ombros. — Não estávamos com pressa?

Percorremos os túneis, entrando e saindo por passagens escondidas. Nada despertava o assombro de Belinda. O cúmulo foi quando saímos em um porão que nos levou ao *Monastério de San Juan de los Reyes*. Estive muitas vezes ali para não reconhecê-lo.

Mia nos conduziu por um aposento no piso superior, com estantes abarrotadas de livros até o teto. Nunca tinha estado naquele cômodo, não achava que estivesse aberto para visitação. Ela deslocou uma das partes da estante, revelando um corredor. Adentramos e saímos numa sala ampla. Mobiliada ao estilo provençal, a decoração era aconchegante e romântica, em tons de marrom e bege.

Havia um sofá de três lugares e duas poltronas do lado oposto, no centro uma mesinha, todos com pés abaulados, um lustre com lâmpadas no *design* de velas, e próximo a uma janela, tinha uma estante com entalhes simples, porém sofisticados.

Mia nos mandou sentar e disse que buscaria alguns lanches. Não demorou dois minutos e ela voltou com uma bandeja e três copos. Dispôs na mesa e pegou as bebidas, oferecendo-nos. Observei que ela não estava mais com a espada ou a bainha. A ruiva pegou o copo restante e sentou-se numa das

poltronas, cruzando as pernas e sorrindo.

O barulho de vidro partindo-se, assustou-me. Olhei para o lado, Belinda deixara o copo cair e seu corpo debruçava-se no encosto do sofá.

— Ela está dormindo, não se preocupe.

— Como... — Engoli em seco, devolvendo o copo para a bandeja. — O que você quer comigo? O que fez com minha amiga?

— Já disse, ela está dormindo.

— Antes, o que...

— Dei a ela uma realidade com a qual pudesse lidar.

— O que aconteceu hoje...

— Uma batalha. — Mia bebericou o suco. — Envie mensagem para seus pais e avise que dormirão na casa de uma amiga.

— Você me dará respostas? — Puxei o celular do bolso e escrevi para minha mãe. Inventei que encontramos uma amiga do colégio e ela perguntou se poderíamos lhe fazer companhia, porque os pais tiveram que fazer uma viagem de emergência. Pedi que ligasse para mãe da Bel e explicasse. — Mia, um homem foi assassinado na minha frente e virou pedra. Iker pode estar morto.

— O que você poderia fazer? Morrer com ele?

— Nós o abandonamos.

— Eu sei, não é a primeira vez que você diz isso. — Ela tomou um gole generoso e abaixou o copo, segurando-o entre as duas mãos. — A única razão para você estar aqui, é porque Iker quis assim. — Olhou-me com intensidade. — Ele salvou a vida do meu irmão. Uma vida por outra e ele escolheu que eu salvasse a sua.

— Quem são vocês? Ou seria O QUÊ?

— Você é mais inteligente do que isso, Triana.

— Desculpe, mas fomos atacadas por gárgulas.

— Demônios — corrigiu-me.

— Que seja. Não acho que nenhum conhecimento que eu tenha sirva de base para explicar o que aconteceu esta noite. No meu mundo, gárgulas são estátuas monstruosas projetadas nas caleiras de catedrais e outras construções medievais.

— Você sabe o porquê elas estão lá?

— Algo como alertar os fiéis que os demônios jamais descansam, estão sempre a sondá-los, mesmo em locais sagrados.

— Contam os antigos que antes da criação do mundo, quando tudo era

poeira cósmica, duas forças antagônicas viviam em equilíbrio, dois irmãos: Yin, regida pelo princípio da destruição, e seu irmão, Yang, regido pelo princípio da criação. Enquanto ele concebia a harmonia a partir do caos, ela destruía tudo o que tocava. Yang aprimorou suas habilidades e criou um universo, com seres celestiais, flora, fauna e, por fim, humanos. O que era nada, transformou-se em mundo. Como manter o equilíbrio? Yin propôs um pacto, Yang daria a sua criação o livre-arbítrio. O mundo, como suas forças antagônicas estariam acessíveis a todos, cabendo a eles escolher entre harmonia e caos. — Mia levou o copo à boca, em seguida o colocou na mesa de centro. — Você pode deduzir que não deu certo. O pacto pressupunha que nenhum dos dois poderia interferir nas escolhas humanas. Não foi como aconteceu. Yin assumiu sua forma feminina, automeu-se Leviatã e andando na Terra, seduziu e corrompeu milhares de homens e mulheres, absorvendo suas almas e tornando-os seus súditos. Demônios. Quando Yang descobriu, a aprisionou no fundo do oceano e culpando-se pelo destino dado àqueles que a seguiram, ele permitiu que vivessem nos confins da Terra. Ele sabia que sendo filhos de Yin, os demônios buscariam formas de levar outros humanos à destruição, portanto ele os amaldiçoou. Aqueles que vagassem na Terra teriam seus corpos petrificados, e retornariam à vida ao cair da noite.

— Aquelas coisas ganham vida à noite?

— Não todos, alguns são estátuas que vocês reproduziram ao longo dos séculos. Foco no que estou falando. — Ela estalou os dedos. — Por muito tempo os demônios se mantiveram reclusos. Quando Leviatã foi resgatada, a maldição não foi o bastante para mantê-los afastados. O Criador enviou o seu nobre arcanjo para combater os demônios, liderando um exército celestial. Este é o início de uma outra história, a qual imagino que você conheça como a queda de Lúcifer. Pulemos mais alguns séculos, até os dias atuais... Um contingente de demônios voltou à ativa, o suficiente para que os decaídos quebrassem o pacto com Yang e deixassem o Inferno. Essa comoção em solo terreno, fez com que as coisas ficassem agitadas nos Campos Celestiais, boatos e especulações ganharam proporções inimagináveis, e o nosso pai enviou-nos para averiguar estes eventos.

— Você está falando de Deus? Quer dizer Yang? Eles são a mesma pessoa, certo? O Criador é o que conhecemos como Deus, que na verdade se chama Yang? Estou confusa.

— Ele tem muitos nomes entre os humanos, tanto faz a forma como o nomeie, o importante é sua fé. Mas não, quando disse “*nosso pai*”, me referi ao meu pai e do Martín.

— Vocês são... — Toquei o colar com as penas em meu pescoço.

— Damabiah? — Olhei para entrada da sala. Meus olhos cruzaram-se com os do Martín. — Oh, Deus! — Ele suspirou fundo e correu ao meu encontro, ajoelhou-se na minha frente e repousou a testa na minha perna. — Você está bem. — Sua voz era um murmúrio e transbordava emoção. Eu o olhava, desejando tocá-lo, sem saber se deveria, e continuava a acariciar as plumas. Mia levantou-se, observando-nos lívida. — Tive tanto medo. — Ele ergueu a cabeça, uma lágrima corria por sua face.

— Está tudo bem, Martín. — Afaguei seu rosto. — Ou seja qual for seu nome verdadeiro.

— Hamon. — Ele fechou os olhos e mais lágrimas caíram.

ASSOCIANDO OS NOMES



Triana



Martín Hamson



Iker Mehiel



Mia Damabiah

CARICATURAS POR VIH SINGER



CAPÍTULO 13

*“Eu caminho contra a corrente,
luto por aquilo em que acredito
Eu corro para o fim,
tentando não desistir”*

Lost - Within Temptation

E, no subsolo da cidade, tendo os demônios levado Mehiel até Samael,

este se divertia ao infligir dor ao decaído.

— Quanto tempo o filhotinho vai aguentar longe da coleira?

— Vá à merda! — Mehiel rosnou.

— Vejo que meu irmão não ensinou boas maneiras. — Samael afundou o dedo na ferida. O decaído gritou, contorcendo-se de dor. — Assim está bem melhor. — O anjo desertor abriu suas garras e arranhou de dentro para fora, rasgando a carne já lesionada. Os gemidos de Mehiel intensificaram-se, suas íris reluziram. — Olhe para você, o que fez para merecer ter suas asas arrancadas? Estás a pagar por escolhas feitas muito antes da sua concepção. — Ele interrompeu a tortura e deu um tapa no rosto do decaído. — Seu poder lhe foi roubado. O que restou? Olhos brilhantes? — Gargalhou, empurrando o polegar para o buraco deixado no ombro do outro. — Eles podem reger elementos da natureza, vivem em palácios. E você? Quantos séculos viveu trancado no Inferno? O que pensas que acontecerá se Lúcifer ou Miguel conseguirem me deter? Você voltará para o Inferno!

— Que assim seja! — bramiu entre gemidos.

— Não tenho paciência com idiotas. — Samael o fez ajoelhar, forçando o ombro machucado. — Poderia matá-lo.

— Mate!

— Não. — Enrugou o nariz e piscou, curvando os lábios em um sorriso mordaz. — Torturar é mais divertido.

Samael arrumou a lapela do paletó vinho, cruzou as mãos nas costas e afastou-se, caminhando pensativo pelo salão. Era um homem de músculos robustos e muito atraente. Os cabelos e barba variando do loiro para o grisalho, olhos castanhos. Ele subiu os dois degraus que levavam ao altar elevado e acomodou-se em um trono. O móvel, disposto entre outros dois, tinha sua estrutura em ouro maciço, acolchoamento felpudo e dourado.

Estavam nos calabouços do *Castelo de San Servando*, onde se estendia um conglomerado de galerias e saletas, mobiliadas com o requinte da Era Renascentista. O salão circular onde se encontravam era o elo que interligava todos os aposentos subterrâneos da construção. O piso e paredes em pedra contrastavam com a pintura do ouroboro de três voltas. Lustres, candelabros e poltronas forradas em veludo, nos mais diversos tons de vinho, espalhavam-se pela área.

Acorrentado no meio do salão, Mehiel agonizava. Descalço, com as calças rasgadas e o peito despido, o jovem decaído exibia os espólios de sua última batalha na pele.

— Diga-me, filhotinho, quem são seus pais na linha de comando? Você é jovem, entretanto é mais forte do que a maioria dos decaídos que se uniram a mim. — Samael ergueu o braço, abriu a mão em concha e a girou. Mehiel sentiu um aperto no pescoço, a respiração falhou. — Acho que é o suficiente. — O anjo desertor ajeitou a gravata. — Por que você é o menino de ouro do meu irmão?

— Sou bom na arena. Quer ver? — Cuspiu sangue.

— Admiro sua coragem, ou burrice — meneou a cabeça —, mas tenho outros planos. As meninas vão adorar a nova aquisição.

Mehiel ouvira falar que os demônios capturavam decaídos para serem escravos sexuais, o objetivo primário era a reprodução. Aqueles de linhagem de sangue próxima aos arcanjos possuíam mais poder, embora ele se limitasse a força, destreza e inteligência, porque, sem asas, sua essência celestial ficava aprisionada, quando tinham filhos com demônios, estes absorviam a energia celestial consanguínea e se tornavam criaturas superiores às gárgulas, ficando livres da maldição.

Em seguida ao nascimento do primeiro filho, o decaído poderia ser mantido para reprodução, se tivesse cumprido ao propósito de gerar uma criatura superior, ou era enviado aos prostíbulos na Terra, para saciar os prazeres mundanos. Sua aparência esbelta e corpo atlético, além dos membros robustos no caso dos machos, eram frequentemente usados para seduzir os humanos.

— Não irei foder com demônios.

— Estou te oferecendo prazer ao invés de tortura.

— Fique com seu prazer e mate-me de uma vez.

— Esqueci de avisar — um estalar de dedos e Mehiel sentiu seu membro enrijecer, sem que pudesse fazer nada para impedir —, você não tem escolha. Acho que deixarei Lilith fazer as honras, faz tempo que não a presenteio. Você não é virgem, é?

— Isso não vai acontecer.

— Será que você é meu sobrinho? — Samael colocou o dedo indicador na têmpora. — Tão teimoso quanto Lúcifer. Aquele imbecil apaixonado deve ter se tornado celibatário.

— Digo de quem sou filho e você me mata.

— Onde você ouviu que sou clemente, filhotinho?

— Não sou um filhotinho!

— E não sou clemente. — O desertor levantou. — Sua morte não me trará nenhum benefício. Levem-no à prisão! — ordenou a dois demônios que guardavam a entrada.

Existiam três categorias de demônios abaixo do grã-mestre e seu filho, as gárgulas eram maior número e mais fracos, eles não tinham disciplina e treiná-los para lutar mostrou-se infrutífero, seus ataques eram animais, não obedeciam a uma estratégia. Eles eram enviados como massa de manobra.

Depois vinham os demônios de segunda ordem, eram decaídos que se uniram à Samael, estes entregaram sua alma em troca de mais força. E por último, os demônios superiores, eram em menor número, e a fusão da energia celestial e demoníaca os tornava implacáveis. Diferente dos anteriores, quando morriam, seus corpos não viravam fumaça ou pedra.

Mehiel foi deixado acorrentado numa cela vazia. Ele sentou-se no chão de pedras, recostando-se na parede. Agradeceu pela corrente permitir alcançá-la, porque precisava descansar. A ferida latejava, a ereção doía e sua mente não parava de perguntar se Damabiah conseguira salvar as garotas e a si mesma.

Pensou no que o aguardava e não conseguia imaginar uma tortura maior do que ser escravo sexual. Se dissesse quem eram seus pais poderia ser dispensado e morto, eles não podiam estar mais distantes da linhagem de regentes. O problema era que Mehiel não era apenas teimoso, era orgulhoso e insolente, nunca daria a Samael o que ele queria.

Desde que completara doze séculos, tornou-se tutelado de Lúcifer. Ele o ensinou e treinou pessoalmente, instruiu quanto às leis e suas obrigações, a mais importante delas: *“Chegará o dia onde você será o guerreiro mais poderoso do Principado e eu o enviarei à Terra para proteger a joia mais rara deste mundo. Faça o que tiver que fazer para mantê-la viva”*.

Quando Lúcifer o chamou e pediu que arrumasse suas coisas porque iria viver entre os humanos, ele soube que era chegada a hora de cumprir com o que fora designado ainda criança. Foi lhe dito para observar a garota à distância e interferir se os demônios se aproximassem dela. A frase que ouviu por séculos não foi repetida, não houve nenhum aviso sobre a garota, mas bastou vê-la para que soubesse que ela era a joia que deveria proteger.

Triana era tudo, menos comum, foi sua primeira observação sobre ela. O decaído gostava de observá-la depois do colégio, quando a garota saía com sua câmera, fotografando as coisas mais aleatórias, desde uma pedra na calçada até uma folha que mudara de cor. Faltavam-lhe alguns parafusos, foi sua segunda nota sobre ela.

Mais alguns dias a observá-la e chegou a sua terceira e última sentença: Triana era uma garota além do seu tempo. Ela apreciava história, literatura e não dava a mínima em ser a estranha da turma, porque ansiava por relações genuínas. Acreditava em romance, não precisava de flores ou cartas

apaixonadas, mas era essencial o friozinho na barriga e o brilho no olhar.

Por seis meses, protegê-la foi simples e deixou Mehiel com muitas horas livres para curtir sua estadia na Terra. Tempo muito bem aproveitado, com um número vasto de garotas e muitas festas.

Se morrer, pelo menos pude conhecer como é viver livre — pensou, rememorando tudo o que tinha feito desde que saiu do Inferno. — *Não quero voltar* — surpreendeu-se com a confissão interna.

Eles não eram como os anjos, podiam amar e sofrer como os humanos, por que deveriam seguir as regras celestiais e limitar suas experiências a aprender a arte da guerra e dominar o conhecimento do mundo? Eles viviam no subsolo, sem nunca ver a luz do dia, aqueles que nasceram após o Dilúvio só conheciam os astros da natureza através de ilustrações. As perguntas atormentavam Mehiel e o faziam se sentir fraco e manipulável, por ser afetado pelas palavras de Samael.

Não era verdade, os questionamentos surgiram quando se deu conta do quanto lhe foi negado. Um ou dois dias na Terra bastou para perceber que mais valia um ano de vida mundana do que séculos incontáveis aprisionado ao Inferno. Sua revolta fortaleceu-se ao ficar frente a frente com todo o potencial que lhe foi arrancado ao nascer, Hamon e Damabiah eram a personificação de como seria se não tivesse o azar de ser filho de decaídos.

Para ele, a única desvantagem dos anjos era o não sentir, mesmo na dor, acreditava que as emoções eram parte de estar vivo. Todavia, assim como o veneno de demônio podia ferir um anjo e fazê-lo agonizar, Mehiel acreditava que sentimentos poderiam ser despertados.

Lúcifer amou e apesar de não falar a respeito, era visível que nem os séculos puderam destruir seu elo com a humana. Mais uma vez Samael acertou, o irmão era celibatário. Uma outra oposição entre anjos e decaídos, enquanto os primeiros se uniam tendo como fim a reprodução e continuidade das linhagens, os decaídos eram livres para escolher se queriam, ou não, relacionar-se.

Mehiel ponderou se aquelas reflexões se relacionavam com a proximidade da morte. O ombro esquerdo não doía como antes, o braço estava dormente. O incômodo maior era a excitação a que fora induzido e não demonstrava sinal que fosse desaparecer por ora.

A cabeça pendeu sobre o ombro direito. Ele analisou as ranhuras no seu tórax, o sangue ressecado cobria a maior parte da pele. O olhar recaiu sobre o bracelete, posicionado logo abaixo da algema que se ligava à corrente com peso presa ao seu tornozelo. A peça produzida em fibra de carbono tecia linhas pretas entrelaçadas e ajustava-se ao seu pulso, mantendo encoberta a marca de

nascença que trazia, um presente de Lúcifer.

— Quais eram as palavras? — murmurou, vasculhando suas memórias. — *Ia-ial ednas cicles.* ^[u] — Arregalou os olhos, aturdido com os feixes luminosos que fluíam sob o bracelete e enroscavam-se a ele, a partir do traçado. — Que porra é essa?

Um córrego de impulsos brilhantes enraizou-se por seu braço. Ele endireitou o tronco, testemunhando as lacerações fecharem-se por onde o fluxo passava. Como um rio e seus afluentes, o lume azulado tomava um curso unificado. Seu coração era o destino e Mehiel sentiu uma força esmagadora bombeando-o. Suas costas arquearam numa resposta instintual à descarga elétrica que desceu sua coluna.

Ele jogou a cabeça para trás e os olhos reluziram, formando um círculo inflamado no entorno da pupila. A lesão ardia e queimava, os urros e pragas que vinham aos seus pensamentos eram silenciados antes de chegarem aos seus lábios. Sentia os músculos lacerados sendo repuxados, a dor era insuportável e em instantes consumiu seus sentidos.



CAPÍTULO 14

*“Deixe-me ser sua luz agora
Há uma verdade
que não pode negar
De alguma forma,
desta vez
Você não vai negar”
Endlessly - Amaranthe*

— Você é um anjo.

— Não qualquer anjo. — A repulsa de Mia era notória. — Ele será um arcanjo em breve e liderará o exército celestial.

— Damabiah. — Reconheci a advertência no timbre de Martín.

— Ela precisa estar ciente do que você está arriscando. Pergunto-me se você sabe, Hamon.

— Não posso evitar. — Ele envolveu minha mão que segurava as plumas. — Pagarei o preço que me couber.

— Do que vocês estão falando?

— Nada que mereça sua preocupação. — Martín voltou os olhos para Belinda. — O que aconteceu?

— Elas foram encurraladas. — A ruiva abaixou os olhos. — Mehiel intercedeu. Eu interfeirei quando ele ia ser morto, lhe devia por ter salvo sua vida. Fomos cercados por demônios e ele pediu que a salvasse.

— Ele não estava na viela. Só havia corpos de demônios.

— Sem chance de ele ter vencido essa batalha. Devem tê-lo levado como prisioneiro.

— Ele está vivo! — Um sorriso brotou. — Nós podemos resgatá-lo.

— Você aprendeu a manejar uma espada quando? — Mia me encarou com deboche. — Se o levaram vivo, não planejam matá-lo.

— Ele nos salvou!

— Ele se sacrificou e sabia o que estava fazendo — rebateu ela.

— Martín, por favor.

— Se formos hoje, eles estarão a nossa espera. Amanhã, montarei uma força-tarefa para resgatá-lo, prometo. — Ele acariciou meu rosto e levantou-se. — Mas você não fará parte disto. Mia, pegue um cobertor para Belinda. — Estendeu-me a mão. — Você deve ter muitas perguntas. — Anuí. — Venha, responderei tudo o que eu puder.

Ele entrelaçou nossas mãos e me guiou pelos aposentos adentro, primeiro por um *hall* decorado com quadros, em seguida por uma saleta com poltronas e estantes com livros, por conseguinte seguimos um corredor com portas de ambos os lados e uma última ao final. Ele a abriu, esperou que entrasse e a fechou atrás de si.

O cômodo era um quarto e, como o restante dos aposentos, o mobiliário era provençal. Na parede lateral havia uma grande janela, em frente à porta, uma cama, ladeada por uma cômoda e um criado-mudo, acima da cômoda tinha um espelho oval e um abajur. Os mesmos tons da sala predominavam no quarto, o toque nude ficava por conta do acolchoado da cabeceira, lençóis e do carpete que

recobria todo o piso.

— Pode ficar à vontade. — Corei com o comentário. Ele fez um giro com os olhos e voltou-se para mim. — Estou aprendendo essas coisas de humanos. — Sacudiu as mãos. — Desculpe, não era minha intenção te constranger ou insinuar algo. Este é meu lugar aqui — olhou de relance para a janela —, no seu mundo. — Martín retraiu os ombros e buscou meu olhar. — Se te deixar mais confortável, nós nem poderíamos... — mordeu o lábio — ir tão longe. Em tese sim, se eu fosse capaz de controlar minha energia quando estou com você, o que não acontece.

— Anjos podem... — Arrependi-me logo que proferi aquelas palavras, mas era informação demais para não ficar curiosa. Ele aquiesceu. — O que poderia acontecer...

— Se perdesse o controle?

— É. — Entortei o lábio.

— Numa relação entre um anjo e um humano... Se eu tomasse minha verdadeira forma durante... — Seu pomo de Adão elevou-se. — Eu a mataria. — Engoli em seco. — Não vou machucá-la, Triana. — Ele alisou meu cabelo. — Na verdade, farei qualquer coisa para protegê-la.

— Elas são suas? — Abaixei os olhos para as penas.

— Não vi quando caiu no seu quarto. Te devo alguns pedidos de desculpas, apaguei sua memória duas vezes, roubei o rolo de filmes da sua câmera, invadi o local onde você revela as fotografias. É o seu lugar, não é? — Assenti. — A observei no telhado, muitas noites. A maioria delas desde que estou aqui.

— E me despiu.

— Foi Mia. Pedi que ela a deixasse em casa. Quando a salvei em Madri, percebi que você lembrava de algumas coisas e o quanto isso te deixava mal, me senti culpado. Não queria que acontecesse de novo, achei que se acordasse e tudo estivesse em seu lugar, isso te convenceria que nada incomum tinha acontecido.

— Foi gentil, mas não funcionou.

— Minha influência foi menos eficiente do que da primeira vez. Creio que tem relação com sua descendência, o que também deve ser a razão pela qual sua presença cria uma ponte entre seus pensamentos e minha mente. Posso ouvi-la sem precisar recorrer aos meus poderes.

— Você escuta o que penso?

— Não tenho controle.

— Mia e Iker também podem?

— Iker é um decaído, ele não tem poder de influenciar os humanos. Mia deveria poder, mas ela não consegue com você. Não sabemos o porquê, não há muitas informações sobre nefilins...

— O quê?

— Nefilins são filhos...

— Sei o que são nefilins. O que isso tem a ver comigo?

— Acreditamos que o motivo dos demônios estarem caçando-a é porque você é a última descendente de Lúcifer, a herdeira da linhagem dos nefilins.

— Eu parei em Lúcifer... Estamos falando do diabo? Rei do inferno? E você disse que Iker é um decaído? Como Lúcifer? Por que os demônios atacariam seu rei? Por que Iker me protegeria?

— Respira um pouco. — Ele segurou minha mão. — Sente-se. — Levou-me para sua cama e nos acomodamos na beirada. — A história de Lúcifer e Inferno perpetuadas pelo seu povo não corresponde ao que aconteceu, o que importa saber é que Lúcifer é o regente do Principado dos Decaídos. Esqueça o fogo, a tortura e todo o resto. O diabo, por assim dizer, o mal verdadeiro e absoluto reside no Submundo, muito abaixo do Inferno, e é regido por Samael, irmão de Lúcifer, e suas esposas: Lilith e Leviatã. Eles escaparam e estão escondidos por aí, acreditam que seu sangue é a arma necessária para destruir os outros Principados e governar a Terra.

— É tudo por minha causa? Eles levaram Iker porque querem a mim? Eles estão por aí, andando entre nós, sabe-se Deus o que são capazes de fazer para conseguir meu sangue.

— Triana...

— Devolva minhas memórias.

— É melhor não, você já está lidando com os fragmentos.

— Mart... Hamon, quero que devolva minhas memórias.

— Está bem. — Levou a mão à cabeça, bagunçando os cachos. — Olhe nos meus olhos. — Ele segurou meu queixo, virando-me para si.

— Como...

Meu cérebro foi inundando pelas lembranças da minha ida a Madri, desde o momento que nos chocamos na entrada da estação até quando ele me deitou na minha cama, em seguida me vi na festa com Bel, Martín beijando outra garota, a chegada de Asier, a conversa com Iker e Mia, nós dois buscando por Bel e ele me pedindo desculpas.

Martín levantou e se debruçou na janela. Eu fiquei olhando-o,

processando as imagens e conversas que respondiam às milhares de dúvidas que me atormentavam por semanas. E em meio à toda aquela loucura, a cena que se fixou em minha mente foi ele com a garota no colo.

— Lembra a estrela cadente que vimos? Era Mia. Os humanos não veem anjos e demônios em sua verdadeira face. Quando estamos transmutados, o que vocês enxergam são fenômenos da natureza. Como quando o vento acariciou seu rosto no telhado... Fui eu. — Ele virou de costas para a janela e cruzou os braços. — Na presença de seres celestiais, em um raio de quinhentos quilômetros o inconsciente coletivo dos humanos é transportado para uma realidade paralela. Isso ocorre de modo instantâneo, é uma defesa que o Criador inseriu na constituição humana.

— Eu vi. Belinda também.

— Nós temos a habilidade de nos revelar, se quisermos. Os demônios também, além de serem poderosos em seduzir e manipular seu povo. Prosseguindo, quando voltei para casa, Iker me esperava exigindo que me afastasse de você. Ele tinha argumentos que comprovavam que quanto mais perto eu chegava, maior era o perigo que estava correndo. Nós fomos atacados, me feri gravemente. Nós, anjos, não podemos morrer com qualquer arma, se você me desse um tiro, eu viveria. Há duas formas de morrermos: armas celestiais, que só os anjos possuem, e veneno de demônio, o que descobri naquela noite. Iker enfrentou Lúcifer ao me levar para o Inferno e salvou minha vida. Quando me recuperei, decidi que o melhor era me afastar e precisava convencer a todos que não tinha vínculos com você.

— O que mudou? Você me procurou disposto a retomar o que começamos.

— Você estava em perigo de qualquer jeito e se estivéssemos juntos poderia protegê-la na maior parte do tempo.

— Ninguém o ajudará a resgatar Iker, não é? Pelo que entendi anjos e decaídos não são um time.

— Temos um inimigo em comum, é o bastante.

— Até que a prioridade de um ou outro mude. — Ele não contestou. — Asier também é um de vocês?

— Quem?

— O atendente da Sonhos do Éden, que também era o encontro de Belinda na festa.

— Dalkiel. Ele é um híbrido, um anjo demoníaco, como Samael.

— Como você encontrará o quartel general dos demônios? — Deixei que

os pensamentos embaraçosos circulassem livremente para que pudesse ocultar minhas reais intenções.

— Fui enviado para vigiá-los e desvendar o que planejam, é meu dever localizá-los.

— E você conseguiu? — Precisava obter a informação rápido, porque eu desconhecia limites e estava me perguntando como ele deveria ser por baixo das roupas.

— Eles estão no *Castelo de San Servando*. Você sabe que estou ouvindo seus pensamentos, certo?

— Nesse caso... — Suspirei, inventando uma boa desculpa para estar imaginando-o nu. — Suas asas, elas ficam invisíveis ou tem alguma marca no local?

— Isso. — Ele riu. — Elas são retráteis e sim, tenho duas listras proeminentes, ficam no princípio das omoplatas. Quando assumo minha forma celestial, elas se abrem, permitindo a expansão das asas.

— Você precisa se despir? Desculpa, nunca conheci um anjo antes.

— Os ossos que constituem a estrutura das asas rompem o tecido. — Ele removeu a jaqueta e se aproximou da cama, estendendo-a. — Veja, ela tem duas aberturas, ficam escondidas pelo revestimento e quando forçadas se espaçam. Se precisar voltar à forma humana, a camisa rasgada não estará visível.

— Não lembro de ver Mia com casacos.

— Ela prefere roupas de alças que deixem as marcas livres. Como usa os cabelos soltos, ninguém as vê.

— Dói?

— Não sentimos dor.

— Como assim não sentimos dor?

— Somos imunes às emoções. Quando somos enviados para interagir com humanos, recebemos um treinamento de habilidades sociais. — Sentou-se ao meu lado. — Aprendemos a demonstrar sentimentos através de expressões, para que sejamos capazes de nos misturar entre vocês. Por natureza, fomos criados para sermos guerreiros.

— Nada de harpas? — Negou. — Canções fofinhas?

— Não. — Sorriu.

— Isso — aponte para seu sorriso — é encenado?

— Não sou o mesmo desde que a conheci. — Volveu os olhos para a janela, mirando o infinito, depois olhou-me com ternura. — O que tentei dizer essa manhã — ele colocou a mão no peito — é que você me fez sentir.

— Por causa do meu sangue nefilim.

— Não tenho certeza. — Ele pegou minhas mãos, repousou entre as suas e as acariciou. — Sinto-me no dever de protegê-la, e poderia entender isso como consequência de sua descendência, mas quero fazer muitas outras coisas com você, Triana. Quando a beijei... — Puxei uma das mãos e coloquei sobre sua boca.

— Tive pensamentos impuros com um anjo, meu saldo deve estar bem negativo nas esferas superiores. — Demovi o contato com seus lábios, porque meus dedos começavam a dedilhá-lo. — Não consigo falar sobre — desviei os olhos para o colar no meu peito — nós. Não hoje.

— Vou deixar que descanse. Há um banheiro na primeira porta à esquerda e pode pegar o que precisar. — Ele apontou para uma porta que não havia notado, na parede oposta à janela.

— É seu quarto.

— Durma aqui. Estarei ocupado, preciso elaborar uma estratégia para o caso de as coisas não saírem como o esperado no Inferno.

— Você quer dizer, se Lúcifer decidir que você é uma ameaça.

— Triana, o que acontecer é resultado das minhas escolhas. — Sua jaqueta estava sobre minhas pernas, ele colocou sua mão sobre ela, em cima da minha coxa. — Não se martirize. Lembre-se do que lhe disse, sou um guerreiro e quando entro numa batalha, sei dos riscos.

— Foi o que Mia disse sobre Iker.

— Decaídos são suscetíveis às emoções humanas e sei que este foi o motivo pelo qual ele não me deixou morrer, contudo, a pedra angular que nos orienta é só uma: garantir que o bem prevaleça sobre o mal. Ele, como eu, foi educado como um guerreiro. Sua missão é protegê-la.

— O que Samael quer comigo? Se quisesse minha morte...

— Ele a quer viva.

— É muito para absorver.

— Vou deixá-la descansar. Não se preocupe com sua amiga, ela não lembrará de nada do que aconteceu.

— E amanhã? Ela não verá onde estamos?

— Irei me certificar que ela apenas desperte para a realidade a partir do momento que estiverem em um táxi para suas casas.

— O que houve com Bel na festa? Asier fez algo com ela? Ele a machucou de alguma forma?

— Não. Ele apenas queria que soubéssemos que poderia usá-la para

chegar até você, mas não encostou um dedo nela.



CAPÍTULO 15

*"Agora eu estou lutando nessa guerra. Desde o dia da queda
E eu estou me agarrando a tudo
desesperadamente"*

Shot In The Dark- Within Temptation

O príncipe dos decaídos passou a madrugada em seu escritório, afundado

em montes de livros. Levantara-se apenas para repor a caneca de café, embora apreciasse mais o cheiro do que a bebida em si.

A saleta de pequenas proporções possuía uma mesa meia-lua em paralelo à porta, uma estante apinhada de livros na parede perpendicular à mesa, atrás desta um mapa do Inferno, com a identificação de todos os portais de entrada para a Terra e o Submundo, e três poltronas em couro, uma onde estava sentado, as outras do outro lado da mesa.

Acima da mesa havia um lustre em ferro fundido, conquanto, àquela hora, a iluminação era oriunda das réstias entre as rochas que constituíam as paredes. O projeto das galerias subterrâneas permitia que a luz externa penetrasse o subsolo através de respiradouros.

Ao rangido da velha porta de madeira, Lúcifer despregou os olhos do livro. Em nada ele lembrava as especulações mundanas sobre sua persona caricata. Poderia passar por um homem comum, vestindo seus óculos e uma camisa social arregaçada nos braços, que deixava entrever o corpo atlético. Os cabelos loiros e barba aparada, realçavam os olhos verdes.

Não era perverso ou ardiloso, também não usava de intimidação, mas quando dava uma ordem, todos acatavam. E avisara que não queria ser interrompido. O esporro pela intrusão estava engatilhado, porém não esperava ver Hamon e Damabiah.

— Que porra está acontecendo? — Ergueu-se e bateu os punhos fechados na mesa. — Isto é o Inferno, não um parque de diversões!

— É sobre Mehiel... — o anjo explicou.

— Hoje é domingo, não mereço uma folga?

Os recém-chegados viraram-se para a entrada do recinto. Mehiel estava sob o batente da porta, vestia um calção e as mãos estavam enroladas em bandagens. A ruiva perquiriu o torso do decaído, descrente. Fez seu caminho até ele e perfez o exame com as mãos, Tateando-o do quadril aos ombros.

Lúcifer bufou impaciente e sentou-se. Quando concordou em curar Hamon soube que outras intromissões se repetiriam. A entrada para o Inferno estava sob sigilo, nem os arcanjos conheciam sua localização, era uma medida preventiva, firmada entre Lúcifer e o Criador, e destituída no instante que Mehiel o atravessou com um anjo em seus braços e outro caminhando ao seu lado.

Deveria tê-los escorraçado e o repreendido pela insolência. A presença de anjos poderia inflamar os ânimos dos decaídos, todavia, não esperava menos de Mehiel. Dedicara-se pessoalmente à sua formação e nada poderia orgulhá-lo mais do que constatar que o decaído compreendera que, algumas vezes, certo e

errado eram indivisíveis, e você deveria quebrar as regras para honrar o clamor do seu coração.

Além do mais, ele não seria capaz de deixar o filho de Miguel morrer. Tinham suas desavenças, no entanto, o respeitava e compreendia que o arcanjo apenas cumpria com seu dever para com o Principado. Durante os séculos no Inferno, tornara-se um estudioso e desenvolveu uma paixão pela alquimia, debruçando-se sobre a criação de fórmulas e antídotos que combatessem a ação da substância demoníaca em seres humanos e celestiais. Ele não se omitiria quando a vida de Hamon estava em suas mãos.

O Príncipe dos Decaídos observava os três jovens em sua frente, eles eram uma nova geração e esperava que sua aproximação com os humanos provocasse mudanças significativas na sua forma de perceber o mundo.

— Não é que não esteja gostando de ter suas mãos em mim, posso afirmar que é o inverso. A situação está ficando comprometedor lá embaixo. — Damabiah interrompeu a análise tátil e Mehiel frisou os cabelos. — Se quiser continuar, meu quarto é logo ali, Ruiva.

Hamon revirou os olhos e puxou uma das poltronas, desabando o corpo no assento.

— Cresça! — A garota esbofeteou Mehiel.

— Que mau humor do cão.

O jovem divertia-se com as expressões mundanas concernentes ao Inferno e seu precursor. Quem não ficava contente com a recorrência de alusões a sua pessoa, era Lúcifer.

— Mehiel!

— Foi mal, chefia. — O decaído reprimiu um sorriso.

— Como? — Damabiah moveu os olhos pelo tronco de Mehiel. — Ontem tinha uma espada cravada no seu ombro e hoje não há nada.

— Pensamos que os demônios o tivessem feito prisioneiro — comentou. Hamon. — Viemos por esse motivo.

— Avisar-me? — Um vinco formou-se na testa de Lúcifer.

— Pedir que alguns dos seus me ajudasse no resgate. — Os decaídos entreabriram os lábios atônitos. — Prometi à Triana.

— O que diabos vocês contaram a ela?

Lúcifer moveu-se desconfortável à menção do vocativo odioso que os humanos o batizaram, teria repreendido o decaído, se não tivesse notado a casualidade com que a palavra sairá em meio à ira. Mehiel havia absorvido mais dos humanos do que supunha

— A verdade. — Damabiah afunilou os olhos sobre o decaído.

— E você a deixou sozinha? — Mehiel avançou pelo escritório, parou defronte a Hamon e apontou-lhe o dedo. — Por que merda salvei sua vida? Qual o seu problema, cara?

— Hamon não é responsável por aquela garota! — exclamou a ruiva.

— Quando era para ter ficado longe, você se envolveu com ela, e no momento que deveria estar por perto, cai fora?

— Ela pediu que me afastasse! — O anjo levantou e empurrou o decaído. — Fiz tudo por ela. — Mehiel reteve o golpe que revidaria, ao notar que Hamon tinha o rosto transtornado. — Vim disposto a morrer para salvá-lo porque era o que ela queria. — Ofegou. — Triana não me quer na sua vida.

— Esqueça essa maldita garota, irmão!

Damabiah não compreendia as inquietações que Hamon vinha enfrentando desde que Triana cruzara seu caminho. Ela notou seus sumiços noturnos, as fugas de pensamento, a impulsividade que parecia governar seu comportamento e buscou uma resposta racional: a presença da descendente nefilim o estava afetando, envenenando-o de dentro para fora. Como explicaria de outro modo? Para ela, emoção era uma fraqueza e, aos seus olhos, seu irmão estava definhando.

— Pensei que... — Mehiel deu um passo para trás e trombou na terceira poltrona. — Achei que tivesse se aproximado para vigiá-la, mas... Você sente algo por ela.

— Este assunto será resolvido na Cúpula Divina.

— O quê? — Hamon voltou-se para a irmã.

A Cúpula era um julgamento ordenado pelos arcanjos sobre assuntos que necessitavam de atenção especial, fosse pelo caráter *sui generis* ou austero. Após análise e discussão da problemática, era aplicada a sentença que deveria ser cumprida pelo delator.

— Não discutirei na frente deles.

— Damabiah, você não podia...

Lúcifer conhecia a agrura da Cúpula, violações na conduta angélica não eram toleráveis. Duvidava que Damabiah soubesse o tamanho da encrenca que metera o irmão e temia por Triana. Se ela fosse apenas humana estaria isenta, conquanto, era sua descendente, o sangue nefilim a condenaria.

— Você me agradecerá quando voltar a ser o que era. — Ela virou para Mehiel. — Ainda não explicou como está curado.

— Porque não sei. Pensei que estivesse morrendo, lembro de sentir muita

dor, depois despertei com as correntes partidas e novo em folha. Todas minhas cicatrizes desapareceram, incluindo elas. — Sinalizou para suas costas.

Damabiah foi para trás de Mehiel e com a ponta dos dedos tracejou as marcas das asas: — O que mais?

— Fugi e vim pra cá.

— Avisarei que você está bem — murmurou Hamon, tirando o celular do bolso. A notícia da Cúpula o deixou desorientado. Queria ir ver Triana, ela o acalmava e trazia sentido para o caos que imperava em sua cabeça. Por outro lado, não queria impor sua presença. Ele demandava ir para qualquer lugar onde pudesse estar só. — Mas deveria ir vê-la — custou-lhe sobremaneira proferir aquelas palavras. — Preciso de um tempo — sibilou para a irmã e saiu cabisbaixo.

— Se não se importar, pode ir também — Lúcifer disse à Damabiah.

— Como se eu quisesse estar aqui. — A ruiva deslizou a mão numa mecha, jogando-a de lado e se encaminhou para a saída.

— A não ser que queira... — Mehiel provocou.

Ela olhou por cima do ombro e mostrou-lhe o dedo do meio: — Vai para o inferno! Ops... — Piscou e deu as costas.

— Estou te chamando para conhecer o inferno comigo, Ruiva! — Puxou o lábio, mexendo no *piercing* e inclinou a cabeça sobre o encosto da poltrona, admirando a forma como a calça abraçava as curvas de Damabiah.

— Quando terminar aí, pega o esfregão para enxugar a baba que está escorrendo. — Lúcifer abaixou os olhos para o livro, retomando a leitura.

— Preciso foder. — Mehiel espalmou as mãos nas coxas e levantou-se.

— Avisei que o tesão que Samael induziu não seria saciado facilmente. Tome a porção que te dei e estará resolvido.

— Não foi uma reclamação. Desde que não esteja andando de pau duro, posso lidar com o resto.

— É nesses momentos que me pergunto se foi prudente mandar um adolescente para a Terra.

— Não esquentar, chefia, sou responsável. O Inferno não se transformará em um berçário de pequenos decaídos de cabelos platinados e olhos azuis.

— Cai fora antes que eu decida que a solução para o seu problema é a castração.

Mehiel não esperou para descobrir se a ameaça era verdadeira, saiu em direção à arena. Após algumas lutas corpo a corpo com uma decaída, sussurrou o convite para continuarem nos seus aposentos e ninguém os viu por um longo

tempo.

Damabiah voltou para casa, esperava que o veredito da Cúpula não tardasse, pelo bem de Hamon. Todos os dias ele perdia mais penas. Ela nunca ouvira ou presenciara coisa parecida, a cada pluma encontrada no chão, aumentava sua certeza que a proximidade com a herdeira dos nefilins era como veneno corrompendo a mente do irmão.

Hamon saiu sem rumo e terminou sentado no mesmo lugar onde esteve com Triana, olhando a cidade e recordando as histórias que ela lhe contara e ele fingira não conhecer, para que continuasse a falar. Ele adorava sua voz e a paixão com que ela descrevia as coisas mais simples. Sonhara com ela todas as noites desde que estiveram frente a frente na estação de trem, em seus sonhos ele a levava para voar e ouvia o ruflar do seu coração, numa suave e interminável melodia.

Ele tinha colocado o celular no silencioso, o tirou do bolso da jaqueta para ver se Triana tinha respondido e quem sabe dito que gostaria de vê-lo e conversar. Ela mandara uma mensagem de voz. A ideia de ouvi-la, o fez sorrir.

“Hamon, onde você estava que deixou sua namorada sozinha?” — O timbre rouco de Dalkiel era inconfundível. — *“Não ensinam como satisfazer uma garota lá em cima? Ela parece tão entediada. Diga oi, princesa. Diga ao Hamon, ou Martín, tanto faz... Diga como você está se divertindo comigo.”* — O anjo trincou os dentes. Ouviu a respiração errática de Triana, o choro que ela se obrigava a engolir. — *“Você viu, eu tentei. Ela não quer falar com você.”*

— DESGRAÇADO! — vociferou, guardando o celular.

O anjo abriu os braços e atirou-se da murada, asas negras se avultaram silentes e cortaram o céu através das nuvens. No intervalo de minutos pousou na torre oeste do castelo, trepadeiras revestiam parte da parede externa. Hamon recolheu suas asas e invadiu o local a partir da ala secreta que descobrira enquanto investigava os demônios.

A descida para o subsolo se dava por uma escadaria exígua e com degraus irregulares. A passagem levava a uma sala ocupada pela Guarda Demoníaca, constituída pelos demônios superiores. Não era surpresa estarem aguardando-o. Dezenas de espadas e lanças foram apontadas em sua direção. Suas armas continuaram na bainha, cruzou as mãos na cabeça, entregando-se.

Teve as armas confiscadas e as mãos algemadas para trás. Quatro demônios o escoltaram até Samael. Dois seguravam-no pelos braços, arrastando-o, outros dois seguiam atrás, com lanças apontadas para sua nuca. Hamon caminhou por entre centenas de demônios, sua postura ativa e impassível não titubeou.

— Ora, ora. — Samael aplaudiu a chegada do anjo. — Olha quem temos a honra de receber em nossa casa, querida.

— Triana! — O anjo tentou se soltar para alcançar a garota e sentiu a ponta da lança arranhar sua pele. — Você está bem?

— Sim.

Sentada na perna de Dalkiel, na escada aos pés dos tronos, Triana tremia e lágrimas escorriam na sua face. O híbrido deslizava uma adaga em seu pescoço. Hamon reconheceu a arma, era sua.

— O filho de Miguel. — Lilith umedeceu os lábios. — Seu pai é um tolo, tão enfadonho.

A loira de cabelos curtos e olhos azuis, levantou-se e caminhou até Hamon. Os quatro demônios da Guarda, se posicionaram ao seu redor, com armas em punho.

— Desconfio que não há varões na linhagem dos Regentes da Justiça. — Dalkiel resvalou a lâmina na coxa de Triana, erguendo a saia. — Não se preocupe, princesa — deu-lhe uma lambida no pescoço —, comigo não te faltará prazer.

O anjo cerrou o maxilar e fechou as mãos. Focalizou seu olhar em Triana, eliminando todo o resto da sua mente. Não conseguia ouvi-la. Sentia seu medo, ele sobrepunha-se, turvando seus pensamentos e impedindo Hamon de estabelecer uma conexão.

— Não posso acreditar no que Dalkiel diz. — Lilith impôs suas mãos por baixo da jaqueta de Hamon, apalpando sua musculatura. — Um jovem desse porte... — Mordeu o lábio, admirando-o. — Tão apetitoso...

— Samael?! — O anjo ignorou Lilith. — Vim propor uma troca.

— Interessante. — O príncipe dos demônios tamborilou os dedos no braço do trono. — Estou ouvindo.

— É um desperdício que não saiba valorizar os prazeres do mundo. — Lilith apertou os lábios de Hamon e o beijou, forçando a língua na sua boca. Inconforme com a frigidez do anjo, ela deu um tapa no seu rosto e retornou ao seu assento. Ele cuspiu no chão, repelindo o contato da loira.

— Crianças — resmungou Samael, gargalhando. — Diga-me, Hamon. Qual sua proposta?

— Sou seu prisioneiro, se libertá-la.

— Ao meu ver, você já é meu prisioneiro.

— Porque eu quis que assim fosse.

— Arrogância é um defeito grave, mas nada que eu não possa resolver.

— Solte-a.

— Ela não é minha prisioneira. — Samael sinalizou para que a Guarda levasse o anjo para perto do altar. — Olhe bem, ela está acorrentada? Ela e Dalkiel estão se dando muito bem. — Hamon comprimiu os lábios, vendo o híbrido rasgar a camiseta com a ponta da adaga, expondo o sutiã da garota. — Tenho outros planos para vocês dois. Triana, querida, levante-se.

— Irei matá-los — ameaçou o jovem.

Em pé, a garota arrumou a saia e cruzou os braços sobre o tórax, cobrindo-se. Hamon moveu-se, as lâminas o encurralaram. Samael ordenou que os demônios as abaixassem. O anjo deu um passo e beijou a testa de Triana.

— Achei que podia salvar o Iker. — Ela soluçou, sentindo as lágrimas aumentarem. — Não queria que se colocasse em perigo. Desculpa.

— Vai ficar tudo bem.

— Dalkiel, entregue a adaga para Triana. — O híbrido atendeu a ordem do pai. A garota a segurou com força. — Você poderá ir embora quando cravá-la no coração dele — disse e apontou para o anjo.

— Não! — Ela derrubou a arma.

— Pegue-a e enterre no coração do Hamon. Ele é pode se curar — Samael a persuadiu. — Vamos, Triana, é uma prova de que posso confiar em você e deixá-la voltar para casa.

— Não irei feri-lo.

— Triana, olhe para mim — pediu Hamon. A adaga o mataria, mas ela não precisava saber até que estivesse feito. — O que te falei essa madrugada? Se você atirasse em meu coração, eu viveria. — Hamon forçou um sorriso, incentivando-a. — Faça.

— Os dois estarão livres se você fizer o que estou pedindo.

— Tri, prometo... — Hamon fechou os olhos — que nós sairemos juntos daqui. — Estava decidido a reunir toda a força que lhe restasse para cumprir sua promessa. — Está tudo bem... Não sinto dor, lembra?

— Não posso.

— Olhe para mim. — Ela obedeceu. Seus olhos estavam vermelhos e as maçãs do rosto úmidas. Ele a beijou outra vez na testa. — Você consegue. Faça olhando nos meus olhos, ok?

A garota aquiesceu. Hamon sorriu, feliz porque ela estaria livre.



CAPÍTULO 16

*“Tudo o que eu sempre quis
Tudo o que eu sempre precisei
Está aqui nos meus braços”*
Enjoy The Silence - Lacuna Coil

Abaixei para pegar a adaga e uma ideia me ocorreu. Afundei a lâmina em

minha coxa, tão profundo quanto pude, e a puxei, gritando com a dor. O sangue escoou por minha perna. Virei de frente para os tronos, com a arma pressiona em minha jugular.

— Mande que tirem as algemas dele — exigi em meio a lágrimas e gemido. — Ou me mato.

— Triana, não! — exclamou Martín.

— Você é louca? — Asier levantou-se.

— A escolha é sua, Samael. — Sustentava-me na perna esquerda, respirando fundo para suportar a dor lancinante em minha coxa. — Nós dois vivos e livres ou me matarei.

— Audaz. — Samael encrespou os lábios. — Gosto disso. — Piscou para mim, fazendo uma mínima reverência com a cabeça. — Soltem-no! — Os demônios o obedeceram e removeram as algemas. — Abaixе a adaga, não queremos que se machuque.

— O que você estava pensando? — Martín cingiu meu pulso, abaixando meu braço e com a mão livre tomou a arma, enfiando-a por baixo da camisa. — O que faço com você? — sibilou e beijou minha têmpora.

— Vamos. — Agarrei-me a sua camisa.

Martín despiu a jaqueta, me ajudou a vesti-la e pegou-me no colo.

— Minhas armas?

— Devolvam-no tudo, e se alguém tocar neles, responderá a mim — disse Samael aos demônios. — Ansioso para nosso reencontro, Herdeira dos Nefilins.

— Não conte com isso — resmungou Martín, seguindo pela entrada por onde o trouxeram.

Percorremos túneis tétricos, onde um odor pútrido impregnava o ar. As fissuras entre as rochas expeliam uma gosma incandescente. Demônios nos espreitavam e cochichavam, apontando-nos. Palavras como nefilim, arcanjo e profecia ecoavam. Entramos numa sala côncava, ocupada por um grupo de demônios armados. Um daqueles a quem Samael instruiu, se posicionou frente aos demais e solicitou que lhes fossem entregues as armas celestiais.

Segurando uma adaga igual à que estive em minhas mãos minutos antes, e um retângulo de aparência inofensiva, o demônio se pôs diante de nós.

— Hamon, filho de Miguel — disse em tom solene, devolvendo-lhe as armas. — Chegará o dia em que terei o prazer de vê-lo morrer.

Martín, que eu não conseguia nomear por seu verdadeiro nome, nem nos meus pensamentos, acenou para que o demônio me entregasse as armas.

— Guarde-as no bolso da jaqueta.

Segui sua orientação, não perdendo a chance de analisar o símbolo entalhado no pomo. Minha suspeita confirmou-se, era idêntico ao da outra adaga. Ambas eram suas. Ele teria morrido se o tivesse alvejado.

— Mande lembranças ao seu pai.

Pensei que fosse responder a provocação, pelo contrário, seus lábios curvaram-se e um sorriso iluminou suas feições. Atravessamos uma porta, deixando os demônios para trás.

— Dói muito?

Ele me pôs em pé. A passagem onde estávamos era apertada e não tinha iluminação.

— Não vou morrer.

— Sei que não. — Encostou os lábios no meu cabelo e inspirou. — Apoie-se na parede. — Quando o obedeci, ele tirou a camisa, a rasgou em banda e agachou-se, entregando-me a adaga que estava em sua cintura. — Guarde-a. Isso irá doer. — Enrolou o tecido em minha coxa e apertou. Gritei, tensionando meus dedos na parede pedregosa. — Desculpe, precisava conter o sangramento. — Levantou-se. — A subida é por uma escada tortuosa. Preciso que enganche as pernas no meu quadril, o espaço não é suficiente para levá-la de outro modo. Se a dor ficar insuportável, nós paramos um pouco para relaxar o músculo lesionado.

— Que seja.

— Mãos no meu pescoço. — Deslizei meus braços por seus ombros.

— Não há perigo de alguma dessas armas atravessarem a jaqueta e te ferirem por acidente, né?

— Os bolsos são revestidos para mantê-las seguras.

Ele palmeou minha bunda, suspendendo-me. Os braços servindo de suporte para minhas pernas. As enrosquei no seu quadril, o que afastou o tecido da saia, e senti a parte internas das minhas coxas tocarem a pele acima do cóis da calça. Martín firmou o aperto, impelindo meu corpo contra o seu.

Meus lábios entreabriram-se com a proximidade da sua respiração, nossos olhos aprisionaram-se e a expectativa podia ser ouvida nos meus batimentos. As lembranças floresciam, maximizadas pelas emoções desencadeadas pelo seu toque.

Uma fígada na perna bastou para que soubesse que deveria afugentar aquelas ideias. Mentalizei a primeira música que consegui recordar: *Merely the sound of your voice. Made me believe that, that you were her Just like the river*

disturbs my inner peace. ^[12]

— Você está cantarolando? — Confrangeu os olhos.

— Se meus pensamentos são como um rádio pra você, eu ditarei a trilha sonora. — Cruzei as mãos no seu pescoço, encurtando a distância. — Também me ajuda a esquecer da dor.

— Gosto da ideia.

A escalada à torre do castelo foi menos demorada do que imaginei. Quando ele empurrou a porta e vi o céu, a certeza que estávamos livres atingiu-me e lágrimas de alegria embeberam minha face. Ele desceu-me do seu colo e averiguou o estado da ferida.

— Acredito em você, Martín. — Segurei sua mão sobre minha coxa. Ele sabia do que eu falava, não precisava de mais palavras. — Hamon — sussurrei, sorrindo. — Seu nome humano significa guerreiro, diz tanto sobre você, não consigo olhá-lo e não ver o Martín. O nome celestial, tem algum significado?

— Apiedar-se.

— Guerreiro piedoso. — Inclinei o tronco e enlacei sua nuca, puxando-o para mim. — E idiota! Não se atreva a morrer para me salvar. — O beijei.

Ele amparou meu rosto em sua mão e sua língua abriu caminho entre meus lábios. Foi um beijo curto, porém intenso. Martín sorriu, roçando meu pescoço e mordiscou-me. Refazendo sua rota, senti a maciez da sua boca represar a minha e, devagar, se afastar, convidando-me a abrir os olhos.

Era mágico. Um infinito inteiro dentro da sua íris. Inúmeras fagulhas luminescentes e raios azulados espalhavam-se no cobre dos seus olhos. Eu ficaria olhando-o pela eternidade. Ele me deu um selinho, pegou-me no colo e levantou-se.

— Feche os olhos.

— Por quê?

— Confie em mim.

No segundo que pediu que os abrisse, meu coração trovejou. Estávamos sobrevoando a cidade. O brilho da sua íris reluzia mais intensamente. Joguei a cabeça para trás e busquei por um ângulo que me permitisse ver suas asas. Grandes, negras e impávidas, o vento se comprazia em escová-las. Um manto fluorescente guarnecia as penas.

Levei a mão ao meu colar e apanhei as plumas. Elas tremulavam brilhantes. Todas as noites que elas se acenderem, era ele. Aplanei a mão no seu tórax, tracejando-o e contando quantas vezes ele esteve por perto sem que soubesse.

“Você acha que ela brilhará quando se aproximar de quem estiver destinada a amar.”

Sorri, ouvindo-o em minhas memórias, e decidi que era melhor recomeçar a cantoria mental. Martín gargalhou e fez um giro de trezentos e sessenta graus, provocando um disparo de adrenalina na minha corrente sanguínea. Mordi o lábio, impedindo-me de gritar e estirei os braços acima da cabeça.

Antes do que queria, pousamos. Ele fez um voo rasante e aterrissamos no gramado abaixo da minha janela. As asas recolheram-se, desaparecendo por completo, e os olhos voltaram ao seu habitual tom acobreado.

— Seus pais estão em casa?

— Domingo eles saem para jantar e só voltam pela madrugada.

Martín deu meia-volta e se encaminhou para os fundos de casa. Quando pensei em avisar onde estavam as chaves, notei que seu olhar estava voltado para a guarnição da porta. A curva dos seus lábios sugeriu um sorriso, indiciando-o. Nossa comunicação telepata tinha suas vantagens. Paramos defronte da entrada, suspendi o braço e resgatei a chave do seu esconderijo.

Entramos, passei o trinco e mentalizei o trajeto para o meu quarto. Subimos as escadas, ele empurrou a porta com o ombro e fechou com o pé. Sentou-me na cama, encostada aos travesseiros.

— Caixa de primeiros socorros?

— No banheiro. — Aponte.

Ao virar de costas, avistei as marcas na base das suas omoplatas, como ele as descrevera. Esquadrinhei seu dorso, impressionada em como os sulcos eram definidos. Ele tinha ombros largos e uma musculatura enxuta, evidenciada pelas linhas bem marcadas.

Os minutos que ficou oculto no banheiro, foram insuficientes para que sua imagem desvanecesse. Martín saiu do cômodo e tomei outra bordoadada. Não pude conter a inspeção meticulosa que meus olhos fizeram em seu tórax. Tinha estado os últimos minutos abraçada a ele, sentindo sua pele cálida, a rigidez dos músculos, entretanto, vê-lo em perspectiva, me deixou boquiaberta.

— Alguma chance de rompermos essa ligação telepática? — Empurrei sua jaqueta por meus braços e puxei para frente, segurando-a sobre minhas pernas, até que ele estivesse junto a mim. — É embaraçoso.

— Você tem pensamentos bastante acurados, é quase como estar assistindo a um filme. — Ele sentou-se na beirada da cama, rindo baixo, e depositou a caixa de medicamentos e uma toalha sobre o lençol. — Com licença.

— Soergueu a batinha da saia.

— Coloque isto! — Estendi a jaqueta, com o rosto virado para a escrivania. — Existem categorias de pecados? — Ele pegou a vestimenta. — Porque estou muito preocupada com o fim que será dado a minha alma.

— Seja qual for a expiação para os seus pecados, a pagaremos juntos.

O farfalhar de tecido indicava que estava se vestindo. Esperei e voltei a olhá-lo ao sentir suas mãos desatarem a camisa amarrada em minha coxa.

— Não vou precisar de pontos, né?

— A contenção estancou o sangramento. — Ele limpava a área com uma toalha umedecida. — Foi um corte estreito e de pouca profundidade.

— Coloquei toda minha força nisso. — Ele sorriu, aproximou o rosto do meu e beijou-me. — Não ria. — O empurrei para fazer a minha queixa, sem, contudo, deixá-lo se afastar. — Não é justo que tenha que lidar com anjos, demônios e decaídos altamente treinados e não consiga usar uma adaga — disse, aplicando-lhe beijos.

— Você está certa e, se quiser, ensinarei a defender-se. — Deu-me um selinho e corrigiu a coluna, retornando sua atenção para meu ferimento. — Depois que estiver recuperada da sua travessura. — Ele segurou minha perna com uma das mãos e removeu a camisa debaixo dela, jogando-a no chão do quarto. — O que você fez hoje foi arriscado, Triana. Você atingiu uma veia, mas poderia ter sido uma artéria, ou ter rasgado o músculo se tivesse puxado a lâmina pelo ângulo errado. Sua vida não é uma mercadoria para ser barganhada. Prometi que resgataria o Mehiel.

— Quem... Ah, sim, o Iker.

— Desculpe, estou mais familiarizado com os nomes celestiais. — Ele enrolou a toalha em minha coxa e massageou com a ponta dos dedos, em seguida a colocou no chão. — O que você não deve esquecer é que nós aprendemos a lutar desde crianças. — Desenrolou uma atadura em volta da minha coxa, prendendo-a com esparadrapo. — Temos séculos de treinamento.

— Quantos anos você tem? — Ele disse séculos, a pergunta era inevitável.

— Farei 1800 anos.

Meu queixo cedeu alguns centímetros, escancarando minha boca. Inclinei o rosto, curvei o corpo para frente e levei a mão à face do Martín, analisando-o com atenção redobrada. Abaixei os olhos para o peito, infiltrando minha mão sob a jaqueta e acariciando-o.

— Você está de brincadeira comigo! — Suspirei alto, retirando minha

mão e afundando as costas no travesseiro. — Esse é o corpo de um anjo de 1800 anos?

Fitei meu busto. A blusa rasgada na metade, revelava meus seios sob um sutiã de lycra simples e uma porção do abdômen. Eu era magra, mas tinha dezessete anos e aversão a esportes que demandavam esforço físico, tinha um corpo naturalmente delgado, longe de uma barriga chapada ou pernas torneadas como as que Mia exibia.

— Por que você está pensando na minha irmã?

— Ela é a única anja que conheço para fazer um comparativo.

— Do quê?

— O modelo de garotas que você tem internalizado... — Um vinco esboçou-se entre suas sobrancelhas. — E eu.

— Digo que tenho dezoito séculos e você está preocupada que não tenha os atributos físicos que, supostamente, espero encontrar numa garota.

— O padrão de suas ex-namoradas é intimidante.

— Se eu tivesse alguma ex-namorada, Triana, ela não teria a mínima importância para o nosso relacionamento ou nas minhas expectativas sobre nós.

— Ele recostou no travesseiro e segurou meu rosto, roçando nossas bocas. — Para não restar dúvidas, não tenho ex. — Sugou meu lábio inferior. — Esperei você por dezoito séculos.



CAPÍTULO 17

*“Do amor e do ódio
os cantores falam.
Mas eu sinto mais,
mais que ambos,
Mais do que céu e inferno.
Eu me submeto ao destino.”*

Ravenheart - Xandria

Deitado com metade do corpo sobre o meu, Martín segurava-me pela

cintura e beijava-me com fervor. Removemos meu colar e blusa, em seguida ao baque da caixa de medicamentos chocando-se ao chão, e ele as arremessou na escrivaninha.

Seus dedos prenderam-se aos meus cabelos e os beijos trilharam meu pescoço. Minhas mãos subiam e desciam por suas costas, depois de ter me livrado da jaqueta minutos antes, e dedilhavam a marca das asas. Seus lábios apreenderam os meus e renderam minha língua. Afluxos de calor serpeavam por nossas peles, exigindo apertos mais firmes e beijos vorazes.

— Tri, chegamos!

Nossos lábios apartaram-se. Trouxe a mão para seu peito, empurrando-o de leve, ao passo que ele se distanciava para entreolharmo-nos.

Meus pais. — Não tive coragem de dizer em voz alta.

Nós chegamos antes de anoitecer e não tínhamos acendidos as luzes. A cortina aberta, deixava o quarto na penumbra.

— Responda e eles podem não...

Interrompido pelo arrastar da porta, Martín virou-se por instinto. Um *click* estalou no meu cérebro. Agarrei seu tríceps e o puxei, selando nossos lábios.

Ouvi o som do interruptor.

Seus olhos — alertei, esparramando meus braços nas suas costas, para esconder as reentrâncias das asas.

Ele me deu um beijo casto e afastou-se o mínimo para que eu soubesse que ouviu meu aviso. Fechou os olhos e quando os abriu o lume tinha se apagado.

— Triana? — Para ser mais constrangedor, era meu pai.

Se joga nos travesseiros para que não vejam as marcas. Eles fazem muitas perguntas — Martín acomodou-se ao meu lado, enroscando a mão no cabelo.

— Quem é ele?

— Oi, pai. — Coloquei uma mão sobre os seios, agradecendo a todos os deuses por estar de sutiã, e com a outra arrumei a saia, esticando-a ao máximo.
— Esse é Martín. Eu ia apresentá-lo hoje, esqueci que vocês estariam fora.

— Às duas da manhã?

— Se Triana estiver maratonando documentários de guerra outra vez...
— A voz da minha mãe foi alteando, ela estava subindo as escadas.

— Perdão, não vimos que era tão tarde.

Martín colocou as pernas pra fora da cama, sentando-se e buscando pelos

sapatos. Pelo menos ele continuava com a calça.

— Tri, vai... — Minha mãe começou a falar, abraçando meu pai pelos ombros, e parou ao ver que eu tinha companhia. Ela esticou a cabeça para dentro do quarto, abriu a boca e pôs a mão embaixo do queixo, dramatizando. — Ok, essa é uma nova realidade nesta casa. Boa noite, Martín. Bom revê-lo.

— Você sabia que ela estava namorando?

— Eu sabia que ela gostava dele, não que estavam namorando.

— Mãe! Nós não estamos... — Parei. Minha declaração tinha mais chances de causar problemas do que resolvê-los.

— Mais uma vez peço desculpas pelo horário, e também pelas circunstâncias. — Martín levantou. — Insisti que Triana me trouxesse para falar-lhes, porque queria pedi-la em namoro, formalmente. — Ele caminhou até a porta, onde meus pais permaneciam confusos, e os cumprimentou. — Martín Del Castillo, senhor. Prazer revê-la, Dona Isabel.

— O garoto novo.

— Sim, senhor. Mudei há pouco.

— Está tarde, é melhor você ir. Quanto ao namoro, fico feliz que Triana tenha encontrado alguém com quem anseie estar. Sinta-se um cara de sorte por ela tê-lo escolhido e saiba que é um homem morto se a magoar.

— Tenho sorte por tê-la encontrado.

— Xavier, vamos deixá-los se despedirem. — Minha mãe saiu rebocando meu pai. — Martín, até mais. Tri, o convide para jantar conosco qualquer dia.

— Esses são meus pais. — Fiz sinal para ele fechar a porta.

— Eles são legais.

— Não foi constrangedor o bastante para você? — Fiquei de joelhos. — Aí. — O machucado latejou com o movimento brusco. — Droga — resmunguei, sentando-me.

— Cuidado. — Ele sentou-se comigo e afagou o curativo. — Precisa de algo antes que eu vá?

— Que você fique. Estou com medo de dormir sozinha.

— Seus pais?

— Eles não voltarão e podemos trancar a porta.

— Partirei com os primeiros raios da manhã.

Nós tomamos uma ducha, não juntos é claro. Coloquei uma camisola, refiz o curativo e deitei por baixo dos lençóis, esperando-o. Ele saiu do banheiro abotoando a calça.

Jeans é desconfortável. — Não teria feito tal sugestão se tivesse que dizê-la alto, sentia como se estivesse lhe escrevendo bilhetes mentais.

— Certeza?

Tira logo isso e vem para cá. — Aquilo era muito mais fácil, me sentia livre das inibições.

Ele desligou o interruptor. Eu tinha fechado a cortina. Via apenas seu vulto. Empurrou a calça abaixo e caminhou até a cama, aninhando-se junto a mim, descansando o braço no meu abdômen.

— Durma bem, Tri. — Os lábios encostaram nos meus. — Amo seu cheiro. — Resvalou o rosto na curva do meu pescoço.

— Obrigada por ficar.

— Sempre que quiser.

— Achei outras penas próximo a janela.

— Guarde-as.

— Você me diria se algo estivesse errado?

— Como pode haver algo de errado se estou com você? — Ele apoiou-se no cotovelo e acariciou as maçãs do meu rosto. — Não se atormente pelo que Mia lhe disse. Sentimentos estão além da sua compreensão. — Deu-me um beijo. — Agora durma, o final de semana foi agitado.

Ele me abraçou, recostou o nariz na minha nuca e inspirou. O ar quente arrepiou minha pele. Cerrei os olhos, sentindo seu perfume me envolver, a doce fragrância reconfortante das plumas.

Adormeci e, apesar do cansaço que moía meu corpo, não foi um sono tranquilo. Um universo fantástico tinha se desvelado aos meus olhos, o extraordinário e o perigo entrelaçados. Meus sonhos foram confusos, lembranças e pesadelos se embaraçavam em cenas que iam e vinham como uma sessão de *curtas*.^[13]

Martín havia partido quando despertei, como disse-me que faria. Para iniciar o dia com fortes turbulências e abalos sísmicos no meu coração, ele estava no portão do colégio, recostado ao muro. Ao me ver, deixou Mia discutindo sozinha para ir ao meu encontro e reivindicou um beijo. Era o decreto de que estávamos juntos, a resposta para as dúvidas que trazia comigo.

Encontrei com Belinda no intervalo e os bochichos da recepção calorosa tinham chegado aos seus ouvidos. E se não tivesse, ela teria descoberto ao nos ver. Ocupávamos um dos bancos do pátio. Martín deitara com a cabeça no meu colo e uma das pernas flexionadas, e eu bagunçava seu cabelo.

— Te vejo na classe. — Ele levantou e me deu um beijo rápido.

— Temos que definir qual o alcance dessa via de comunicação instantânea — comentei, sabendo que ele tinha escutado meus pensamentos sobre a chegada de Belinda e um inquérito de perguntas.

— Não muito. Estarei onde não possa ouvi-la para que se sinta à vontade com sua amiga.

— Um cavalheiro. — Sorri em agradecimento.

Ele seguiu no sentido do prédio de aulas. Minha amiga alcançou-me e acomodou-se no assento de madeira. Por mais que desejasse não poderia contar a verdade, falei que conversamos um pouco quando dormimos na casa dele, que no dia seguinte ele foi me ver e desculpar-se pelo comportamento rude e voltamos, e também que meus pais nos flagraram no quarto.

Belinda teve uma crise de risos com a última revelação, e depois o assunto mudou para nossa inusitada amizade com Mia. Ela tinha caprichado na farsa, porque minha amiga estava ansiosa por outro programa só para garotas.

— Não sei, Bel. Ela não aprova meu envolvimento com o irmão, pode ser que não queira mais nenhuma aproximação.

— Oi, meninas.

— Estávamos falando de você — Belinda disse a Mia.

A anja me olhou em advertência. Belinda seria a ponte entre nós, se não podia ouvir os meus pensamentos para descobrir o que acontecia comigo e Martín, usaria minha amiga para obter informações. Teria que ser cuidadosa se não quisesse colocá-lo em problemas.

— Ansiosa para sairmos juntas de novo — comentou.

O sinal tocou e me despedi, saindo apressada. Mia salvou minha vida, mas foi sincera em dizer que foi a pedido do Iker, e não conseguia esquecer como ela cortou a cabeça de alguém sem esboçar qualquer reação. Tinha medo do que ela poderia fazer para me separar do Martín. E não pude evitar que ele ouvisse meus temores em relação a sua irmã ao longo das últimas aulas do dia.

— Eu me resolverei com Mia — disse, escorregando a mão para meu quadril. — O que você quer fazer agora?

— Você prometeu me ensinar a lutar.

— Hoje não. Vou cuidar que você não magoe esse corte.

— Está bem. Sabe onde encontramos o Iker? — Martín franziu o cenho.

— Ele se arriscou para me salvar, quero ter certeza que não está machucado.

— Eu o vi ontem pela manhã.

— Acredito em você, juro. É que... ele me salvou, Martín.

— Acho que sei onde podemos encontrá-lo.

— Obrigada! — Joguei os braços nos seus ombros e o beijei.

Nós fizemos uma parada para comermos e seguimos pelas ruas do centro, terminando nosso percurso numa lojinha de antiguidades. Martín gesticulou para uma senhora atrás do balcão e adentramos por uma porta de aço, escondida por uma vitrine.

— Ela sabe o que você é?

— Bertha é curadora dos armamentos celestes em solo mundano. — Ele abriu outra porta. — Por aqui.

O lugar era impressionante. Guardava uma coleção de espadas, armaduras e outras tantas armas que eu desconhecia. Continuamos por um corredor e chegamos a uma área a céu aberto. Iker fazia giros com uma espada, golpeando o ar.

— Mehiel.

Um último salto e ele parou, abaixando a arma e olhando-nos: — Hamon, por que você a trouxe aqui?

— Eu falei que você deveria procurá-la. — Martín entrelaçou nossas mãos. — Ontem Triana foi até Samael, atrás de você.

— Por sua culpa, não fui eu quem contou...

— Podem parar de falar como se eu não estivesse aqui?

— Se é assim, o que diabos você tem na cabeça para ir procurar um demônio? — Iker caminhou até nós. — Você deve ficar longe deles.

— Você se feriu para me salvar. — Abaixei os olhos e inspecionei seu tórax. — Ou pareceu que tivesse...

— As lesões desapareceram, não sei como ou porquê — explicou Iker. — Não a procurei porque estava lidando com os efeitos colaterais da minha visita à morada dos demônios. — Ele apontou para nossas mãos e encarou Martín. — O que você está fazendo, Hamon? Você conhece a história, sabe como isso terminou uma vez... Não importa que pense que será diferente, só há um desfecho possível. Eles não permitirão que ignore suas obrigações. Como Hamon ou Martín, sendo Triana humana ou a descendente nefilim, haverá consequências.

— Eu lidarei com elas.

— Do que vocês estão falando?

— Você não contou para ela. — Iker deu um sorriso irônico.

— É minha escolha, Triana não tem porquê...

— Não é o melhor momento, Hamon. Estamos na iminência de uma guerra, se você cair, Dalkiel será o único com idade para ascender. O híbrido

herdeiro dos demônios poderá tornar-se um arcanjo.

— Cair? O que Iker está dizendo é que você pode ser expulso do Céu por ter se envolvido comigo?

— Foi o que aconteceu com Lúcifer.

— Mehiel, cala a porra da boca! — exigiu Martín.

— É verdade?

— Foi há muito tempo, Triana. — Ele segurou meu rosto entre as mãos.
— O que aconteceu não tem nada a ver conosco.

— Tem certeza? — Iker arqueou a sobrancelha. — Um jovem arcanjo apaixonado por uma humana, parece-me familiar.

— Tri, a queda de Lúcifer não aconteceu por ter se apaixonado, ele caiu porque exigiu que o livre-arbítrio fosse estendido aos anjos.

— Você não está inventando essa história?

— Juro que não. É a mais pura verdade.

— É uma forma de enxergar os fatos — resmungou Iker.

— Eu vou matá-lo. — Martín travou o maxilar.

— Não! — O segurei pelos ombros. — Sem mortes.



CAPÍTULO 18

*“Enquanto os anjos caem,
eu estou aqui
Em pé, com atos e palavras,
aqui com você.
Eu te seguirei
até o último lugar.”*

Wenn Die Engel Fallen - Lyriel

Às margens do Rio Tejo, sob a Ponte de Alcântara, o tilintar das lâminas

competiam com a sonata das águas. Triana movia-se com vivacidade, os tênis derrapavam na terra, buscando estabilidade enquanto empunhando uma espada na mão direita, desferia uma sequência de golpes bloqueados sem esforço pelo anjo.

Irritada que ele sequer se deslocasse para defender-se, tampouco para atacá-la, a garota precipitou-se sobre seu oponente. Corpo e espada projetados para frente em assaltos furiosos. Ele não se mexia, sua lâmina deslizava de um para outro ângulo, impedindo que ela obtivesse sucesso nas suas investidas.

Triana aprumou a mão no punho da espada, quando desse o próximo passo não haveria espaço para que seu braço ficasse estendido. Sorriu em pensamentos, certa de que o movimento seguinte exigiria que o namorado reagisse.

A garota apontou a lâmina para a garganta do anjo. Uma torção no seu pulso e a espada lhe foi tomada. Seus seios colidiram ao tórax do oponente e sentiu a arma pressionada contra suas costas. Hamon sorriu insolente e aplicou um beijo nos seus lábios.

— Não é sobre impulsividade. O melhor ataque é a antecipação da estratégia do seu oponente. Eu a desarmeí com uma mão, porque você não calculou meus movimentos.

— Sua mente estava ocupada o bastante para me ouvir?

— Estava ouvindo Chopin.

— Talvez se você usasse uma camisa — ela contornou seus ombros —, eu poderia ter minha atenção voltada para a técnica.

— Essa é sua desculpa? — O anjo gargalhou, deu um passo para trás e lhe devolveu a espada. — Vamos testá-la. — Ele cravou sua lâmina no chão e apanhou a camisa jogada sobre a grama, a seguir a vestiu. — Dê o seu melhor. — Sua mão fechou-se na empunhadura.

Ela reprimiu um sorriso e admirou a postura imponente e sutilmente zombeteira do namorado. Equilibrou o peso do corpo em ambas as pernas e levantou a espada, em guarda. Hamon piscou e assumiu sua posição. Triana inspirou pelo nariz e soltou o ar pela boca. A lâmina deslocou-se da esquerda para a direita, conforme lhe foi ensinado. Ele defendeu-se e acenou em aprovação.

Outro golpe e depois outro, não era a agilidade com que acontecia o encontro das lâminas que a frustrava, e sim a incapacidade de surpreendê-lo. O impulso cruzado resultante da colisão das armas ficava mais acirrado, como todas as vezes, era aí que perdia o controle, a ânsia silenciava o que aprendera ao

longo de muitas tardes.

Hamon forçou sua espada para baixo, ela sentiu o punho derrapar por entre seus dedos, por reflexo levou a outra mão à empunhadura, concentrando-se em impedir que sua arma fosse derrubada. Projetou o tronco para a frente, sustentando-se nos antepés, e sentiu o corpo desabar de costas no chão. Bufou desapontada consigo mesma, vendo-o em posse de ambas as espadas.

— O que falei sobre o equilíbrio estar na posição dos seus pés?

— Deslizá-los e não os levantar, quanto mais a sola estiver tocando o chão, maior minha força. Mantê-los afastados e não pisar com o antepé, isso facilita que meu oponente me dê uma rasteira.

— Você domina a teoria. — Enterrou as lâminas no gramado e estendeu-lhe a mão. — Precisa controlar suas emoções para aplicá-la na prática.

— Que as nossas vidas nunca dependam da minha habilidade com uma espada. — Ela segurou na mão dele, ao invés de tomar impulso para levantar-se, o puxou. — Acho que você já pode tirar isso — sussurrou, quando ele se debruçava sobre seu corpo.

O garoto ajoelhou e levou as mãos à bainha. Ela umedeceu os lábios e pincelou o dedo na linha mediana do seu abdômen, assistindo-o despi-la. O arroubo com que se lançou sobre seu corpo, assenhorando-se da sua boca, incendiaram-na até a última célula.

Um giro e estava por cima, rendida entre os braços do namorado. A perna direita encaixou-se entre as dele e esfregou-se na sua ereção. Os seios debateram-se sob a camiseta, bunda e lombar foram alvos de apertos vigorosos, ao mesmo tempo que suas línguas teciam provocações, empurrando-os para o limite.

— Tri.

Ele segurou seu rosto, obrigando-se a pausar o beijo. O cobre de sua íris imperceptível por trás da tempestade de raios. Um relâmpago irradiou nas águas do rio, tornando seu fundo transparente por um segundo.

— Está tudo bem, Martín. — Ela o tranquilizou. — Olhe para mim. — Ele atendeu seu pedido. O lume permanecia faiscando na sua íris. — Você nunca me machucaria.

— Queria ter essa certeza.

— Não é certeza. — Ela encostou seus lábios nos dele. — É fé — sussurrou. — Tenho fé em você, Hamon.

Triana só o chamara por seu nome celestial raras vezes, e a escolha por pronunciá-lo naquele momento estava imbuída de significado. Não estava

dizendo que acreditava no garoto por quem estava apaixonada, a garota aprendera a ter fé.

O anjo cruzou os braços nas costas da namorada e deu-lhe uma infinidade de beijos diminutos. Ele não compreendia metade do que ela o fazia sentir, durante séculos seu coração esteve silencioso e, de repente, seu peito parecia ocupado por uma orquestra.

— Tenho um convite para você — murmurou tímida.

— O que é? — Acariciou seu rosto, prendendo os fios de cabelo atrás da orelha.

— Sei que terá a cerimônia de coroação e toda a coisa de Príncipe dos Arcanjos... — Ela apertou os lábios. Hamon virou de lado, deitando-a na grama e esperou. — Vou entender se...

— Tri, ficar com você será a melhor parte do meu aniversário. — Ele sorriu. — Pensei que nunca fosse me convidar.

— Não acredito que não consegui omitir esse pensamento.

— Você quase conseguiu. Peguei fragmentos e fui somando-os.

— Diga que não sabe o que é o seu presente, por favor.

— Não sei, de verdade. Quer me dar uma pista?

— Não, Martín! — Ela esmurrou seu peito. — Pare, não irei pensar no seu presente. Lá-lá-lá... — cantarolou alto.

Ele gargalhou, segurou seu rosto entre as mãos e deu-lhe um beijo estalado. O casal de jovens não poderia imaginar que àquela hora a Cúpula Divina decidia seu destino.

Reunidos no salão triangular do Palácio Real, os arcanjos analisavam as informações sobre a descendente nefilim, possíveis interpretações para profecia, e buscavam uma explicação para o comportamento de Hamon, razão primária para instauração do processo.

O aposento era um triângulo equilátero, edificado por uma estrutura aramada em prata e azulejos de cristal. O único móvel era uma mesa, em mármore branco de formato igual à sala, com as pontas curvas, e sete cadeiras em *design* clássico, com detalhes prateados, entalhados à mão, e acolchoado branco.

Sentados nas pontas da mesa, estavam Miguel, regente da justiça, e Gabriel, regente da esperança. A terceira ponta não era ocupada há muitos séculos. À direita da cadeira vaga, sentavam-se Ariel, regente do equilíbrio, e Raphael, regente da saúde. À esquerda, ficava Uriel, regente das artes, e entre os lugares de Miguel e Gabriel, estava Haniel, regente do amor e prazer.

A Cúpula era um evento sagrado e suas decisões obedeciam ao princípio do bem maior. Era convocada mediante eventos para os quais não havia um entendimento prévio de como proceder, por esta razão requeria que os arcanjos fossem ponderados e reflexivos. Como um lembrete das suas obrigações para com a defesa das leis instituídas por meio da palavra, armas e armaduras não podiam ser portadas no recinto.

Os homens vestiam túnicas por cima das calças e camisas de linho, com cintos e botas visíveis. As mulheres usavam vestidos longos, com mangas compridas e acinturados por uma faixa bordada.

— Não seria a primeira vez que um de nós desenvolve sentimentos. Lúcifer se apaixonou.

— Haniel está correta — disse Uriel. — Pensem no que poderá acontecer se o que Hamon sente pela herdeira nefilim for verdadeiro.

— Enoch traçou a árvore genealógica da linhagem de Lúcifer, a pesquisa é consistente e confirma que a garota tem poderes, o que corrobora com o Livro da Revelação: “*os varões levarão adiante o seu sangue, mas somente a fêmea o revelará*”. Samael não esperou todos esses séculos porque é paciente, ele aguardou o nascimento da primeira mulher de sangue nefilim — argumentou Ariel.

— Não podemos esperar que ela complete os dezoito anos para descobrirmos se será capaz de matar a todos — pontuou Gabriel.

— Há uma diferença crucial entre o que houve com Lúcifer e o que está acontecendo com Hamon. Ela o está matando.

— Raphael, não há confirmações quanto a essa questão. O que sabemos é que ele está perdendo plumas.

— O que você pensa que isso significa, Uriel? — inquireu Miguel.

— Como saberia? Nunca vimos algo assim acontecer.

— Nunca antes houve uma descendente nefilim convivendo com um de nós — pontuou Ariel. — Não estamos acusando-a de matá-lo intencionalmente. A partir do instante que ela cruzou o caminho de Hamon, o afetou. A presença dela o enfraquece.

— Como chegamos a essa conclusão? — questionou Haniel.

— Simples. O que acontecerá se as penas caírem uma a uma? Como um anjo, ou melhor, um arcanjo governará sem asas? Elas não são enfeites — ironizou Gabriel.

— Faremos o necessário para impedir a profecia — disse Miguel.

— Do jeito que vejo, estamos precipitando-a — sibilou Haniel.

— O que você está dizendo? — perguntou Ariel.

— Seja como for, Hamon está apaixonado. Não estou entrando no mérito de como ou porque aconteceu. O que pergunto é: como esperamos que ele vá reagir à decisão desta Cúpula?

— “*Ele despiu o halo e abdicou de suas asas*” — recitou Uriel.

— Por favor, Hamon ascenderá ao Primeiro Círculo Celestial. Ele não apenas ocupará um lugar entre nós, será o Príncipe dos Arcanjos. Quando separarmos os dois, seu discernimento aniquilará qualquer sentimento — rebateu Raphael.

— Expus minhas ressalvas — comentou Haniel.

Mais do que qualquer outro, ela conhecia a força dos sentimentos mundanos. Como regente do amor e do prazer, aprendera a respeitar o significado que eles possuíam entre os humanos, e depois do que houve com Lúcifer, pensava que as emoções poderiam ser despertadas também entre os anjos.

— Quatro a favor — anunciou Miguel. — Temos um veredito. A sentença ficará condicionada ao florescimento dos seus poderes, se até dezoito anos completos, não houver nenhuma prova de sua existência, faremos uma nova votação.

— Que assim seja! — disseram todos.

Damabiah havia reportado as infrações que o irmão cometera desde sua chegada a Terra, colocando em perigo a si mesmo e ao Principado dos Arcanjos, ao menos era o que acreditava. O que a jovem anjo e seu pai não notaram, foi a preocupação por trás da acusação. Ela temia o que aconteceria ao irmão. Não era este um sentimento?

A relação entre os dois estava complicada, para dizer o mínimo. Hamon não a perdoava por culpar Triana e acusá-la de tê-lo manipulado com o sangue nefilim. Ele não aparecia para treinarem juntos, dormia fora quase todos os dias, ou chegava tarde da noite, e se trocassem duas palavras era muito.

Ela estava furiosa e a incompreensão quanto ao que sentia, agravava a situação. Fora as aulas, a garota se isolava na *Cuevas de Hércules*. Abaixo da área aberta para visitação, as ruínas dos templos helenísticos estendiam-se, e era lá que Damabiah despejava sua ira.

— Lembre-me de não iniciar uma briga com você.

— O que faz aqui? — Ela interrompeu a sequência de movimentos e abaixou o bastão. — Você está me seguindo?

— Não estou, mas a segui hoje. — O decaído pegou um dos bastões

apoiados na metade de uma parede de pedras. — Está tudo bem? — Posicionou as mãos na haste e bateu no que ela segurava, em um convite para retomar a prática.

— Não sou sua humana que precisa de babá. — Ela o atacou e ele defendeu-se, movendo-se em passos ritmados.

— Minha humana? Ela não é um animal de estimação, Damabiah. — Girou o bastão para a vertical e a bloqueou, desferindo uma série de ataques. — E menos ainda minha, pergunte ao seu irmão.

Ela rosnou em resposta à provocação e agachou, direcionando a arma para os pés do adversário. Mehiel saltou, evitando a queda e bateu os bastões, impedindo-a de prosseguir.

— Desistiu rápido.

— Fale comigo — pediu, abaixando o bastão. — O que está havendo? Você quase bateu em um garoto no colégio.

— Ele passou a mão na minha bunda. — Soltou o bastão no chão. — Teve sorte que não quebrei o braço dele, da próxima não serei gentil.

— Entendi, ele mereceu. — Mehiel deu alguns passos, escorou o bastão na parede e acomodou-se sobre uma das muitas rochas espalhadas na galeria.

— Hamon só enxerga aquela garota — resmungou, sentando-se no chão, de costas para o decaído. — Ele esqueceu a razão de estarmos aqui, suas obrigações com o Principado... — Abaixou os olhos e pegou um fragmento de pedra, apertando em sua palma. — Disse que nunca vou entendê-lo, porque não sei o que é amar.

— Não é verdade?

— A forma como ele falou... Foi como se dissesse que não sou digna do amor. — Abriu a mão, o sangue corria por entre seus dedos. Antes de pingarem no chão, o corte estava cicatrizado. Ela arremessou o pedregulho longe. — Para ele, Triana representa pureza, e no momento que apresentei ao Principado minhas suspeitas em relação a ela, me tornei o mal personificado.

— E isso te magoou?

— Eu estava com medo por ele. Pensei que fosse perder meu irmão. Não posso vê-lo morrer por causa dela.

— Você percebe que estamos falando de sentimentos?



CAPÍTULO 19

*“O amor e a afeição
com facilidade cegam
os olhos do entendimento”*

Dom Quixote - Miguel de Cervantes

— Quando Martín volta? — Belinda apontou para as fotografias coladas

na porta do meu armário. Uma sequência de três cliques em que aparecíamos fazendo caretas. — Fofo.

— Amanhã. — Retirei alguns livros da mochila e os guardei no compartimento, fechando-o em seguida. — Estou em pânico.

— Por quê?

— Pensei que se planejasse uma comemoração para quando ele voltasse podia criar uma versão do seu aniversário onde eu estivesse presente. Algo que ele pudesse lembrar no futuro, independente de onde vamos estar ou se estaremos juntos. — Um nó se formou na minha garganta. — Algo que o fizesse lembrar de mim.

— Martín te adora, amiga. — Ela pôs a mão no meu ombro e o massageou. — Se ele estivesse aqui, diria que se pudesse escolher, passaria o aniversário com você. De preferência sozinhos. — Sorriu e deu uma piscadela. — Mas nem todos têm a sorte de ter pais descolados como os seus, e somos obrigados a fazer o que eles querem, como, por exemplo, viajar sei lá quantos milhares de quilômetros para festejar o aniversário em um jantar tedioso.

— Se meu jantar for entediante? Se ele estiver esperando por uma festa ou... não sei, Bel. Sinto que não importa o quanto me esforce... — Fiz uma pausa, pensando em como dizer a verdade sem mencionar que na próxima vez que o encontrar, Martín será um Príncipe com um exército sob seu comando. — Serei sua namorada da época do colégio e nada mais.

— Como você pode saber se não será o grande amor da vida dele? Vocês têm algo especial, Tri. — Ela se pendurou no meu braço. — Todo mundo consegue ver. — Arrastou-me pelo corredor. — Agora, para de bobeira e me conta que presente misterioso é esse que você está guardando a sete chaves. Você vai dar pra ele?

— O quê? — O entendimento me atingiu. — Não, Bel! — Gargalhei.

— Você já deu e não me contou? Triana!

— Não — murmurei entre risos. — Nós não... — Outra coisa que não dava pra explicar. Como diria para minha melhor amiga que não podia fazer sexo com meu namorado porque ele era um anjo e eu morreria se ele perdesse o controle? — Estamos indo com calma.

— Três meses não é o bastante? Vocês parecem tão apaixonados.

— Ainda não disse com todas as letras o que sinto por ele.

Martín também não usou essas palavras, embora não tenha negado quando Iker insinuou, e ele tem a vantagem de ouvir meus pensamentos.

— Você o ama?

— Oi. — Mia interceptou-nos. — Soube que você dará uma festa para o meu irmão e pensei que poderia ajudar.

— Você voltou a falar conosco? — perguntou Belinda. Ela não sabia que foi Martín quem pediu que sua irmã se mantivesse longe. — Não importa, não é uma festa e ela não quer sua ajuda. Aliás, parece que ninguém quer sua companhia. — Mia trincou os dentes. — Foi vetada da comemoração que seus pais fizeram?

— Bel — a repreendi e volvei os olhos para a garota ruiva na nossa frente. — Não será grande coisa.

— Está bem. — Ela deu de ombros e virou-se, dando-nos as costas e afastando-se.

— Sei que ela não gosta de mim, mas me sinto mal por tê-la excluído.

— Você está planejando essa noite há semanas. Apenas os dois, lembra? Seus pais vão até passar a noite fora.

— Não me lembre, eles têm certeza que tenho planos de dormir com Martín. Meu pai disse que não quer estar por perto, mas também não quer que façamos em qualquer lugar. — Bel deu risada. — Acho que fomos trocadas na maternidade, amiga. Você é quem parece ser filha deles.

— Adoraria que meus pais fossem parecidos com os seus. Se minha mãe descobrir que não sou mais virgem, no mínimo me trancará em um internato. Isso se não me expulsar de casa.

— Exagerada.

Fizemos metade do trajeto para casa juntas, depois nos despedimos, Bel disse que tinha um encontro com o sobrinho de um vizinho. Teria me preocupado se ela dissesse que foi alguém que conheceu em outro contexto, Asier certamente não tinha parentes nos arredores. Ele desapareceu sem deixar rastros, não voltou a Sonhos do Éden e também não sentia que estava sendo vigiada como antes. Cheguei a comentar que achava que eu não era quem os demônios buscavam e Samael havia percebido. Martín discordava.

Parei na calçada de casa. Iker estava sentado nos degraus da varanda e mexia no cabelo, deslizando os dedos de baixo para cima no topete, assanhando-o mais. Removi a mochila do ombro e me aproximei, sentando-me e empurrando-a para junto da porta.

— Algum problema?

— Eu que deveria perguntar. — Ele apoiou os braços nas pernas. — Você esteve ocupada sob os olhos vigilantes de um anjo, achei que podia tirar umas férias.

— Agradeço por não estar me espionando com meu namorado, isso seria perverso.

— Perverso? — Volveu o pescoço na minha direção. — Não pensei que você estivesse...

— Não vou falar com você sobre este assunto. — Balancei a cabeça.

— Você está ciente dos riscos?

— Por exemplo, ele me matar?

— Por toda a história da humanidade, apenas um anjo teve relações com uma humana...

— Lúcifer?

— Ele jamais arriscaria a vida da mulher que ama. Uniram-se desta forma depois da queda e desconheciam as implicações. Ninguém supunha que a essência divina permanecia vívida no sangue. Naquela época, os decaídos acreditavam que, após perder o halo e as asas, viveriam como os humanos. Após doze anos do nascimento do filho de Lúcifer, descobriu-se que ele possuía habilidades celestiais. Samael é o único anjo que desposou uma humana e é pai do primeiro nefilim, Caim. Diferente daqueles que vieram depois, ele nasceu com poderes e foi entregue para que Adão e Eva o criassem como filho. Você sabe que a história não terminou bem.

— Os nefilins filhos de decaídos tinham poderes?

— Assim como você.

— Eu? Ficou maluco, Iker?

— Suas crises de enxaqueca são decorrentes dos picos de descarga energética. Se tivesse sido criada por decaídos, seria treinada para aprender a controlá-los.

— Que legal, meu poder é ter dores de cabeça infernais.

Ele riu: — Não sabemos qual é o alcance do seu poder, mas logo descobriremos. Dezoito anos é a idade em que a energia celestial atinge o ápice. Diferente dos decaídos, os nefilins não tiveram suas asas arrancadas, nasceram sem elas, portanto seus poderes eram ilimitados, assim como os dos anjos.

— Minha herança nefilim. Martín comentou sobre, disse que pode ser o motivo de não conseguir apagar por completo minha memória e também o que impede que Mia ouça meus pensamentos, ou a razão porque nossas mentes se conectam sem que ele tenha controle.

— Seu namorado pode ouvir o que você pensa? — Anuí. — O tempo todo? — Arqueou a sobrancelha.

— Nós encontramos alguns meios de criar uma barreira.

— Que bom, porque deve ser constrangedor.

— Você não veio perguntar como anda meu namoro, certo?

— Até aqui, todos da linhagem de Lúcifer eram homens e tornaram-se pais menos de um ano após completarem dezoito anos.

— Você acha que irei engravidar? Não vai acontecer, ok? Continuo virgem, Martín não quer me colocar em perigo.

— Triana, há uma peculiaridade. Os homens seriam responsáveis por perpetuar a linhagem, mas somente as mulheres seriam capazes de desenvolver o poder. Você é a primeira mulher herdeira dos nefilins.

— E o que acontecerá comigo? Não irei me tornar uma bomba nuclear, né?

— Mia acredita que você afeta a imunidade angelical, deixando-os suscetíveis às emoções e enfraquecendo-os, o que explicaria o Martín estar perdendo plumas.

— Se fosse verdade, ela não deveria... — Ele confirmou com a cabeça. — Mia está...

— Ela não está apaixonada por você, se é o que pensou. Nem por mim, o que é uma lástima. Sou um bom partido. — Piscou. — Mia está com medo pelo irmão, ela está sofrendo por ele, porque todos os dias que ele está com você, sua essência divina morre um pouco. Ela teme que quando seu poder estiver no auge, você o mate.

— Eu nunca...

— Mia está convicta que a influência nefilim é como o veneno de demônio para os anjos.

— Por quê? O que fiz para que ela...

— Você... A sua presença os fez sentir, e anjos não deveriam experimentar os sentimentos mundanos.

— Meu sangue carrega uma arma biológica contra anjos?

— Dito assim parece horrível.

— Não é? Iker, posso estar matando o Martín.

— Estamos lidando com o desconhecido. — Ele endireitou a coluna. — Achei que você deveria saber.

— Obrigada.

— Mia não é uma garota má — disse, levantando-se. — Ela fez o que pensou ser o certo. — O olhei confusa. — A Cúpula?

— Não sei do que está falando.

— Claro que ele não contou. — Meneou a cabeça. — Vocês estão sendo julgados no tribunal celestial.

— Julgados? Por quê?

— Mia relatou suas suspeitas quanto aos motivos que levaram o irmão a quebrar as regras e se envolver com uma humana.

— Receio que isso não seja bom.

— Ele não ficou feliz quando descobriu e cortou relações com a irmã, mas está mais preocupado com você.

— Tenho que colocar juízo na cabeça de um anjo. — Forcei um sorriso para esconder as lágrimas que despontavam.

— Arcanjo. A essa altura seu namorado porta uma coroa e tem um exército sob suas ordens.

— Eu só queria que ele fosse um garoto comum.

— Quem pode julgá-la? — Acenou. — Até mais, Triana.

Iker se foi, não observei para onde. Peguei minha mochila, entrei em casa e subi para meu quarto. Desabei na poltrona, puxando as pernas para o assento, em posição de lótus. Levei as mãos ao rosto, cobrindo-o em concha.

— Posso entrar? — perguntou meu pai.

Tinha deixado a porta aberta. Abaixei as mãos e assenti, enxugando as lágrimas. Meu pai estava no escritório aquele horário e sempre que chegava, estando sozinha, com Bel ou com Martín, entrava para dar um beijo nele e perguntar sobre seu dia, por isso quando eu não ia, ele vinha, porque significava que o meu dia não foi bem.

Ele pegou a cadeira da escrivaninha e colocou ante a poltrona, recolhendo a mochila que joguei no chão. Reclinou-se para frente, segurou minhas mãos e esperou que minha respiração estivesse regular.

— Se estiver assim porque está com saudades do Martín, vai ganhar uns cascudos.

— É um pouco disso. — Encolhi os ombros.

— Três dias e você não aguenta de saudade? Estou com ciúmes.

— Também sinto saudades quando você viaja.

— Não lembro de ninguém chorando. — Retribuí seu sorriso. — Tenho certeza que ele preferia estar com você agora.

— Pai, como você soube que amava minha mãe?

— Quando a conheci — deu um sorriso largo —, senti que estava a procurá-la por todo o tempo. Guarda um segredo? — Confirmei. — Meu

primeiro beijo foi com sua mãe. Ela era nova na cidade, estava no radar de metade dos garotos do colégio e eu vivia com a cara nos livros, pensei que não teria nenhuma chance. Engasguei com minha própria saliva quando ela interrompeu minha leitura de *Hamlet* com um comentário sobre a representação feminina nas tragédias [*shakespearianas*](#).

— É a cara da minha mãe.

— Dois anos depois ela disse que precisava conversar. Estávamos no último ano do bacharelado, pensei que fosse terminar comigo. Fiz uma lista do que imaginava que seriam seus motivos e elaborei um contra-argumento para cada. Nós nos encontramos no parque, ao cair da noite. A observei de longe por longos minutos, ela usava um vestido amarelo e segurava um envelope nas mãos. Achei que tivesse se inscrito para universidade em outro país e iria me mostrar a carta de aceitação. Eu me aproximei, sentindo meu coração capotar. — Ele ergueu uma das mãos e capturou uma lágrima que descia por minha face. — Sua mãe me abraçou e quando se afastou, chorando, me entregou o envelope. Suas palavras foram: *“Independente do que acontecer depois que você ler o que está escrito neste papel, continuarei te amando”*.

— O que você fez?

— Falei que não me importava para onde estava indo, eu iria junto. Ela respondeu: *“Acho que temos uma visita agendada na maternidade daqui a sete meses”*.

— E foi aí que você pensou em sair correndo?

— Algo assim — provocou-me. — Para ser honesto, acho que sua mãe deve ter pensando nessa opção quando me viu gritando feito louco que seria pai.

— Eu teria saído correndo se fosse ela.

— Mas não é este o motivo por trás dessa tristeza. — Retornou a conversa para o ponto inicial.

— Percebi que sou um desvio na estrada. — Toquei as penas no meu colar. — Martín tem responsabilidades com os negócios — desviei os olhos, odiava mentir para meu pai — da família. Ele terá que ir embora, não é uma opção. Estar comigo implica um sofrimento que pode ser evitado.

— Triana, deixe que Martín faça suas escolhas.

— Se ele não tiver escolha?

— Pense bem no que você vai fazer, aquele garoto está...

— Sei que sim... — O interrompi. — Ele disse e demonstrou de diferentes formas. — *“Esperei você por dezoito séculos”* — repassei em pensamentos as palavras de Martín. — Chegou a minha vez, pai.

— Minha vontade é exigir que você não faça nada, mas sinto que há mais nessa história do que está me contando, portanto, vou pedir que tome um banho enquanto preparo um lanche para nós dois e depois acalme esse coração. Converse com Martín, conte os seus medos, deixe que ele faça parte dessa decisão que cabe a ambos.

Segui o conselho do meu pai e depois de comermos me tranquei no quarto escuro, ocupando-me com as revelações, até que me deparei com um par de olhos que conhecia meus segredos mais íntimos.

Feliz aniversário — sussurrei em pensamentos.

Fechei os olhos. Um trovão soou alto e meu coração acelerou. Levei a mão ao pingente e espalmei a mão no busto sem encontrá-lo. Removi o colar quando entrei no banheiro e não o encontrei depois. Descerrei as pálpebras e, por um instante, esperei que a porta abrisse e Martín surgisse, exibindo seu sorriso presunçoso.



CAPÍTULO 20

*“Neste mundo você tentou
Não me deixar para trás só.
Não há outro modo.
Eu rezei aos deuses
para deixarem ele ficar.”*

Memories - Within Temptation

— Triana! Triana! — Apurei o ouvido. — Triana!

— Mãe? — Deixei o quarto escuro e entrei pela porta da cozinha, respondendo aos gritos entremeados por choro. — Estou aqui! O que... Pai? — Caí de joelhos, agarrando-me ao seu corpo. Minha mãe estava sentada com a cabeça do meu pai no colo. — Por que ele não responde?

— Triana, ligue para emergência. — Ela alisava os cabelos dele. — Amor, fica com a gente, por favor.

— Mãe, pede pra ele acordar — disse entre soluços. — Pai. Pai! — Debrucei sobre seu tronco.

— Triana, o telefone. — Apontou para sua bolsa, jogada na entrada do cômodo. — Agora!

Levantei, cambaleando e busquei pelo celular. Disquei o número e voltei a agachar, lhe entregando o aparelho. Segurei a mão do meu pai, acariciando-a, como ele havia feito comigo horas atrás. Meus olhos estavam embaçados pelas lágrimas, choro e murmúrios se misturavam. Ouvi minha mãe dizer ao atendente da emergência que o havia encontrado inconsciente quando chegou em casa.

— Sem pulso — sibilou, deslizando a mão livre entre os cabelos do meu pai.

Tremores espalharam-se pelos meus membros, me encolhi, deitando abraçada ao seu corpo. Nós comemos, em seguida ele perguntou se queria assistir um filme. Recusei e fui para o quintal, me tranquei no meu mundo, não perguntei como foi seu dia ou se estava tudo bem. O deixei sozinho.

— Pai, fala comigo. Não me deixa, preciso de você.

Minha mãe desligou e envolveu nossas mãos, entrelaçando seus dedos aos nossos. Nós três. Ela chorou, com os olhos devotados ao rosto dele, as lágrimas escorrendo sem pausas.

A ambulância chegou algum tempo depois. Abri a porta a pedido da minha mãe. Mandaram que ela se afastasse do corpo.

— Xavier! — gritei. — O nome dele é Xavier. — O choro veio em ondas, açoitando-me. — Meu pai. — Senti os braços da minha mãe puxando-me e enterrei o rosto no seu ombro. — Quero acordar.

— Eu também.

O restante da noite foi um borrão. Fiquei prostrada no sofá, onde alguém da equipe de emergência tinha me feito sentar enquanto outro conversava com minha mãe. Depois ela sentou-se comigo e ficamos abraçadas até a chegada de Belinda.

— Sinto muito.

— Obrigada por vir — respondeu minha mãe, cedendo o lugar ao meu

lado. — Tri, estarei no quarto. — Esfregou as mãos no rosto, limpando as marcas deixadas pelas lágrimas. — Farei algumas ligações e... — Respirou fundo.

— Tudo bem, mãe.

Ela estava se esforçando para não desabar. Perdi a conta de quantas vezes prendeu a respiração para impedir o choro no tempo que estivemos sentadas ali. Talvez tivesse por obrigação ser forte e apoiá-la, segurar sua mão para que nenhuma de nós ruísse. Eu não conseguia. Permiti que ela fosse para o quarto, onde ligaria para meus avós e em seguida cairia em pranto, sem ninguém com ela. Do mesmo modo que meu pai morreu.

A almofada afundou, adaptando-se ao corpo da minha amiga. Ela me olhou com pesar. Deitei sobre suas pernas, deixando que as lágrimas recomeçassem. Bel pegou uma mecha e iniciou uma trança, como fazíamos quando crianças. Cerrei os olhos, suspiros arquejantes tremulavam nos meus lábios.

Adormeci de cansaço, com o tronco curvado sobre o colo de Bel. Ela dormiu sentada, porque não quis me acordar. Despertamos com minha mãe chamando-nos. Seus olhos estavam inchados e as olheiras profundas.

— Meninas, vão deitar na cama. — Deu-me um beijo na testa. — Seus avós estarão chegando em breve. Eles cuidarão do café da manhã, ok? Preciso resolver os trâmites do... — Engoliu em seco e inspirou, fechando os olhos. — Voltarei o quanto antes — emendou à meia voz e ergueu-se, indo em direção a porta.

— Mãe? — Recostei-me no sofá. — Quando poderei vê-lo?

— Aviso assim que souber.

— Quer que eu vá com você?

— Descanse.

A vontade de me mover era nula, porém Bel não iria me deixar e ela precisava descansar. Obriguei-me a levantar e estendi a mão para minha amiga, enganchando-me no seu braço. Arrastei-me escada acima e parei na porta do quarto, olhando a cadeira na posição que meu pai colocou para conversarmos.

— Pode dormir, amiga. — Encaminhei-me para a poltrona. — Vou me aninhar aqui um pouquinho.

— Ficarei com você.

— Não precisa, de verdade. — Eu fitava o lugar vazio e sentia como se meu pai estivesse presente. — Não sei o que fazer. — Funguei. — Como vai ser daqui para frente?

— Vocês irão descobrir, Tri. — Ela sentou na cama.

— Acho que minha família é amaldiçoada. Meus avós paternos morreram em um trágico acidente de carro. Só tinham trinta e dois anos, Bel. Meu pai não chegou aos quarenta. Estava bem, era saudável. Por quê?

— Ninguém explica a morte, é o grande mistério da vida.

— É um saco, isso sim!

— Você deveria dormir mais um pouco, pelo menos tentar.

— Eu vou. — Puxei as pernas para o assento. — Mas ficarei na poltrona, quero fingir que estamos tendo a conversa de ontem à noite outra vez.

— Enrole-se. — Ela jogou o cobre leito.

— Vá dormir também, você passou a madrugada sentada.

— Promete que me chama se quiser conversar?

— Sempre.

Bel repuxou o lençol da cama e se enroscou debaixo, em poucos minutos estava ressonando. Arrumei o cobertor, criando um casulo no entorno do meu corpo. Prendi as pontas atrás das minhas costas e repousei a cabeça sobre o ombro esquerdo, semicerrando os olhos.

Revi os últimos momentos com meu pai. Nós dois sentados na cozinha, degustando de uma *tortilha espanhola* com *jamón*, que ele fez especialmente para me animar. A sensação afetiva de ser cuidada embalou um sono tranquilo.

Quando pestanejei, Martín estava sentado aos pés da poltrona, com as mãos repousadas sobre minhas pernas e a cabeça voltada para o chão. Removi o braço direito do cobre leito e afaguei os nós dos seus dedos. Ele ergueu o rosto, um olhar condoído recaiu sobre mim. Meus lábios tremeram, precipitando o choro.

Levantou-se num átimo, ao tempo que me livre do cobertor e deslizei os pés do assento, jogando-me nos seus braços. Uma de suas mãos infiltrou-se entre meus cabelos e amparou minha cabeça. Meus braços apertaram-no, os dedos agarraram-se à sua jaqueta e afundei o rosto no seu torso. Segurou-me com firmeza, oferecendo contenção física para meu sofrimento e retribuindo a intensidade com que me ancorava a ele.

— Por quê? — murmurei, as lágrimas escorrendo por sua camisa. Ele era um anjo, deveria ter respostas. — Por quê? — Pressionei a testa contra seu peito.

Martín me abraçou mais forte e pousou os lábios no meu cabelo. O pranto excedeu o choro e me debati junto dele, desejando que trouxesse meu pai de volta à vida. Deveria reprimir tais pensamentos, mas naquele momento não me importava se ele estava ouvindo as súplicas desesperadas do meu coração, na

verdade queria que ouvisse e atendesse meu apelo, ainda que soubesse que não poderia. Permanecemos inamovíveis. As lágrimas a traçar as linhas de minha face, seu toque a acalantar a tormenta que arrebatara minha alma.

Não estive em mim pelo que restou daquele dia ou dos seguintes. O velório, as condolências, o burburinho de vozes a respeito do quão abrupto foi sua morte, tudo ao meu redor insistia em lembrar-me que meu pai não mais estaria presente na minha vida. Despedir-me de um corpo inerte e gélido foi a experiência mais dolorosa que vivenciei nos meus quase dezoito anos.

Belinda e Martín levavam-me de um canto ao outro, dizendo-me o que fazer: comer, tomar banho, dormir. Ela tinha ficado em minha casa direto desde o velório, apenas saía para ir ao colégio. Ele esteve comigo a maior parte do tempo, só ia embora porque minha avó implicava por estarmos juntos da hora que acordava até tarde da noite, dizia que não tínhamos idade para um namoro sério.

“Não faça como sua mãe que engravidou e casou sem conhecer nada no mundo” — comentava quando meu namorado não estava.

Não tinha ânimo para discutir, também não queria que o clima ficasse tenso. Meus avós ficaram para ajudar minha mãe a se erguer, não estava sendo fácil para nenhuma de nós duas. No entanto, me perguntava se minha avó notava que culpava meus pais por me terem.

— Pare! — Virei-me para a escada, sobressaltada pela voz firme de minha mãe. — Pare, por favor — pediu, olhando para minha avó e segurando-se no corrimão. Ela sentou-se no terceiro degrau. — Não me arrependo das escolhas que fiz, de ter construído uma vida com Xavier, de termos tido nossa filha. Ele me amava e eu o amo com todo meu coração. E o que nós dois queremos para Triana é que ela seja feliz. Se sua felicidade estiver ao lado do Martín, que eles decidam se querem esperar ou dar o próximo passo, se não estiver, que cada um encontre seu caminho, mas, por favor, deixe que eles façam suas escolhas. Pare de atormentá-los porque acredita que poderia ter impedido que eu passasse por isso — sacudiu os braços no ar —, não importa o tamanho da dor que estou sentindo, os anos de amor que vivi com Xavier são infinitamente maiores do que ela.

— Nós sabemos. — Meu avô foi quem se pronunciou. Caminhou até a escada e sentou-se com minha mãe. — Não a culpe, ela já está fazendo um bom trabalho neste sentido. Sua mãe sente-se responsável, acha que se tivéssemos impedido seu namoro, hoje você não teria que encarar essa perda. — Ele pôs a mão no seu ombro. — Você é mãe, sabe que nada dói mais do que ver nosso filho sofrendo.

Ela deu um sorriso tênue para seu pai e voltou os olhos para minha avó:
— A dor é transitória, mãe. O amor que Xavier me proporcionou é eterno.

Eu e Bel estávamos encolhidas no sofá, de início assistimos de olhos esbugalhados a explosão de minha mãe, depois fomos devastadas pelas lágrimas. Quando minha avó parou diante dela com os braços abertos e ela se ergueu, levantei correndo e me uni ao abraço, sendo seguida pelo meu avô.

— Desculpe. — Minha avó beijou-nos na têmpora. — As duas.

— Tudo bem, vó.

— Seu pai não iria querer que nos trancássemos em casa. — Minha mãe afagou meu rosto. — Vai demorar para aceitarmos o que houve, mas não podemos desistir da vida. Seus avós já nos ajudaram demais, portanto a partir de segunda, voltarei ao trabalho e você ao colégio. Combinado?

— Pelo meu pai.

— Sim, Tri. — Beijou minha testa. — Pelo Xavier.

Foi a primeira vez que voltei à cozinha, parei sob o batente, olhando fixo o local onde o encontrei nos braços de minha mãe. Ela envolveu-me, massageando meu ombro, e após me dar alguns segundos, conduziu-me para a mesa, onde sentamos com meus avós e Belinda.

Terminamos a noite numa competição de esculturas de marzipã e muita comilança, do jeito que meu pai amava. O tom da noite foi dele, rimos com minha mãe relembrando algumas das aventuras que viveram juntos, e me flagrei suspirando ao ouvi-la contar de quando se conheceram. As versões de ambos se completavam e me faziam acreditar que para cada um de nós, existiria um outro alguém, a quem estaríamos destinados a amar.

Este foi o pensamento que me acompanhou até a cama. Talvez porque quisesse me agarrar a qualquer teoria que negasse o que Iker havia me dito. Acreditar que meu sangue nefilim tinha poder sobre o Martín, era também admitir que seu interesse em mim nunca foi genuíno, e sim uma espécie de feitiçaria. Mas e se almas gêmeas existissem? Por menor que fosse o DNA celestial no meu sangue, ele estava presente, seria o suficiente para explicar a conexão que tínhamos? Poderia uma humana com descendência angelical compartilhar com um anjo a mesma essência de sua alma?

Custei a dormir com tantas dúvidas germinando e decidi que atenderia o último pedido do meu pai, conversaria com Martín sobre as teorias que Iker compartilhou comigo e juntos poderíamos buscar provas da sua autenticidade.

Infelizmente, quando acordei o cenário era outro.



CAPÍTULO 21

*“Eu lembro de você
esmagamento meu coração
Você estava lá,
quando tudo desmoronou”
Beautiful Lies - Beyond the Black*

Eu segurava o vestido pela bainha, suspendendo-o até altura dos joelhos,

e corria às cegas. A claridade intensa me impedia de enxergar um passo a minha frente. Choquei-me com um alguém e caí, aos seus pés. Semicerrei os olhos.

— Martín?

— Sou Hamon, Primeiro General do Exército Celestial e Regente do Principado dos Arcanjos.

— Por que você está... — Meus olhos se ajustaram ao brilho metálico da armadura. Ele tinha um ar sombrio e a postura rígida. Abaixei os olhos para minha roupa, um vestido longo e vermelho, de caimento rodado. — O que estou...

— Levante-se.

— Martín...

— Meu nome é Hamon! — exclamou, desembainhando uma espada e apontando-a para mim. — Levante-se.

Obedeci e olhei uma segunda vez para o vestido. Meu busto marcado pelo decote, a saia inflada por camadas de tule. Senti como se estivesse dentro de um romance medieval, mais precisamente numa corte Real.

— Não entendo.

— Cale-se!

A luminosidade apagou-se. Olhei ao redor. Estávamos em um descampado, centenas de anjos emparelhados de ambos os lados, todos vestidos com armaduras. Um calafrio atingiu-me. Amedrontada, virei-me para Martín. Um trovão estrondou e estremeci, sentindo o cravejar da lâmina no meu coração.

— Por quê?

— Você não é apenas a última de uma linhagem, é também descendente direta de Lúcifer. — Samael surgiu ao lado de Martín e estalou os dedos, transportando-nos para uma sala de jantar suntuosa. — Você é herdeira do Principado dos Arcanjos. Você reinará. Anjos, decaídos, demônios e humanos estarão sobre os seus desígnios.

— Não quero nada disso.

— É sobre sobrevivência, Triana. — Ele levou uma taça aos lábios e bebericou. — Ouça sua intuição.

— Sobre o que está falando?

— A morte do seu pai. — Tomou outro gole. — Dos seus avós paternos.

— Você quer me confundir.

— Projetei em sonho o futuro que você terá se não ouvir o apelo do seu sangue. Não é por você, Triana, é pela sua família, pelos seus ancestrais que foram caçados e assassinados pelos anjos.

— Martín nunca...

— Não? — Arqueou a sobrancelha. — Você sabe a verdade, aceite-a.

— Ele nunca me machucaria.

— Abra os olhos, Triana. — Outro estalar de dedos.

Despertei na minha cama, suando frio. Pousei a mão sobre o peito, tentando sentir minha pulsação. Contei até dez segundos de intervalo entre um batimento e outro. Olhei para o lado esquerdo, onde Belinda dormia. Ela estava tranquila. Peguei o celular no criado-mudo e ativei a lanterna, esquadrinhando o quarto. Estávamos sozinhas.

Era fechar as pálpebras e via Martín apunhalando-me. Desisti de dormir. Acendi o abajur, levantei, peguei um livro na escrivaninha e acomodei-me na poltrona. A leitura ocupou-me e deteve as paranoias que Samael semeou, porém não bastou para erradicá-las.

Meu namorado chegou com o raiar do dia, como tinha feito na última semana, trazendo uma sacola de *croissant* e *rosquilletas*. O recebi com um beijo, entretanto, ao toque dos seus lábios, um calafrio espalhou-se sobre minha pele.

— Tri? — Ele segurou meu rosto, acariciando-me. — Você ficou pálida e está gelada.

— Devo estar com a pressão baixa, tive uma madrugada insone.

— Depois do café podemos ver um filme, pode ser que te ajude a dormir.
— Beijou minha testa. — Ou dar uma volta. Faz dias que você não sai de casa.

— Acho uma ótima ideia! — Minha avó intrometeu-se na nossa conversa. Martín me olhou atônito, estranhando ela ter concordado com ele. — Onde está Belinda? Acordou?

— Sim, vó. Ela está se vestindo.

— É impressão ou hoje ela não me odeia? — murmurou Martín quando minha avó pegou a sacola que ele trouxe e desapareceu em direção à cozinha.

— Ontem depois que você saiu, minha mãe lavou a roupa suja. Meus avós vão embora hoje no final da tarde, Belinda também, e nós duas descobriremos o nosso jeito de continuar.

— Xavier se orgulharia.

— Bom dia, Martín — cumprimentou minha mãe ao descer a escada.

— Bom dia, Isabel.

— Diga que trouxe aquelas *rosquilletas* deliciosas.

— Sim, mãe, ele trouxe.

— Melhor genro. Vamos para cozinha. Bel e seu avô estão descendo.

Foi um café da manhã como os que tínhamos com meu pai. Domingo era seu dia favorito, ele fazia questão que sentássemos em família e aproveitávamos para traçar um panorama geral da nossa semana. O *script* dessa vez foi outro, tínhamos estado em modo zumbi e relembrar aqueles dias nos empurraria de volta a caverna sombria de onde estávamos lutando para sair.

Minha mãe resgatou lembranças antigas, outras mais recentes, como quando conheceram meu namorado, o que me fez enrubescer. Não pelo seu comentário em si, mas pelas imagens mentais que acionou. Martín captou os meus pensamentos e prendeu uma porção do lábio inferior, refreando o sorriso.

Em seguida, Bel se despediu e comentou baixinho que tinha aceitado o convite do garoto com quem vinha saindo para passar a noite em Madri. Andei tão desligada que pensei que ela havia saído com ele apenas uma vez, mas me enganei, o flerte com o sobrinho do vizinho estava a todo vapor. Culpada, concordei em mentir e, para todos os efeitos, ela só voltaria para casa na segunda.

Eu e Martín saímos para um passeio no *Paseo del Tránsito*, o mesmo parque escolhido pela minha mãe para revelar ao meu pai que estava grávida. Nós sentamos em um dos bancos, ele envolveu-me pela cintura e me aconcheguei ao seu ombro.

— Obrigada por ter permanecido ao meu lado. — Espalmei a mão na sua coxa. — Por ter entendido minha ausência emocional.

— Não posso dizer que sei o que você está sentindo, mas vejo o quanto perdê-lo te feriu.

— O que aconteceu com a alma dele? Ele era parte nefilim.

— Xavier era um bom homem, sua alma logo estará na Fonte das Almas.

— E agora? Onde ele está?

— Em transição. Podemos comparar ao estado de coma, a alma está adormecida, recuperando as memórias de todas suas vidas passadas.

— Nós vivemos outras vidas?

— Os seres celestiais têm à imortalidade, os humanos a reencarnação. A essência de nossas almas é perpétua.

— Ele e minha mãe vão se reencontrar? — Meus olhos umedeceram.

— Certamente. Eles compartilhavam um elo etéreo.

— Um o quê?

— Na concepção das almas, o Criador combinou duas substâncias excelsas, às vezes mais, e as repartiu, não de modo que fossem complementares, seres totais que quando unidos tinham seus potenciais individuais maximizados.

Vocês conhecem como almas gêmeas.

— Há exceções?

— Anjos ou humanos, nossas almas têm a mesma origem. Contudo, não somos educados para o amor, compreendemos o elo etéreo como uma oportunidade de elevar nossos poderes.

— Como vocês sabem?

— Todos temos uma aura circundante, ela tem cores diferentes de um para o outro, e quando almas gêmeas estão em contato, não precisa ser sexual, elas ficam numa nuance índigo, a cor da consciência celestial. Quando um ser tem mais de um elo etéreo e apenas se encontra com um, a aura não atinge todo potencial, ficando numa tonalidade fosca.

— Você já... — Busquei seus olhos.

— Não poderia encontrar meu elo etéreo entre os anjos — levou a mão esquerda ao meu rosto —, porque é você.

— Não acho que seja possível.

— Era o que eu pensava, até conhecê-la e descobrir que nada era tão simples como acreditava.

— E algumas coisas são mais complexas do que desejamos.

— Tenho algo para te contar.

— Não vou suportar ser responsável pela sua morte, Martín. — Lágrimas rolaram, lembrando a conversa que tive com Iker. — Não posso perder mais ninguém.

— Não irei para lugar nenhum. — Ele beijou-me. — Ficarei com você pelo tempo que desejar.

— Sou a última descendente de uma linhagem condenada. Desconhecemos a força que o sangue nefilim tem sobre mim... Ou sobre você. — Pousei minha mão sobre seu coração. — Amo você, Martín. — Suas íris iluminaram-se. Afaguei seu maxilar e dei-lhe um beijo pueril.

— Tri... — Ele separou nossos lábios. — Você precisa me ouvir. — Afagou meu cabelo. — Depois do que direi, não acreditará nessas palavras, mas juro, Triana, não há no mundo nada mais verdadeiro do que o amor que tenho por ti. Eu a amo com toda minha alma. — Uma lágrima trilhou a maçã do seu rosto. — E é por amá-la que não posso esconder isso de você.

— Você está me assustando, Martín.

— Os arcanjos representam o Primeiro Círculo Celestial, entretanto, eles não estão sozinhos, há também os Serafins, nove dos mais antigos guerreiros. As decisões tomadas por eles não requerem aprovação do Principado. Liderados por

Metraton, o escrivão divino, eles interferem em questões mundanas com impacto na esfera celeste. Há trinta anos conseguiram localizar a família descendente de Lúcifer. Eu não tinha ideia, Tri. Só tive acesso a essa informação quando me tornei Príncipe dos Arcanjos.

— Minha família. — Fechei as mãos, encolhendo-as no colo.

— Eles os observaram por alguns anos, esperando a confirmação. Aos doze anos seu pai apresentou descargas de energia celestial. Eles não queriam correr riscos e decidiram eliminar a linhagem dos nefilins. Provocaram o acidente dos seus avós, era para seu pai estar no carro. — Ele enxugou minhas lágrimas. — O serafim encarregado das mortes ouviu a constatação de que não houve sobreviventes e deu por concluída a missão. Durante os últimos anos o Primeiro Círculo Celestial acreditou que o sangue nefilim estivesse extinto.

— Até que você e Mia foram enviados para descobrir os planos de Samael e me encontraram.

— Meu pai pediu que Enoch investigasse sua genealogia.

— Foram vocês que... — Meus lábios tremeram.

— Fui eu — disse, olhando-me nos olhos. — Tri...

— Você matou meu pai?

— Os Serafins provocariam outro acidente, na noite seguinte. Você perderia ambos, seu pai e sua mãe. Eu não podia...

— Como você conseguiu fingir que se importava... — Levantei-me, encarando-o com fúria.

— Eu me importo! — Ergueu-se. — Tri, matá-lo me destruiu.

— Martín... Oh, não! Hamon. É esse quem você é — esbravejei. — Você voltou na minha casa, olhou para mim e minha mãe, nos viu desoladas, sabendo que era o culpado pela nossa dor. Como pode?

— Dei uma morte digna ao seu pai — murmurou com lágrimas nos olhos. — Ele morreu revivendo sua lembrança mais feliz, segurando-a em seus braços, uma bebezinha chorona que ele amava incondicionalmente, e quando desviou os olhos foi para sua mãe. Vocês eram tudo para Xavier.

— Samael tem razão, vocês fazem qualquer coisa para manter o poder.

— Você não pode estar considerando ouvir aquele lunático.

— E você é o que, Hamon? Entrou em minha casa, furtou o colar de plumas para que não soubesse que estava por perto, esperou que deixasse meu pai sozinho e o matou. No dia seguinte, voltou como se não fosse você o assassino.

— Tri, não foi assim...

— Estou mentindo? Você não fez...

— Fiz! — Ele fristou os dedos entre os cabelos. — Tudo o que você disse é como aconteceu, mas...

— Maldita seja hora que você cruzou meu caminho!

— Triana, tenta...

— Meu pai... Como você consegue olhar nos meus olhos depois de ter tirado a vida do meu pai? — O choro me venceu.

— Não havia outro jeito.

— O que você fará quando o Principado dos Arcanjos ou os Serafins decidirem que sou uma ameaça? — O terror revestiu sua face. — Samael não chegou perto da minha família, não ameaçou ou matou meus pais. Ele está atrás de mim! — Comprimi os lábios. — Eu vi Martín... Samael me mostrou um cenário do nosso futuro.

— Ele está te manipulando.

— Não, ele abriu meus olhos. Samael disse que minha família tinha sido caçada e assassinada pelos seus e eu te defendi. Para mim você nunca seria capaz de matar um inocente. Falei que você não me machucaria...

— Eu não...

— Você já me machucou, Martin. O que você fez foi pior do que se tivesse cravado sua espada no meu coração. Você matou o homem que mais me inspirava no mundo. Meu pai te recebeu de braços abertos, ele confiaria minha vida nas suas mãos, porque acreditava que você me amava. — Ofeguei. — Eu contei que estava pensando em terminar nosso namoro, não expliquei os motivos reais, mas o deixei saber que não era digna do lugar que você deveria ocupar e meu pai pediu que abrisse meu coração. Meu pai confiava em você...

— Tri... — Estendeu a mão para tocar-me e encolhi-me. — Escute-me, por favor. Xavier confiou em mim até o fim, e é por ele que imploro por sua confiança.

— E olha o que aconteceu... — Balancei a cabeça em negativa. Arranquei o colar do pescoço, quebrando o fecho, e enfiei na sua mão. — Fique longe da minha família, Martín.

O deixei para trás e caminhei a esmo pelo parque. Estava desnorteada, as lágrimas não findavam e o choro ia e vinha entremeado por respirações profundas. Sentia-me perdida. Não podia desabafar com Belinda ou minha mãe, e elas eram as únicas pessoas em quem confiava naquele momento.

Vaguei pelo que pareceram horas e parei em um banco isolado, sentando-me ali, na esperança que passasse despercebida. O que funcionou por pouco

tempo, não demorou para que alguém me cumprimentasse e se aboletasse no espaço ao meu lado. Respondi sem olhá-la, esfregando as mãos no rosto para disfarçar o inchaço deixado pelo choro.

— Triana?

— Oi. — Girei o pescoço e forcei um sorriso ao encontrar um rosto conhecido. — Desculpe, estava distraída e não te reconheci.

— Não se preocupe. — Cassandra abriu a bolsa e retirou um pacote de lenços de papel, oferecendo-me em seguida. — Pensei em te ligar quando soube do seu pai... — Levantou os ombros. — Não sabia o que dizer ou se seria invasivo, considerando que não somos próximas.

— Obrigada. — Peguei um lenço e assoei o nariz. — Estive recolhida no meu próprio mundo desde que aconteceu.

— Se precisar de um par de ouvidos, pode contar comigo.

— Ou lenços. — Puxei outro.

— Também.

Era fácil conversar com Cassandra, por mais que estivesse contando-lhe uma versão editada da história, suas respostas se aplicavam com precisão a minha realidade.

O dia começava a escurecer quando nos despedimos e retornei para casa. Encontrei minha mãe sentada no chão do escritório de meu pai, revirando caixas com os escritos e pesquisas nos quais ele se dedicava.

— Tudo certo aí? — perguntei em pé na porta. Ainda não tinha estado naquele cômodo e era o lugar onde sentia sua presença mais forte.

— Sim. — Ela levantou a cabeça e sorriu. — Seus avós deixaram um beijo para você.

— Não tinha intenção de demorar... — Adentrei o escritório e fui até a mesa, pegando um porta-retratos com uma fotografia de nós três. — Terminei com Martín. — Evitei olhá-la para sustentar a mentira que viria a seguir. — Em julho termina o colégio, ele irá para longe. É melhor assim.

— Tri, você não precisa de mais essa carga emocional agora.

— Estou bem, mãe. — Senti seu olhar fixo em mim. — Vou ficar — sibilei, corrigindo-me.

— Quer conversar?

— Não sobre o Martín.

— Tenho algo que vai despertar seu interesse. — Ela exibiu um caderno antigo, capa de couro envelhecida, páginas amareladas. — Esse é um diário da família Guerrero.

— Diário? — Devolvi o porta-retratos e sentei-me no chão. — Meu pai nunca comentou sobre eles.

— Ele ganhou do pai, no aniversário de doze anos, inúmeros cadernos como este, alguns tão desgastados pelo tempo que as páginas se desfaziam quando tocadas. Seu avô disse que era uma herança de família e que eles tinham a obrigação de mantê-lo em segurança. Xavier não deu importância na época, começou a lê-los após a morte dos pais e acho que foram os diários que semearam sua paixão pela história.

— Você já leu?

— Não. — Ela o ofereceu para mim. — Seu avô o fez prometer que não dividiria seu conteúdo com ninguém e que seriam entregues à sua filha, quando ela completasse dezoito anos.

— Filha? — Abri o diário e deslizei a mão aberta na folha.

— De alguma forma seu avô sabia. Xavier restaurou os diários e os mantém em um depósito, mas sempre manteve um com ele. Terminava a leitura, guardava e trazia outro. Há algumas semanas ele fez uma cópia da chave, selou em um envelope com seu nome e a data do seu aniversário, e deixou no meu criado-mudo. — Pôs a mão sobre a minha. — Sei que seu pai nunca faria algo que pudesse lhe fazer mal ou colocá-la em perigo, entretanto, tenho medo do que possa descobrir nesses diários. Acho que Xavier sabia que morreria.

— Mãe, ele pode ter feito o envelope para me entregar no meu aniversário e como era você quem não o deixava esquecer das coisas...

— Não é só isso, Tri. — Recolheu um amontoado de páginas soltos. — Liguei o computador dele para procurar uns documentos que preciso encaminhar para a universidade e havia uma pasta na área de trabalho, intitulada “*Para Isabel*”. Era isso — ela sacudiu os papéis, — um romance. Passei as últimas horas devorando-o e terminei sem saber o quanto do que está escrito é ficção... Sinto como se cada linha fosse real. — Entregou-me o maço de folhas. — Acho que você deve ler.

— Obrigada — murmurei, empilhando-as sobre o diário.

— O envelope com a chave está sobre sua cama. Após essa leitura, percebi que não posso decidir quando, ou se, você irá ao depósito.

— Vou para meu quarto, acho que é um bom momento para mergulhar nesta história.



CAPÍTULO 22

*“Anjos têm fé
Eu não quero
ser parte desse seu pecado.
Eu não quero me perder
em seu mundo.*

Eu não estou jogando esse jogo”

A Demon's Fate - Within Temptation

— Precisamos conversar. — Iker abaixou a mão que alisava uma mecha

do cabelo da garota com quem falava e virou-se, a curva do sorriso sendo substituída por uma linha reta. — É urgente.

Ele bufou e volveu os olhos para a loira, mordendo o lábio: — Te procuro depois. — Deu uma piscadinha e ela deu-lhe um beijo demorado no canto da boca. — Fala — disse-me, entortando o pescoço para vê-la se afastando.

— Você pode parar de pensar com seu pau e prestar atenção em mim?

— Por que não está com seu namorado?

— Descobri que ele — diminuí o tom de voz — matou meu pai.

— O quê?

— A gente pode ir para outro lugar?

— Você está me chamando para cabular aula?

— Não é como se você fosse um aluno exemplar.

— Você não está querendo me usar para se vingar? — Arqueou a sobrancelha. — Se quiser, estou bem com isto.

— Meu pai morreu há uma semana, terminei com meu namorado ontem... Minha lista de prioridades não envolve te beijar.

— Parei com as brincadeiras — disse sério. — E sinto muito pelo que houve com seu pai. Conheço uma saída, vamos.

Ele não me deu tempo de responder, o que agradei, porque nunca sabia o que dizer quando me davam os pêsames. Fomos para a loja de antiguidades que servia de fachada para o abrigo das armas celestiais. Iker cumprimentou Bertha com um beijo estalado na bochecha e subimos por uma escada no final do balcão.

Saímos numa saleta com um sofá azul, decorado por almofadas coloridas, duas poltronas, um rack mostarda, televisão e muitos livros. À direita, havia uma janela aberta, que dava para a rua, à esquerda uma entrada e ao fundo uma porta. Ele jogou-se no sofá e cruzou os pés sobre uma pilha de livros, abrindo os braços no encosto.

— Reservado o bastante?

— Você mora aqui?

— Bertha é uma espécie de diplomata celestial.

— Martín falou que ela é responsável por localizar e armazenar armas celestiais encontradas na Terra.

— Sim, este é o trabalho dela.

— Deduzo que não foi por este motivo que ela o acolheu.

— Bertha é a mulher que Lúcifer amou muitos séculos atrás.

— Ela sabe?

— Foi seu pedido pessoal ao Criador. Se Lúcifer viveria por todos os séculos confinado ao Inferno, ela viveria todas suas vidas para lembrar-se de tudo o que ele fez por amá-la. Eles nunca se reencontraram.

— É cruel e, ao mesmo tempo, inspirador.

— Quando cheguei, trazendo uma carta de Lúcifer, você precisava ter visto com seus próprios olhos... A emoção que senti ao vê-la sorrindo e chorando agarrada a um pedaço de papel... Não entendo como um amor como o deles pode ter desencadeado uma guerra.

— Pelo menos agora eles podem se corresponder.

— Ela respondeu, mas Lúcifer pediu que devolvesse a carta. Ele sabe que não poderão estar juntos e não a quer aprisionada a um sentimento que só pode existir em suas lembranças.

— Não consigo imaginar um castigo pior — abanquei-me na poltrona, deslizando a mochila para meu colo — para ambos.

— A cada vez que ela nasce, a marca de uma pluma surge no pulso dele. À medida que ela envelhece, vai desaparecendo.

— Yang é sádico? Quem faz algo assim?

— Ele é o criador, não há limites para o que pode fazer. E não esqueça que Lúcifer o desafiou.

— A ausência de emoções afeta o bom senso nos Campos Celestiais. Lúcifer não promoveu um golpe de Estado ou planejou um assassinato em massa, ele se apaixonou. Sua punição é incompatível com o delito.

— Não faço as regras. — Moveu-se, colocando os pés no chão.

— Uma dúvida, sou uma garota, isso quer dizer que em outra vida continuarei a ser uma garota? Tipo, Bertha é sempre uma mulher?

— Sim, a essência da alma está relacionada a uma condição biológica em específico. A fisionomia que ela tinha quando conheceu Lúcifer, é idêntica à que tem nessa vida. E só pra você saber, Bertha era o nome dela naquela época, ela o adota como apelido em todas as reencarnações.

— Certo, e quanto à substância angélica no meu sangue? Na próxima vida ela permanecerá? Porque isso pressupõe que como última da linhagem, eu preciso ter um filho para que ele tenha filhos e assim em algum momento eu volte. É isso?

— Se o ciclo da linhagem se romper, as almas com descendência nefilim não reencarnarão.

— Mas se nunca houve uma mulher na família e a condição biológica é perpetuada, como diabos eu surgi?

— A população mundial não é estática, Triana. Novos seres vivos são criados e você está no time dos recém-nascidos da Terra.

— Como?

— Yang criou a Fonte das Almas, é literalmente uma fonte e suas águas guardam o dom da vida. Todas as almas residem lá, ele as uniu em pares, tornando-as mais fortes do que eram sozinhas.

— Elos etéreos?

— Isso aí. Quando atingiram um estágio de transcendência, as repartiu e liberou na Fonte das Almas. Quando dois humanos que compartilham um elo etéreo se unem, eles trazem ao mundo uma jovem alma. Mas, não viemos aqui para aula de história. O que você tinha de urgente para me dizer?

— Você estava enganado — puxei o copilado de papéis da mochila —, os homens da linhagem nefilim tinham o poder da profecia, eles previam eventos futuros.

— Foi assim que se mantiveram ocultos por tanto tempo — observou.

— Eles escreveram diários com as premonições e relatos da história da família, para que fossem transmitidos às próximas gerações. Meu pai escreveu um romance. — Debrucei-me sobre as pernas, segurando o apinhado de papéis com ambas as mãos. — Sobre mim, Iker. — Ele estendeu os braços e as pegou. — Nessas páginas têm transcrições literais de diálogos que tive com você, Martín, Samael, Mia...

— O Epinício de Sangue.

— O último capítulo escrito descreve a morte do meu pai.

— Foi assim que você descobriu sobre o Martín?

— Ele me contou.

Iker folheou de traz para frente, ao localizar o início do capítulo final, passou as páginas para cima. Pelos minutos seguintes, o encarei aflita. O semblante desprovido de reações aumentava minha inquietação. Quando enfim ergueu a cabeça, os olhos azuis analisaram-me, reflexivos.

— Você falou com Martín?

— Não posso nem pensar em olhá-lo. — Apoiei os cotovelos nas pernas e afundei meu rosto entre as palmas. — Ele tirou a vida do meu pai.

— Você leu esse capítulo?

Suspirei e suspendi o rosto: — Parei quando percebi o que estava por vir.

— Este não foi o único futuro que seu pai viu... Ele escolheu confiar no

Martín para protegê-la.

— Não posso confiar em alguém capaz de matar e agir com tamanha frieza.

— Triana, ele não teria confidenciado se o que está dizendo fosse verdade. No fundo você sabe que Martín não confessaria se não estivesse sofrendo. — Ele ergueu-se de supetão e me devolveu as páginas. — Leia.

Soltei-as no meu colo e fixei o olhar nas costas de Iker. Ele atravessou o batente que demarcava a entrada para outros cômodos e se embrenhou pelos corredores. Alisei o título do capítulo.



DESPEDIDA

— Você se superou, pai. Estava delicioso.

— Tudo pela minha garota. — Javier pegou a louça e dispôs no balcão da pia. — Acalmou esse coraçãozinho? — perguntou, regressando para perto da filha.

— Um pouco.

— Tenha fé no seu namorado — acariciou o rosto dela —, ele saberá o que fazer quando chegar o momento decisivo.

— Acho que tenho medo que não exista uma escolha a ser feita.

Ele a segurou pelos ombros e ela o olhou com um sutil lacrimejar.

— Sempre há uma escolha. — Beijou a testa da garota e a puxou para um abraço. — Sempre há, nunca esqueça.

— Obrigada, pai. — Ela plantou um beijo na maçã do rosto de Javier. — Vou para o quarto escuro.

A observou se afastar, pensando em quantas coisas gostaria de dizer-lhe. Não haveria tempo. Tinha esperança que um dia ela o perdoasse. Uma sombra projetou-se no local que a garota tinha passado há pouco.

— Olá, Hamon.

— Preciso de sua ajuda. — O garoto inspirou alto, os olhos imploravam por compreensão. — Peço que me escute...

— Sei o porquê está aqui. — Javier sentou-se e esperou que o jovem fizesse o mesmo. — Você não é o único a guardar segredos. Minha família fez tudo o que estava ao seu alcance para omitir dos anjos o dom da profecia que trazemos no sangue. Sei que os Serafins virão atrás de mim, eles me matarão e também a Isabel, isso se Samael não chegar antes.

— Samael?

— Há séculos ele deseja reproduzir um ser que una as três raças: anjos, demônios e humanos. Sem um descendente da linhagem nefilim, ele não pode realizar a experiência.

— Ele tem decaídos como escravos sexuais, por que não os obrigou a fecundar uma humana?

— Todos os decaídos têm sua essência celestial rastreada pelos Serafins. Quando é concebido um nefilim, a substância angélica do progenitor sofre um pico de energia. Samael sabe que o Principado enviaria uma tropa de anjos para caçar o responsável, ele não colocaria seu plano em jogo. Conquanto, se eu estivesse ao lado dele, o que faria para proteger minha filha, ele pode me usar para procriar com demônios.

— Então ele terá uma criatura com potencial de destruição imensurável.

— E, possivelmente, invencível.

— O que faremos?

— Você me matará.

— Não. Eu não... Ela não me perdoará.

— É nossa melhor saída. A única em que minha mulher e filha estarão em segurança.

— Por ora, Javier.

— Confio em você para protegê-las quando eu não estiver mais aqui.

— Você não pode me pedir...

— Estou pronto para morrer por elas. — Levantou-se. — Sem sangue, deve parecer natural.

— Não terá volta...

— Faça!

A pupila do anjo disparou raios na superfície da íris. O som de um trovão ecoou. Javier entreabriu os lábios, admirado com o surgir das asas. A plumagem negra emitia faíscas fluorescentes. Hamon espalmou a mão no peito do outro.

— Volte para sua memória mais feliz.

A voz do anjo soou distante. As pálpebras de Javier pesaram, ele piscou algumas vezes, pouco a pouco a visão ficou turva. Sentiu a pressão dos dedos do anjo no seu coração e o que viu a seguir foram olhos castanhos perscrutando tudo ao seu redor, ao passo que uma boca minúscula e escancarada chorava aos quatro cantos.

Como pode um ser tão pequeno ter tanta força no pulmão? — perguntou-se, maravilhado com a linda menina nos seus braços.

Ele desviou o olhar poucos centímetros e sorriu para a garota que amaria por toda sua vida, a mãe da sua filha



As palavras desapareceram, o branco opaco da página intensificou-se, irradiando um brilho ofuscante. Senti uma pontada na têmpora e uma leve pressão na nuca. Pisquei e quando abri os olhos estava na cozinha de casa. Arfei perplexa, o que vi foi uma sequência da cena descrita no livro.

Um lume azulado irradiava do toque do Martín. Ouvi os batimentos do meu pai diminuírem, as asas negras envolveram seu corpo. Meu ex-namorado fechou a mão, pondo fim ao fluxo de impulsos que brotavam dos seus dedos. Ele pegou meu pai no colo e o deitou no chão.

Incontroláveis lágrimas banhavam as maçãs do meu rosto. Prostrei-me de joelhos, olhando entre a figura sem vida e o anjo ao seu lado. Martín segurou a mão do meu pai e murmurou palavras em um idioma que não identifiquei: “*Ia-lal ednas cicles. Ge-lad I L^[14]*”.

Estirei meu braço para tocá-los e a escuridão cercou-me. Olhei ao redor, não havia sombras ou sons, tudo era negro. Avistei um tremular fluorescente, uma pluma. Alisei suas barbas e uma onda de luz eclodiu. Minhas pupilas dilataram, o clarão provocou uma sensação de aconchego e em seguida apagou-se por completo.



CAPÍTULO 23

*“Quando você sentir
suas pernas tremarem,
sua barriga gelar,
seu corpo ficar mole,
aí sim você vai entender
a magia de amar”*

Dom Quixote - Miguel de Cervantes

Minha cabeça doía. Levei as mãos às têmporas e massageei, entreabrindo

os olhos. Havia uma janela defronte para a cama onde estava deitada. Sentei-me aturdida, buscando recobrar qualquer informação que me dissesse onde estava.

— Finalmente!

Segui a voz e avistei Iker sentado numa cadeira e com os pés cruzados na beirada da cama. Ele empurrou o apinhado de papéis numa cômoda que ladeava a cama.

— Onde estou?

— Meu quarto, para ser mais exato na minha cama.

Exasperada, soltei uma lufada. Meus olhos recaíram na janela atrás dele. Era noite. A sombra das arandelas tremulava através do vidro.

— Por quanto tempo dormi?

— Algumas horas. — Semicerrei as pálpebras. Iker acenou. — Você está bem?

— Eu...

— Tome um gole. — Bertha levou uma xícara a minha boca. — É chá.

Ingeri o líquido quente.

— Obrigada — murmurei, tocando a porcelana. A senhora sorriu e a acomodou entre minhas mãos. — Foi como se estivesse presente durante os minutos finais do meu pai.

— Você esteve lá no plano etéreo. — Ela apontou para os papéis que Iker segurava. — Seu pai tinha o dom da premonição, você tem o da chronomancia.

— O que isso quer dizer?

— Que você pode controlar o tempo. Seja prevendo acontecimentos futuros ou voltando ao passado, como acabou de fazer.

— Posso impedir que meu pai morra?

— Querida, seu pai era um premonitor ômega, desenvolveu mais do que a habilidade atemporal de prever acontecimentos, ele podia viajar no tempo em sua forma etérea.

— O que diferencia nossos poderes?

— Você poderá viajar *fisicamente* — Iker enfatizou este aspecto — para qualquer época.

— Você tem um dom precioso, Triana. Será capaz de parar o tempo, envelhecer objetos ao ponto de desintegrá-los e rejuvenescer um ser vivo até apagar sua existência.

— Não me importo com o resto, quero retornar e...

— Você não pode — declarou Iker. — Mesmo se pudesse, nada mudaria.

— Meu pai estaria vivo. — Abaixei as mãos para o colo, elas seguravam a xícara aquecida.

— Lembre-se que uma mudança temporal no passado afeta o presente. Se você viaja no tempo para salvar seu pai e tem êxito, ele estará vivo no hoje, o que significa que não terá porque voltar e se você não volta, ele continua morto. — Ele deu de ombros. — Passado, presente e futuro são contínuos, um depende do outro para acontecer. Com o poder, vem responsabilidades. Você tem uma missão a cumprir, não se trata do que deseja, é sobre o que precisa ser feito. Seu pai não queria morrer, Triana. — O olhar de Iker era duro. — Ele disse: “*é nossa melhor saída. A única em que minha mulher e filha estarão em segurança*”. Seu pai sabia do que estava falando, ele viajou através das premonições para desvelar o futuro. Escolheu aquele que atendia suas obrigações como descendente nefilim e o apelo de seu coração.

— Ele deveria ter perguntado o que eu queria! — Estendi a xícara para Bertha e ela a pegou. Enfiei os papéis na mochila e levantei. — Estou cansada que decidam o que posso ou não saber, cansada que interfiram na minha vida.

— Seu pai sabia o que deveria ser feito.

— Ele fez uma escolha que afeta minha vida sem me dizer nada, baseado em visões de um futuro incerto, tenho o direito de fazer minha própria escolha. Quero que a profecia e os principados se fodam!

— Triana, se a profecia estiver certa, o destino dos homens, anjos e decaídos depende de você. Até onde li do romance que seu pai escreveu, os capítulos em que sou mencionado aconteceram como está descrito.

— Quer dizer que você tem um superpoder escondido?

— Não sei o que é. — Ele removeu o bracelete e estendeu o braço, mostrando-me a marca. — Lúcifer me ensinou enoquiano quando criança, sou um dos poucos decaídos nascidos no Inferno que falam o idioma dos anjos. Uma vez, queria impressioná-lo e arrumei confusão com alguns garotos mais velhos e muito mais fortes do que eu na época. Eles tinham ciúmes porque era o único que Lúcifer treinava, diziam que eu era o protegido. Não perdoaram, me deram uma tremenda surra. Pensei que fosse levar meses para me recuperar, quando terminaram mal conseguia andar. Lúcifer me encontrou escondido, estava envergonhado e não queria que me vissem derrotado. Ele segurou minha mão e pediu que repetisse suas palavras: *Ia-Ial ednas cicles*. Significa tornai-nos receptores de vossos mistérios. Lembro de ter visto veias fluorescentes ramificando-se a partir do braço que ele segurava e depois apaguei. Despertei sem um arranhão, nunca perguntei sobre o que aconteceu.

— Mesmo depois do que houve quando estava preso?

— Lúçifer pediu que mantivesse em segredo.

— Por quê?

— Ele disse-me que na hora oportuna eu teria as respostas.

— E você aceitou?

— Sou seu subordinado, tenho que confiar nele. No entanto, não é apenas isso, Lúçifer é como um pai pra mim, entregaria minha vida nas mãos dele.

— Estou tendo problemas de confiança e acho que é uma reação normal depois de perceber que estou cercada por pessoas que escondem quem são de verdade.

— Entendo que é complicado em relação ao Martín...

— Sei o que você falará... Não posso.

— Ele fez o que acreditou ser o certo.

— No dia seguinte à morte do meu pai, acordei com Martín sentado no chão, debruçado sobre minhas pernas. Ele olhou nos meus olhos, me aninhou nos seus braços e me ouviu chorar, me acalentou no seu colo. O que não paro de me perguntar é como ele conseguiu encarar a mim e minha mãe. Como, Iker?

— O que você esperava? Que ele te abandonasse quando sabia o quanto estava sofrendo? Que não estivesse ao seu lado para, ao seu modo, reparar a dor que ajudou a instaurar? Como pensa que ele se sentiu ao olhá-la, sabendo que, em partes, era o responsável por seu pranto? Em nenhum momento você questionou como ele se sentiu. — Sua voz era firme e seus questionamentos formavam nós na minha garganta. Um córrego de lágrimas trilhava as linhas do meu rosto. — Você tem sua verdade, e ela diz respeito a sua percepção, não significa que não existam outras verdades, e que, por vezes, elas difiram, ou até se contrariem.

— Tenho que ir.

— Corredor à direita. — Indicou-me a direção da sala. — Posso ficar com o material do romance? Quero ler na íntegra.

— Claro. Não estarei no celular, mas isso nunca foi um problema para você me encontrar.

— A porta dos fundos está destrancada — avisou-me a senhora.

A lua estava cheia e a noite um tanto fria. Aprumei a alça da mochila e cruzei os braços. A brisa trouxe um perfume familiar, abaixei os olhos para o busto, mas não encontrei o que buscava. Esfreguei a mão no rosto, secando as lágrimas que se acumulavam.

Meu corpo foi arremessado para trás, chocando-se na parede. Um

demônio gárgula apertava meu pescoço e rugia, mostrando-me as presas. Uma baba gosmenta escorregou da sua boca. As garras arranharam-me na nuca e os dedos fecharam-se mais, senti o fluxo de oxigênio sendo interrompido. A criatura uivou, soltando-me e virou cinzas. Martín guardou a adaga na jaqueta e amparou-me.

— Você não pode sair sozinha à noite.

— E você não deveria me seguir.

— Eu não... — Afastou-se um passo. — Iker me chamou, disse que tinha algo importante para me mostrar, estava indo encontrá-lo e a vi saindo. Tive um pressentimento.

— Iker é um intrometido e você é um... — censurei-me.

— Assassino — sibilou.

— Se está ouvindo meus pensamentos sabe que estou confusa.

— Não estou...

— Talvez devesse. — Balancei a cabeça. — Descobri mais sobre minha família nas últimas vinte e quatro horas do que em dezessete anos, meu pai morreu por minha culpa.

— Não faça isso, Tri.

Estendeu o braço para segurar minha mão. Os dedos tocaram os meus e pairaram no ar, retraindo-se. Era mais fácil conversar com ele assim, deixar que desvendasse minhas angústias através do emaranhado de impotência, culpa e raiva que reinavam em minha mente. Recordei da discussão da Cúpula que meu pai registrara em seu livro, do desfecho do romance entre Bertha e Lúcifer.

— Eu e você... Não deveríamos ter-nos conhecido.

— Onde você ouviu sobre a Cúpula Divina? — Estreitou os olhos.

— Fale com Iker, tem a ver com o que ele quer mostrar-lhe.

— Deixe-me acompanhá-la à Sonhos do Éden. Juro que serei como uma sombra, não precisamos conversar.

Concordei e passei por ele, reajustando a mochila nos ombros. O trajeto de cerca de trezentos metros foi silencioso. Foram os únicos minutos do dia em que minhas inquietações sossegaram, um efeito de estar próximo ao Martín. De novo pensei em Bertha e Lúcifer.

Teriam eles feito outra escolha se soubessem que seu amor os condenaria? — inquiriu minha voz interior. — *Teria eu mantido distância do Martín se conhecesse os meandros da nossa história?*

Parei na entrada da loja e girei nos calcanhares, colocando-nos de frente. Entreolhamo-nos e desviei os olhos. Examinei o movimento local e flagrei

minha mãe acenando para meu ex-namorado. Ela voltou-se para mim e deu um sorriso frágil antes de retornar à atividade. Abaixei a cabeça e cerrei as pálpebras, impedindo o lacrimejar.

— Eu a escolheria. — Ele acariciou meu rosto, respondendo à pergunta que não ousei pronunciar em voz alta. — Sempre você.

— É por isso que você precisa ir. — Segurei sua mão e a afastei. — O Principado deve ser sua prioridade.

— Se ver ou ouvir qualquer coisa suspeita, ligue-me.

— Volte para casa, Martín.

Ele enredou os dedos no cabelo, os cachos esparramaram-se e caíram sobre a testa. Um sorriso involuntário brotou diante de sua expressão atordoada. Levei a mão ao seu maxilar e o afaguei. Ele não esperava pelo carinho, deu um suspiro demorado e, virando-se, partiu.

O observei desaparecer no final da rua, em paralelo aonde estava, só faltou o sorriso para que fosse um *dèjà vu* da vez que esbarramos na estação de trem.

Um abraço pela cintura e o perfume característico de minha mãe envolveu-me, repousei a cabeça em seu ombro.

— Ele moveria o mundo por você.

— É isso o que me assusta. O outro não pode ser a bússola que nos guia, nossas crenças devem orientar as escolhas que fazemos, somente assim podemos ter a certeza que seguimos nosso coração. Não quero que ele abra mão do que está destinado a ser por mim.

— Muito maduro.

— Se for verdadeiro, não é a distância ou o tempo que apagará o que sentimos.

— Estou orgulhosa.

— Meus pais fizeram um bom trabalho.

— Estou vendo. — Ela beijou meu cabelo e removeu o braço da minha cintura.

— Quer ajuda para encerrar o expediente?

Troquei o peso da perna e desloquei-me, virando-me para observar o movimento da loja. Um par de olhos escuros me fitavam por detrás de uma mesa na diagonal. Samael ergueu as sobrancelhas e os lábios delinearam um sorriso emproado.

— O pessoal dá conta, a noite de hoje está tranquila.

— Nesse caso, podemos ir? — Fingi um bocejo para esconder a aflição

contida no meu timbre. — Estou cansada.

— Preciso de cinco minutos para dar algumas instruções e buscar minha bolsa.

— Está bem.

Ela entrou e permaneci na varanda, atenta a Samael. Alinhado a um terno elegante e com corte impecável, o Príncipe dos Demônios não aparentava ser perigoso, o oposto disso, a impressão que causava era de alguém educado, charmoso e sedutor. Ele não me olhou uma segunda vez, comeu e bebeu, como se fosse este o motivo de sua presença.

Minha mãe falava com uma funcionária, atrás do balcão, no segundo que Samael direcionou-se para lá. A passos largos adentrei o recinto. Não acreditava que ele fosse machucá-la diante de terceiros e não tinha a vã ideia do que faria se tentasse algo.

— Mãe, fiquei com vontade de *sagargala*^[15], tem? — perguntei, parando ao lado de Samael. Ele lhe entregava um cartão. — Pode ser *membrillo*^[16] também.

— Parabéns. — Estendeu a mão para cumprimentá-la. — Nunca provei doces tão saborosos quanto os da Sonhos do Éden. Tenha uma boa noite.



CAPÍTULO 24

*“Pressinto que há algo no vento
Que parece que a tragédia
é iminente, e embora queira estar
ao lado dele. Não posso afastar
esse sentimento de mim”*

Sally's Song - Amy Lee

A presença de Samael na Sonhos do Éden não era um acaso, ele me dera

um aviso. Meu pai enganou-se quando disse que sempre havia uma escolha, ser descendente nefilim era uma sentença da qual não podia escapar. Para os Principados era indiferente o que eu faria com o poder que possuía, tê-lo bastava para condenar-me, e também aqueles próximos a mim. Esconder-me não nos salvaria, teria que aprender a lutar.

— Você quer ir para o Inferno?

— Para dominar meus poderes, preciso de alguém que saiba o que devo fazer. Você tem uma ideia melhor?

Iker deslizou os dedos entre os fios platinados, bagunçando-os. Nós estávamos sentados na quadra, nos degraus da arquibancada, de frente para o pátio do colégio. No outro extremo, Mia nos observava sob o batente da entrada para o refeitório.

— Martín?

— Você tem múltiplas personalidades? Outro dia estava me dizendo o quanto era perigoso meu envolvimento com ele, depois agiu como se fosse seu advogado de defesa, usando de todos argumentos para me fazer perdoá-lo, agora está sugerindo que lhe peça ajuda?

— Sou justo, Triana. O namoro entre vocês se mostrou perigoso de muitas formas, tanto é que estão sob julgamento da Cúpula. Entretanto, se eu tinha dúvidas dos sentimentos dele em relação a você, elas foram extintas.

— Posso estar matando-o, Iker. Não arriscarei machucá-lo.

— Lúcifer? — Ele suspirou. — Você está certa?

— Somos parentes, não? Ele me deve isso.

Um silêncio incômodo se abançou entre nós. Ele girou o bracelete no pulso esquerdo.

— Qualquer dia ele vai arrancar minha cabeça fora.

— Você me levará?

— Muita calma!

— Não tenho tempo a perder. Samael estava na Sonhos do Éden ontem.

— Falarei com Lúcifer. Se tudo correr bem, amanhã a levarei comigo.

— Tri?! — gritou Bel, atravessando o gramado.

— Amanhã.

Levantei e acenei para minha amiga, indo ao seu encontro. Ela me deu um olhar sugestivo e virou o rosto para onde Iker permanecia sentado quando me enganchei em seu braço.

— Por onde você andou? Ou a pergunta seria com quem?

— Nós estamos atrasados no projeto de Rúbia, nos encontramos para organizar as ideias.

A mentira veio sem esforço, tornara-se um hábito. Não mais me conhecia. Desprendi-me de Bel, assolada pela culpa por estar mentindo sobre tudo, mas o pior era não lhe contar sobre mim. Sentia-me indigna da sua amizade. Como poderia ser sua melhor amiga quando escondia quem eu era?

— Você tem planos para hoje à tarde? Além de se agarrar com Martín.

— Nós terminamos.

— O que ele fez?

— O final do ano letivo está chegando...

Outra mentira. Não fui capaz de levá-la até o fim, conquanto, minha interrupção deu a entender que era doloroso falar sobre o assunto. Pelo menos uma verdade entre tantas mentiras, embora não fosse o motivo da suspensão da minha fala.

— Você terminou com Martín porque está preocupada que possam ir para universidades em locais distantes? — Bel me segurou pelo antebraço, parando-nos. — Tri, mesmo se for assim, vocês podem aproveitar o tempo que resta.

— Não posso amá-lo mais... — meus olhos capturaram Martín numa das janelas do segundo andar do prédio — ou não o deixarei ir.

Havia um conflito de proporções imensuráveis. Ele tinha o melhor e o pior de mim. Eu o amava irrevogavelmente. E o odiava com uma força que desconhecia. Martín era responsável pela morte do meu pai, não porque foi quem extirpou sua vida, a culpa precedia o ato final, e também era minha. Se nunca tivéssemos nos conhecido? Se não tivesse abaixado a guarda e deixado que se aproximasse? Os arcanjos e serafins teriam descoberto sobre minha família? Não parava de me fazer perguntas para as quais não existiam respostas e serviam apenas para alimentar minha dor.

— Pode ser que ele decida ficar.

Desloquei os olhos para minha amiga, as lágrimas indisfarçáveis despontavam. Bel me prendeu em um abraço, confortando-me sem ter ideia da complexidade que aquele *ficar* representava.

— Tenho sido uma péssima amiga, nunca estou disponível para ouvi-la, sempre que nos encontramos é para despejar meus problemas em cima de você.

— Não seja boba. — Ela desfez o abraço e me olhou com firmeza. — Os últimos tempos não estão sendo fáceis para você e fico feliz de estar ao seu lado.

— Conta sobre o encontro em Madri. Como foi?

— Conversamos mais tarde. O sinal vai bater e tenho muita coisa para

contar.

— Na minha casa depois do colégio?

— Compramos churros no caminho.

— Você pode dormir lá e vemos um filme à noite.

— Sua mãe poderia me adotar, acho uma excelente ideia.

Sorrimos, ela encaixou o braço no meu e seguimos para nossos armários. As fotos com Martín ainda estavam presas na porta e meus olhos se detiveram por um segundo nelas.

— Tri, nos vemos na saída. — Bel deu um beijo em minha bochecha. — Conversem — sussurrou.

Olhei para minha esquerda. Martín estava parado aos pés da escada, ele me olhava como se decidindo seu próximo passo. Minha amiga escolheu por nós ao deixar-nos sozinhos. Sorri condescendente. Ele percorreu o corredor e parou ao meu lado.

— Você está bem?

— Difícil dizer. Se for honesta, não tenho estado bem por um longo tempo.

— Não sei como me desculpar pelo que houve. Eu lamento tanto, Tri. Tenho um sentimento corrosivo crescendo aqui dentro — ele toca o peito —, não posso me perdoar por fazê-la sofrer. Não consigo esquecer que matei um inocente. Nunca quis que fosse assim, você acredita em mim?

Anuí, sentindo uma lágrima descer pela maçã do meu rosto.

— Você fez o que deveria, Martín. Agora eu sei. — Removi a colagem com as fotografias da porta. — O erro fomos nós.

— Farei o que você pediu, voltarei para casa. — Mais lágrimas rolaram, na minha face. Ele estendeu a mão e segurou na outra ponta da colagem. — Não a esquecerei nem por um zeptosegundo^[17], nem em centenas de trilhões de anos. O que senti com você me mudou, Triana.

O sinal tocou, enfiei as fotografias no armário e o fechei. A correia da mochila deslizou para meu braço, a empurrei de volta para o ombro. Olhando fixo para a pintura laranja, levemente descascada, respirei fundo, forçando as lágrimas a pararem. O zunido de chaves girando nas fechaduras, as conversas cruzadas e o ruído de passos, tudo estava em segundo plano.

Uma força invisível me atraía para Martín, a presença dele era tão maior do que todo o resto. Podia sentir sua angústia, a pulsação que se sobrepunha a minha, a tormenta por detrás dos olhos que revelavam uma saudade antecipada. E, quando finalmente virei de frente para ele, soube que era impossível amá-lo

mais, porque o amava com cada célula do meu corpo.

— Queria te ver a noite... antes de partir.

Entre tantas culpas que carregávamos, sobre o amor erámos inocentes. Fomos sentenciados a ele. Não houve tempo, avisos ou sinais, nós dois fomos encurralados por um sentimento que desconhecíamos e não sabíamos como contê-lo.

Ambos precisávamos de um breve momento onde somente nós importássemos. Por uma noite, apenas uma, esqueceria que nossos mundos não poderiam se tocar, que nosso sangue nos colocava em lados opostos numa guerra, que amar era o maior dos nossos pecados. Por uma última noite, seríamos apenas um jovem casal apaixonado.

— No telhado.

Ele me olhou com ternura, retribuí e seguimos para a sala. Ocupei meu lugar, ele pôs a mão em minha carteira ao passar e deixou o colar com as plumas. Lembrei de quando o arranquei do meu pescoço, do porquê o fiz, e senti um aperto no coração. Toquei a ponta do dedo médio na corrente de prata. Ele a consertara.

Martín estava sentado na fileira seguinte, atrás da cadeira em paralelo à minha. Girei o pescoço para o lado, olhando-o de relance. Eu tinha o bastante da sua atenção para que percebesse meu movimento. O acobreado dos seus olhos cintilou. Ele se estirou por fora da carteira para me estender um pedaço de papel.

Peguei o bilhete e desdobrei sobre a mesa: *“A verdade é o que dói”*.

Outro trecho de *“O Jogo do Anjo”*.

Peguei uma caneta e escrevi no verso, um diálogo do mesmo livro: *“Sabe o que é bom nos corações partidos? [...] É que só podem se partir uma vez. O resto são apenas arranhões”*.

Fiz uma bolinha, joguei nele e corriji minha postura, voltando-me para o professor. Pousei minha mão sobre o colar, sentindo o toque das plumas acariciarem minha palma e o deixei ali, até o término das aulas quando o coloquei em meu pescoço. Olhei entre as cadeiras a ficarem vazias, buscando por Iker, como não o encontrei, peguei minha mochila e saí, torcendo para que tivesse saído mais cedo para ir falar com Lúcifer.

— Então...

Bel deu um risinho e apontou para Martín que se aproximava da irmã em frente ao portão do colégio.

— Nada. — Ela pegou na ponta de uma das penas e sacudiu. — Tinha ficado com ele na última vez que nos vimos.

Nós passamos próximo de onde eles estavam e apressei o passo, puxando minha amiga pela calçada.

— Triana, você não pode terminar porque tem medo...

— Quieta! — Apontei o dedo para ela. — Hoje só iremos falar de você.

— Depois que falarmos do seu namoro, já que eu sou a voz da razão na nossa amizade.

— Bel, não. — Balancei a cabeça em negativa. — Conte sobre o vizinho misterioso.

— Tri...

— Martín irá embora esta noite, foi isso o que ele queria me contar no corredor.

— Como ele vai embora antes da formatura? Ele vai perder o ano.

— Não quero falar sobre este assunto, por favor.

Bel iniciou uma descrição minuciosa do seu encontro durante nossa ida para casa e continuou enquanto comíamos sentadas no chão do quarto. Ela tinha me dado tantos detalhes que me sentia íntima do garoto.

— Por Deus, Bel! — Ela riu da minha cara, uniu as palmas e as distanciou, escancarando a boca numa expressão de espanto. — Não quero saber sobre o tamanho dele.

— Não pense que por estar dispensando essa informação primária, farei o mesmo em relação ao Martín.

— O único jeito de você descobrir, é se perguntar para ele. Sinto muito. — Sorri e levei a mão ao pingente do meu colar.

— Você nunca deu uma apalpada ou... — Ela elevou o supercílio.

— Foco, o assunto é você! Qual o nome do vizinho misterioso? Por quanto tempo ele ficará com o tio? Vocês estão namorando?

— Não conversámos muito sobre ele ou nós... — Belinda inclinou o rosto para janela e parou o que dizia. — Sempre falamos de você.

— De mim?

— Como nos tornamos amigas, há quanto tempo nos conhecemos, da sua família...

— Bel, como ele se chama?

— Asier.

— Você não pode mais encontrá-lo!

Minha voz exasperada fez com que Belinda me olhasse em choque. Eles tinham cercado a todos que amava. Asier poderia tê-la matado e eu sequer teria

percebido.

— Você o conhece?

— Sim e por isso precisa ficar longe dele. Asier é mal, Bel.

— O que significa mal nesse contexto? Ele tem aquele jeito meio *badboy*, mas é...

— Não, você não está entendendo. Ele é mal de verdade.

— Diga-me algo que ele fez para que chegasse a essa conclusão.

Como a convenceria sem dizer a verdade? Como impediria que ele a machucasse? Minha melhor amiga estava em perigo e eu era o motivo de ela ter sido puxada para o epicentro de uma guerra sobrenatural.

— Bel, apenas me escute.

— Não é justo que peça para me afastar do primeiro garoto por quem sinto algo mais forte e não me explique o porquê.

— Você está se apaixonando?

Ela estava sob os poderes dele. Asier era o herdeiro dos demônios e metade anjo, não só podia seduzir humanos, como influenciá-los, e Belinda era uma das suas vítimas.

— Se estiver? — Ela sacudiu os ombros.

Belinda estava irredutível. Não conhecia nenhum manual de como contar a sua amiga que ela está namorando um demônio sem que pense que você é louca.

— Triana, quero um motivo! Se ele é tão mal assim, você tem que ser clara e me dizer o que aconteceu.

Eu pedi o mesmo para Martín antes de descobrir a verdade sobre ele e me vi repetindo sua resposta.

— Não posso, Bel. Não sei como explicar...

Minha amiga me olhava com fúria. Ela andava de um lado para o outro do quarto, balançando os braços e vociferando.

— Sempre te apoiei em tudo, Triana! Conheci alguém que estou gostando, alguém que me deixa ansiosa para revê-lo, com quem sinto uma atração intensa... Você não tem o direito de pedir que me afaste dele. Não assim, sem mais nem menos. É por que você e Martín terminaram? Acha que não terei tempo para você se estiver namorando?

Meu sangue ferveu e antes que pudesse me controlar, estava gritando.

— Claro que não! Belinda, sou eu, sua melhor amiga! Quantas vezes fingi que estava com você para que saísse com algum garoto? Você acha que

estou com ciúmes? Asier é um monstro, Bel! Ele é um monstro, está bem?

Ela caminhou até a cama e sentou-se. Os olhos fitavam-me com perplexidade. Percebi que o choro tinha extravasado, as lágrimas deixavam um rastro quente nas maçãs do meu rosto. Um silêncio sepulcral sucedeu a gritaria. Cruzei os braços, sustentando o olhar transtornado de Belinda, que afundava os dedos no colchão. Os minutos subsequentes se arrastaram sem que eu fizesse ideia do sentido que atribuiu ao que disse.

— Quando aconteceu? — Ela engoliu alto. — Por que não me contou? — Suas perguntas me deixaram confusa. — Fala comigo, Tri. Você fugiu ou ele conseguiu?

O entendimento me atingiu. Atravessei o cômodo e me sentei ao seu lado. Peguei sua mão e entrelacei nossos dedos.

— Prometa que me ouvirá sem questionar minha sanidade, é uma loucura o que direi, mas juro que é verdade, Bel. — Aquiesceu. — Não estava sendo figurativa quando me referi ao Asier como um monstro. Ele não me violentou sexualmente, não foi o que quis dizer. Asier não é humano, ele é um híbrido de anjo e demônio.

— Triana, você não está bem.

— Você prometeu, Bel!

— Anjo? Demônio? — Ela retraiu a mão e levantou-se. — Isso está além da loucura. Tia Isabel precisa saber...

— Vê isso? — Apontei para as penas no meu busto. — Lembra que você comentou que pareciam de verdade? Depois encontrei uma no livro na Sonhos do Éden, o raque tinha vestígios de sangue.

— Você acha que são do Asier?

— Elas são do Martín.

— Seu ex-namorado também é um monstro? E tudo bem você namorá-lo? Amiga, a morte do seu pai está recente e é compreensível que esteja abalada.

— Martín é um anjo, na verdade desde seu aniversário ele é o Príncipe dos Arcanjos e Primeiro General do Exército Celestial. Este é o motivo pelo qual não podemos ficar juntos, ele é um anjo, e eu sou a última descendente de Lúcifer, a última da linhagem dos nefilins.



CAPÍTULO 25

*“Invadindo cada pensamento
e cada batida do seu coração
O amor pode te fazer gritar
e te deixar sem palavras”*

Love Exists - Amy Lee

— Você acha que sou uma atração de circo? — Mia me encarou,

retorcendo os lábios. — Vim porque pensei que fosse algo sério, Triana.

— Iker está no Inferno. Martín... nós terminamos e estou me esforçando para me manter afastada. Você é minha última escolha, não ligaria se não fosse importante.

— Revelar meus poderes para sua amiga?

— Por favor. Asier está cercando-a e ela precisa acreditar em mim, ainda que seja uma completa loucura.

— Eu não posso interferir nas vidas humanas, Triana.

— Sem asas, apenas os olhos. Por favor, Mia.

A ruiva jogou os cabelos para o lado, fez um giro, se postando de costas para a entrada; estávamos em frente de casa. Convenci Belinda a esperar no quarto que eu voltaria com a prova da minha história. Ela concordou porque acreditava que me faria entender que precisava de ajuda psiquiátrica.

— Se você não me ajudar, não hesitarei em chamar Martín. Não vou deixar que minha amiga se coloque em perigo.

Mia fechou as mãos em punhos. Estremeci. Faíscas escaparam por entre seus dedos. Ela olhou-me por sobre o ombro, as íris eram labaredas de fogo.

— Eu poderia te matar.

— Não — disse sem desviar dos seus olhos. — Pelo menos não ainda ou já teria feito. Você está aguardando ordens da Cúpula.

Ela fechou os olhos, relaxou a postura e virou-se para mim.

— Martín te contou sobre isso?

— Ele não me disse nada, e eu também não contei que a Cúpula está esperando pela comprovação dos meus poderes ou completar dezoito anos, o que vier primeiro, para decidir o que fará comigo. Você não sabia disso, não é?

— Como você...

— Que seja feita a vontade dos anjos. — Dou de ombros. — O que não aceitarei é que as pessoas que amo se machuquem. Acho que estamos de acordo, não? — Franzi o nariz. — É para resguardar Martín que você está concordando em me ajudar.

— Eu não sabia que eles iriam...

— Você não me deve explicações.

Dei-lhe as costas e entrei em casa, ela me seguiu. Tranquei a porta enquanto ela examinava a sala com olhos curiosos e me flagrei imaginando como seriam as moradias nos Campos Celestiais. Subimos para meu quarto e reparei que Mia observava com atenção os porta-retratos dispostos nos aparadores.

— Lamento pelo seu pai — comentou, apontando para uma fotografia em que estávamos abraçados. — É ele?

— Sim. Aqui. — Indiquei o quarto e empurrei a porta.

— Não diga que você está incentivando os delírios da Tri.

Mia parou, sob o batente, suspendeu as mãos e espirais de fogo desceram da ponta dos seus dedos até os cotovelos. Belinda, que estava sentada, deu um pulo e ficou estatelada, pálpebras erguidas e pupilas dilatadas, contemplando a exibição da ruiva. Quando a anja abaixou os braços e frisou uma mecha de cabelos, arrumando-os, soube que tinha restituído sua forma humana.

— É só? — Virou o pescoço para o lado, olhando-me de canto.

— O que aconteceu aqui? Como ela fez essa coisa? — Eu sabia como Bel se sentia, tinha passado por aquela sensação de fascínio e terror mesclados com euforia. — Seus olhos... — Ela apontou para Mia. — Eles eram bolas de fogo? Tri, ela é um... demônio?

— Ah, por favor!

Mia deu um passo para dentro do cômodo. As asas abriram-se, pelo vão da porta vi os ortos ladearem o tecido do vestido, as plumas brancas exibiam um brilho de fagulhas púrpura. Um tombo pesado se fez ouvir.

— Humanos.

O tom de voz impaciente precedeu o fechar de asas. Mia se afastou da porta, dando-me visão do cômodo. Belinda estava sobre o tapete, inconsciente. Adentrei depressa e me agachei ao seu lado, chamando-a. Contrariando minhas apostas, a ruiva me ajudou a deitar minha amiga na cama e esperou que acordasse, contudo deve ter se arrependido desse último, porque foi bombardeada por perguntas.

— Meu ficante é um anjo demoníaco que, muito possivelmente, está me controlando para que não resista a ele. Iker é um decaído, que vive no Inferno que não é o lugar sinistro que a gente acha. Martín e Mia são anjos da família real e querem a extinção da sua família — Bel apontou para mim —, porque você é uma nefilim?

— Ela não é uma nefilim, é uma descendente da linhagem. Um nefilim tem os genes humanos e angélicos combinados. Triana tem DNA humano e no seu sangue há traços de substância celestial, que lhe concerne um potencial energético propício para manifestação de habilidades sobrenaturais.

— Estão todos atrás da Triana por quê?

— Há uma profecia. Os demônios creem que Triana é a herdeira de Lúcifer com poder para destronar o Príncipe dos Arcanjos.

Eu as ouvia conversando sobre mim, Martín e a profecia. Fingi que falavam sobre um livro e deslumbrei possibilidades para o desfecho. Pensei que observando de um ângulo externo pudesse mudar minha perspectiva dos fatos.

— Martín? — Mia acenou em concordância. — Eles são como Romeu e Julieta?

— Você sabe que no enredo *shakespeariano* não há nenhuma razão real que impeça o amor entre os personagens?

— Sei, Mia! Esquece os detalhes e vamos ao evento principal.

— Sim, eles seriam a versão sobrenatural de R&J.

Ri sozinha e me debrucei na janela. A comparação com uma das maiores tragédias românticas da literatura pressupunha que não cabia cultivar esperança. A conversa perdurou por longas horas. Mia gostava de fatos históricos, ela se empolgava quando a conversa seguia por esse curso. O que não era o forte de Belinda, mas ela estava eufórica com o universo fantástico que acabara de desvendar.

— Anoiteceu e tenho um compromisso. — Virei-me para elas. — Se me dão licença, vou tomar banho.

— Com quem? — perguntaram em uníssono.

— Vou me despedir do Martín.

— Você sabe que tomou a decisão correta.

— Saber não faz doer menos, Mia.

Bel levantou e me abraçou. Funguei e me afastei antes que o choro achasse que era bem-vindo.

— Fui! — A ruiva deu um tchau tímido.

— Espere por mim! — pediu Bel me dando outro abraço. — Se quiser conversar depois que o encontrar, me liga.

Enviei uma mensagem para minha mãe, avisando que estaria com Martín e voltaria mais tarde para casa. Ela morria de medo de altura e ficaria preocupada se contasse que nosso encontro seria no telhado. Não marcamos horário, mas esperá-lo não me incomodaria, gostava de apreciar a lua e estrelas.

— Você já chegou — comentei surpresa.

Martín estava deitado na manta asfáltica, com os braços cruzados embaixo da cabeça. Acomodei-me ao seu lado. Ele se moveu e enlaçou minha mão, repousando-a sobre seu tórax.

— Achei que o melhor lugar para viver minhas últimas horas na Terra era onde pudesse ouvir seu coração.

— Falei da boca para fora quando praguejei o dia que te conheci.

— Eu sei. — Ele afagou minha mão.

— Não consigo dizer o que estou sentindo, mas está doendo tanto.

— Eu sei. — Beijou os nós dos meus dedos.

— Você acha que iremos nos apaixonar de novo?

— Espero que você possa. Eu... Você é única pra mim, eternamente minha melhor lembrança.

— Isso não é romântico, é mórbido, Martín.

Ele riu, o som entregou o choro reprimido. Acariciei sua mão e me virei, aninhando-me no seu peito.

— Se você quiser, peço ao Criador que me apague da sua memória.

— Eu não quero te esquecer. — As lágrimas que estava contendo, desaguaram. — Como pode pensar que eu ia querer algo assim? Você gostaria... — soluzei — de me apagar?

— Não, de jeito nenhum. — Ele me apertou junto de si. — Mas se você quisesse, eu faria. Para que não sofra. Esse seria o único modo de me desculpar por toda dor que trouxe para sua vida.

— Nem tudo foi dor.

— Lembra do nosso primeiro encontro? Se estivéssemos de volta àquele ponto, você teria me dito sim?

— Mil vezes, Martín. — Pousei a mão sobre seu coração. — Eu o escolheria — repeti o que ele me disse na noite anterior. — Sempre.

Um dia, milhares de anos depois, alguém leria sobre aquela noite e saberia que, contra todas as leis do universo, nós nos amamos e se nos fosse dado o direito de escolha, nos amaríamos tantas outras vezes quanto fosse possível.

— Obrigado por ter concordado em me encontrar.

— Eu te devo desculpas... Obrigada por ter atendido ao pedido do meu pai, sei que ele tornou as coisas difíceis para você. Espero que ajudá-lo a salvar minha mãe não te traga problemas.

— Essa é uma pequena infração a mais no meu currículo. Os velhos devem estar loucos com o Principado nas mãos de um rebelde sem causa. Isso para eles, porque para mim, você é a mais justa das causas.

— Não se meta em confusões lá em cima, está bem? Seja o líder que eles precisam e garanta um futuro para... todos nós.

— Nossos filhos, você iria dizer.

— É uma expressão usual entre humanos. Corrigi quando percebi, mas

não antes que me ouvisse pensar nela.

— Se você tiver filhos, zelarei por eles, assim como farei por você.

— Você poderá me ver?

— Arcanjos têm acesso a todas as dimensões.

— Eu poderei vê-lo alguma vez?

— Não. — Beijou minha cabeça. — Você saberá quando eu vier, se estiver com as plumas por perto. Mas não fique ansiosa, isto poderá demorar muitos anos, ou décadas. Não quero colocá-la em risco e os Serafins estarão de olhos atentos.

— Em décadas estarei velha e você ainda será um garotão.

Nosso relacionamento sempre teve um prazo de expiração, eu que tinha ignorado. Viveria uma vida inteira enquanto Martín permaneceria com dezoito anos, e viveria outras centenas de vidas, antes que chegasse aos trinta. Lembrei de Bertha, na quantidade de vezes que ela nasceu e morreu, enquanto para Lúcifer o tempo parecia congelado.

— Continuarei a amá-la em cada uma das suas vidas — respondeu aos meus pensamentos. — Não fique triste. Te amar por milhares de anos não será um castigo, será minha benção.

As batidas do seu coração eram a trilha sonora mais bela. A bruma ressoava de fundo, orquestrando o baile das folhas. O farfalhar nas copas das árvores tinha um tom lamurioso, quebradiço, um plangor desolado que concorria com minhas emoções. Havia um frio incomensurável encrustando-se em meu âmagô, e nada tinha a ver com o sereno algente e cortante da atmosfera, era algo mais elementar. Era o prenúncio da sua ausência.

— Seu poder aumentou quando se tornou arcanjo?

— A ascensão ao Primeiro Círculo estabilizou minha energia, não é que tenha mais poder, apenas tenho um maior domínio. — Senti uma vibração de impulsos nervosos emergir do seu corpo, os braços no meu entorno emanaram uma ondulação de calor. Um trovão soou distante. — Ouviu? — Assenti. — Antes só conseguiria evocá-lo dentro de um raio de um quilômetro, agora posso fazê-lo em qualquer lugar do mundo.

Apoiei-me no cotovelo. Martín acarinhou minha face, prendendo uma mecha atrás da orelha. Um corisco dividiu a íris acobreada em fragmentos brilhantes, deixando-me contemplar a fusão entre humano e anjo em seus olhos. Nenhum relâmpago iluminou a noite, nenhum estrondo chegou aos meus ouvidos. Ele tinha o total controle do seu poder. Expus meus pensamentos e soube que estava acompanhando-os porque sua respiração acelerou.

— Onde quer chegar, Tri?

— É nossa última noite.

— Não, é perigoso. — Enxugou uma lágrima que brotou em reação a sua negativa. — Não me faça sentir culpado por negar algo que pode matá-la.

— Quero viver esse momento com você.

— Tri... Nós o vivemos muitas vezes — ele segurou meu rosto entre as mãos —, em nossos pensamentos.

Minha imaginação apenas me deixou ansiosa por sentir na pele como seria me entregar a ele, despida de tudo. Roupas, ideais, sonhos, expectativas. Seríamos nós e o desconhecido, envoltos em desejo e paixão. A realidade não nos permitia ir tão longe. Anuí com um sorriso ténue. Ele puxou-me para si, apoiando minha cabeça no seu braço e me beijou.

Uma noite era todo o tempo que nos restava. Quando o soltasse, seria para vê-lo partir. Numa tentativa débil de ignorar o adeus que nos espreitava, me agarrei a ele, prendendo-me entre seus braços, eliminando a distância entre nós. O jeito como pressionava meu corpo, a urgência com que seus dedos afundavam no tecido, ávidos para sentir minha pele, deixaram-me desejando mais do que seus beijos, implorando para que marcasse minha pele, para que seu toque incinerasse uma a uma das minhas terminações nervosas. Queria ir tão longe quanto possível.

— Vamos para meu quarto, está frio... Será como todas as vezes. Não espero convencê-lo...

— O problema é que não preciso ser convencido. — Ele se sentou, despiu a jaqueta e a camisa. — Se entramos pela janela do seu quarto, não acho que algo vá me parar.

— Eu com certeza não irei.

— Sei que não. — Abriu as asas, ergui a mão e deslizei nas plumas. — Gosta da temperatura?

— Sim, é aconchegante.

Martín riu, me fez sentar e deitou-se, as penas cobriram a manta asfáltica. Frisou a bainha do meu casaco com a ponta dos dedos. Entendi o que queria e me liberei da peça. O frio arrepiou minha pele quando despi a camiseta. Notei uma elevação drástica do pomo de Adão e os olhos se prenderam aos mamilos pontudos sob a renda do sutiã. Ele circundou-me, deitou-me na sua asa e pousou a outra sobre meu corpo, envolvendo-me como em um cobertor de plumas. Deslizei um dos braços em seu pescoço e uni nossos lábios.



CAPÍTULO 26

*“Diga-lhes tudo o que sei agora
Escreva isso do topo do telhado
Escreva na linha do céu
Tudo o que tínhamos
já se foi agora”*

Impossible - Exit Eden

Joguei o travesseiro, que segurava contra o rosto, no chão e me levantei.

Arrastei-me até a porta de casa e abri uma fresta ínfima, o suficiente para mandar embora quem estivesse me incomodando.

— Você está péssima!

— Vá para o inferno, Iker!

— Nós dois iremos, esqueceu?

— Hoje não. — Choraminguei. — Estou sem condições psicológicas de sair da minha cama.

— Ontem você iria para guerra, o que houve?

— Martín foi embora.

— Ele não sabe que estamos prestes a enfrentar o exército de Samael e a sentença da Cúpula Divina?

— Eu pedi que ele fosse. — Dei passagem para Iker entrar e apontei para o sofá. Ele me seguiu. — Se minha influência o estava matando, ele ficará bem nos Campos Celestiais.

— Você tem noção que assinou sua sentença de morte? — Sentou-se, arrumando os fios do topete no espelho do rack. Permaneci em pé. — Não sei se percebeu, mas eu e os outros decaídos não temos poderes, nós podemos matar demônios... a coisa é mais séria quando envolve Samael, Dalkiel, Lilith e Leviatã. Você tinha um anjo disposto a morrer por sua vida e o mandou embora!

— É por isso que pedi para Lúcifer me treinar.

— Se tivesse me contado que seu plano fabuloso era esse, tinha avisado que daria merda. — Ele me olhou dos pés à cabeça. — Vista-se, porque temos muito o que fazer. Não há tempo para choro, Triana.

— Por que está sendo ríspido?

— A partir de agora você está em treinamento.

— Já me arrependi de pedir sua ajuda.

— Não dou a mínima.

Bufei e subi as escadas, batendo os pés, para que ele soubesse que estava irritada. Enfiei uma *legging*, um blusão, casaco, tênis e desci prendendo o cabelo em um rabo de cavalo.

— Você é a cara da depressão. — Ele forçou um sorriso.

— Por curiosidade, Iker significa visitante, o que faz todo sentido. O que quer dizer Mehiel? Idiota?

Ele levantou do sofá e caminhou para a saída: — Anjo da guarda — resmungou, segurando a porta para mim. — Vamos?

— Diga que não é meu anjo da guarda, por favor.

— Não sou um anjo, Triana. No entanto, Lúcifer me escolheu para protegê-la... — Deu de ombros. — Elas por elas.

Em frente de casa, tinha uma motocicleta estacionada. O modelo superesportivo da Yamaha, nas cores azul e preto, era avantajado e prenunciava alta velocidade. O bipe do alarme destravando e os dois capacetes pendurados nos punhos do acelerador me fizeram interromper o trajeto. Iker a montou, pegou um dos capacetes e me estendeu.

— Você não tem habilitação. — Ele enfiou uma mão no bolso da jaqueta, puxou a carteira em couro e jogou para mim. — O que é...

— Veja. — Entre os documentos encontrei uma carta de habilitação. — Satisfeita?

— É verdadeira?

— Triana, sobe aqui de uma vez. Eu sei pilotar e nós dois sabemos que minha idade real está bem além dos dezoito.

— Estamos na Terra, se formos parados, devemos estar dentro das leis humanas. Ou você vai mostrar uma carteira de identidade de mais de mil anos?

— Como você é chata! Os documentos são irrefutáveis, vem logo.

Fechei a carteira, lhe entreguei e peguei o capacete. Ele a devolveu ao bolso, pegou o outro capacete e o vestiu, estendendo a mão para me ajudar a subir. Coloquei-o e cruzei meus braços sobre seu abdômen.

— Não precisa me partir ao meio. — Afrouxei um pouco o aperto. — Você pode fazer melhor do que isso. — Resmunguei em resposta e desentrelacei meus dedos, prendendo-os na sua camisa. — Pronta para conhecer o Inferno?

— Que piada infame, Iker!

O ronco do motor encobriu sua gargalhada. O cenário estático se transformou em um jogo de cores e formas mutáveis, a perspectiva panorâmica das ruas da cidade, deu-me inúmeras ideias para fotos e lamentei não estar com minha câmera. Antes do que gostaria, nós paramos.

— Chegamos.

Saltei da motocicleta e removi o capacete. Ergui os olhos para o alto das torres da *Catedral Primada*.

— O que viemos fazer numa igreja?

Ele desmontou, tirou o capacete, encaixou-o no braço e indicou que o seguisse, sem se incomodar em responder. Ajeitei como pude os fios desganhados do meu cabelo, que escapuliam do elástico, enquanto avançamos pelos fundos da construção. Adentramos por uma segunda porta, essa localizada por detrás de uma parede em madeira, que servia de estante, apinhada por

objetos religiosos e litúrgicos. Nós não estávamos na área comum da Catedral.

— Iker, onde estamos indo? Tenho certeza que isso é invasão — sussurrei para que não fôssemos ouvidos. — É a segunda vez que profano um local sagrado, acho que o paraíso não é uma opção no meu pós-morte. — O ouvi rir, baixo, mais ainda foi um riso. Cutuquei seu ombro e ele me olhou inquisitivo. — Que lugar é este?

— Catedral Primada, como você mesma disse. Estamos indo para o subsolo, a entrada para o Inferno fica na cripta da igreja.

— Eu nem sabia que eles tinham uma cripta.

— Você está com medo? — Um sorriso indisfarçável iluminou os olhos azuis.

— É minha primeira vez no Inferno. Sim, estou com medo.

— Pense em algo como um alojamento. — Franzir o cenho. — Você verá.

Atravessamos um labirinto de corredores, estreito e pouco iluminado. Sem que tivéssemos que descer nenhuma escada, chegamos a um salão circular marmoreado com uma tumba cercada por estátuas em tamanho real, aos pés de cada uma, os brasões das casas regentes gravados, os sete arcanjos empunhavam espadas. Foi inevitável pensar no Martín, breve seu rosto seria esculpindo e pintado em representações como aquela.

Iker encaixou o capacete na cabeça de uma das estatuetas em cobre, deu uma piscadela e se aproximou do jazigo. Ele arrastou a tampa, o choque ruidoso do ferro contra ferro me sobressaltou. Não podia ser o que estava pensando.

— Deixe o capacete em qualquer lugar e entre.

— Você quer que eu entre aí?

— É a única entrada.

— Uma tumba?

Ele me olhou impaciente. Não era uma brincadeira, para chegar ao Inferno, eu teria que entrar por livre e espontânea vontade em um caixão. Deixei o capacete entre duas estátuas e caminhei para o centro da cripta. Toquei a tampa, não consegui movê-la um milímetro. Quando entrasse, estaria presa até que alguém decidisse que eu poderia sair.

— Triana, você quer fazer isso ou não?

— Não quero, preciso.

Respirei aliviada quando Iker ligou a lanterna do celular e iluminou o interior do jazigo, não havia restos mortais, era uma escada. Desci primeiro, ele me encontrou minutos depois, onde tinha início um corredor iluminado por archotes, o seguimos por uns metros. Aos poucos as paredes foram alargando,

até chegarmos a uma área que me lembrou as arenas romanas.

— Bem-vinda ao Inferno!

— É isso?

— Essa é a arena de treinamento, mas pelo horário eles estão no refeitório. Com fome?

— Eu acho que devo esperar em um lugar mais reservado.

— Lúcifer não é um líder típico, ele não tem regalias, não ocupa um trono e não toma decisões sem comunicar a todos. Sua presença é aguardada por cada um dos decaídos. Eles estão curiosos sobre você.

Longe de me tranquilizar, as palavras de Iker me apavoraram. Senti sua mão entrelaçando-se a minha. Não prestei atenção por onde íamos. Se pensasse demais no que estava fazendo, correria para longe de tudo e todos que cruzaram meu caminho nos últimos meses.

O caos dentro da minha cabeça foi inesperadamente silenciado por uma algazarra de vozes, música e risos. Iker empurrou uma porta e meus olhos se petrificaram. Três mesas imensas se estendiam de um lado ao outro do salão, seus lugares ocupados por centenas de decaídos.

— É como você esperava?

Ele me puxou, conduzindo-me por entre as mesas. Minha atenção estava dispersa, era muito para processar, o ambiente, a interação entre eles, queria me deter aos detalhes. A ideia de um lugar esqualido e funesto enraizada na minha representação social de Inferno não condizia em nada com o cenário diante dos meus olhos.

— Nem de longe.

— Lembre-se que a maioria de nós nunca saiu daqui. Antes eu não tinha dimensão do quanto me tinha sido negado. — Ele puxou uma cadeira e sinalizou para que sentasse. — Alguma restrição alimentar?

— Não.

— Enturme-se.

Ele sorriu, meneando a cabeça e se afastou, deixando-me cercada por desconhecidos. Eu o mataria. Abaixei os olhos para mesa e fixei-me nos riscos na madeira. Os sons que instantes antes tinham servido de âncora, içaram velas e navegavam em mar aberto, abandonando-me com um coração à beira do colapso, mãos suando e calafrios serpeando a coluna.

— Triana Guerrero.

Ergui os olhos, o homem na minha frente era um pouco mais velho do que meu pai e me trouxe um sentimento de familiaridade. Os olhos eram de um

verde esmeralda e os cabelos loiros, a barba baixa trazia um ar despojado. O sorriso amável aplacou minha angústia e me senti bem-vinda. Mais do que isso, algo no seu olhar me dizia que eu fazia parte daquele mundo.

— Desculpe, deveria reconhecê-lo?

— Acho que sem os chifres e o rosto escalpelado, fica difícil. — Os lábios curvaram-se sutilmente, como se não quisesse que mais ninguém percebesse.

— Pensei que minhas piadas sobre o inferno e o diabo mundanos não fossem apreciadas. — Iker colocou duas bandejas na mesa e acomodou-se na cadeira ao meu lado. — Não sabia o que você preferia, coloquei um pouco de tudo — disse-me em resposta ao meu olhar aflito diante da quantidade de comida que ele me trouxe.

— Eu posso, você não. — Lúcifer pegou uma batata chips do prato de Iker. — Demoraram.

— A culpa foi dela.

— Não estava em um bom dia e ele não me avisou com antecedência.

— Não fui informado que precisava agendar horário.

— Tudo bem, isso não é um problema. Hoje conversaremos, quero entender suas motivações.

— Estou...

— Não aqui. — Lúcifer me interrompeu. — Durante as refeições nós conversamos sobre assuntos comuns.

— Nesse caso... — Levantei a lata de suco. — Se vocês não podem sair, como têm essas coisas aqui?

— Temos fornecedores, eles trazem as compras até os portões e alguns de nós vão encontrá-los. O acesso à entrada do Inferno é sigiloso, você é a única humana a conhecê-lo.

— Mas eles sabem o que vocês são?

— Sim, eles são profetas escolhidos por Yang.

— Como Bertha. — A expressão de Lúcifer mudou ao ouvir o nome dela, seus olhos foram para o pulso direito. Imediatamente ele mudou a posição do braço, ocultando a marca. — Desculpe, eu não...

— Você a conheceu? — Confirmei. — Ela deve ter gostado de vê-la. Você é uma neta muito e muito distante, com séculos de distância... — Fez uma pausa e tomou um gole do suco. — Parece que foi ontem.

— Voltarei para vê-la outras vezes, prometo.

Quando terminamos o jantar, Lúcifer pediu que fôssemos para seu

escritório. Ele explicou sobre meu poder, ressaltou a responsabilidade que aprender a controlá-lo exigiria e disse que Iker me ajudaria nas práticas com armas.

— Nos vemos amanhã.

— Só uma coisa... — Suspirei fundo. — Conte sobre anjos, demônios e decaídos para minha melhor amiga.

— Você fez o quê? — Iker me olhou incrédulo.

— Eu precisei. — Comprimi os lábios.

— Ela acreditou? — Lúcifer tirou os óculos e depositou sobre a mesa.

— Ela estava namorando o Asier.

— Quem?

— Dalkiel — Iker respondeu a Lúcifer.

— Descobri ontem e tentei fazê-la se afastar dele sem dizer o motivo, mas ela estava tão determinada a manter o envolvimento com ele, acabei contando e depois que ela duvidou, pedi para Mia se transformar na frente dela.

— A ruiva aceitou? — Iker não estava convencido da minha história.

— Eu disse que se ela não me ajudasse, recorreria ao Martín.

— Certifique-se que ela guarde segredo ou estará em perigo. — Lúcifer abriu uma gaveta, pegou um frasco e me estendeu. — É um antídoto, quebrará a força da influência do Dalkiel sobre ela.

— Obrigada.

— Não conte a mais ninguém, Triana. Nossa existência depende de nos mantermos invisíveis.



CAPÍTULO 27

*“Somente agora suas preces
chamam meu nome”*

Until My Last Breath - Tarja

— Salte. Abaixei. Salte. Ataque. — Iker girou o bastão, desarmando-me,

em seguida o bateu nos meus tornozelos e fui ao chão. — Você está dispersa.

— Estou tentando... — Fechei os olhos. — Faz um mês que meu pai morreu. — Desisti de conter o choro. — Sinto falta dele... do Martín.

— Não sei lidar com garotas chorando.

— Dê-me cinco minutos e juro que estarei pronta para o treino.

— Acho que você merece uma folga. — Ele me estendeu a mão e me puxou. — Se eu a levar para tirar aquelas fotos que você tanto me enche a paciência?

— Se soubesse que só precisava chorar para você concordar com o *tour* fotográfico motociclístico, tinha feito um drama.

— Quer ir ou não?

— Quero. — Funguei.

— Você não vai ficar chorando na minha garupa, né?

— Tem medo de lágrimas?

— É que não sei se devo dizer algo, ficar quieto... Quando Bertha tá chorando e vou consolar, ela chora mais.

— Quem diria que Iker Romero pode ser fofo.

No último mês, passei mais tempo com ele do que com minha mãe ou Belinda. Saíamos do colégio juntos, a noite ele me deixava em casa, no outro dia a mesma coisa. Fora o intervalo entre as aulas, encontrava com Bel aos finais de semana. Ter compartilhado meu segredo com ela, foi minha melhor decisão. Ela era uma entusiasta, sua fé em mim era incalculável.

Se fosse honesta, Iker e Belinda eram as mãos que me empurravam de volta para o ringue quando pensava em desistir, o que acontecia com uma frequência aterrorizante. Não era capaz de dominar meu poder, ele não respondia a nenhum esforço, por mais que tentasse.

— Quer ficar? — Posicionei a câmera e bati uma fotografia de Iker.

— O trato não incluía fotos minhas.

— É para Bertha. Ela me pediu ajuda para fazer um álbum da família.

— Diga que não está pensando em fotografar Lúcifer escondido.

— Estou pensando em dizer a verdade.

— Você não fará com que ele reconsidere e se corresponda com ela.

— Nunca diga nunca.

— Cheguei! — exclamou Bel.

Liguei combinando de nos encontrarmos na Sonhos do Éden, não era todo dia que eu tinha folga, precisava aproveitar. Iker a cumprimentou com uma

piscadela e um sorriso provocante.

— Você pare. — Dei um tapa no braço dele. — Minha melhor amiga está cortada da sua lista de conquistas.

— Como assim? Por quê? — Ela dramatizou e Iker deu uma gargalhada estrondosa.

— É por isso que vocês não podem se pegar, os dois são terríveis.

— Assim que é bom — disse ele.

— Vamos entrar antes que você suba na moto e vá com ele. — Agarrei o braço de Bel. — O convite está de pé, se quiser ficar — disse ao Iker.

— Farei o esforço.

Minha mãe deu um sorriso largo, acho que ele foi maior por me ver com um amigo além de Belinda. Com a morte do meu pai, a partida do Martín e o final do bacharelado se aproximando, ela vinha me incentivando a ser mais sociável, acho que nós duas tínhamos medo da minha reação quando chegasse a hora de me afastar da minha melhor amiga. Meu plano era continuar em Toledo e me tornar uma historiadora como meu pai, Bel queria viajar e se aventurar pelo mundo. Nossos sonhos seguiam em linhas opostas.

— A ruiva? — Iker beliscou o lábio inferior, puxando e soltando-o sobre o *piercing lip frenulum*.

— Você é a fim dela — dissemos em coro.

— De onde vocês tiraram essa ideia?

— Você trocou o rodízio de belas pernas que viviam disputando seu colo por patadas de longo alcance.

— Quê? — Ele riu da metáfora que Bel escolheu.

— Sério, Iker. Ela é fria, arrogante, grossa... E você está sempre por perto, sendo o cara legal, apesar da indiferença dela.

— Mia está lidando com um mundo diferente daquele que conhece... — Deu de ombros. — Anjos não podem sentir, mas ela sente e não são sentimentos bons, Mia sente que traiu o irmão ao denunciá-los, está sozinha, com saudades e teme que ele nunca a perdoe. Contudo, ela é uma guerreira, deve agir como tal, se deixar que vejam seu sofrimento, terá fracassado.

Ficamos em silêncio. Iker nos apresentou uma Mia com angústias humanas, frágil e até perdida. Não tinha dúvidas da sua lealdade para com o Principado, da sua coragem como guerreira ou da sua devoção ao Martín, mas de alguma maneira me neguei a ver que a proteção para com o irmão, não era uma obrigação oriunda da sua posição dentro da hierarquia dos anjos, ela se preocupava com ele porque o amava e não suportaria vê-lo morrer.

Lembrei de quando encontrei meu pai nos braços da minha mãe, sem vida. Mia viu Martín perdendo as plumas sem entender o porquê ou o que viria a seguir, entendia as razões que a levaram a relatar nosso envolvimento, porque se estivesse em seu lugar, se fosse me dado uma única chance para salvar meu pai, teria feito qualquer coisa.

— Não fiquem com essas caras, não tive intenção de deixá-las mal.

— Odeio quando temos conversas profundas, sempre termino parecendo que levei uma surra.

— Não sei o que mais me surpreende: Mia ter um coração ou Iker não ser apenas um rostinho bonito.

— Tô ligado que você adoraria ter um tempo para desfrutar de cada centímetro meu. — Ele pegou a deixa de Bel para desconstrair o clima.

— Pronto, voltamos à programação normal — zombei.

Quando nos despedimos, ajudei minha mãe a fechar a loja e fomos para casa. A saudade que amanheceu mais forte, permanecia lá, entretanto, tinha mandado a tristeza embora e convocado as lembranças.

Não tinha voltado ao telhado desde que me despedi de Martín. O choro se avultava só de olhar para janela, não podia continuar fazendo de conta que o veria em breve. Abri a gaveta da escrivaninha e peguei o colar. Enrosquei a corrente no pulso e afaguei as plumas. Elas estavam cintilando na última vez que as vi.

Saí pela janela e me esgueirei para o nosso lugar. Nos deitávamos para contemplar o universo, abraçados ou de mãos dadas. Sentei com as pernas flexionadas e apoiei os braços nos joelhos, apertando o pingente em minha palma.

— Quando era criança, minha avó me ensinou a oração do anjo da guarda e todas as noites eu a repetia, era um gesto automático, mas tinha um quê de sagrado. Na minha cabeça de cinco anos se eu não pedisse que me protegesse, ele se esqueceria de mim. — Inspirei fundo. — Devo ter abandonado o rito por volta dos oito ou dez anos... Será que é tarde para retomá-lo? — Senti o primeiro toque de uma lágrima. — Não sei se você pode me ouvir... — Fechei os olhos e puxei o ar. — Sinto sua falta, Martín... Hamon. Acho que deveria tentar chamá-lo assim, seu nome real, especialmente agora que é um arcanjo. Espero que esteja bem... e feliz. Estou aqui, você sabe onde... Não contei para ninguém, mas Samael voltou a me visitar nos sonhos. Ele não me ameaça, nem nada assim, tem sido curioso até... Há uma semana ele vem e me leva para memórias de eventos passados, guerras e conflitos político-religiosos. Ele não diz nada, assistimos a homens matando uns aos outros em nome de Deus, depois vai embora. Não sei o

que ele quer de mim, Martín. Queria que você estivesse aqui.

Minha pele arrepiou-se. Ergui os olhos. O céu estava carregado de nuvens e os ventos sopravam forte. Desloquei meu olhar para as plumas, nenhuma fagulha acesa. Joguei a cabeça para trás ao ser golpeada pelas primeiras gotas de chuva. Espaçadas e densas, sem pressa tornaram-se incessantes. Sorri para nada além do infinito e cerrei as pálpebras.

Deitei, abrindo os braços sobre o telhado para que a chuva pudesse me abraçar e aquecer meu coração. Contra o anélito glacial que me envolvia sob as camadas de roupas encharcadas e grudadas ao corpo, uma centelha aquecia a mão que apertava o colar em sua palma. Àquela altura, podia ser um truque da minha mente, mas o trovão que veio dentro de segundos e o relâmpago que desobscureceu todo o céu, inflamaram uma esperança tenaz.

A tempestade não se repetiu nas noites seguintes, quando fiquei por horas no telhado conversando com ele, me perguntei se não foi uma mera coincidência e, no desespero, interpretei como um sinal. Havia em meu íntimo, algo que não me deixava levar esse pensamento adiante, uma fé que ele instaurou. Martín faria o que estivesse ao seu alcance para que eu soubesse que não estava sozinha e se existisse uma mínima chance de ouvir meus desabafos, ele o faria.

Faltando uma semana para meu aniversário, decidi que era hora de descobrir o que minha família guardava com tamanho desvelo por séculos a fio. Rompi o lacre do envelope que meu pai deixou. Dentro, além da chave, tinha uma carta, manuscrita.

“Filha, parabéns por mais um ano de vida! Embora conhecendo você e sua mãe, ainda não é seu aniversário, estou certo? Não terei outra chance de desejar que seu dia seja especial, mas você sabe o tamanho do meu amor e estarei sempre na torcida para que realize seus sonhos. O melhor que fiz na minha vida foi ser seu pai, espero que me perdoe por não me despedir como deveria, eu apenas não poderia fazer o que precisava se tivesse que dizer adeus para vocês duas. Quero que saiba que entendo que esteja com medo, tudo o que está acontecendo é assustador e vai te testar de muitas formas. Siga firme, tenha fé, e lembre-se, sempre há uma escolha. Você nasceu com uma missão grandiosa, filha. Triana Guerrero, em tradução livre, é a guerreira além do rio. Sabe o que significa? Que transcenderá as leis existentes, será capaz de reescrever a história e chegará aonde ninguém esteve antes. Tenho fé em você,

Tri.

Com amor, seu pai”.

Terminei de ler e permaneci sentada sobre a cama, com as pernas cruzadas, observando como certas palavras estavam tremidas e com borrões disformes no desenho das letras. A emoção estava além da mensagem escrita, o papel engelhado em algumas partes revelava marcas secas de lágrimas.

— Eu te amo tanto, pai. Espero não te decepcionar.

Presa à chave, havia uma etiqueta com um endereço. Trocaria a ida ao Inferno, após o colégio, por uma visita à história da família Guerrero. Avisei ao Iker durante o almoço, ele e Belinda se escalaram para me acompanhar.

O depósito ficava em um prédio comercial no Centro. Para qualquer um, não passaria de um monte de livros velhos. Meu pai tinha montado um sucinto escritório no espaço. Centenas de diários estavam distribuídos em prateleiras, uma pilha com três exemplares, luvas e pinça sobre a mesa. O móvel de ferro estava forrado por um mapa antigo da cidade, cinco pontos destacados por um “x” e um círculo onde identifiquei como sendo a Catedral Primada.

— Veja isto, estes são os portões que guardam a entrada para o Inferno?

Iker abandonou o diário que tirou da estante e contornou a mesa.

— Sim, e aqui — apontou para uma linha pontilhada, grafada em vermelho — é a voragem para os confins da Terra.

— Vou o quê? — inquiriu Bel.

— Voragem é um abismo.

— A única forma de chegar ao Submundo é por ele, os humanos corrompidos pelos demônios têm suas almas atiradas na voragem.

— O que acontece com elas?

— Vagam no Submundo até o fim dos tempos — respondeu Iker.

Deixei os dois folheando os diários que estavam na mesa e busquei pelo primeiro exemplar, se estivesse certa, ele seria do Nefilim. E se tivesse sorte poderia me ajudar a compreender o mecanismo de funcionamento dos nossos poderes. Alisei a capa de couro e o abri com cuidado extremo, a restauração feita era sublime, mas foi o idioma desconhecido em que fora escrito que deteve minha atenção.

— Iker, por acaso você é fluente em algum idioma morto?

— Deixe-me ver. — Aproximei-me, expondo o diário.

— Não é um idioma humano, está escrito em enoquiano.

Nós nos sentamos no chão. Virando as páginas com a pinça, Iker narrou os conflitos e incertezas de Nathaniel. O diário começou quando ele tinha doze anos e as dores de cabeça tiveram início, o jovem Nefilim descreveu o sofrimento ao dizer adeus para o pai, o sentimento de culpa por não ter conseguido esconder seu poder e ter desencadeado as rebeliões que levaram ao Dilúvio e, conseqüentemente, à separação dos seus pais. Foi a revelação seguinte que nos deixou contérritos.

— Lúcifer teve uma filha?! — dissemos em uníssono.



CAPÍTULO 28

*“Perdido na escuridão
Esperando por um sinal
Ao invés disso só há silêncio
Você não pode ouvir meus gritos?”
Somewhere - Within Temptation*

Queríamos avançar as páginas e buscar mais informações sobre a criança, mas estávamos lidando com uma relíquia de muitos séculos atrás, as

folhas eram de papiro e continham ranhuras que não puderam ser restauradas, qualquer movimento desleixado o fragmentaria. Obedecemos ao ritmo imposto por Nathaniel e só nos demos conta do horário quando a mãe da Bel ligou.

— Mãe, estou com a Tri e nos distraímos — disse e desligou. — Não acredito que demoramos tanto. — Ela virou a tela do celular para nós.

— Quase dez? Minha mãe me matará se eu não estiver em casa quando chegar! Ela anda preocupada ao extremo.

— Vamos, a gente passa na Bertha e pego a moto. Levo você e depois a Belinda, ou como acharem melhor.

Por pouco não cheguei depois de minha mãe, estava subindo as escadas quando ouvi a maçaneta girar.

— Oi, mãe.

— Está chegando agora? — Franziu o cenho.

— Fui ao depósito, comecei a ler dos diários e esqueci do tempo.

— Triana, por tudo que é mais sagrado, me avise quando for se atrasar. Estou com um sentimento tão pesado no peito, vivo com medo que algo te aconteça.

— Desculpe, mãe. Não vai acontecer de novo, prometo.

Um sorriso lânguido estampou-se em seu rosto. Ela me alcançou nos degraus, me deu um beijo e subimos juntas.

— Veio sozinha?

— Iker me trouxe.

— Está rolando algo entre vocês?

— Não. Ele e Bel foram comigo ao depósito.

— Estranharia se estivesse, mas com toda a carga emocional de dois meses para cá, entenderia se buscasse por conforto afetivo-sexual.

— Mãe, sei que passei muito tempo trancado no quarto com meu ex-namorado, mas nós nunca... Martín é muito importante pra mim e queria que minha primeira vez tivesse sido com ele... Acho que não estávamos prontos.

— Quem sabe não se reencontrarão quando estiverem. — Ela abraçou-me, apertando meu ombro. — O “Cara lá de cima” tem uma mania estranha de escrever certo por linhas tortas.

— Ouvi dizer. — Sorri.

— Vou dormir, estou cansada demais. Quanto a você, tome pelo menos um copo de leite antes de deitar. Não vou perguntar que horas comeu, porque sei que a resposta será “*no colégio*”.

— Está bem, mãe.

Minha cabeça estava fervilhando, não dormiria por aquela hora. Depois do banho, segui a sugestão da minha mãe e desci para cozinha. Sentei-me na mesa com uma caneca de leite morno e um pote de alfajor, submersa em confabulações.

Um cicio agudo, fez com que levasse as mãos às orelhas, cobrindo-as. Meu cotovelo bateu na xícara, entornando o líquido esbranquiçado. Pressionei os indicadores, tamponando a abertura dos ouvidos. O tinido persistiu. Apertei os olhos e me forcei a respirar devagar, mas minha frequência cardíaca não desacelerava.

Abaixei as mãos, levantei-me e abri a porta da cozinha. Saí para o quintal. Rajadas violentas ameaçavam partir os galhos das árvores. Fitei o céu, coberto por nuvens de um cinza lúgubre. Pontadas finas entrincheiraram minha mente, fui dominada pela dor e caí de joelhos. Havia uma inconfundível sensação de *dèjà vu*.

O brado das asas movendo-se indicava a aproximação da criatura. Fechei os olhos e esperei. O arranhar das garras se fixou em meus ombros e senti um queimor. Meus olhos nublaram, uma vertigem sobreveio e apaguei.

— Tri, Tri.

Entreabri as pálpebras.

— O que... — Uma dor latejava sobre meu olho esquerdo. — Bel? Onde...

— Não sei.

— Minha cabeça está doendo.

Um aperto fechou-se em meu pulso quando tentei mover as mãos. Abaixei os olhos, estávamos acorrentadas.

— Quanto mais a gente força, mais apertado fica. — Olhou para os próprios pulsos, tinha sangue escorrendo pelos seus dedos.

— Temos que sair daqui.

— Como? — Ela suspirou e recostou a cabeça na pilastra de madeira que fixava as correntes. — Estamos sem celulares e ninguém perceberá que desaparecemos até amanhã.

— Oi, garotas. — Não podia vê-lo, mas ouvi o som da fechadura sendo destrancada.

— É ele. — Bel comprimiu os lábios e se encolheu, lágrimas brotavam no canto dos seus olhos.

— O que quer, Asier?

— Dalkiel — corrigiu-me e agachou atrás da minha amiga, contornando seus ombros com as costas da mão. — Agora que não temos segredos, deve me chamar por meu verdadeiro nome. — Ele segurou o queixo dela, puxando seu rosto. — Senti saudades, princesa. — Apertou. Bel engoliu em seco. — Você andou me ignorando, isso não foi legal.

— Tire as mãos dela!

— Ou? — Ele ergueu os pulsos de Bel e lambeu o sangue. Ela tremia e mordida o lábio para conter o choro. Ele se divertia com seu pranto. — O que fará?

— Diga-me o que quer.

— Sem uma preliminar? Não. — Puxou uma adaga e encostou nos lábios de Bel. — Você sabe como usar essa boquinha linda. — Abaixou a lâmina para o busto dela. — Triana, o que acha de ter sua amiga sempre por perto?

— Ela não tem motivos para estar aqui. É a mim que você quer.

— Não seja ciumenta, farei de você minha esposa e Bel será nossa escrava particular. Sempre pronta para saciar-nos.

— Nem morta me casarei com você!

— Perdoe-me pela audácia do meu filho. Ele tem muito o que aprender. — Samael entrou na cela e sentou-se numa cadeira defronte para nós. — Não se diz o que uma mulher deve fazer, você a convence que é a escolha certa. Como estás, Triana?

— Falarei com você quando minha amiga estiver livre.

— Isso não acontecerá, sua amiga é uma peça indispensável no meu jogo. — O Príncipe dos Demônios analisou Bel por um instante. — E meu filho parece genuinamente interessado nela. Traga-a aqui.

O filho atendeu a ordem do pai, destravou a corrente que a prendia na pilastra e a puxou pelas algemas, obrigando a levantar-se e depois ajoelhar diante de Samael.

— Qual seu nome, querida?

— Bel — soluço — Be-Belinda.

— Confias em sua amiga?

— Sim.

— Se tivesse que escolher entre morrer ou matá-la o que faria?

— Eu nunca a ma... — O choro extravasou.

— Bel, está tudo bem.

— O que acha que Triana faria, Belinda? Ela morreria para salvá-la?

— Sim — balbuciou.

— Espero que nós dois estejamos corretos. — Ele tirou uma chave do bolso do blazer e removeu as algemas dela. — Vá, solte sua amiga.

Ela virou-se, seus pulsos tinham marcas de cortes. Caminhou até onde eu estava e ajoelhou. Trêmula, demorou um pouco para que conseguisse acertar o encaixe da fechadura. Quando as algemas caíram, a envolvi em um abraço.

— Sigam-me — ordenou Samael.

Nós saímos para um corredor, havia muitas outras celas, algumas ocupadas. Samael caminhava na nossa frente e Dalkiel alguns passos atrás. Bel apertava minha mão e sua expressão dividia-se entre apavorada e incrédula. Não estávamos no subsolo do *San Servando*, as paredes eram cobertas por uma textura aveludada, vermelha com arabescos dourados, se tivesse que apostar, diria que as luminárias eram de ouro.

— Que lugar é esse?

— Onde breve você irá governar o mundo, doce Triana.

— O megalomaníaco é você, não eu.

— Não quero governar, quero justiça.

— Temos ideias diferentes do que é justiça.

— Até quando? — Samael abriu os braços e gesticulou para uma suntuosa sala de jantar. — Imagino que estejam com fome.

— Você ainda não disse onde estamos.

O cômodo era decorado por monumentais estátuas de mármore, espelhos, pinturas a óleo penduradas em molduras de ouro e lustres, que a julgar pelo requinte, eram de cristais. Os móveis, tal como nas acomodações em solo mundano, eram renascentistas.

— Castelo do Principado dos Demônios.

— Você nos trouxe para o Submundo?

— Uma visita pontual.

O príncipe dos demônios ocupou a cabeceira da mesa e Dalkiel puxou as cadeiras para que sentássemos, em seguida tomou seu lugar, na outra ponta. Não deixei de observar que ele se calou com a chegada do pai.

— Qual o objetivo de estarmos aqui?

— Deixemos esta conversa para depois do jantar.

Samael tocou uma sineta que estava sobre a mesa. Demônios entraram segurando bandejas e serviram-nos. Olhei para Bel, sentada à minha esquerda, e sinalizei para que não comesse. Mal terminavam com um prato, os demônios

traziam o próximo. A espera aumentava minha aflição e estava segura que era intencional.

— Acompanhe-me, Triana. Enquanto conversamos Dalkiel levará Belinda para conhecer os aposentos do castelo.

— Não!

— Ele não encostará nela. — Samael levantou-se e me estendeu a mão.
— Dou minha palavra.

— Não.

— Temos assuntos particulares para tratar.

— Tri. — Bel colocou a mão sobre a minha. — Ficarei bem.

Não tínhamos ideia de como voltar para casa, precisávamos colaborar ou ficaríamos presas no Submundo. Acenei em concordância e virei para Samael.

— Quero que ela fique onde possa vê-la.

— Condição aceita.

Bel e Dalkiel ficaram numa sala com lareira e piano, e nós fomos para uma área aberta conjugada. Atordoada pelo que via, fiz um giro completo, mapeando tudo que podia capturar.

O castelo ficava cercado por águas congeladas, a associação com o nono círculo do Inferno de Dante foi instantânea. Afora o gelo, havia muitos rochedos e um vulcão ativo, cuspidor bombas de lava sobre a crosta de neve. Figuras amorfas vagavam até onde meus olhos alcançavam, muitas estavam presas sob o lago, apenas a cabeça ou partes dos membros de fora. Uma nébula turva delineava a atmosfera e centenas de demônios sobrevoavam-na, os guinchos altos e estridentes zuniam dentro do meu ouvido.

— Isole o som e o afaste de sua mente.

— Acha que se soubesse como fazer, estaria suportando esse barulho?

— É como uma frequência de rádio, encontre a onda sonora.

Fechei os olhos e me concentrei nos chiados. Primeiro a dor ficou quase insuportável. Depois, lembrei de como sobrepunha música aos meus pensamentos quando não queria que Martín os ouvisse, comecei a cantarolar em minha mente e os silvos emitidos pelos demônios foram abafados. Voltei o rosto para cima e abri os olhos, eles continuavam lá, apenas pareciam distantes.

— Agora podemos conversar. — Sorriu presunçoso. — Acredito que depois das nossas viagens oníricas, não resta dúvidas que os humanos tiveram chances demais de evoluir e continuam falhando. Eles matam, roubam e escravizam seu próprio povo, são incapazes de pensar no bem comum quando seus direitos individuais estão em risco.

— Você está enganado.

— O número de conflitos históricos contraria sua defesa. — Samael abriu os braços, sinalizando para o caos. — A verdadeira face dos humanos é animal, selvagem e cruel. Dinheiro, poder e prazer são suas motrizes impulsionadoras, e não o bem comum, como Yang acreditava.

— Leviatã interferiu no livre-arbítrio ao seduzir e manipular os humanos.

— Essa foi a acusação de Yang. Para não se responsabilizar pelo fracasso dos seus pupilos, ele culpou Leviatã de corrompê-los. O que de errado ela fez?

— Ela os enganou para que a seguissem.

— Leviatã apenas apresentou-lhes outras possibilidades, além daquelas criadas por seu irmão. Poder, dinheiro, prazer. — Ele desceu os olhos para seus seios e umedeceu o lábio. — Ela acrescentou um pouco de diversão à balança.

— Ela e seus súditos incitaram guerras.

— Foram os humanos que não souberam dosar seus vícios. Quando sentiram o gosto do poder, eles quiseram mais, não importando o que tivessem que fazer para obtê-lo.

— O que quer com isso? Justificar que a humanidade deve ser exterminada?

— Não, minha criança. — Tocou uma mecha do meu cabelo. — Daremos aos humanos um propósito, um real potencial evolutivo.



CAPÍTULO 29

*“Perdendo a fé
no meu campo de batalha
As sombras deixam sua marca
Sua luz me traz de volta
O profundo e o escuro”
The Deep & The Dark - Visions of Atlantis*

— Você é jovem demais para compreender. O que espero é que seja humana e, como tal, aja de modo passional. — Eu não entendia onde ele queria

chegar. — O paroxismo do seu poder se dará ao completar dezoito anos. A pergunta é, o que está disposta a sacrificar para salvar sua amiga... — olhou por cima do ombro para onde Bel estava — e sua mãe.

— Não as machuque, por favor.

— Aceite seu destino. — Afagou meu queixo. — Vingue o sangue da sua família e reivindique a coroa. — Anuí. Samael sorriu e moveu o polegar sobre meu lábio. — A cerimônia de coroação acontecerá na noite do seu aniversário. Não se preocupe, providenciarei todos os detalhes.

— Farei o que quiser, deixe-nos ir embora agora.

— Falta assinarmos o pacto.

O segui de volta a sala anterior. Bel correu ao meu encontro e a abracei, dizendo que logo estaríamos em casa. Sentado no piano, Dalkiel tocava e nos olhava com uma lascívia premente. A música melancólica destoava do sorriso vanglorioso que trazia nos lábios.

Samael abriu uma gaveta na estante próximo a lareira, pegou um maço de papéis e circundou-nos, colocando-se atrás da minha amiga. Um sorriso afetado brilhou em sua face. Afunilei o olhar na sua direção e apertei Bel, numa tentativa de convencê-la que ficaríamos bem.

— Desculpe, querida — sibilou o Príncipe dos Demônios.

Não compreendi seu comentário até sentir o corpo da minha amiga esmorecer nos meus braços. Aquilo não estava acontecendo.

Não, não, não, não, não! — repetia a voz na minha cabeça.

Seus braços me largaram e tive que usar toda minha força para sustentá-la. A sensação do sangue escorrendo pelas minhas mãos derrubaram a última contenção para minhas lágrimas, gritei e me arrastei para o chão, abraçando-a junto ao meu peito. Vislumbrei o punho da adaga nas suas costas, ele a cravara em seu coração.

— Ela foi a apólice do nosso pacto, para que saiba que não estou brincando. — Agachou e puxou a adaga, pingando seu sangue sobre o papel que segurava na mão esquerda. — Não se vence uma guerra sem perdas, Triana. Quanto antes você aprender isso, melhor.

— Não!!!

Um grito vibrante rompeu meus lábios e reverberou nas paredes do castelo. O chão estremeceu e em seguida tudo ficou extremamente quieto. A música suspendeu-se, o ar parecia estático. Movi o olhar pelo cômodo e uma onda de pânico me assolou. O tempo estava congelado, Dalkiel tinha os dedos posicionados sobre as teclas do piano, Samael estava de cócoras na minha frente,

o dedo indicador derrapando no sangue que cobria a lâmina.

— Estou dentro de um pesadelo, só tenho que acordar.

Contei até dez e respirei fundo. Por um tempo senti que estava desconectada da realidade, como se flutuasse entre mundos. Calafrios disseminaram-se sob minha pele. Ancorei-me na sensação corpórea, onde estivesse, ela me levaria de volta ao plano real.

— Você está ardendo em febre. — Entreabri os olhos. Minha mãe tocou minha testa. — Vou buscar um antitérmico.

— Mãe? — Minhas pálpebras não ficavam abertas. — Estou com frio.

— Logo você estará quentinha. — Ela puxou um cobertor até meu pescoço.

— Tive um sonho ruim.

— Quer me contar?

— Não — murmurei. — Acho que estou com medo que Bel vá embora e nunca mais a veja.

— Também sinto falta dela. — Minha mãe suspirou e deu um beijo em minha testa. — Você está delirando por causa da febre, descanse. Volto logo com o antitérmico.

Eu sabia que tinha algo errado, mas não conseguia pensar direito. Tremores percorriam meu corpo, minha cabeça doía, meus ouvidos zuniam e meus olhos estavam ardendo, sentia que havia chorado por horas seguidas. Lembrava vagamente da minha mãe me dar o remédio, ademais minhas lembranças eram um imenso terreno baldio. Até que a febre cedeu e saí do estado de torpor.

— Triana, você tem que me avisar quando se sentir mal. Se não fosse a caneca quebrada na cozinha, teria saído para trabalhar sem ver que estava doente.

— Caneca quebrada? Pensei que tinha sonhado com isso.

— O que acha de buscarmos apoio psicológico? Nos últimos meses você enfrentou muitas perdas, parece que seu corpo está nos mandando um recado. Essa febre... os delírios... Primeiro foi a Bel, depois seu pai, aí o Martín que foi embora de uma hora para outra.

— O que tem a Bel?

— Como o que tem? — Minha mãe me olhou preocupada. — Hoje faz seis meses...

— Do quê?

— Que ela morreu, Tri.

— Não. — Meus batimentos aceleraram. — Não, mãe. — Coloquei as mãos sobre o rosto, pressionando a ponta dos dedos. — Não, não. Por favor, diz que é mentira. Bel estava comigo ontem no depósito. Cadê meu celular? — estendi o braço para o criado-mudo.

— Tri. Tri! — Minha mãe segurou meu rosto entre as mãos. — Foi um acidente.

— Eu estava com ela?

— Você estava distraída fotografando, não viu o carro... — Abaixou as mãos. — Bel te empurrou para que não fosse atingida.

— Ela morreu para me salvar?

— Você teria feito o mesmo por ela, se pudesse.

Joguei-me de encontro ao corpo da minha mãe, debruçando no seu ombro. Eu conhecia a verdade sobre a morte de Bel e a culpa ainda era minha, de toda a forma, eu tinha causado a morte da minha melhor amiga. Nada mudaria o que fiz.

Não queria ver, ouvir ou falar com ninguém, mas quando li a mensagem do Iker pedindo que eu e Bel fôssemos encontrá-lo na casa de Bertha, percebi que ao menos com ele, podia falar sobre o que aconteceu.

— Vai sair? — perguntou minha mãe ao me ver descer as escadas.

— Encontrar com Iker.

— Leve um casaco.

— Bem aqui. — Dei um tapa na mochila.

— Chegue mais cedo, farei um jantar especial. — Acenei em concordância. — Se quiser, convide o Iker.

— Está bem. Tchau, mãe.

Peguei um ônibus para o centro, porque com meu ânimo terminaria voltando para casa antes do segundo quarteirão, se fosse andando. A loja estava fechada. Mandeí mensagem avisando que havia chegado.

— Entrem... — disse ao abrir a porta. — Bel não vem? — Prendi a respiração e movi a cabeça em negativa. — O que houve?

— Samael...

Ele me puxou para dentro da loja e me abraçou. As mãos espalhadas em minhas costas deram-me uma sensação de proteção. Ouvi ele fungar e apertei meus braços ao seu redor.

— Como?

— Não tenho certeza. Quer dizer, não sei até onde o que lembro é real.

— Vamos nos sentar e você me conta tudo.

Iker entrelaçou nossas mãos e me levou pelo corredor até o fundo da loja. Bertha estava polindo uma espada, a deixou de lado quando nos viu entrar cabisbaixos e me envolveu em seus braços, levando-me para um pequeno sofá de dois lugares. Deslizei a mochila do ombro para o assento e contei o que conseguia lembrar, com o máximo de detalhes que minha memória permitia.

— Samael consegue manipular a realidade, ele criou uma ilusão coletiva para a morte de Belinda, mas pelo que você falou, não foi ele quem as tirou do Submundo — pontuou Bertha.

— E quem poderia...

— Você — disse Iker. — Pausar o tempo é uma das possibilidades da chronomancia.

— Por que não lembro? E o mais importante, por que meus poderes funcionam quando bem querem?

— O poder flui por suas células em picos emocionais, como você não está no controle, a energia intensa afeta seu estado de consciência. Para onde você levaria o corpo de Bel?

— Como vou... — interrompi-me. — Tem uma gruta as margens do rio, próximo da Ponte San Martín... Nós a descobrimos quando crianças. Se eu nos tirei do Submundo, nós a encontraremos lá.

— Posso ir sozinho, se você não quiser...

— Quero me despedir da minha amiga.

— Precisarão levar pás. — Bertha levantou-se. — Colocarei numa maleta para que não chame atenção.

Fomos até as proximidades da ponte de motocicleta e terminamos o trajeto numa caminhada. A entrada ficava protegida por rochedos e arbustos. Parei diante deles, comprimi os lábios e exalei ruidosamente. Encontrando-a ou não, o pranto era impreterível. Subi o pedregulho e saltei para o outro lado, Iker me seguiu.

— Quer que entre primeiro? — perguntou, depositando a maleta na encosta da gruta.

— Juntos? — Olhei para ele e estendi a mão. Iker encaixou os dedos entre os meus. — Não é justo, Bel não era parte desse universo de seres sobrenaturais.

— Não somos todos?

— Ela achava que encontraria o amor nas suas viagens pelo mundo.

— Amor romântico é apenas uma das muitas formas que ele tem de se

manifestar. Belinda encontrou o amor quando era apenas uma criança e amou com todo seu coração. — Ele ergueu o braço direito e enxugou uma lágrima em minha face. — E também foi amada incondicionalmente.

Ativei a lanterna do celular e entramos. Iker foi obrigado a curvar-se, sua cabeça batia no teto da gruta. Uns poucos metros adentro e a encontramos recostada numa rocha. Se não fosse pelo sangue em sua roupa, ela poderia estar dormindo.

— Eu irei matá-lo — rosnou. Iker soltou minha mão e agachou junto ao corpo. — Juro que ele pagará pelo que fez. — Ele não falava comigo, era uma promessa para ela. Segurou sua mão e plantou um beijo. — Sentirei saudades.

— Mais uma surpresa, Bel. — Sentei-me no chão, acima da cabeça dela, depositando a mochila numa rocha. — Quem diria que Iker Romero tem lágrimas.

— Sem provas, sem crime. — Ele sorriu. — Onde você quer enterrá-la?

— Você consegue escavar aqui dentro?

— Vai foder minha coluna, mas pela Bel... — repousou a mão dela sobre o abdômen — posso ficar uma semana entrevado. Vou buscar a maleta.

Ele demorou para voltar, sabia que estava me dando um momento a sós com Bel e havia um milhão de coisas que eu desejava falar, contudo, fiquei em silêncio, alisando seus cabelos e chorando. Continuei assim enquanto Iker abria uma cova um pouco mais para o fundo da gruta. Quando terminou, ele a pegou no colo e a deitou no interior.

— *Od ip efafafe bagle a cocasb i cors ta vnig blior.* — Jogou um punhado de terra sobre o corpo. — Significa, “*pois o tempo é aquele que requer o conforto*”.

— Que um dia nos encontremos, Bel. — Peguei uma porção de terra, abri a mão sobre a cova e deixei que escorresse por entre meus dedos. — Te amo para sempre.

Enquanto Iker preenchia a cova, saí para procurar flores nas margens do rio. Não tinha me afastado cinquenta metros quando uma corrente de ar quente eriçou os pelos da minha nuca. Girei a tempo de ver Mia fechar as asas, elas eram brancas com cintilações alaranjadas.

— Você emitiu uma descarga elétrica equivalente à soma do poder de cem querubins. Os Serafins rastrearam a assinatura nefilim até o Submundo. Que raios estava fazendo lá?

— O que importa, Mia?

— Se existe uma mínima chance de ele me perdoar... Quando cumprir a

ordem da Cúpula, será o fim. — Tirou uma adaga da jaqueta. — Você conseguiu, Triana Guerrero... Você despertou um sentimento férreo em mim... — Ela moveu o corpo para trás, flexionando as pernas sobre os saltos finos, o braço fez um semigiro e projetou-se para frente, arremessando a arma. — Eu a odeio!

O brilho da lâmina refletiu nos meus olhos. Minha morte colocaria fim à guerra, Samael não seria uma ameaça. Fechei as pálpebras, a melodia das águas ecoou em meu coração, levando-me para as tardes em que me deitava com Martín na beira do rio e seus beijos detinham toda minha atenção.

— *Ia-ial ednas cicles* ^[18] — sibilei em enoquiano, tinha ouvido Martín e Iker recitá-la, o significado me pareceu apropriado.

— NÃO!

Desespero revestia o grito de Mia. Arregalei os olhos, atônita. Um par de asas negras formava um escudo, impedindo-me de ver além. Abaixei a cabeça. Vestindo uma armadura prata com detalhes em verde, Martín estava curvado sobre os joelhos.

Trovões rufaram, um único relâmpago desceu, rasgando o céu e caiu nas costas do arcanjo aos meus pés. As plumas de suas asas queimaram, não um fogo comum, foi como se o lume fluorescente estivesse em combustão. Eu ouvia o choro desolado de Mia. Iker tinha surgido ao lado dela e a segurava entre seus braços.

Quando não restavam mais penas, os ossos da estrutura das asas partiram-se. Martín urrou e desabou no chão, contorcendo-se. Joguei-me de joelhos e afaguei seu rosto. Ele estava febril e o corpo tinha espasmos.

— Fala comigo, seu idiota. Por que voltou? — Debrucei-me sobre seu tórax. — Você não pode morrer está me ouvindo?



CAPÍTULO 30

*“O desejo ardente de viver
e vagar livre
Brilha na escuridão
e cresce dentro de mim
Você está segurando minha mão,
mas você não entende
Então para onde estou indo,
você não estará no final”*

Utopia - Within Temptation

Os gemidos e a agitação muscular tinham parado. Iker me ajudou a

remover o peitoral da armadura, ombreiras, braçadeiras, cota de malha e as botas. Deixamos Martín tão somente com a sobrecasaca e calças. Estendi as pernas, puxei seu tronco para meu colo e pousei minha mão sobre seu coração.

— Por que ele não acorda?

Os batimentos socavam a caixa torácica em um ritmo enervado. A temperatura corporal não dava trégua e focos de calor pigmentavam sua pele, espalhando manchas de um rubro vívido.

— Temos que levá-lo para o Inferno. — Iker segurou a mão de Martín, aferindo a pulsação. — Preciso pensar onde é a entrada mais próxima para o subsolo.

— O Monastério — murmurou Mia.

Ela não tinha se aproximado do irmão. Chorou por longos minutos nos braços de Iker e quando ele a deixou para ajudar-me com Martín, moveu-se para beira do rio, sentou-se e fixou o olhar na água. Não era preciso ouvir seus pensamentos para enxergar a culpa a confiná-la. Malgrado fosse a única a acreditar que só ela tinha responsabilidades pelos eventos transcorridos.

Movi os olhos para cima, perguntando-me se todos viam as nuvens carregadas e a tempestade de raios que recaía sobre nossas cabeças. Desloquei o olhar pelo gramado à nossa volta, cinzas recobriam-no, foi o que restou das asas de Martín. Ele estava sendo punido por me escolher.

— Sim, claro. O Monastério deve estar a quinhentos metros.

Iker ficou de joelhos, enganchou os braços sob as axilas de Martín e levantou-se devagar, erguendo-o. Em seguida, posicionou a perna direita entre as do meu ex-namorado, pegou sua mão e a escorregou para as costas. Abaixou-se e o deitou sobre seus ombros. Segurando-o em torno do joelho e do braço apoiado no dorso, endireitou a postura e fitou-me.

— Pegue a maleta e coloque a armadura nela.

Corri até a gruta e segui as instruções que me foram dadas. Encontrei meu celular jogado entre as peças da armadura, deve ter caído do bolso da calça quando me movia para acomodar Martín. Tinham duas ligações perdidas da minha mãe. Retornei a ligação e caiu na caixa postal, o que me deixou nervosa, porque entre centenas de possibilidades, era a pior delas que dominava minha mente.

— Minha mãe não atende. Se Samael... — Abri o aplicativo de mensagens. — Tenho que falar com ela.

Para meu alívio, ela me deixou uma mensagem: *“Tri, você está protegida? A previsão é que a tempestade se estenda pela madrugada, os sinais*

de satélite estão começando a falhar. A cidade está em estado de alerta. Não se arrisque vindo para casa, busque abrigo onde estiver. Te amo”.

— Ela está bem — disse, guardando o celular no bolso. — Parece que a tempestade pode piorar.

— Melhor irmos. Mia?

— Não irei com vocês.

— Ruiva, não é hora para crise de consciência.

— Ele não vai me querer por perto.

— No momento ele não tem poder de voto. Vamos logo!

— Mia, você mora no Monastério — intrometi-me no debate entre os dois. Você conhece as passagens subterrâneas melhor do que nós.

— A depender de como ele estiver, acho que será mais seguro o deixarmos confortável e pedir que Lúcifer venha vê-lo. Preciso que você nos leve para os cômodos secretos.

— Quando ele estiver estável — Mia levantou-se e virou-se para nós —, irei embora.

— Temos um acordo. — Iker soltou a mão de Martín, pegou algo no bolso e jogou para Mia. — Quando quiser, leve minha motocicleta para dar uma volta. — Ele olhou na direção da ponte. — Está estacionada perto do portão de entrada.

As ruas estavam desertas, facilitando nosso trajeto. Mia seguia na frente, com a maleta, Iker logo atrás dela e eu atrás, com a mochila pendurada no ombro direito. Entrávamos pelo pátio do Monastério quando Martín bramiu. Não deu tempo de me alegrar por ele estar voltando à consciência, porque meus olhos foram atraídos pelas erupções que emergiam em seu braço.

Meus olhos lacrimejaram, segurei em sua mão. Comprimi os lábios, represando o choro e as lágrimas desmoronaram. Enrosquei meus dedos entre os dele, acarinhando-o. Um aperto débil foi tudo o que ele pode me dar como resposta antes que a dor o levasse para longe outra vez.

Uma faísca acendeu-se sob o tecido, vi a sobrecasaca queimar, revelando as marcas das asas. Martín urrou, os dedos tencionaram e seus gritos ecoaram através dos trovões. Dois raios caíram ao nosso redor, galhos partiram-se e uma flama, semelhante a que incidiu nas plumas, queimaram sobre as linhas em suas costas.

— Iker... — engoli em seco — Martín está queimando... — apertei sua mão — de dentro para fora.

— Ele é forte — balbuciou. — Tenha fé.

— Em quê? — perguntei, me entregando ao pranto

— Nele.

Mia nos levou para o quarto, mas não entrou, disse que iria até Lúcifer e desapareceu antes que Iker tivesse tempo de contestá-la. Praguejando contra a ruiva, ele deitou Martín e removeu a sobrecasaca. Levei as mãos à boca e desabei no chão. Deitei a cabeça na cama, traçando a ponta dos dedos por entre as ramificações que se estendiam a partir de uma extensa marca na altura do seu coração.

— O que faremos? — Funguei.

— Esperamos.

— Se eu não tivesse...

— Triana, pare! — Iker sentou-se encostado na parede, do outro lado da cama. — “*o Principado não é mais sua casa, ele despiu o halo e abdicou de suas asas. De joelhos entregou sua alma ao caminho escolhido por seu coração*”. É a profecia.

— Se a profecia irá se cumprir de qualquer jeito, por que continuamos lutando? Qual o sentido de travar uma guerra perdida?

— Quem disse que está perdida? A profecia não menciona Samael, ela diz que você — apontou para mim —, “*será o fim e o princípio*”.

— Também não tem meu nome lá, e pelo que sabemos, podem ter outros descendentes de Lúcifer vivos.

— A profecia é constituída por três elementos. Um, você é uma descendente do portador da luz. Dois, Martín é o arcanjo que renunciou ao Principado. Três. — Ele girou o bracelete em seu pulso. — “*A história se repetirá, e quando passado e presente se encontrarem, o epinício de sangue conclamará a queda do jovem arcanjo*”. Quer dizer, Lúcifer se apaixonou por uma humana, Martín também, ambos caíram. Passado e presente, a história sendo repetida?

— Não sei se isso é bom, Iker. Epinício é uma poesia lírica em honra da vitória na guerra. O que significa nesse contexto? Celebrar a morte do... — Sacudi a cabeça, negando. — Desejei tanto reencontrá-lo... Fui eu, Iker... Foi por minha causa que ele voltou... — Esfreguei a mão no rosto. — Não fui forte o bastante... Dia após dia eu buscava por ele e deixava que soubesse o quanto o queria aqui.

— Se ele a ouviu, é porque também estava buscando por você.

— Contra todas as variáveis, me apaixonei por um anjo.

Abri a palma de Martín e tracejei as linhas. Ele fechou a mão, prendendo

a ponta dos meus dedos. O riso correu fácil por meus lábios, vê-lo consciente era um bálsamo para a angústia em meu peito.

— E ele por você — sussurrou. — Perdão, Tri. — A respiração morosa, revelava um esforço demasiado ao falar. Ele virou o rosto na minha direção. — Voltei para você porque senti falta de ouvir meu coração. — Ofegou. — Não vim para morrer nos seus braços. Não quero que essa seja nossa despedida.

— Você não vai morrer.

Martín moveu a mão e tocou meu rosto, o gesto provocou um gemido, que ele lutou para esconder na fachada de um sorriso rúptil e que eu fingi não perceber. Arrastei-me no chão, sentando-me em paralelo à sua cabeça, assim ele não precisava se inclinar para me ver.

— Eu amo seus olhos.

— Meus olhos? Por quê?

— Eles são reveladores, especialmente quando você não diz nada. Divide comigo.

— O quê?

— Sua dor. — Confrangeu os olhos. — Há mais aí do que o medo que eu não escape dessa.

— Você vai ficar bem. — Acariciei seu cabelo. — Não aceitarei perder mais ninguém.

Meus pensamentos voaram para minha visita ao Submundo, a morte de Bel, o enterro improvisado na gruta. A expressão de Martín permaneceu inalterável. Não tinha assimilado as reverberações da perda de suas asas até então, ele não era mais um anjo, portanto seus poderes tinham sido removidos.

— Bel — sibilei. Foi o suficiente para que entendesse.

— Não. — Os olhos arregalaram-se. — Não pode ser.

— Cortesia de Samael.

— Sinto muito. Sei o quanto... — Martín estremeceu, seu semblante contorceu-se numa careta.

— O que foi? — Apoiei-me nos joelhos e segurei sua mão. A febre estava aumentando. — Tem algo errado.

Iker levantou num salto e segurou-o pelos ombros. Os olhos de Martín reviravam, as lesões causadas pelas erupções iluminaram-se, a marca maior no seu torso disseminou novas ramificações. Ele gemia ofegante, a respiração apresentou supressões de até cinco segundos enquanto a frequência cardíaca sofreu um pico. Outra vez ele perdeu a consciência. O sangue bombeava com tamanha força que seu tórax se deslocava da cama e os tremores espalharam-se

para as pernas.

— Está queimando.

— Minhas mãos que o digam. — Iker subiu na cama, prendeu as pernas de Martín entre as suas. — Pega um cobertor, não vou conseguir segurá-lo por muito tempo sem uma proteção.

Puxei dois cobertores, os mais grossos que encontrei, e joguei por cima dele. Segurei um dos braços para Iker remover sua mão debaixo do tecido, quando ele retomou o controle daquele lado, fui para o outro, depois enfiei o cobertor entre as pernas de ambos, criando uma barreira.

Então eu me sentei e corri meus dedos por entre os cachos, alisando-os. Muitos minutos, talvez horas, passaram sem sinais de melhoras. Adormeci e acordei com Iker cutucando meu braço.

— Minhas pernas e braços estão doloridos de ficar nessa posição. Vem pra cá e deita em cima dele.

— Você poderia ter feito isso — disse, subindo na cama.

— Irmão errado. — Levantou e espreguiçou-se. — O único Del Castillo que eu deitaria abraçado seria a ruiva.

— Como se eu não soubesse.

— Vou andar um pouco por aí, tudo bem?

Assenti e deitei ao lado do Martín. Jogando uma perna por cima dele, debrucei-me no seu tórax. Recostei a cabeça em seu peito. A pulsação regular soou como música para meus ouvidos. Lá fora, a tempestade perdurava, uma chuva tinha iniciado e açoitava a janela. Os trovões estrondavam quase concomitantes aos clarões que perpetravam o quarto através das arestas.

O meu corpo moldou-se ao dele e, de alguma forma, os frêmitos amenizaram. Apoiei-me no cotovelo e puxei o cobertor, empurrando-o para os pés da cama. As chagas flamejavam, as afaguei com suavidade, analisando a reação ao meu toque. Ele não se agitou ou gemeu. O queimor tornou-se brando onde meus dedos tocavam.

Fechei os olhos e o abracei, repousando minha mão em seu braço. Meu corpo aqueceu-se depressa, senti um cerco fechar-se em torno do meu coração e impulsos eletrostáticos propagarem-se por minhas células. Havia uma energia fluindo a partir do encontro entre nossas peles, era densa e, ao mesmo tempo, delicada.

Uma quietude nos envolveu. Entreabri as pálpebras e pisquei repetidas vezes, sem acreditar no que via. Uma bruma entretons de azul e roxo dançava ao nosso redor. Lembrei do que ele disse sobre elos etéreos criarem uma aura

índigo. Afastei a mão do seu bíceps, ondas fluorescentes nos conectavam, instaurando um equilíbrio homeostático. Ele espalmou uma mão nas minhas costas, infiltrando-a debaixo do meu cabelo.

— Por que só agora? — perguntei, sabendo que ele me entenderia.

— Antes o Principado estava entre nós, o vínculo com a coroa se sobrepunha ao elo etéreo.

— Vocês estão fazendo o que acho que estão fazendo? — A voz de Iker adentrou o quarto. — Martín estava morrendo agora há pouco, não acho que sexo esteja liberado.

— Se não estivesse ocupado flertando, teria prestado atenção nas aulas teóricas e saberia que a aura índigo se dá também pela união astral — comentou Lúcifer.

— Sem humor, entendi — murmurou Iker.

— Você veio! — exclamei, sentando-me para que pudesse examinar Martín. — Quando me deitei com ele foi como se estivesse absorvendo sua febre e...

— Foi o que aconteceu. — Lúcifer entrou e parou ao lado da cama. — A aura estabelece uma conexão mútua entre suas energias. Diante de uma ameaça ao equilíbrio, aquele com poder preservado compartilha sua essência vital e extrai parte da dor do outro.

— Então, posso curá-lo?

— Você morreria antes de ter êxito.



CAPÍTULO 31

*“Séculos de luta desesperadora
Última esperança, o auxílio divino
Guardiões do mundo”*

The War Of Wrath - Battlere

— Se você está aqui é porque sabe como ajudá-lo.

— Nunca antes um arcanjo renunciou à coroa, não posso prometer nada. Tudo o que fizermos será inédito e vocês devem estar cientes dos riscos.

— Faço qualquer coisa.

— Não concordarei com nada que a coloque em perigo — disse Martín, contradizendo-me.

— A vida de vocês três está interligada.

— Eu?! Ou a ruiva? — Iker olhou para trás. — Por que ela não está aqui?

— Sua namorada disse que tinha um assunto para resolver.

— Ela não é minha namorada — resmungou.

— Por que ela não quer. — Lúcifer deu um sorriso debochado.

— Esquece a porra da minha vida e diz logo o que terei que fazer para salvarmos o Romeu aí.

Lúcifer não respondeu, ao invés disso, analisou com atenção as marcas no corpo de Martín. Ele caminhou até a janela e a abriu. As rajadas de vento forçaram as dobradiças e as folhas de madeira chocaram-se na parede.

O príncipe dos decaídos demorou-se contemplando a tempestade, a camisa grudou em sua pele em razão da chuva e observei o movimento de contração dos músculos intercostais, ele estava inspirando profundamente. Abri e fechei a boca, contendo um suspiro pesaroso, assimilando o quanto estar de novo na Terra, após séculos e mais séculos, representava para o homem na minha frente. Em pensar que ele foi condenado a viver em exílio por ter se apaixonado. Por um breve instante, não tive certeza se estava diante dele ou se era uma projeção do Martín. Seria esse o nosso fim?

— Três Principados constituem as forças mais poderosas do Universo. — Virou-se de costas para a janela. — Hamon, ou Martín, como queiram... Era o herdeiro do Principado dos Arcanjos e ascendeu ao Primeiro Círculo Celestial. Triana... — Ele olhou-me. — Herdeira dos Decaídos. E você, Mehiel...

— Que merda... — praguejou Iker.

— Herdeiro do Principado dos Demônios.

Eu e Martín nos entreolhamos.

— Não. — Iker ergueu as mãos. — Você está maluco, porra?!

— Samael teve gêmeos. Você conhece parte da história, ele estava preso, engravidou uma das guardiãs. Ela vivia com um anjo, ninguém suspeitou que ele não fosse o pai. Meu irmão sempre foi mestre na arte do convencimento, a seduziu da mesma forma que fez com Lilith, e antes do final da gestação, ele fez o parto e a matou, fugindo com a criança. No entanto, quando a encontraram,

perceberam que tinha outro bebê. Eles o ajudaram a nascer, mas tinham muitas perguntas. Os arcanjos esconderam sobre o nascimento do segundo bebê e decidiram que não estavam seguros com ele por perto. Miguel o trouxe para Terra, entregou-me e mostrou a marca no pulso do menino, um presente do Criador. Ela ocultava seu poder angélico e as asas, fazendo parecer que haviam sido arrancadas.

— Por quê? — Iker olhava para o bracelete em seu pulso.

— Para que vocês três estivessem reunidos hoje.

— Nós somos a droga das peças de um jogo de dados?

— Vocês são uma segunda chance.

— Isso está errado, Lúcifer! Você tinha que ter me contado. Eu vivi na porra do Inferno por dezoito séculos! E agora você diz que sou um anjo?

— Não qualquer anjo — pontuou Martín. — Um arcanjo por direito de nascença.

— Filho de Samael! Sou filho do Príncipe dos Demônios?!

— Ele é seu progenitor, mas você é muito mais meu sobrinho do que filho dele, e é milhões de vezes melhor do que nós dois um dia fomos.

— *“Quando passado e presente se encontrarem”* — disse Martín.

— Sim — confirmou Lúcifer.

— O que isso quer dizer? — inquiri.

Eu segurava a mão de Martín e sentia que o regresso dos tremores estava por um triz. Pequenos núcleos de luminescência voltavam a incender e a temperatura avançava em um grau preocupante.

— No passado, quando caí... — Lúcifer trocou um olhar cúmplice com Martín — a coroa do Principado foi transferida para a linhagem dos Regentes da Justiça.

— Eu a devolverei à linhagem dos Regentes do Mundo Material ao entregar o Principado para Mehiel.

— Passado e presente em convergência — murmurei.

— Ele caiu, o que significa que não é mais o Príncipe dos Arcanjos. E eu... não sou a porra de um anjo, não importa o que você diga — Apontou o dedo para Lúcifer. — Sou um decaído.

— Quando um arcanjo é coroado, ele recebe a insígnia do Principado, ela sincroniza toda a energia dos Campos Celestiais. Martín não foi destituído, renunciou, portanto, a insígnia continua com ele até que seja entregue a outro arcanjo. — Lúcifer olhou para a janela. — Agora ele é um decaído, seu corpo não é forte o bastante para conter a intensidade energética de milhares de anjos.

— Isso é insano! — exclamou Iker.

— Não posso obrigá-los a concordar, a verdade é que não sei se a transferência funcionará. Os dois morrerão se algo der errado.

— Quais as nossas chances? — Apertei a mão de Martín.

— Cinquenta por cento.

— Inferno! — resmungou Iker. — Qual o plano B?

— Esperar que um Dilúvio extermine a todos nós. — Lúcifer meneou a cabeça. — A tempestade é só o começo. Se as forças angelicais não retomarem ao equilíbrio, o mundo como conhecemos deixará de existir.

— O que tenho que fazer? — Iker passou a mão no cabelo.

— Precisamos ir para uma área aberta. Antes de iniciarmos a transferência, você terá que liberar seu poder sem perder a consciência.

Lúcifer me ajudou a levantar Martín, o apoiou em seus ombros e descemos para o jardim. Iker andava um pouco à frente, podia ouvi-lo amaldiçoando os anjos. De certo modo, entendia o que ele estava sentindo, eu tinha experiência em descobrir que minha vida era uma fábula. Aliás, guardar segredos era uma característica da nossa família pelo visto.

Enfim entendia o sentimento que tinha pelo Iker, era como se meus instintos sempre soubessem que tínhamos um laço fraternal, apesar de reconhecer o quanto era lindo e sedutor, algo em mim o empurrava para uma zona neutra.

Eu e Martín ficamos sobre a marquise. Joguei o cobertor que levei comigo em suas costas e me aconcheguei nele, abraçando-o contra sua vontade, porque ele não queria me machucar. Lúcifer e Iker foram para o meio do pátio, o temporal caía sobre suas cabeças. Raios cruzavam o céu, criando um espetáculo insigne e abissal em proporções idênticas.

Iker jogou o casaco e camisa no chão, removeu o bracelete, o entregou ao tio, e pronunciou a única frase em enoquiano que me lembrava do significado: *tornai-nos receptores dos vossos mistérios*.

— *Ia-ial ednas cycles*.

Uma teia de feixes luminosos floresceu a partir do seu pulso, subindo por seu braço, espalhando-se pelo tórax, as linhas finas e de brilho azulado se direcionavam para seu coração, cada uma delas desenhava seu curso para um só alvo e, quando se uniram, Iker caiu de joelhos, gritando. Lançou-se para trás, voltando a cabeça para o céu e em seguida desmaiou. Eles repetiram o processo dezenas de vezes.

— Desisto! — Iker sacudiu as mãos no ar. — Você teve séculos para me

ensinar como governar esse poder e preferiu não o fazer — vociferou com Lúcifer. — Não posso controlar uma energia que desconheço.

Eu sabia exatamente como ele se sentia, conhecia a fundo aquele sentimento. Impotência. Fracasso. Frustração. Era um *coquetel molotov*^[19] de autodestruição. Deixei Martín sob o claustro e percorri o pátio, debaixo de chuva. Os pingos grossos me encharcaram antes que chegasse onde estavam, a roupa grudou em minha pele e o frio abraçou-me, fazendo-me bater o queixo.

— Volte para lá, Triana! — Iker esbravejou. — Não precisamos de mais ninguém morrendo.

— Escuta aqui! — O segurei pelo tríceps. — Você vive me dizendo que a chave para aprender a usar meus poderes é parar de querer controlá-lo e senti-lo. — Peguei sua mão e posicionei sobre o coração. — Sinta! Faça isso, Iker.

Ele respirou fundo, assentiu e fechou os olhos, quando voltou a abri-los, tinha um círculo de chamas azul-esverdeadas ao redor da pupila. Sorri e dei um passo para trás, parando ao lado de Lúcifer. As asas abriram-se, brancas e exímias, com fagulhas esverdeadas. Ele olhou para elas, um sorriso imponente esboçou-se.

— Diga que essa era a parte mais difícil, por favor — pediu a Lúcifer.

— Vamos descobrir logo.

Para a transferência da insígnia, Martín e Iker ficaram em pé, um de frente para o outro, e Lúcifer recitou uma prece no idioma dos anjos.

— *Farzm znrza adna gono iadpil, ds hom od to h soba ipam, lu ipamis, ds loholo vep zomd poamal, od bogpa aai ta piap piamol od vaoan*^[20]

A princípio pareceu que nada estava acontecendo. Quando um relâmpago caiu entre eles, olhei para o céu, havia uma clareira entre as nuvens e um redemoinho esgueirava-se a partir dela, descendo sobre ambos. Eu fiquei inerte, com olhos arregalados, batimentos frenéticos e uma apreensão que mal me deixava respirar.

Uma pira de luzes azuis e verdes riscou um círculo em torno deles. Não sabia dizer se estavam conscientes, seus olhos estavam vidrados e milhares de pontos brilhantes tingiam suas peles. As marcas flamejantes no corpo de Martín foram se apagando e um triângulo fúlgido marcou as costas de Iker. Um segundo raio rompeu o redemoinho e o lume que os cercava dissipou-se, assim como o temporal.

Olhei para Lúcifer, ele acenou, dando-me a resposta que eu precisava. Soltei o cobertor, no qual estava enrolada. Virei-me para correr e colidi com Martín, ele me segurou, impedindo-me de cair e impulsionou-me para seus

braços.

— Você tem uma *coisa* em esbarrar comigo — disse, resvalando as mãos para minha bunda.

— Sei que sempre estará por perto para me segurar. — Deslizei os braços por seus ombros. — Você está realmente bem?

— Melhor do que nunca.

— Não quero atrapalhar o casal, mas...

— Mia. — Desviei os olhos para Iker. Ele anuiu. — Ela estava muito mal pelo que houve com você. — Afaguei o cabelo de Martín.

— Não sei onde ela pode ter ido — comentou, colocando-me no chão.

— Tenho um palpite. — Todos olhamos para Lúcifer, sua expressão não era animadora. — *San Servando*.

— É algo que ela faria — ponderou Martín.

— Certeza que sim. — Iker frisou o cabelo. — Diaba de anja intensa!

— A propósito...

— Não! — Iker interrompeu Martín. — Não vamos falar sobre aquilo, a não ser que você queira trazer os peitos da sua namorada para esta conversa.

— Como é? — Estreitei os olhos.

— Eles compartilharam memórias durante a transferência.



CAPÍTULO 32

*“E eu preciso de você hoje à noite
E eu preciso de você
mais do que nunca
E se você apenas
me segurar apertado”*

Total Eclips Of The Heart - Exit Eden

Nós voltamos para o interior do Monastério e seguimos para o piso

superior. Martín deslizou a estante que servia como entrada para os cômodos não listados na planta do imóvel.

— A ruiva o trouxe até aqui? — perguntou Iker a Lúcifer.

— Ela abriu a passagem e disse para seguir sozinho, porque tinha algo para resolver.

Iker estendeu o braço e puxou um livro sobreposto aos outros na horizontal, na prateleira mais alta da parede anterior ao corredor.

— Está marcado. — Ele o abriu, desdobrou uma página e moveu o indicador no papel. — *"Haverá maior insensatez que olhar com desdém para o que está perto de nós, com admiração para o que está distante, e perseguir a sombra de uma quimérica esperança?"* — Fechou o livro com um baque. — Gosto mais quando ela desconta os tormentos me nocauteando.

— Nós precisamos ter uma conversa — Martín resmungou para Iker.

— Píndaro — comentou Lúcifer. — Um poeta grego.

— Autor de epinícios e odes — completei. — Ela não está planejando enfrentar Samael e seu exército sozinha...

— Não acho que ela pensa em derrotá-lo, ela...

— Quer que ele a mate — Martín concluiu o pensamento de Iker.

— Samael não tem a misericórdia entre suas virtudes — disse Lúcifer. — O que nesse caso fica a nosso favor. Ele não a matará... Esperará pelo momento que possa usá-la como um troféu contra Miguel.

— Este é um bom momento para contar que em três dias estarei de volta ao Submundo? Samael está organizando uma cerimônia de coroação para meu aniversário. Se não for, minha mãe morre. Se for, a profecia será cumprida.

— O que ele planeja? — inquiriu Iker.

— Recrear o mundo. — Dei de ombros. — Foi o que ele me disse.

— Como ele poderia...

— A Fonte das Almas — Lúcifer respondeu a dúvida de Martín.

— É o cerne da energia de Yang, sem ela, seria como se ele estivesse morto — ponderou Martín. — Sem ele, o dom da vida seria extinto.

— A destruição reinaria — declarou Lúcifer. — As almas seriam incorporadas ao Submundo, dando um poder incalculável ao Príncipe dos Demônios.

— Como a gente o impede?

— Não sei se podemos, mas faremos o possível. — Lúcifer segurou no ombro de Iker e o abraçou. — Você irá para os Campos Celestiais. O Principado

precisa conhecer seu novo príncipe.

— Não irei deixá-los enfrentar Samael sozinhos. Ainda tem a ruiva, não temos certeza que ela foi atrás dele.

— Você tem obrigações a cumprir. Nós buscaremos pela Damabiah e organizaremos um ataque ao Submundo.

— Se não comparecer perante o Primeiro Círculo Celestial, os arcanjos poderão destituí-lo — pontuou Martín.

— Eu não queria ser arcanjo e muito menos príncipe dessa merda, só entrei nessa para te salvar.

— Iker. — Puxei a orelha dele e o fiz olhar para mim. — Você nasceu para liderar. — Pendurei-me em seu pescoço. — Um guerreiro que conhece o poder dos sentimentos.

— Como que você vai viver sem mim? — Envolveu-me pela cintura, levantando-me em um abraço demorado. — Seu namorado está com ciúmes.

— Não está não...

— Estou sim! — Martín me contradisse.

— Eu disse. — Iker beijou meu rosto e me colocou no chão. — Se nunca fui um decaído por que tenho emoções humanas?

— Um bônus que acompanhou a marca. Yang sabia que seria difícil mantê-lo escondido se não se misturasse com os demais.

— Mas continuo sentindo...

— Uma vez sentida, as emoções se tornam parte de você. Porém, não sentirá dor física.

— Não sei se irei me adaptar a vida angelical.

— Você vai reclamar por não sentir dor?

— Não isso, Tri. — Ele coçou a cabeça. — Todo o resto. Serei um forasteiro com uma coroa.

— Desde quando isso é um problema para você? Ser um forasteiro é seu charme natural. — Pisquei. — Acho que está esquecendo que uma certa ruiva tem residência fixa por lá... Vocês meio que são amigos, não?

— Meio que... ela gosta que eu sirva de saco de pancadas.

— Nós dois... — Martín apontou para Iker — agora!

— Você não vai deixar passar essa merda? — Iker sacudiu os braços. — Eu não controlo o que penso e sua irmã é...

Martín o empurrou para o corredor.

— Nos deem um instante — pediu, fechando a porta.

— O que a nossa família tem de segredos, a dele tem de ciúmes — referi-me ao Martín. Lúcifer riu. — Eu achava que Mia era ciumenta, mas ele está superando-a.

— Dê um desconto, ele teve o desprazer de acessar os pensamentos do Mehiel, não consigo nem imaginar o grau de obscenidade que aquele garoto é capaz de alcançar.

Fiz uma careta: — Olhando por esse lado, totalmente entendo o Martín.

Eu peguei o cobertor que tinha deixado sobre uma das poltronas e esfreguei nos meus cabelos, secando-os. Lúcifer olhava as lombadas dos livros, pegando alguns para admirar a edição.

— Você sabe algo sobre uma filha? — Ele me encarou confuso. — Estou com os diários da família Guerrero, o primeiro deles é de Nathaniel, está escrito em enoquiano, mas Iker leu e... Ele menciona uma irmã.

— A mãe dele pode ter... — coçou a garganta — se relacionado com alguém após o Dilúvio. — Séculos depois e pensar que ela esteve com outro, ainda o incomodava.

— Segundo as anotações, ela é sua filha.

— Nunca soube, mas também não poderia. Depois que fui para o Inferno, não tive contato com eles. — Ele escorou-se na ponta da mesa. — Bertha me procurou muitas vezes, ela ia até os portões e esperava pelos decaídos que iam buscar suprimentos, me enviou dezenas de cartas... mas eu não podia... Por que alimentaria um amor que estava condenado? Queria que ela seguisse com sua vida.

— Você se arrepende?

— De ter me apaixonado por ela? — Ele alisou o cavanhaque. — Não. Amá-la é o que me mantém vivo. — Girou o pulso para cima.

— Ela faria qualquer coisa para vê-lo. — Meus olhos umedeceram. — Você não...

— Eu não conseguiria deixá-la outra vez.

O arrastar da madeira anunciou que a porta estava sendo aberta. Martín saiu, estendendo-me a mão para ir com ele. Lúcifer entrou atrás de nós e fechou a porta. Depois de trocarmos as roupas molhadas por outras limpas, sentamo-nos na sala de estar para discutir nossos próximos passos. Em pensar que poucos meses atrás me sentei, no mesmo sofá em que Lúcifer está, e Mia contou-me sobre a criação do mundo e os Principados.

Quanta coisa tinha acontecido em tão pouco tempo, um dia parecia conter anos inteiros. Estava farta de esperar que demônios e anjos decidissem

sobre minha vida, cansada de ter medo de perder as pessoas que amava, por isso quando o plano dos três foi que eu usasse o meu aniversário como desculpa para viajar com minha mãe para outro país, explodi em indignação e cólera.

— NÃO! — Levantei determinada. Martín segurou minha mão e o repeli. — Não vou continuar com esse jogo de cão e gato. Não posso viver com medo pra sempre! Se é a mim que Samael quer, se é meu poder que os anjos temem, essa luta é minha. Você disse — aponte o dedo para Iker —, você também — virei para Lúcifer — e você... — Olhei para Martín. — Todos vocês disseram que a profecia é sobre mim... — Elevei os ombros. — Se sou o fim e o princípio, fodam-se o que vocês pensam. Fodam-se! Não tenho culpa de ter um poder que não faço raios de ideia de como funciona. Há seis meses, diria que tudo isso é uma loucura. Perdi meu pai, minha melhor amiga, tive a droga do meu coração partido quando pensei que nunca mais fosse vê-lo — fitei Martín —, então você voltou e quase morreu por isso... Não sei se posso respirar e me permitir um instante de felicidade, porque você estar aqui não significa que ficaremos juntos... Eu ainda sou uma humana, você é um decaído. Não foi por um amor assim que toda essa confusão teve início? Mas por outro lado, você está aqui e, depois de tantas perdas, não posso ignorar o quanto apenas ter um minuto ao seu lado significa. — Suspirei. — Estou exausta. Emocionalmente esgotada. Entendi que estamos numa guerra e que não há tempo para chorar pelos mortos, até porque, se começar não paro mais... Eu só quero um momento para tomar fôlego... Não vou fugir. Não vou me esconder. Não quero continuar com medo... e para isso preciso encarar meu destino.

— Você me convenceu em “*essa luta é minha*” — disse Iker, sorrindo. Dei uma risada baixa. Ele arqueou o supercílio e deu uma olhada para Martín. — Vamos deixar essa conversa para amanhã, acho que vocês têm um assunto pendente.

— Também tenho algo... — Lúcifer se levantou. — Estarei aqui no nascer do dia.

— Onde você... — Iker estreitou os olhos para o tio.

— Falar com alguém.

— Se é assim, darei algumas voltas... — piscou — ou voos.

Eles se foram. Martín estava sentado numa poltrona. Eu olhava através da janela, ao lado da estante de livros, a cortina estava aberta e pingos de chuva escorriam no vidro. A tempestade deixou para trás uma garoa fina.

— Tri. — Apanhou minha mão. — Temo que não tenha uma resposta para você, não sei o que acontecerá conosco. — Ele se ergueu e puxou-me para que ficássemos de frente. — Eu não pensei direito no que estava fazendo, não

considerarei que pudesse trazer mais sofrimento para você. Entenda que não conseguiria conviver com sua morte sabendo que poderia tê-la evitado. — Martín acariciou meu rosto. — Não sei o que será feito de nós... Estar tão perto e tão longe ao mesmo tempo... Não sei sobre o amanhã, mas hoje... estamos juntos. — Enxugou uma lágrima na maçã do meu rosto. — Se você quiser, podemos esquecer por um momento quem somos e todas as implicações que nos perseguem, podemos ser apenas um garoto e uma garota apaixonados. — Sorri, assentindo. — Sem mais.

— Sem mais é perfeito.

Apoiei meus braços nos seus ombros. Martín me envolveu pela cintura, enganchando-me no seu quadril, unindo nossas bocas. Era nosso primeiro beijo pós-reencontro, a pressão ora suave, ora urgente dos seus lábios, provocava-me, emitindo ondas de calor sob minha pele. Suas mãos me apertavam contra seu corpo, eliminando qualquer distância que pudesse existir.

Nossas línguas se moviam em um enlace envolvente. Anelei os fios de cabelo em sua nuca, puxando-os tanto quanto podia. Ele espalmou uma das mãos abaixo da minha bunda, com a outra circundou minha cintura e adentrou pelo *hall*. Vencemos a primeira etapa sem obstáculos, mas ao chegarmos na saleta, batemos numa das poltronas e eu ri, rompendo o beijo.

Ele me pôs em pé, empurrando-me de encontro a uma das estantes, o rosto próximo ao meu. Um sorriso dançava em seus lábios, a língua correu sobre ele, convidativa. Deu um passo à frente, sua pélvis presunçosa pressionando-me. Eu deslizei as unhas em seus braços, alternando os arranhões com apertos. Suas mãos livraram-se da camisa que eu vestia, revelando meus seios nus.

Quando se curvou e pôs a boca ao redor do meu mamilo, minha pressão cardiorrespiratória foi nas alturas. Agora entendia o que as mocinhas dos livros queriam dizer por derreter-se, ter as pernas bambas e algo sobre ter a textura de gelatina. Meu corpo só não escorregou até o chão porque Martín tinha uma mão segurando-me. Ele me olhava enquanto seus lábios estavam ocupados com meus seios. Nós nunca tínhamos ido além das mãos, sentir a umidade e calidez da sua língua tinha despertado um desejo avassalador.

Infiltrei minhas mãos sob sua camisa. Ele se endireitou, puxando-a pela gola e jogando-a na poltrona. Beijamo-nos com uma necessidade desenfreada e avançamos em direção ao seu quarto. Entramos, ele me puxou, impulsionando-me para seu colo, empurrou a porta para que fechasse e deitou-me na cama, continuando a me beijar.

As calças de moletom que vestíamos logo estavam no chão. Sempre deixava calcinhas na mochila, um hábito herdado da minha mãe, o qual agradei

imensamente por ter adquirido. Nós estávamos indo juntos, sem pressa, explorando carícias e toques. Demoramo-nos, trocando beijos ardentes, curtindo as sensações que o atrito entre nossas peles provocava.

Primeiro ele dedilhou o recorte do triângulo de algodão entre minhas pernas. Por conseguinte, enredou o indicador sob o elástico. Arrepiei-me com o deslizar sutil do tecido. Arfei ao sentir seus beijos em minha intimidade. Um tempo, muitos suspiros e gemidos depois, fechei meus dedos no seu cabelo e o puxei, beijando-o e levando minha mão à sua *boxer*.

— Não tenho...

Calei sua boca com um beijo: — Eu sei... — murmurei, escovando nossos lábios. — Mas hoje, agiremos como adolescentes apaixonados, e como tal, irresponsáveis.

Minha mãe enlouqueceria se soubesse que entre as dezenas de preservativos que ela me dava, não tinha nenhum na mochila.

— Vou até onde você quiser.

— Até o fim.

Ele sorriu, prendeu meu lábio inferior entre os dentes e o puxou de leve, ao passo que abaixava a *boxer*, chutando-a pelos ares. Restabelecemos o beijo, suas mãos cingiram minha cintura, a ereção quente e pesada se impôs, pulsando sobre minha pele. Martín se moveu, deslocando-me para baixo do seu corpo e, lentamente, deitou-se no eixo entre minhas pernas, unindo-nos.

Arfamos em uníssono, o sopro cálido acariciando nossas bocas. Uma faísca piscou em sua íris quando cravei as unhas em suas costas, arranhando-o de cima a baixo, sentindo-o afundar em mim. Os lábios esmagaram os meus, exigindo minha língua e orquestrando a dança dos nossos corpos. E, por mais tempo do que fui capaz de coordenar meus pensamentos, nos aventuramos por um mundo onde tudo era sentir.



CAPÍTULO 33

*“O destino costuma estar
ao virar da esquina”*

A Sombra do Vento - Carlos Ruiz Zafón

— É errado querer que o dia não amanheça?

Martín sorriu e beijou minha testa. Estávamos deitados com as pernas entrelaçadas, minha cabeça repousada no seu braço e mãos em seu tórax.

— Queria levá-la para um lugar distante e esquecer todo o resto.

— Deveria me sentir culpada? — Fitei seus olhos. — Há tanta dor no meu peito, ela me sufoca quase continuamente... Não sinto por tê-la ignorado nessa noite. Meu corpo precisava de alento e minha alma de abrigo. — Pressionei o polegar no seu lábio. — Eu precisava de você. Isso me faz egoísta?

— Isso a torna humana. — Ele me beijou com ternura. — Quando estiver difícil respirar, volte à superfície. A correnteza pode ter mudado e você não percebeu porque estava preocupada em manter o fôlego. Tome seu tempo, ouça seus anseios, depois... somente depois, continue a nadar.

— É mais fácil quando você está por perto. — Prendi uma porção do lábio.

— Sinto falta de ouvir seus pensamentos — deu-me um selinho —, mas faço uma ideia dos caminhos que eles estão tomando, porque os meus...

O ruído da porta sendo aberta assustou-nos.

— Bom dia!

— Iker! — o repreendi com um olhar feroz.

— Cai fora! — gritou Martín, abraçando-me e puxando o lençol que estava nos nossos quadris.

— Vocês podiam ter trancado a porta... — Deu de ombros. — A diversão acabou. Estamos esperando-os na cozinha — disse e saiu.

Martín vestiu-se e foi ao quarto da irmã buscar uma roupa para me emprestar. O sinal tinha retornado e havia uma ligação de minutos atrás, da minha mãe. Retornei. Enquanto chamava, coloquei no viva-voz, abri o bloco de notas para digitar um lembrete: FARMÁCIA. PÍLULA DO DIA SEGUINTE.

— Olá, Triana.

— Quem é?

— Você ainda não me conhece. Creio que resolveremos — a porta do quarto abriu e Martín entrou perguntando algo sobre a roupa, entretanto, se calou ao ouvir a voz do outro lado da linha — esse impasse muito em breve.

— Onde está minha mãe? Samael que o enviou?

— Isabel está bem, por enquanto. Pelo que soube, Hamon impediu que sua sentença fosse executada, temos que corrigir esse erro. Estou em sua casa, ele deverá vir com você. Quanto ao outro... Mehiel. Avise-o que é aguardado nos Campos Celestiais e sua ausência será recebida como insubordinação às leis vigentes.

A ligação foi encerrada. Abaixei o braço, deixando o celular cair sobre a cama. Senti Martín envolvendo-me, nenhum de nós disse uma palavra. Não havia o que dizer, ambos enfrentaríamos a fúria do Principado, a felicidade fugaz que nos permitimos foi um adeus.

Ele alisou meu cabelo, emoldurando meu rosto entre as mãos e enxugou as lágrimas que escorriam na minha face. Beijou-me com brandura e levantou-se, pegando as roupas que havia deixado aos pés da cama e trazendo-as para mim.

— Os Serafins não são conhecidos por serem pacientes.

Meu olhar recaiu sobre o lençol no qual estava enrolada, as lembranças da nossa noite juntos ocupou todos recônditos da minha mente. Volvi o olhar para o emaranhado de tecido num canto do quarto, aquele que continha os vestígios da nossa primeira vez.

— Por que nossos problemas não podem ser normais? Se eu fosse uma garota comum estaria surtando com a possibilidade de ter engravidado, correria para uma farmácia, tomaria a pílula do dia seguinte e contaria ansiosa os dias para minha menstruação. Ao invés disso, tem um anjo esperando para me matar... Não posso pedir que vá comigo, mas... minha mãe, Martín.

— Você não precisa me pedir. — Ele me abraçou. — Prometi ao seu pai que as protegeria com minha vida.

Eu me recompus e fomos informar aos outros sobre as mudanças nos planos. O cumprimento da sentença da Cúpula Celestial extinguiu a necessidade de um ataque ao Submundo para impedir que Samael atingisse seu objetivo.

Se estivéssemos certos, Mia era sua prisioneira no *San Servando* e Iker tinha poder para exigir que um agrupamento de anjos fosse ao seu resgate. Uma guerra seria evitada com uma única morte, a minha. E se pudesse convencer o anjo que Martín estava sob a influência dos meus poderes, poderia salvá-lo.

— À merda que não irei com vocês! — Foi a resposta de Iker ao anunciarmos nosso encontro com o serafim.

— O que você fará, Mehiel? — questionou Lúcifer. — Se for com eles, o que conseguirá é ser destituído do Principado. Não pense que tem alguém feliz lá em cima com sua ascensão, eles sabem que sua lealdade está com os decaídos.

— Não estou nem aí. — Ele sacudiu os ombros. — Vamos ter uma conversa com esse serafim.

Se os anjos soubessem que Lúcifer tinha quebrado o acordo, entenderiam como uma declaração de guerra, portanto ele encaminhou-se para o Inferno enquanto eu e os garotos pegamos um táxi para minha casa.

Paralisei na porta de entrada: — Se minha mãe estiver...

— Serafins não metem — disse Martín, pegando a chave e encaixando-a na fechadura. — Estamos aqui!

— Não esperava algo diferente.

O timbre rouco veio do escritório do meu pai. Meu namorado entrelaçou nossas mãos e adentramos o cômodo. Iker estava logo atrás. O serafim surgiu sob o batente, cumprimentando-nos com uma expressão apática. Ele vestia uma armadura dourada e um manto vermelho, na bainha presa ao quadril, uma espada com uma pedra vermelha no pomo. Os cabelos pretos e longos estavam soltos e caíam sobre os ombros.

— Vejo que vieram acompanhados pelo Príncipe dos Arcanjos.

— Você não deveria se curvar? — O deboche no tom de Iker era indisfarçável.

— Um comediante. — O serafim mediu o arcanjo com despreço.

— Onde está minha mãe?

— Ela está se divertindo no mundo dos sonhos.

Apontou para a sala de estar. Olhei para trás e corri para o sofá, onde ela estava deitada. Peguei suas mãos, estavam quentes. Ela dormia tranquila.

— O que ela vai achar que aconteceu comigo?

— Não queremos que sua mãe sofra outra perda.

— Não entendo. — Caminhei de volta para onde Martín e Iker estavam.

— Ela deveria ter morrido com seu pai. Hamon interferiu...

— Você está dizendo que vai machucá-la? NÃO!

— Iríamos deixá-la em paz, então Hamon novamente interferiu, impedindo que Damabiah cumprisse seu dever. A Cúpula acionou os Serafins e decidimos, em comum acordo, que as transgressões cometidas deveriam ser corrigidas.

— Isabel é inocente! — exclamou Martín. — Ela não é uma descendente dos nefilins, não sabe sobre a existência de seres celestiais... Vocês vão matá-la a troco de nada? Por que ela se apaixonou por alguém da linhagem de Lúcifer? Que merda de lei é essa?

— Você não está em posição de julgar as decisões do Principado. O que você é? Um arcanjo que colocou uma humana acima dos seus deveres?

— Eu ouvi meu coração. Assim como Isabel, Triana não fez nada para que fosse sentenciada a morte.

— Vou mandar a real! — disse Iker. — Vocês anjos...

— Não esqueça que é um de nós.

— Que seja! Posso ser um arcanjo, mas não tenho medo de sentir. As emoções me moldaram, elas me ajudaram a definir minha forma de pensar. Aprendi que não há um muro que separa bem e mal, todos nós convivemos com essas duas forças antagônicas, elas estão lá, batendo de frente o tempo todo... Os sentimentos são os juízos nessa luta, eles precisam ser... porque do contrário, o que difere bem e mal? Se o bem é minha desculpa para atacar o outro, sou mau ou bom?

— Acho que terá um companheiro de cela antes do que pensa, Hamon.
— O serafim desembainhou sua espada. — Vocês são crianças, não entendem que sem disciplina o mundo estaria condenado ao caos.

— Disciplina e opressão são coisas diferentes. — Iker puxou duas *chakra blades* da jaqueta. — O Principado dos Arcanjos é autocrático.

— Seu pai pensa o mesmo. — O serafim deu um passo à frente. — Curioso, não?

— Samael não é meu pai!

— Iker, não! — entrevistou Martín, mas era tarde demais. O arcanjo e o serafim travavam uma batalha. — Serafins são intocáveis. Ele quer que o confronto para apresentar uma queixa a Cúpula.

— Bom... Ele está me irritando pra caralho! — Iker cruzou suas lâminas em frente do tronco para defender-se de um golpe.

— Será um prazer destronar o herdeiro do Príncipe dos Demônios.

Martín armou-se com as adagas que trazia na jaqueta. O olhei apreensiva.

— Estou condenado, Tri. Não fará diferença o que fizer a partir daqui.

— Não morra. — O beije e segui para perto da minha mãe.

A espada dava ao serafim a vantagem de poder atingi-los a certa distância. As armas dos garotos eram curtas e eles precisavam se aproximar para golpear o oponente, eu os via saltar e rodopiar, girando as lâminas no ar.

Tentei trazer meu poder para fora, torná-lo visível, como Lúcifer tinha sugerido que fizesse, para me ajudar a manobrá-lo. Fechei os olhos e isolei os sons, me concentrei na energia fluindo em meu corpo, germinando a partir dos meus dedos.

Respirei fundo, afastando os pensamentos mais persistentes e senti uma vibração a partir das minhas células, um lampejo dourado e quando pensei que fosse conseguir, o chão estremeceu e tudo desapareceu. Abri os olhos apavorada, o coração batia tresloucado, olhei para o espaço que antes servia de arena e não entendi o que acontecia. Os garotos e o serafim estavam parados, os três

olhavam perplexos para a lâmina da espada dissipando-se no ar, como se fosse poeira.

Sob o batente da porta principal, Cassandra tinha uma palma voltada para cima, onde uma esfera de labaredas amarelas flutuava, e seus olhos exibiam um brilho ofuscante.

— Você é...

— A filha de Lúcifer — completou minha fala.

— Que porra foi essa? — inquiriu Iker.

— Uma nefilim — murmurou o serafim, soltando o punho do que era sua espada. — Como é possível que ele tenha escondido sua concepção?

— Meu pai não rompeu o acordo — declarou, abaixando a mão e apagando o clarão dos seus olhos. — Minha mãe estava grávida quando o Dilúvio ocorreu. — Ela caminhou até o serafim. — Eles me mantiveram escondida para que não fosse descoberta, depois eu escondi meu sobrinho, do contrário teria sido assassinada como meu irmão. Vá e diga aos seus que se uma nefilim com poder para desintegrar o universo vive entre os homens por tantos séculos sem ameaçá-los, seus temores em relação à garota são insignificantes. Matá-la não impedirá que a profecia se cumpra, apenas determinará seu curso.

— Notificarei ao Principado sobre a garota, mas você — indicou Martín — ainda precisará vir comigo.

— Você vai prendê-lo por impedir que nossa única chance de derrotar Samael esteja morta? — Cassandra riu incrédula.

— Ele agiu movido pelos sentimentos que tem por ela.

— O que importa é que graças a ele o mundo poderá ser salvo.

— Reunirei a Cúpula para pedir que avaliem a contravenção^[21] e atenuantes^[22] no caso do Hamon.

— Parece que nos entendemos. — Cassandra sorriu.

— Você... — o serafim apontou para Iker — Temos questões importantes a serem discutidas nos Campos Celestiais, como Príncipe dos Arcanjos e Primeiro General do Exército Angélico, é sua responsabilidade estar à frente de assuntos dessa natureza.

— Tenho assuntos importantes aqui também.



CAPÍTULO 34

*“O caminho para o inferno
é cheio de boas intenções”*

Marina - Carlos Ruiz Zafón

A aliança improvável entre anjos e decaídos exigiria uma linha de

negociação melindrosa, depois de uma conversa tensa, o serafim concordou em ser porta-voz do Príncipe dos Arcanjos. Ele solicitaria uma audiência com os membros do Primeiro Círculo, generais e comandantes do exército celeste para o final do dia, e Iker se comprometeu a ir ao encontro. Aquele seria o preâmbulo da sua ascensão e teria como primeiro ato a missão de persuadir o Principado a abrir uma prerrogativa e interferir no destino de uma humana: o meu.

Nós tínhamos o restante do dia para resgatar Mia e elaborar uma estratégia de ataque ao Submundo, considerando que podíamos, ou não, contar com a ajuda dos anjos. Esperamos que minha mãe acordasse antes de sair e aproveitamos para comer. Ela ficou feliz em ver Martín e concordou sem hesitar ao pedido que ele fez para me levar numa viagem no dia do meu aniversário.

Passe para o Submundo garantido, despedimo-nos e avisei que chegaria tarde, usei a desculpa que iríamos para uma festa. Eu me sentia uma filha terrível contando uma mentira atrás da outra e justificava para minha consciência que era o melhor. Saber a verdade não funcionou para Bel, meu pai, ou qualquer um de nós. Aconcheguei-me no ombro do meu namorado e ele deslizou a mão na minha lombar.

— Você sabia quem eu era e o porquê estava aqui?

— Sim — Cassandra respondeu ao Iker. — Também sei sobre minha mãe, onde mora e que o acolheu a pedido do meu pai. — A garota de cabelos azuis empurrou um portão de ferro. — Eu a reencontrei em outras vidas, a última foi há cinco séculos. Sempre é doloroso vê-la morrer, por isso me mantenho à distância.

— Não conhecia essa ala das galerias — comentou Martín.

— Tampouco eu.

— Nem deveriam. Sou uma imortal entre humanos, precisei me esconder para não ser descoberta. — Acendeu uma tocha. — É uma rede de passagens secretas que liga os portões do Inferno às principais fundações da cidade, está fora dos mapas. Vamos por aqui. — Sinalizou para uma entrada à esquerda, uma fenda entre duas rochas.

O espaço entre as paredes pedregosas impossibilitou que continuasse caminhando de mãos dadas com Martín. Ele me pôs na sua frente, arrancou um archote que estava preso a um sulco no chão e prosseguimos. Saímos de frente a uma murada, Cassandra apagou a tocha e pediu que Martín fizesse o mesmo. A escuridão caiu sobre nós, suspirei alto, sentindo meu coração se debater.

— Respire. — Martín tocou a ponta dos meus dedos.

Ouvi o som de algo sendo arrastado e um feixe de luz brotou a partir do

chão. A claridade permitia ver a silhueta de Cassandra, ela abaixou-se e desapareceu, Iker a seguiu. Quando chegou minha vez, aproximei-me da abertura. Estávamos em pavimentos sobrepostos.

Sentei, passando as pernas pelo buraco e Iker segurou-me, ajudando-me a descer. Martín saltou em seguida. Na nossa frente, havia uma porta com um ouroboro entalhado, a mesma figura de três voltas que tinha visto antes.

Os garotos armaram-se e Cassandra fez surgir a esfera brilhante. Mas algo estava errado, lembrava com detalhes de quando estive naqueles calabouços e também da minha visita ao Submundo, os chiados dos demônios eram incessantes.

— Não estão achando silencioso demais?

— Eles se foram — murmurou Martín, chutando a madeira.

A porta abriu sem resistência. Eu e Martín fomos por um lado, Cassandra e Iker por outro. Vasculhamos aposentos, celas, salões. Tudo vazio. Não encontrarmos Mia era ruim, mas não significava que estivesse morta, ela poderia estar em qualquer lugar. Contudo, descobrir que Samael estava reunindo seu exército no Submundo era aterrador.

Fizemos o caminho para o Inferno pelas galerias comuns, que eram mais amplas e arejadas, se é que estes adjetivos poderiam ser usados para descrevê-las. Um silêncio incômodo nos perseguiu. O Príncipe dos Demônios estava muitos passos à nossa frente. Desde que saímos do *San Servando*, não parava de pensar se não estava levando-os para uma armadilha.

— Se Samael estiver me manipulando? — Parei de súbito, soltando a mão do Martín. — Por que ele me contaria da cerimônia? Ele sabia que eu contaria ao Iker e...

— Tri, estamos enfrentando um grande estrategista. Samael esperou séculos pela profecia e teve tempo para se dedicar aos mínimos detalhes. Se temos alguma vantagem, se é que ela existe... — Moveu o rosto para o casal que caminhava na nossa frente. — É o filho que ele desconhece e a nefilim. — Pôs a mão em minha cintura. — O que também é incerto. Iker pode ser parte do plano, ou até Cassandra.

— E daremos a ele o que quer?

— Que outra saída nós temos? — Olhou-me com desalento. — Lutaremos com tudo.

A afirmativa de Martín não podia ser mais verdadeira. A arena estava em polvorosa. Centenas de pares de olhos voltaram-se para nós. Lúcifer saiu dentre a multidão, cumprimentou-nos com um aceno e encarou Cassandra.

— Quem é você?

— Quer a versão completa ou a reduzida... — ela fez uma pausa e deu um passo à frente —, pai?

— Vamos — acenou para que o seguissemos —, essa história deve ser longa.

O escritório ficou pequeno. Lúcifer sentou-se, Cassandra se acomodou numa outra poltrona em frente, Martín na terceira, puxando-me para seu colo, enquanto Iker sentou-se numa das extremidades da meia-lua que compunha o tampão da mesa. Ela narrou sua trajetória até ali, relatando apenas os tópicos relevantes, afinal eram dezoito séculos de história, e terminou com sua aparição na minha casa.

— Saiba que se quiser, poderá ficar por aqui.

— Não vou recusar, viver sozinha por tanto tempo é uma droga.

— Eu esperava que aceitasse. — Lúcifer deu um sorriso discreto. — Sua mãe ficará feliz.

— Sabia que você tinha ido vê-la — murmurou Iker. — Finalmente, hein?

Lúcifer apoiou o cotovelo na mesa e alisou a barba, fitando o sobrinho: — Onde está a ruiva? — Iker bufou em resposta. — Não estou te provocando. Pensei que fosse encontrá-la antes de vir para cá.

— Não há nada nos calabouços do *San Servando*, o Principado dos Demônios voltou às suas origens — contou ao tio. — Seremos cercados assim que pisarmos no Submundo. Muitos morrerão.

— Somos guerreiros, vivemos e morremos para defender aquilo em que acreditamos. — Lúcifer pegou alguns papéis na gaveta da mesa. — Me reuni com todos quando retornei e pedi que aqueles que quisessem, se alistassem. Todos com mais de doze séculos estão aqui. Eu risquei os com menos de dezesseis séculos, são crianças, não as levarei para guerra.

— No que depender de mim, os anjos estarão conosco, mas se eles estiverem irredutíveis, não esperem que fique de fora... Serei eu a matar Samael. — Iker rangeu os dentes. — Pela Bel.

— Convença-os que essa guerra é nossa — disse Lúcifer. — Cassandra, o que você descobriu sobre a profecia? Triana está com os diários da família, pode ter alguma informação nova?

— O avô da Triana me procurou anos atrás, nós reviramos os diários buscando detalhes sobre a profecia... Tudo gira ao redor da Triana, tem menções a dois arcanjos — apontou para Martín e Iker —, que a guiariam no universo

celestial. Não sei qual será o desfecho da batalha que travaremos no Submundo, mas o que ocorrerá transformará a dinâmica existente.

— Certo. Triana é a peça principal do tabuleiro. — Iker desceu da mesa. — Ela irá primeiro com Martín?

— Irei sozinha.

— De jeito nenhum — Martín se opôs.

— Se você estiver comigo, Samael o usará para me manobrar.

— Ela tem razão — concordou Lúcifer. — Além do mais, Triana não estará em perigo até à coroação, pelo contrário, Samael a tratará como uma verdadeira princesa.

— Se estivermos errados? — Martín perguntou entredentes. — Nós estamos no escuro quanto aos planos reais de Samael.

— O que temos pode ser pouco, mas está claro que ele a quer como aliada. Você tem noção que sem mover um músculo, sua namorada pode apagar sua existência? — Cassandra enrugou o nariz. — Triana é a arma mais poderosa do mundo. Ela pode manipular o tempo na sua totalidade, o que inclui viagens e abertura de portais, e até teletransporte espaço-temporal.

— Isso se eu soubesse como fazer essa coisa funcionar. — Bati o indicador na têmpora. — Samael terá uma grande surpresa quando descobrir que não faço ideia de como operar meus poderes.

— Ele a viu parar o tempo quando sofreu uma descarga emocional, sabe do que é capaz — ponderou Iker. — Não vai medir esforços para fazê-la repetir a façanha.

— Amanhã, quero que vá para um lugar calmo — disse-me e direcionou-se em seguida para Martín. — A faça esquecer o que nos aguarda. Triana precisa perceber o dom como parte dela.

— Você está dando um passe livre para eles? — Iker moveu a cabeça, deixando um sorriso aparecer. — Sei bem como que essa energia vai fluir.

— Se der certo, é o que importa. — Lúcifer deu de ombros. — Agora vamos definir um perímetro de segurança, porque haverá demônios por todos os lados.

Iker desceu da mesa e foi até uma estante, onde tinha alguns rolos telescópicos, revirou-os, analisando os rótulos, pegou um e desatarraxou a tampa. Lúcifer recolheu os papéis e livros, organizando-os de canto, abrindo espaço na mesa e abriu o mapa que o sobrinho lhe entregou. Era uma carta topográfica do Submundo.

Martín segurou-me pela cintura e me transferiu da sua perna para o

assento, levantando-se e unindo-se ao Iker, ambos debruçaram sobre a mesa e teve início uma conversa que parecia criptografada. Cassandra se manteve na poltrona, fazendo colocações pontuais, que pela reação dos demais eram inescusáveis.

Quando a reunião tática acabou, Iker foi para os Campos Celestiais e nós fomos com Lúcifer para a arena, onde ele expôs as decisões tomadas para os decaídos. O grupo foi dividido em agrupamentos com missões específicas e estes se reuniram para definir seu *modus operandi*.

Cassandra lideraria a ofensiva, ao lado de um dos decaídos. Tinha sido solicitado ao Martín assumir a liderança defensiva, ele recusou e pediu que fosse aceito como membro do flanqueamento. Eu não entendia de operações de guerra, portanto me limitei a observá-los.

Após as orientações, Lúcifer perguntou se Cassandra e Martín queriam conhecer o local, o acompanhamos primeiro pelas alas de convivência e, por conseguinte, ele nos levou para as habitações.

— Você pode se acomodar aqui — disse ao Martín.

A sentença simples tinha um peso imenso, fui sugada por minhas inquietações. Adentrei o aposento, olhando os móveis, toquei a madeira dos pés da cama e fitei os lençóis alinhados. Quando tudo acabasse, nós também estaríamos acabados. Eu teria que viver como se aquele mundo não existisse.

— Encontrem-nos para o jantar em alguns minutos — sugeriu Lúcifer.

Um suspiro denso escapou-me, os olhos nublaram-se. Martín abraçou-me, cruzando as mãos no meu abdômen e beijou meu pescoço.

— Não vamos nos deter a isso agora.

— Quando? — Pousei minhas mãos junto às suas. — Mesmo se derrotarmos Samael, os portões do Inferno serão selados outra vez. Humanos não entrarão, decaídos não sairão.

— Irei aos portões todos os dias. — Demoveu os braços e entrelaçou minha mão, levando-me para a cama. — Aguardarei por você, para vê-la, para falarmos. É mais do que teríamos antes.

— E continua sendo nada, Martín. Como poderei estar com qualquer outro quando sei que não há mais ninguém que me despertará o que sinto por você? Eu vi nossas auras entrelaçadas, é resplandecente! Sei que não tenho outro elo etéreo perdido por aí, é você. Apenas você.

— Tenha uma certeza, Tri, se houver uma forma de ficarmos juntos, eu a encontrarei.



CAPÍTULO 35

*“A fé é uma resposta instintiva
a aspectos da existência que
não podemos explicar de outro modo”*

O Jogo do Anjo - Carlos Ruiz Zafón

— Mãe, sei que faltei ao colégio, mas a culpa foi do temporal que...

— Está bem, Tri. Você pode passar o dia com o Martín.

— Obrigada. — Agarrei seus ombros e dei um beijo na sua bochecha. — Ele já deve estar chegando.

— Viajaram hoje à noite?

— Amanhã cedo. — Peguei uma maçã na fruteira. — Posso dormir na casa dele?

— Claro. — Ela desenformou o bolo, me olhou por um instante e voltou ao que fazia.

— Você ia dizer algo. — Dei uma mordida na fruta.

— Adoro o Martín e acho que vocês foram feitos um para o outro.

— Mas?

— Não quero que se machuque. — Suspirou e abandonou a espátula que usava para espalhar a cobertura. — Vocês conversaram sobre o que está acontecendo? Estão juntos, é um *revival* ou vão deixar rolar sem um compromisso sério? Ele voltará a morar na cidade?

— Acho que, por enquanto, vamos viver o momento. — Sentei-me, deitando os braços na mesa. — As variáveis são muitas e não muito favoráveis para que ele possa ficar... — Girei a maçã na palma da mão. — Estou apaixonada e sinto que sou correspondida. A dor é transitória, certo?

— As emoções vividas são eternas. — Assentiu sorrindo.

— Só uma coisa... — Abaixei os olhos. — A pílula do dia seguinte pode ser tomada até quanto tempo depois?

— Triana!

— De novo a culpa foi da tempestade. — Soltei a fruta e ergui as mãos.

— Por Deus, Triana. Você tem uma caixa com preservativos.

— No quarto, não na bolsa.

— A eficácia é de até setenta e duas horas, mas diminui com o tempo. Passem numa farmácia quando saírem e, por favor, leve camisinhas.

— É ele! — exclamei ao ouvir a campainha. — Beijos e, sim, já as coloquei na mochila. Também estou levando roupas, nos vemos depois de amanhã. — Eu esperava cumprir essa promessa.

— Desejarei feliz aniversário quando voltar. Beijos e divirta-se!

— Obrigada, mãe!

Abri a porta e a fechei nas minhas costas, jogando-me nos braços do meu namorado.

— Eu também estou com saudades, mas não posso nem cumprimentar

sua mãe? — perguntou entre risos.

— Estou te salvando dela. Acabei de contar que nós...

— Está bem! — Ele moveu a cabeça de um lado para o outro, compreendendo o que tinha feito. — Falo com ela em outra hora.

Nós fomos para um ponto às margens do rio, no final de uma trilha que tinha início na Ponte de Alcântara. Era o segundo lugar onde passávamos mais tempo, só perdia para o telhado. Ele sentou na grama, deitei a cabeça no seu colo, seus dedos moveram-se por entre os fios esparramados enquanto nos olhávamos. Havia uma fé incontestável por trás do brilho cobre em sua íris e era nela que me ancorava.

— Feche os olhos — pediu. Obedeci. — Sinta o toque das minhas mãos no seu cabelo. — Incidi os dentes numa pontinha do lábio, apertando-o. — A brisa soprando-o, espalhando seu perfume. — Ele pousou uma mão no meu busto, entre os seios. — Seu coração bombeando mais rápido, um arrepio na base da sua coluna. Sente os impulsos sob sua pele?

— Sim — murmurei.

— Expanda-os. — Senti a eletricidade disseminando-se na minha corrente sanguínea. — Deixe que se tornem parte de você. — Pude visualizar as micropartículas aglutinarem-se e lançarem-se através do meu corpo, projetando um fulgor dourado. — Veja.

Semicerrei os olhos, levei uma mão ao rosto para proteger-me da claridade. A luz ficou mais intensa e apertei as pálpebras. Meu namorado riu, segurou minha mão e a abaixou.

— Estou a centímetros do seu rosto. — Ele me deu um selinho. — Abra os olhos e foque em mim, está bem? — Fiz o que pediu, mas ainda sentia reminiscências de luz ao nosso redor. Martín me olhava profundamente. — Dourados e únicos, como você — disse sorrindo e acarinhou meu rosto. — Levante sua mão.

Ergui a mão direita. Meus lábios abriram-se admirados. Um lume dourado encobria minha pele, ondulando no seu entorno. Sentei-me e girei as palmas e braços. Meus lábios curvaram-se e o riso transbordou, ganhando sonoridade.

— Eu consegui — murmurei. — Consegui!

Inclinei-me para trás, enlaçando Martín pelo pescoço. Ele circundou minhas costas e beijou-me, suspendeu-me por um abraço, arrastando-me para seu colo. A mão livre deslizou por minha perna, as minhas principiaram-se no sentido das suas omoplatas, traçando os dorsos intercostais por cima da

camiseta.

As sensações advindas da combinação de toques e beijos se avolumaram, incendiando-me por dentro. Guiei minha boca para seu pescoço e passei uma das pernas sobre seu colo, sentando-me de frente, de modo que sua ereção se ajustou ao feixe de nervos entre minhas coxas. Um gemido reverberou por seus lábios. Cingi suas costas, esmagando meus seios no seu tórax, e resvalei meus dedos sob o tecido. Ele rodeou minha cintura e deitou-me na grama.

— Por que não fomos para minha casa?

— Para que não terminássemos fazendo *isso* — ri baixinho — e...

— Esquecêsemos o treino — emendou, rindo também. — Proponho que nos detenhamos ao objetivo de termos vindo para cá por algumas horas e depois...

— Teremos o restante do dia para nós. — O empurrei.

— Gosto do plano — disse, erguendo-se e me oferecendo a mão para levantar. — Vamos ver se andou treinando como deveria.

— Sem você para me distrair, melhorei muito.

— Vamos ver. — Ele abaixou-se e pegou as adagas do bolso da jaqueta, entregando-me ambas. — Ataque. Quero descobrir o quão rápido você consegue se mover. — Despiu a camiseta. — Quando quiser.

Umedeci o lábio, percorrendo seu torso, e posicionei-me, plantando os pés no chão. Ganhei um sorriso em recompensa, por ter começado direito. Desferi o primeiro golpe, Martín deslocou o corpo para a esquerda, outro golpe e ele girou, indo para minhas costas.

— Está indo bem. — Mordiscou o lóbulo da minha orelha.

Abaixei o braço esquerdo e girei no eixo. Antecipando seu próximo movimento em defesa do ataque deliberado, cunhado pela adaga em minha mão direita, ergui a lâmina esquerda, pressionando-a na sua virilha.

— Cuidado aí — disse sorrindo.

Pisquei para ele e dei um passo para trás. Recomeçamos. Golpes, esquivas, saltos e provocações. Os movimentos desenvolviam-se sem esforço, meus instintos modulando-os. Passado um tempo, Martín prendeu meus punhos, imobilizando-me. Olhou-me com divertimento e aproximou-nos, inclinando o rosto para me beijar.

Fechei os olhos, expandindo minha energia. Seus lábios tocaram os meus no instante em que senti o lampejo recobrir meus braços. Contei seus batimentos cardíacos, no cinco o tempo suspendeu-se. Abri os olhos e sorri. Desprendi-me de suas mãos, joguei as adagas no chão, cruzei seus braços na minha lombar e

apoiei os meus em seus ombros. O tempo voltava a correr. Martín olhou-me desnorteado, fazendo-me gargalhar.

— Isso não estava no *script*. — Impulsionou-me para seu colo.

— Foi minha tentativa de convencê-lo que já podemos ir para casa.

— Você foi muito convincente — disse e beijou-me.

Era irônico ter o poder de manipular o tempo e assisti-lo transcorrer impiedoso. Uma hora estávamos aos beijos, arrancando nossas roupas e desabando na cama, no átimo seguinte, estava me preparando para atravessar um abismo para o Submundo.

A ideia de retroceder e criar um *loop* temporal, para reviver o último dia, era tentadora, significava mais horas com Martín, beijos, carinhos, conversas bobas entre o sexo, mais de nós dois. Era tudo o que queria e que me seria tirado de um jeito ou de outro.

— Tem certeza que não quer que eu vá com você? — Martín estava agachado, verificando — pela segunda vez — se as adagas estavam ocultas entre as camadas de couro da bota que pegamos emprestada nas coisas de Mia. — Lúcifer entenderá se eu...

— Preciso ir sozinha.

Hasteou-se, o olhar consternado recaiu em minhas mãos, encerrando-as entre as suas em um gesto suplicante. O esfregar dos seus dedos no contorno dos meus pulsos enviando estímulos incoerentes, uma necessidade agônica forjada pelo medo da perda.

Ele curvou-se e depositou um beijo cáldo nos nós dos meus dedos, olhando-me como se fizesse uma prece. Não duvidada que estivesse fazendo-a. O aperto transferiu-se para meu corpo inteiro quando seus braços me ataram a ele e os lábios sobrepuseram-se aos meus em um beijo devastador.

Um universo de significados cabia naquele gesto, era uma promessa que ainda nos encontraríamos. Uma lágrima contumaz rubricou uma cláusula de irrevogabilidade e eu apartei nossas bocas, milimetricamente, sentindo seu gosto me aprazer. Sentindo o frescor de sua respiração escovar meus lábios, deixei-me ser abraçada pelo fulgor. Segundos de pausas no tempo, era só o que conseguia fazer, era o suficiente.

Nós estávamos à beira do abismo. Soltei-me do seu abraço e caminhei para a queda, andando de costas. Ele piscou no último instante, tentou segurar-me. Mais um passo e caí.

A queda em si era algo perturbador. Minutos de declínio numa atmosfera plúmbea, cercada por gritos, lamúrias e espectros esquálidos. Meus ossos

estalavam, como se estivessem partindo, uma dor excruciante arrebatando-me. Lentamente, senti que perdia os sentidos, minha visão ficou embaralhada, perdi o controle muscular e os barulhos foram abafados por um zunido estridente.

Eu não conseguia respirar. Meus braços e pernas estavam rígidos e não respondiam aos meus comandos. Um peso sobre meu busto aumentava a pressão nos pulmões, fazendo-me sentir como se estivesse sufocando. Um puxão devolveu-me o oxigênio.

Arfante, arregalei os olhos. Meus dedos prenderam-se ao que encontrei próximo. Vislumbrei a silhueta de uma mulher. Cabelos negros, pele pálida, foi só o que pude ver antes que fosse empurrada para trás. Tomei consciência que estava submersa ao ver bolhas flutuando acima da minha cabeça.

Tentei a todo custo impulsionar-me. A mão espalmada abaixo do meu pescoço, impelia-me mais para o fundo. Sentia-me na borda da insanidade, minhas forças dissipavam-se e a sombra da letargia espichava-se sobre mim. Meus membros esmoreceram, os nós dos dedos cederam e meus braços escorregaram, desabando na água.

Fui puxada uma segunda vez: — Enxugue-se, querida.

Tossi e levei as mãos ao rosto, esfregando os olhos para eliminar a ardência. Minha respiração vinha em golpes duros, lutando para recuperar o fôlego. Ouvi passos. Minha mão roçou uma toalha felpuda e me endireitei, sentando-me ereta.

Puxei os fios de cabelo, espalhados na face e sobre os ombros, colocando-os atrás da orelha. Meus olhos voltaram-se para meu corpo imerso numa banheira de porcelana branca, a água límpida, deixando-me entrever minha nudez. Levantei-me depressa e puxei a toalha, enrolando-me.

Saí da banheira, esquadrinhando o cômodo para ver se havia alguém. Estava sozinha. Era um banheiro, todo em branco com ornamentos dourados, que tinha certeza que eram de ouro. Busquei pelas minhas roupas, sem encontrá-las. Encaminhei-me para a única porta visível, ela levou-me para um quarto amplo, com cama de dossel.

— Vista-se.

Virei-me de costas, a mulher tinha longos cachos negros repousados no ombro que evidenciavam a pele leitosa, os lábios, de um vermelho vívido e linhas finas, traziam um ar arrogante.

— Você quase me matou!

— Quanto drama. — Revirou os olhos. — Vista-se — repetiu.

— Onde estão minhas roupas?

— Você não precisará daqueles trapos. — Apontou para a cama. — Samael o escolheu a dedo.

Percorri a distância até o móvel. Aberto sobre os lençóis brancos, um vestido longo, vermelho vibrante, com *design* tomara que caia e um drapeado, imitando pétalas de rosa na barra da saia.

— Isso é necessário?

— O que você pretendia usar para a coroação? Jeans e malha?

— Não sei usar saltos — peguei a sandália de tiras finas e uma média de quinze centímetros de altura —, não fico dois segundo em cima dessa coisa.

— Pedirei que tragam suas botas horrorosas.

— Se puder, gostaria de ter minhas roupas íntimas também.

— Outra peça de mau gosto. — Ela alisou os cachos. — Mandarei tudo para cá. — Ergueu-se da poltrona e se dirigiu para uma porta no outro extremo. — Dalkiel virá buscá-la para cerimônia.

— Quem é você?

— Leviatã.

— Yin — sussurrei.

— Há muito tempo não me chamam por esse nome. — Abriu a porta. — Esteja deslumbrante, todos os olhares estarão em você.

Se era uma ameaça, ela poderia ter dispensado, depois de ter me proporcionado uma das experiências mais angustiantes minutos antes, não tinha restado nenhuma dúvida que me mataria em um piscar de olhos.

Minhas roupas me foram entregues por uma decaída, uma entre os muitos escravos que Samael colecionava. Lúcifer tinha me contado sobre os ataques de demônios ao seu povo, para não romper o acordo com o Criador, eles decidiram — por votação — omitir-se de um enfrentamento. Também disse que muitas vezes pediu que o Principado dos Arcanjos se posicionasse, se não para apoiá-los, que fosse permitindo o confronto entre demônios e decaídos, mas nunca foi atendido.

A garota magérrima e de cabelos platinados tinha uma postura serviçal, ombros caídos e olhos no chão. Somente abriu a boca para comunicar-me que tinha sido enviada por Leviatã. Fiz uma análise rápida, as milhares de cicatrizes falavam por si. Não entendia como os anjos e o próprio Yang agiam como se os decaídos merecessem sofrer, tinha a nítida impressão que eles eram vistos como párias.

Tranquei a porta quando a moça saiu, para me trocar sem receio de ser objeto de olhares curiosos. Não pensei que encontraria as adagas, no entanto,

estavam onde Martín as tinha escondido. Não me enganaria supondo que eles não as encontraram, se estavam ali, é porque Leviatã tinha decidido assim.

Em frente ao espelho do banheiro, me medi dos pés à cabeça, frente e trás, olhando com atenção para os detalhes, era melhor não testar a sorte e o recado foi direto: “*esteja deslumbrante!*”. O vestido era esplêndido e meu sorriso, ao contemplar minha imagem, espontâneo. Teria amado usá-lo em outra circunstância.

A espera foi torturante. Não sabia qual papel deveria desempenhar no imaginário doentio de Samael e trabalhava com as possibilidades mais esdrúxulas. O que aconteceria se os decaídos não conseguissem impedir a coroação? Se o plano fosse reunir todos ali? Meus devaneios foram interrompidos por uma batida na porta.

— Não teria uma escolha melhor. — Dalkiel estendeu-me o braço. — Você nasceu para ser uma princesa.

— Já quis ser muitas coisas, princesa nunca estive entre as opções.

— Estás extasiante, Triana. — Ele tocou meu queixo e virou meu rosto. — Feliz aniversário. — Aplicou um beijo nos meus lábios.

Dalkiel me levou para um aposento oval onde estavam reunidos Samael, suas esposas e os demônios superiores. No fundo do salão, à direita estavam os tronos, e à esquerda, havia um altar elevado, no cerne angular da estrutura: Mia.

Minha cabeça deu um nó. Ela não estava ferida, pelo que podia ver, também não tinha correntes atadas aos seus punhos ou tornozelos. Usava um vestido azul *royal* que caía como uma luva no seu corpo e realçava as madeixas ruivas. O semblante prepotente que lhe era comum figurava em seu rosto.



CAPÍTULO 36

*“Os acasos são
coincidências do destino”*

A Sombra do Vento - Carlos Ruiz Zafón

Fora dos muros do castelo, a batalha entre demônios e decaídos

perdurava. Para os seres celestiais, a queda no abismo não tinha os efeitos sentidos por Triana, a chegada na encosta do vulcão, porta de entrada para o Submundo, tinha sido como planejada.

Cassandra e cerca de cinquenta decaídos foram os primeiros a pisarem nos confins da Terra. Todos empunhavam armas, alguns usavam espadas, outros arcos de flechas, e uns poucos, machados de dois gumes. Na linha de frente do grupo, a garota miúda de cabelos azuis parecia uma gigante dentro da armadura chumbo e dourada, com arremates em tecido turquesa. A lâmina não havia sido removida da bainha e pendia na transversal em suas costas.

Era sua primeira vez no solo dos demônios. A nefilim levou o olhar adiante, o castelo surgia com empáfia sobre o cume de um rochedo, cercado por crostas de gelo que despontavam das águas glaciais, o exterior empedernido da fundação despertava-lhe um sentimento de mau agouro.

Sombras se avultaram, o retinir das asas e bramidos intensificaram-se. Cassandra elevou os olhos, o alerta de aproximação, dado por seus companheiros, foi sincrônico. Centenas de demônios gárgulas desciam sobre suas cabeças. Ela ergueu ambas as mãos, palmas voltadas para cima, e duas pequenas labaredas amarelas surgiram, na medida que cresciam, davam forma a esferas.

Faltando um átimo para que as criaturas estivessem sobre eles, a garota fundiu os globos luminescentes e abriu os braços, criando uma espadana translúcida. Guinchos eclodiram, os demônios que ficaram fora do campo de energia se contorceram, consumidos pelo poder de desintegração da nefilim, despencaram.

Aqueles que ficaram presos sob a redoma eram combatidos pela ofensiva do Principados dos Decaídos. A garota puxou a espada, cravando-a na cabeça de um demônio e girou o corpo, abaixando-se e decepando as pernas de outras duas criaturas.

Nesse ínterim, outras duas frentes de decaídos aportavam no Submundo, parte da guerrilha uniu-se ao grupo que lutava com as gárgulas enquanto a outra metade, seguida pelo flanqueamento, avançou na direção do castelo. Eles encontraram a guarda armada, ex-companheiros que tinham entregue suas almas para o Príncipe dos Demônios.

O confronto desenrolou-se com movimentos céleres e golpes vigorosos, o embate das lâminas ecoando através do vento cortante. Lúcifer enterrava sua espada no peito de um demônio quando sentiu uma fisgada na porção posterior da coxa. Ele transferiu o punho de sua arma para a mão esquerda e levou a mão livre para trás, segurando abaixo da ponta da lança que rasgava sua carne.

A lâmina de um dardo transpôs seu ombro, alvejando a demônio de cabelos vermelhos que o feriu. O líder dos decaídos volveu o olhar para Hamon, o garoto abaixava o braço esquerdo, onde uma *hidden crossbow* substituíra a luva da armadura, eles trocaram um aceno e o príncipe esgueirou-se para a lateral do castelo, seguido por um segmento do flanco.

Hamon e mais quatro decaídos deslocaram-se, posicionando-se com as costas alinhadas, formando um círculo. Apunhalando com suas lâminas aqueles que o cercavam, forçaram a entrada pelo portão principal. Ao entrarem no pátio, o jovem guerreiro ergueu a *hidden crossbow* e derrubou dois demônios que faziam guarda nas torres.

A batalha entre decaídos e demônios estava longe de acabar, mas todos tinham uma missão a cumprir. Dividiram-se para cobrir mais terreno e adentraram. Hamon estranhou encontrar os cômodos vazios, não fazia sentido — após dois postos defensivos — que o interior do castelo estivesse desprotegido. Era um ardil, não restava dúvida. Correu degraus acima, ciente que estava dando a Samael o que ele queria.

O garoto não foi o único a notar que seus passos o levavam para um ponto demarcado previamente. Lúcifer desconfiava que os planos para aquela noite eram mais ambiciosos do que eles supunham. Muitas vezes questionou-se a respeito do sobrinho ter sido deixado para trás, não acreditava que uma criança pudesse passar despercebida, e temia que o garoto fosse uma peça do jogo do irmão. Por outro lado, conhecia a transparência da alma de Mehiel, quando o recebeu em seus braços, sentiu como se Yang estivesse compensando-o pela família que lhe fora tirada.

A audiência nos Campos Celestiais foi longa e penosa, os argumentos do Príncipe dos Arcanjos foram rebatidos e destrinchados, quebrados de tantas maneiras diferentes. Derrotado, Mehiel comunicou que iria sozinho, não abandonaria seus amigos. Depois, quando retornasse, aceitaria as consequências.

Todos estes eventos aconteceram em paralelo a apresentação de Triana à corte do Principado dos Demônios. Nos braços de Dalkiel, a descendente nefilim percorreu o grande salão, sob o olhar de dezenas de demônios. A garota sentia o coração trepidar, entretanto, esforçava-se para sustentar a expressão imparcial. Os olhos fixaram-se no ouroboro cravejado em rubis que reluzia no pomo da espada que Samael segurava em frente ao tórax. Em oposição ao sorriso emproado dele, seus lábios desenhavam uma linha reta.

O herdeiro dos demônios interrompeu os passos à cerca de três metros da trindade real, Lilith e Leviatã levantaram-se, e como Samael, ficaram diante do trono. Havia outros dois tronos e a ideia que um deles fosse para ela, fez

calafrios espalharem-se por seu corpo.

— Estonteante! — exclamou Samael encaminhando-se na sua direção.

— É o vestido — murmurou ela, desconfortável com o olhar lascivo que lhe foi dirigido.

— Minhas esposas terão que me perdoar — olhou para elas, que sorriram presunçosas —, não há nos três reinos uma mulher com sua beleza.

— Obrigada.

— Um presente de aniversário. — A garota aceitou a espada que ele lhe estendeu, sua mão estava trêmula, o que foi observado por Samael, embora não tenha comentado. — Esta noite você descobrirá o prazer na sua magnitude. — Novamente o olhar dele esmerilhou seu busto. Ela engoliu em seco. — Estou feliz que tenha vindo. — Afagou seus ombros. — Não queremos que Isabel se machuque... ou o bebê.

Aquilo era novidade. Um sorriso mínimo se insinuou nos lábios de Triana. Um bebê traria alegria para a vida da sua mãe, ela ficaria radiante quando descobrisse. Seu pai teria ficado eufórico.

— Deixe-a em paz.

— Logo Isabel será da família. — Segurou-a pela mão. — Cuidarei que ela e seu irmãozinho estejam protegidos.

Ele a levou ao altar onde Damabiah permanecia inerte. A ruiva não se importava com o que lhe aconteceria, foi ao *San Servando* com a intenção de provocar os demônios para que a matassem. Samael não permitiu, não a mandou para as celas, tampouco a torturou. Ordenou que fosse acomodada em um dos quartos assim que chegou ao Submundo e a deixou trancada. Ela, por sua vez, não demonstrou qualquer resistência, nem naquele momento, quando compreendeu que seria Triana a empunhar a espada que poria fim a sua vida.

— Você ainda é humana, por isso seus poderes são instáveis — explicou Dalkiel, que só então a garota notou que a havia seguido até o altar.

— Faremos uma cerimônia de canalização — disse o grã-mestre dos demônios.

— O que isso significa?

— Que me matará — disse a ruiva com frieza.

A porta dupla de madeira abriu com um tombo ruidoso. Hamon, Mehiel, Lúcifer e um pequeno grupo de decaídos entraram, com suas armas em riste. As duas garotas exalaram um suspiro aliviado, Triana por eles terem conseguido ultrapassar o exército de demônios, Damabiah em ver que o irmão estava vivo.

— Chegaram bem na hora — disse Samael. — Vamos começar.

— Seja o que for que está planejando, não permitiremos.

— Irmãozinho. — O anjo desertor riu. — Diga-me, não está cansado de viver numa caverna? O mundo tem tanto a oferecer.

— Terá muito mais quando você estiver morto! — rosnou Mehiel.

Brandindo uma *katana*, o arcanjo partiu para cima de Samael. A armadura negra tinha os braços incrustados por *shurikens* em formato de asas e revestiu-se por flamas esverdeadas. As feições da ruiva foram tomadas por perplexidade, mas não houve tempo para perguntas. Os demônios se deslocaram, assumindo suas verdadeiras faces, e se posicionaram como uma muralha ante o altar. Os tecidos das roupas sofisticadas rasgaram-se para dar vazão aos rabos, chifres e escamas.

Triana apertou os dedos no punho da espada e vagou os olhos pelo salão. As criaturas chacoalhavam as caudas, açoitando os decaídos. Estes saltavam, esquivando-se dos golpes e desferindo ataques. Entre corpos e espadas em colisão, ela buscou por um rosto em particular. Hamon trajava a armadura que usava ao renunciar o Principado e, dessa vez, a garota pode admirar o porte altivo e movimentos precisos do namorado, ele nascera para ser um guerreiro. O garoto de olhos cobre demonstrava uma destreza ímpar ao enterrar a espada sob a pele escamosa dos demônios, ao mesmo tempo em que disparava dardos com a *hidden crossbow*.

Lilith e Leviatã se acomodaram em seus tronos e observavam o conflito com divertimento. Pernas cruzadas, evidenciando a fenda dos vestidos, mãos em repouso e sorrisos petulantes reforçavam a postura soberba. Damabiah espreitava a reação de Samael a contenda, havia um orgulho imbuído no olhar com que perseguia as ações de Mehiel. O arcanjo estava decidido a romper o bloqueio, volteava a *katana* numa mão e com outra lançava *shurikens* nos demônios na última linha de defesa.

Dalkiel reparou na atenção excessiva que o pai dedicava ao garoto de cabelos platinados, e também percebeu a intenção ingênua de Triana. Ele fez crescer as garras demoníacas, se colocou nas costas da garota, deslizou a mão em seu ombro e a pressionou na sua garganta.

— Não seja burra — sussurrou, beijando o pescoço da descendente nefilim. — Acha, de verdade, que pode matar meu pai?

— E você acha, realmente, que seria tola de tentar algo assim?

O herdeiro dos demônios sentiu a carne sendo lacerada, engasgou com o acúmulo de sangue que subiu sua garganta. Damabiah penetrou a espada até a guarda-mão, a ponta da lâmina atravessou o corpo do loiro e gotejou no chão.

— P-p-pai. — Engasgou-se.

Ele teria visto a comunicação gestual entre as garotas, a sugestão de que estavam tramando algo, e teria sabido que a intenção delas era atraí-lo, se não estivesse curioso sobre o porquê o jovem arcanjo chamara a atenção do seu pai. Conquanto, o anjo-demoníaco não reparou que o passo miúdo de Triana em direção a Samael, com a espada aprumada e rente ao quadril, foi um ato deliberado. Enquanto ele se ocupava em ameaçá-la, Damabiah se apossava da arma.

Lilith chamou atenção de Leviatã para o que acontecia e ambas se ergueram, Samael voltou-se para trás, mas não antes de Triana agachar, puxar as adagas de dentro das botas e cruzá-las no pescoço de Dalkiel. A cabeça rolou, o sangue confundindo-se com o vermelho do vestido. A garota permaneceu ajoelhada, atônita. Ela nunca tinha pensando em matar alguém, não literalmente. Damabiah pisou no corpo e removeu a lâmina das suas costas, direcionando-a para Samael.

— Eu o matei — resmungou Triana. — Eu matei alguém.

— Ele era metade demônio, se isso te fizer sentir melhor — disse a anja

A atitude de Samael e de suas esposas confundiu a ruiva. A tríade se entreolhou e sorrisos envaidecidos dominaram suas faces. Ele se curvou, pegou a cabeça e se encaminhou para a extremidade do altar, onde a segurou, deixando o sangue derramar-se. Uma *shuriken* decepou sua orelha. O grã-mestre olhou por cima do ombro e avistou Mehiel arrastar a *katana* que estava crivada no olho de um demônio, enquanto lhe dirigia um olhar feroz.

Damabiah tentava conectar os eventos quando uma torrente fluorescente se acendeu, esboçando no piso do altar o símbolo do ouroboro. Samael não queria que Triana a matasse, o plano era para que tirasse a vida de Dalkiel, para que absorvesse a energia celestial e demoníaca, ela seria a fusão de humano, demônio e anjo.

Prostrada de joelhos, ao lado do corpo de Dalkiel, a descendente nefilim estava alheia ao que acontecia, somente voltou a si quando uma luz incandescente a cercou e levantou-se, transtornada. Girou nos calcanhares, fitando as linhas desenhadas, interligando-as. Seus olhos pararam sobre o Príncipe dos Demônios, o sangue que escorria do crânio do filho morto dava forma a face de um dragão, um ouroboro.

Samael arremessou a cabeça fora do altar, puxou um lenço do bolso do terno, limpou as mãos e o levou à lesão deixada pela ausência de orelha, voltando-se para Mehiel. O arcanjo desviou os olhos para as garotas tempo o suficiente para confirmar que estavam bem e encarou o anjo desertor com uma

fúria corrosiva.

— Arme-se!

— Não lutarei com você. Estou feliz que esteja em casa, filho.

A ruiva sobressaltou-se e fitou Triana, inquisitiva.

— Você queria que eu contasse enquanto matava o irmão dele? — sibilou.

— Não me chame assim! — Um desprezo visceral queimou nos olhos de Mehiel. — Irei matá-lo.

— Não, não vai. — Os lábios de Samael curvaram-se para cima. — Veja.

Ao contrário do arcanjo que sequer piscou, o pedido do Príncipe dos Demônios advertiu as garotas do silêncio escuso que os envolveu. Estenderam o olhar para a outra metade do cômodo, acima da pilha de corpos de demônios e alguns decaídos, Hamon e Lúcifer estavam ajoelhados com espadas apontadas para suas gargantas, os demais decaídos mortos e três cabeças expostas diante deles, uma mulher e dois homens.

— Foda-se o que você quer! — esbravejou Mehiel.

— Iker — chamou Triana, a meia voz.

O arcanjo identificou o medo no timbre da garota. Ele virou-se, acompanhando seu olhar. Não podia ser.

— Vocês... — Iker soltou a *katana* e ajoelhou, colocando as mãos na cabeça. — Desde quando?

— Acha que foi por acaso que você acabou sob os cuidados do meu irmão? — debochou Samael, correndo os dedos pelo cabelo dele. — Ariel e Raphael me procuraram quando eu estava na prisão celestial, depois que souberam que Yang tinha permitido que o filho de Lúcifer, uma criança metade humana, metade anjo, vivesse. Uma criança com poderes desconhecidos e que colocava em risco todos nós. Você sabe quantos morreram no Dilúvio? Quase cem decaídos, anjos que foram expulsos dos Campos Celestiais por apoiar Lúcifer. — Agarrou Iker pelo braço e o fez levantar, arrastando-o para o altar. — Mas o meu irmão só queria saber da humana, era uma falácia, a promessa do livre arbítrio era um grande nada. Os humanos eram medíocres e os decaídos queriam exercer seu direito de escolha, queriam mais do que as sobras dos homens. — Empurrou-o, fazendo-o ajoelhar-se em um dos vãos formado pela cauda do dragão. — O que seu amado tio fez? Deu-lhe as costas, fez um acordo para salvar a humana estúpida e a criança. E os anjos que perderam suas asas para vir atrás dele? Condenados a viver trancados no subsolo. E Yang mais uma vez foi conivente com Lúcifer, seu favorito. — Samael levou Mia para um

segundo espaço entre o giro do ouroboro e tirou a espada de sua mão. — Sente-se, criança! — disse, cravando a lâmina no ponto exato onde a cabeça do dragão unia-se a cauda e uma poça de sangue se estendia. — Traga o outro, Raphael.

— O arcanjo? — murmurou Triana, perscrutando o homem que segurava Martín.

— Sim, querida. — O Príncipe dos Demônios chutou o corpo de Asier, derrubando-o do altar, parou na frente da garota, alisou uma mecha do seu cabelo, descendo a mão pelo busto. — Ele é seu namoradinho, estou certo?

— Tire as mãos dela! — Iker e Martín gritaram em uníssono.

Nenhum deles conseguiu se soltar. Samael torceu a mão esquerda, o corpo de Iker desabou antes que estivesse em pé. Raphael forçou a lâmina da espada na panturrilha de Martín, ele caiu de joelhos, e seus gritos arrancaram lágrimas de Triana.

— Por favor, faça com que ele pare. Por favor — suplicou ela.

— Chega, Raphael! — Inclinou a cabeça sobre o ombro de Triana, roçando a barba em seu pescoço e a beijou próximo ao ouvido. — Viu? Seja boazinha e farei o que quiser. — Segurou seus pulsos. — Agora me entregue as adagas.

— Desgraçado! — praguejou Iker.

Raphael usava uma armadura prata e vermelha, ele era um homem corpulento e careca. Martín era alto, mas perto dele parecia pequeno. O arcanjo o lançou no piso do altar e riu, vendo-o arrastar a perna ferida, esforçando-se para levantar.

Depois de livrar-se das adagas, Samael abraçou a cintura da descendente nefilim e a levou dois passos à frente, deixando-a defronte para Martín. Ela reprimiu o desejo de agachar-se e abraçá-lo. A mão do grã-mestre dos demônios deu um tapa na sua bunda e contornou seu quadril.

— Você não aprendeu nada ouvindo as histórias sobre Lúcifer? Aqui entre nós — piscou para Martín —, ela sabe como dar prazer ou terei que ensinar?

— Morra, seu filho da puta!

— Como eu ia dizendo, a questão é... — Deu um beijo na maçã do rosto da garota e sinalizou para que retornasse para seu lugar. — Por que nenhum anjo antes de Lúcifer foi condenado a viver na Terra? — Ele tocou nos ombros de Martín, forçando-o a sentar-se. Eu estava no meio, os outros no eixo vazios do ouroboro. — Poupe-se do esforço, fique aí, que é onde deveria estar — disse ao garoto e virou-se para Triana. — Por que meu irmão não foi para a prisão, como

eu e tantos outros? Por que Yang nunca o castigou, permitiu que vivesse com a humana, que levasse uma vida mundana?

— Vivo séculos assistindo impotente o nascimento e morte da única mulher que amei — argumentou Lúcifer. — Abandonei ela e meu filho quando ele só tinha doze anos. Isso não é castigo suficiente?

— Você não estava sozinho, muitos te seguiram e ainda seguem. — Indicou os decaídos que estavam ali. — Mas nunca se importou em dar a eles o livre arbítrio que foi o que os motivou a apoiá-lo, a esperança de ter o que os humanos tinham e nunca souberam aproveitar, se perdendo em coisas insignificantes. Cegos por emoções tolas.

— Você diz que tudo é pelo livre-arbítrio — comentou Mia. — Engraçado, não lembro de ter sido convidada a estar aqui, me foi imposto esse lugar.

— Há um caminho a ser percorrido e sacrifícios são necessários pra evoluirmos. Vide Haniel, Uriel e Gabriel. — Fez um muxoxo fingido ao olhar para as cabeças.

— É por isso que seu filho está morto? — Mia o encarou.

O Príncipe dos Demônios olhou para onde jazia o corpo degolado de Dalkiel.

— Um dos meus filhos morreu para que uma nova era possa surgir e vocês deveriam se sentir privilegiados.

— Você deve estar de brincadeira — resmungou Iker.

— Através de vocês, o mundo renascerá — disse Raphael.

— Temos definições diferentes de renascimento — comentou Martín.

— O que você quis dizer? — perguntou Triana a Raphael.

— Você tem sangue nefilim, matou um ser que era anjo e demônio, a cerimônia de canalização levará o sangue de Dalkiel para seu corpo, incorporando-o a sua energia — esclareceu a mulher que tinha uma espada no pescoço de Lúcifer.

— O que Ariel está dizendo é que você se tornará mãe de todo universo, todas as criaturas carregarão sua essência divina.

— Eu me tornarei a primeira de uma nova linhagem? Meu sangue será a fusão das três raças, é isso?

— Sim! Humana, anjo e demônio. Uma criatura única e com potencial evolutivo ilimitado — afirmou Samael.

— O que acontecerá com eles? — Triana abriu os braços, para que entendesse que falava de Martín, Iker e Mia.

— Você é uma chronomancer, o que signif...

— Sei o que significa — interrompeu a Raphael. — O que acontecerá com eles? — repeti.

— A canalização amplificará seu poder, você não será forte o bastante para contê-lo sozinha.

— Eles morrerão! — exaltou-se Lúcifer. — Você matará seu filho, Samael!

— O garoto é forte, suportará a transfusão de energia demoníaca.

— O quê? Eles serão envenenados?

— Eles irão ancorá-la para que consiga abrir um portal do tempo para a Fonte das Almas — elucidou Raphael.

— Se a Fonte das Almas for contaminada... — Martín suspendeu a fala e trocou um olhar com a namorada. — O mundo ficará em caos.

— Nós o recriaremos — pontuou Ariel. — Oferecemos aos humanos a chance de se unirem a nós, a oportunidade de evoluírem, de deixarem para trás a falsa liberdade do sentir que somente lhes acarreta danos e dor.

— E aqueles que não quiserem? — questionou Iker.

— Humanos fazem qualquer coisa em troca de poder. Para que maior demonstração de poder do que o sobrenatural? — Samael abriu os braços com exaltação. — Seremos um só povo e você, Triana — acariciou seu rosto —, será minha rainha. A soberana.



CAPÍTULO 37

*“Ninguém entende nada da vida
enquanto não entender a morte”*

Marina - Carlos Ruiz Zafón

Foi ordenado que me ajoelhasse como os outros, fiquei de frente para

Martín, à minha esquerda estava Iker e à direita Mia. Eles eram os vértices de um triângulo, eu o núcleo. Meu corpo tremia, os lábios cerrados eram o último recurso para impedir o choro. Meus seios moviam-se em profusão, sentia os batimentos do coração na garganta e calafrios reinavam sob minha pele.

Leviatã se posicionou próximo à espada, isolada dos demais que fizeram um círculo em volta do altar. Acorrentado, Lúcifer compunha o grupo, os olhos verdes refletiam uma dor imensurável e me faziam uma súplica que ambos sabíamos que não poderia atender. Não tínhamos escolha, éramos peões em um jogo de tabuleiro e os dados haviam sido jogados há muito tempo.

Lilith presidiu a cerimônia em um idioma desconhecido, não se assemelhava em nada à língua dos anjos, e eu mal conseguia compreender as palavras que eram ditas. As energias do círculo místico se entrelaçaram e encapsularam o altar. O sangue que embebia a lâmina ardeu em chamas e se espalhou sobre o ouroboro, circundando-nos, isolando-nos em triângulos individuais.

O medo me sufocava. Não haveria volta para o que viria, o mundo mudaria, eu também e, eventualmente, alguém morreria. Minhas mãos tremiam, meu corpo agitava-se, o pranto tolhido comprimia meu peito. Sentia-me impotente, e, mais do que qualquer outra coisa, corrompida.

Através das labaredas flamejantes, um par de olhos me sustentava, em meio ao caos, Martín se mantinha perseverante, ou fingia. Entre todos, ele era quem tinha menos chance de sobreviver à cerimônia. Ao me escolher, ele perdeu os poderes, e sem proteção, a energia demoníaca o consumiria.

A voz melodiosa de Lilith entoava um cântico. Leviatã empunhou a espada e caminhou até onde eu estava, sem aviso, enterrou a lâmina em meu coração. Um suspiro langoroso sobreveio, senti minhas forças minando, não vi para onde ela foi, mas soube que havia saído porque ao ouvir Martín chamando-me, ergui a cabeça e me deparei com seu rosto. Ele tinha uma expressão atormentada.

— Tri, você tem que me escutar. Por favor, reaja! — Abaixei os olhos e pus a mão ao redor da lâmina em meu peito. — Tri, olhe para mim! — Pestanejei, minha cabeça girou. — Triana! — Fitei seu rosto por um breve segundo. — Deixe fluir, você consegue.

— Dói — murmurei, fechando as pálpebras.

— Vamos, Tri. Sinta os impulsos e expanda-os.

— Estou com você — sibilei para que soubesse que o ouvia.

— Está bem, fique comigo. — Suspirou aliviado. — Sinta a energia

ondulando sob sua pele e agarre-a.

Senti a pulsação gravitando no entorno da lâmina, as células sanguíneas embebendo-a e escoando abaixo do meu seio. Um amontoado de corpúsculos brilhantes ouriçados, unindo-se numa teia e recobrindo a espada. As extremidades do meu corpo se aqueceram e um fluxo luminoso enraizou-se por minhas veias.

Abri os olhos, um frenesi de sensações me envolvia. Martín deu-me um sorriso sereno. Minha mão ainda repousava na lâmina, mas não havia a dor aguda e lancinante da lesão. A fluorescência dourada que emanava da minha pele intricava-se com um lume rubro, engendrando uma hélice que fluía pelo ouroboro, indo de mim para o Iker, dele para o Martín, por conseguinte para Mia e encerrando-se em mim.

Quando a energia nos interligou, fechando o ciclo, senti meu coração bombear mais forte. Eles arquearam as costas e os olhos assumiram as características celestiais, os corpos eram contornados pela nitescência, como se estivessem sendo enclausurados.

Os primeiros minutos foram tranquilos, entretanto, após um tempo, senti a lâmina da espada invadindo-me e, na medida que ela aprofundava em minhas entranhas, mais flamas propagavam-se sobre a energia e uma sensação de êxtase me dominava.

Era como uma droga difundindo-se no meu organismo, dilacerando-me sem que me desse conta. Minha mente era empurrada para longe, os pensamentos não se ordenavam e um vazio inflava em meu íntimo, estranhamente eu me sentia bem.

Sussurros sopraram em meus ouvidos, eu reconhecia a voz, embora não conseguisse identificá-la. Ela descreveu um jardim, repleto de arbustos e uma fonte de marfim. Imaginei uma escultura no centro, os murmúrios me disseram para removê-la, era apenas uma fonte com água límpida e feixes de luz.

— Vou contar até cinco e você irá destrancar a porta que a levará até a fonte, em três segundos. Puxe a espada, querida.

— Três segundos — murmurei, ouvindo-a contar.

Minha mão fechou-se, a lâmina cortou minha palma, o cheiro de sangue inundou meus sentidos. Busquei por Martín, ele estava em algum lugar e precisava encontrá-lo. A imagem de uma porta aberta se impôs diante dos meus olhos. Entrei e tudo se foi. Meu corpo parecia flutuar, a água ondulava, acariciando-me e, apesar dela, minha pele queimava.

Pouco a pouco, algo mudou, meus pulmões não respondiam, as tentativas

de puxar o ar fracassavam e minhas palpitações subtraíam-se. Frio e sono rastejavam-se sobre mim, aliciando-me. Já não me esforçava para continuar lutando para respirar, a fleuma abraçava-me.

“*Sempre há uma escolha*” — a voz do meu pai ecoou.

Uma descarga de adrenalina jorrou por minhas artérias, abri os olhos e lancei-me para frente, tossindo e expelindo água. Passei a mão no cabelo, empurrando os fios para trás, a espada que antes esteve em meu coração, boiava. Examinei meu tórax e não localizei nenhum ferimento. Levantei, resgatei a arma e saí da fonte.

O vestido estava encharcado e fazia barulho quando andava. Avistei uma escadaria no final de um túnel de ciprestes e o segui, o caminho arborizado findava em um casebre. Havia um homem sentado numa cadeira de balanço e me aproximei.

— Boa tarde, você pode dizer onde estou?

— Como chegou aqui, menina?

— História confusa, pensaria que fugi de um hospício.

Ele meneou a cabeça e abriu um sorriso de dentes perfeitos. A julgar pela sua aparência, não lhe daria mais do que cinquenta anos. Era um homem de porte esbelto, negro, olhos castanhos, cabelo aparado e barba bem-feita. A roupa informal, jeans e camiseta o deixavam com uma aparência jovial e atraente.

Ponderei dizer-lhe a verdade, afinal necessitava retornar o quanto antes, não podia abandonar meus amigos. Ele esperou paciente, contudo, terminei por desistir. Era arriscar muito sem nenhuma certeza que ele fosse acreditar e me ajudar.

— Você não acreditaria. — Entortei o lábio.

— Garota de pouca fé. — Sorriu, olhando-me de modo curioso.

— Você... Quem é você?

— O responsável por toda essa bagunça em que está metida.

— Samael é o...

— Não — interrompeu-me. — Sente-se, indicou a cadeira ao seu lado.

— Você é o Criador?

— Yang. — Piscou. — Acho um tanto ostensivo esse título de Criador.

— Mas você é, não é? — inquiri, sentando-me.

— Sim. — Ele sacudiu as mãos. — Peço perdão por tê-la envolvido na profecia, a verdade é que eu precisava de alguém para tentar corrigir meus erros e você foi a escolhida.

— Por quê?

— Eu conheço cada uma das almas que criei.

— Claro, se você criou.

— É aí que está. A substância das almas já existia, meu trabalho foi de dar forma a elas. Assim como Yin deu aos demônios. Aperfeiçoei a matéria das almas enquanto minha irmã as sugou, simplificando. Isso significa que a escolhi porque as características que compõem a substância que usei para criá-la tinham elementos que a diferenciavam.

— Tipo?

— Questionar tudo, inclusive a mim.

— Lamento tê-lo decepcionado.

— Você está aqui, por que estaria decepcionado?

— Mas...

— Leviatã a conduziu para que abrisse um portal do tempo, aqui é o futuro. Exatos três segundos depois do agora na Terra.

— Isso quer dizer que tenho esse tempo para voltar?

— Você parou o tempo na Terra quando veio para cá. Yin não esperava por isso e, para ser sincero, cheguei a duvidar que fosse conseguir.

— Como fiz isso se não lembro de nada?

— Você estava entorpecida pela energia demoníaca, ela causa euforia no receptor. No entanto — levantou um dedo —, uma parte do seu inconsciente resistiu bravamente, sua ligação com Hamon é poderosa.

— Você é um bocado sádico, devo dizer. Tornar anjos e humanos elos etéreos e proibi-los de estar juntos, por quê?

— Não criei elos etéreos com intento romântico ou sexual, entenda que vivia num universo ermo. Eu e o Yin coexistíamos com energias múltiplas. Os sentimentos germinaram das relações dos homens e proibi aos anjos porque temia que fossem fazê-los passionais. Eu era jovem e não entendia minha própria criação, se tudo saísse de controle, precisava ter um plano de contenção.

— Os anjos?

— Eu os criei para serem guerreiros.

— Então Lúcifer se apaixonou.

— Antes disso, Samael tinha se envolvido em uma relação com Lilith, por isso expulsei Lúcifer dos Campos Celestiais, ao contrário do irmão que desenvolveu sentimentos de luxúria, os sentimentos dele por Bertha eram de outra natureza. Decidi que esse seria o destino dos anjos que se apaixonassem.

— Arrancar suas asas foi sua melhor ideia?

— Eu não tinha nenhum parâmetro. Percebi meu erro tarde demais. Quando Bertha engravidou, vinculei a profecia aos seus descendentes, como uma espécie de pedido de desculpas.

— Você não sabe mesmo como solucionar um problema. — Fiz uma expressão desolada. — Estou começando a pensar que é melhor não ter sua ajuda.

— Não posso ajudá-la, Triana. Nem se quisesse.

— Não? O que estou fazendo aqui?

— Para que entenda a profecia. Eu tinha falhado como mentor do universo, estava claro como água que as pressuposições que fiz eram falhas. Para Yin tratava-se de ganhar o desafio, o que assumo, fui estúpido em concordar, mas para mim era sobre dar uma segunda chance ao universo. Eu não conseguia corrigir os problemas estruturais que tinha causado, se colocasse um fim a era dos Principados seria visto como um déspota e os conflitos poderiam dizimar Céus e Terra. Então tive a ideia da profecia, alguém que caminhasse entre seres humanos e celestiais poderia romper os paradigmas existentes.

— Você não acompanhou os últimos acontecimentos? Samael me mandou para contaminar a Fonte das Almas com essência demoníaca.

— Eu sei.

— E?

— Hora de voltar, seu tempo está acabando.

— Você não vai me dizer como derrotá-lo?

— A profecia.

— Como? Chegamos na parte onde sou o fim e o princípio, o que está por vir é o caos.

— O Principado não é mais sua casa — proferiu um trecho da profecia.

— Martín já... — interrompi o que estava dizendo. Yang sorriu. — É possível?

— Sempre há uma escolha, é hora de fazer a sua.

— Não sei o que... — Calei-me.

Estava de volta ao Submundo, a espada na minha frente, a ferida aberta no peito. O tempo permaneceu pausado e aproveitei para fazer uma análise do quadro. Cassandra estava na entrada do salão, as esferas iluminadas nas mãos e os demônios, que testemunhavam a cerimônia, desintegrando-se.

Mia e Iker estavam com os braços atravessando as chamas e tocando em Martín, não entendi a princípio, até que meus olhos foram para o rosto do meu

namorado, sua fisionomia em agonia, fissuras abriam-se na sua pele. Ele estava morrendo.

Engatinhei por entre o fogo e parei diante dele, segurando seu rosto. Um pranto silente se assentou em meu ser, as lágrimas afluíram sem controle enquanto afagava sua face, desejando extirpar sua dor.

O trecho da profecia recitado por Yang repetiu-se em meus pensamentos. Ele me dera a resposta. Fiquei de joelhos, pousei minha mão sobre o coração de Martín e o escutei. Duas batidas e deixei o tempo fluir, retomando seu fluxo.

— Cassandra, agora! — exclamei.

— Não tinha outro plano.

Meu namorado agonizava. O abracei, com as mãos espalmadas em suas costas, nossas auras em afluência.

— Vão! — gritei para Mia e Iker. — Ajudem Cassandra e Lúcifer.

— Você não pode...

— Eu sei — murmurei. — Sou o fim e o princípio.



CAPÍTULO 38

*“Nós existimos enquanto
alguém se lembra de nós”*

A Sombra do Vento - Carlos Ruiz Zafón

Cassandra desintegrou as correntes de Lúcifer, libertando-o, e ambos

atacaram os cinco mentores da conspiração para o fim da humanidade. A nefilim voltou-se primeiro para Samael, o considerava o culpado de ter crescido longe do pai. O sangue de demônio que corria nas veias do grã-mestre ajudava-o a reintegrar-se com rapidez e o embate entre os dois se transformou numa disputa de forças sobrenaturais.

Lúcifer enfrentava Raphael e Ariel, os traidores do Principado dos Arcanjos. Desarmado, o príncipe rodopiava entre os dois, esquivando-se dos golpes de suas espadas. Um movimento no momento exato e a lâmina de Ariel atingiu Raphael na jugular. O sangue esguichou, o arcanjo soltou a espada — que Lúcifer tratou de pegar — e arrastou-se no chão.

Damabiah resgatou as adagas que Triana usara para matar Dalkiel e saltou sobre Lilith. A senhora do Submundo assumiu sua forma demoníaca, golpeando a anja com seu rabo espetado por espinhos. A ruiva defendeu-se cortando a ponta da cauda escamosa da loira.

Mehiel pegou a espada no piso do altar e foi em direção a Samael, porém foi derrubado por Leviatã. A morena cravou as unhas na garganta do arcanjo, no entanto, o prazer de sentir o sangue brotando não ocorreu, ao invés disso, ouviu uma risada atrás dela, Cassandra desintegrou suas garras afiadas. Enquanto Leviatã avançava sobre a nefilim, deixando o garoto para trás, Damabiah enfiava ambas as adagas no tórax de Lilith. Samael partiu para cima da anja, antes que pusesse as mãos nela, Mehiel pulou na sua frente e pressionou a espada abaixo do queixo do pai.

Acima do palco dos duelos, Triana hauria a energia que circulava através do ouroboro e do corpo de Hamon. A cabeça do decaído pendia sobre seu ombro e os braços ao lado do corpo. A aura índigo era alvo de numerosas línguas de fogo, as labaredas violavam a bruma que os embalava, infundindo energia demoníaca em seus organismos.

A descendente nefilim sentia as espadanas ricochetearem suas células. O coração apressurado esmagava a caixa torácica e entreouvia estalos nas suas costelas, a quentura espalhava-se nas imediações da lesão em seu busto. A teia elíptica conduzida pela formação das hélices quebrantava, apagando as chamas que imprimiam a marca do ouroboro.

Ao redor do altar, o confronto seguia ininterrupto. Damabiah uniu-se a Cassandra para enfrentar Leviatã. A mãe do mal absoluto, assim como o grã-mestre, restituía-se muito antes da desintegração alcançar o núcleo das partículas corpóreas. As garotas decidiram que teriam mais sorte com uma frente de ataque unificada, ao passo que a anja a apunhalava, a nefilim usava seu poder a partir das perfurações provocadas pelas adagas.

Alguns metros à esquerda delas, Lúcifer e Ariel promoviam um *ballet* de corpos e lâminas. Os movimentos irretocáveis proporcionavam um espetáculo e não parecia próximo do fim. Atrás deles, Samael e Mehiel se desafiavam. O jovem arcanjo investia em manobras ofensivas, ao contrário do Príncipe dos Demônios que se recusava a armar-se com lâminas e limitava suas ações a esquivas e defesas onde usava do seu poder para tolher os avanços do filho.

O burburinho de brados, rugidos e ressoar das lâminas pareciam asfixiar-se na mente de Triana, a impressão era que ocorriam em outro tempo, tão distante soavam. Os braços afrouxaram e sentiu-se escorregar, as pernas desabaram de lado e recostou o rosto no peito do namorado. Os olhos observaram o fim do bruxulear e fixaram-se numa linha fina que fulgurava sob a armadura, emitindo um lampejo enfraquecido.

Arrastou sua mão para o pescoço de Hamon, apoiando-se nele. Ergueu a cabeça e aproximou seus lábios. Não havia ânsia, paixão ou um desejo avassalador movendo-a, não foi o beijo mais intenso que trocaram, talvez tenha sido o de menor expressividade. Muitos sequer diriam que foi um beijo, mas ela o sentiu tocar sua alma, uma última subida à superfície antes de ser tragada pelo mar.

Uma pulsação.

Um derradeiro feixe de luz fluiu entre suas bocas.

Outra pulsação.

Um suspiro espaçado.

Um *espasmo hípico*.^[23]

Hamon despertou e agarrou-se à garota, beijando-a. A mão que circundava seu pescoço, escorregou, os lábios macios somente o corresponderam por um segundo. Ele a deitou no seu braço e a acariciou, os olhos dourados fixaram-se nos seus.

— O que você fez?

— O epínicio...

Triana tocou o coração, sentindo o sangue molhar seus dedos e sorriu, cerrando os olhos.

— Tri. — Hamon afagava o rosto da namorada, a sacudia em seus braços. — Estou aqui, Tri. Fica comigo. — Lágrimas vertiam. Tremores dilaceravam seu coração. Nenhuma dor física já sentida se assemelhava ao sentimento que o sufocava naquele momento. — NÃO!!!!

Todos os olhares se voltaram para o garoto em prantos, abraçado ao corpo da descendente nefilim. A cabeça curvada, apoiava-se na testa dela,

implorando que despertasse.

Era o fim. Samael, Ariel e Leviatã ajoelharam-se e puseram as mãos na cabeça. Eles não esperavam que Triana percebesse que ela era o único meio de impedir a profecia. Mehiel e Damabiah abandonaram suas armas e subiram no altar. O arcanjo ajoelhou-se ao lado de Hamon, pôs uma mão em suas costas e entrelaçou a outra aos dedos da amiga.

A ruiva parou em pé, os olhos fixos no chão. O vestido de Triana cobria parte da superfície, ocultando as linhas do desenho do ouroboro, o vermelho do tecido era do mesmo tom do sangue que se derramava, delineando uma circunferência que iniciava e terminava na descendente nefilim.

— *A história se repetirá, e quando passado e presente se encontrarem, o epínicio de sangue conclamará a queda do jovem arcanjo, pois aquele que carrega o sangue do portador da luz será o fim e o princípio* — declamou Damabiah. Mehiel ergueu a cabeça e a inquiriu com um olhar. — É isso. — Gesticulou para o altar. — A profecia era uma metáfora.

— Do que você está falando? — O arcanjo não conseguia assimilar.

— O sacrifício de Triana. A fusão da substância demoníaca e celestial, no corpo de Hamon, não poderia ser desfeita — elucidou Lúcifer. — A única forma de impedir que a Fonte das Almas fosse contaminada e Samael transformasse o mundo num parque de diversões macabro era absorvendo toda a energia canalizada na cerimônia.

— A queda, mencionada na profecia, não se referia a um único Principado — explanou Cassandra. — Com um último beijo, Triana exauriu o que restava da essência anjo-demoníaca de Hamon.

— Tornando-o humano — sussurrou Mehiel.

— Ela sabia o que estava fazendo quando nos mandou romper o selo do ouroboro — comentou Damabiah. — Triana aceitou a profecia.

— A vitória pela morte não me parece digna de ser celebrada — sibilou o arcanjo.

— A morte é uma poesia escrita em sangue e somente quem a sente é capaz de compreendê-la — murmurou Hamon, afastando-se para olhar o semblante de Triana. Ele sorriu em meio às lágrimas, notando que seus lábios desenhavam um sorriso tenro. — Continuarei a amá-la em cada uma das nossas vidas. Sempre você.



EPÍLOGO

*“Acho que nada acontece
por acaso, sabe?
Que no fundo as coisas
têm seu plano secreto,
embora nós não entendamos”*

A Sombra do Vento - Carlos Ruiz Zafón

Era outono, folhas secas caíam das árvores e rodopiavam pelo chão, a

brisa soprava, trazendo-me lembranças de outro tempo. Eu tinha levado muitos anos para conseguir voltar a por os pés em Toledo, não porque queria esquecê-la, nunca poderia, tampouco almejava por isto, mas não suportava a dor de estar ali sem que ela estivesse ao meu lado. Todas as ruas, construções, calçadas e paisagens me lembravam ela, da sua paixão pela cidade, do seu amor por aquele pequeno universo medieval numa era contemporânea.

Agachei. A fotografia na lápide era de uma garota de dezessete anos. O sorriso espontâneo, meio tímido, e olhos penetrantes me fitavam por detrás do papel envelhecido. Ela completaria trinta anos e era minha primeira vez diante do seu túmulo. Não consegui ir ao seu velório ou estar presente no enterro, não aceitava a ideia de que não fosse vê-la outra vez. Não quando tinha me tornado humano e nada nos impediria de ficarmos juntos. Não era justo, apenas não era justo, não depois de tudo.

Eu não podia lidar com nada além da minha dor, porque ela me tomara tudo, deixando-me devastado. Mia, Iker, Lúcifer e Cassandra recorreram ao meu pai e os Serafins porque acreditavam que um Conselho Universal deveria ser criado para substituir os Principados, eles entraram em consenso e decidiram que os humanos precisavam de um representante. Não me opus à ideia, mas não seria eu a ocupar o lugar.

Ver Triana morrer nos meus braços abalou minha fé. Se a pedra angular que deveria reger as ações dos anjos era garantir que o bem prevalecesse sobre o mal, por que a lei que punia aqueles que se apaixonavam, a lei que matava aqueles que nasceram sob uma descendência celestial, era a lei que se calava diante da corrupção do alto Círculo Divino?

Minhas crenças ruíram. Perdi tudo o que conhecia, acreditava e amava de uma única vez, e por um tempo perambulei pelo mundo, sobrevivendo aos dias, um a mais era um a menos. Não podia continuar como estava, precisava acreditar em algo, necessitava disso para seguir em frente.

Escolhi trilhar o Caminho de Compostela para me reconectar com o divino. O que aconteceria na próxima vida estava fora do meu controle, mas desejava com todas as forças de minha alma que nos reencontrássemos e era preciso ter fé para que minha súplica fosse ouvida.

Iniciei a caminhada na Catedral de Lisboa, foram trinta dias e quase setecentos quilômetros, passei por cidades, estradas, vilarejos, bosques e rios. Imaginava o quanto Triana gostaria de registrar aqueles locais, não tinha seu talento para fotografias, mas não deixei de fazê-las. Por ela, porque era a maneira de sentir-me próximo a ela.

Foram muitas as vezes que me perdi e a cada uma delas aparecia alguém

para me ajudar a retomar o caminho. Quando cheguei ao fim da jornada, percebi que minha peregrinação foi sobre compreender que o sacrifício de Triana foi por todas aquelas pessoas que encontrei e estendiam a mão para ajudar um andarilho, que ofereciam o pouco que tinham com um sorriso no rosto. Ore por mim, foi a frase que mais ouvi em trinta dias. E eu orei.

Reuni as fotografias que fiz no trajeto e montei um livro de recortes com pensamentos aleatórios rabiscados por suas páginas. Alisei a capa, lendo a inscrição: — Sempre você.

Respirei fundo, sentindo o afago de uma lágrima recortar minha barba e coloquei o exemplar sobre a lápide. Eu estava chorando como quando a tive em meus braços pela última vez, sua imagem era tão cristalina. Funguei, esfregando a mão no rosto para secá-lo.

— Martín?

Ergui o rosto. Isabel segurava a mão de um garoto. Levantei-me, sem jeito, porque não tinha o direito de estar ali depois de sequer ter aparecido para dar uma explicação sobre a morte da sua filha. Lúcifer foi quem a procurou para contar, fingindo ser meu pai.

— Desculpe, eu não...

— Martín. — Ela segurou meu braço. — Não se desculpe. — Acompanhei uma lágrima percorrer a maçã do seu rosto e não pude impedir as minhas. — Ela adoraria vê-lo.

— Eu queria dizer que gostaria de ter estado lá para você, mas eu não...

— Eu sei. — Ela me puxou e abraçou-me. — Está tudo bem, sei que você a amava e...

— Eu a amo.

Ela se afastou e acariciou meu rosto, suspirou alto. Eu sabia o que estava pensando, porque me perguntava a respeito sempre que me olhava no espelho: — *Como ela estaria hoje?*

— Esse é o Hamon. — Passou o braço no ombro do garoto.

— Como?

— Hamon. Sei que não é comum, é um personagem de um livro que o Xavier deixou inacabado e Triana comentou que gostava.

— Você era amigo da minha irmã?

— Era. — Comprimi os lábios.

— Por que você trouxe um livro?

— Sua irmã adorava livros e fotografia, fiz uma viagem muitos anos atrás, registrei em fotos e frases. É um presente para ela, mas se você quiser,

pode ficar com ele. Aposto que Triana adoraria compartilhar suas paixões com você.

— Posso mesmo? — Anuí. — Vou cuidar dele.

— Obrigada — disse Isabel enquanto ele pegava o livro. — Você está de passagem? — Seus olhos notaram o colarinho romano sob a jaqueta. — Padre?

— Ficarei na cidade, assumi uma paróquia local — disse, assentindo. — Eu vou indo.

— Apareça na Sonhos do Éden quando quiser.

— Com certeza. Tchau, Hamon.

— Tchau!

Acenei em resposta e dei as costas, distanciando-me.

— Martín! — Olhei para trás. Isabel pediu que esperasse e logo me alcançou. — Lembrei de algo, não sei se te interessa, mas... — Ela me estendeu um envelope dobrado. — Encontrei nas coisas da Triana e trago junto dos meus documentos sempre, não sabia se um dia te encontraria.

— Obrigado.

Apertei o quadrado de papel na palma e me encaminhei para a Ponte Alcântara, desci a trilha e sentei-me nas margens do rio. Desdobrei o envelope, no verso tinha meu nome. Rompi o lacre e abri a carta.

Martín. Hamon. Meu para sempre.

Você virá me buscar em instantes e poderia te dizer todas essas coisas pessoalmente, mas não vou, porque se essa for a nossa última vez juntos, quero que a tenhamos vivido sem sentir o peso do adeus. Já tivemos despedidas demais para uma vida.

Nós aprendemos a amar juntos e eu não desejaria que fosse de outro modo. Por falar nisso, obrigada pela noite de ontem, obrigada por entender que, às vezes, preciso me sentir como uma garota de (quase) dezoito anos, obrigada por me fazer sentir a garota mais incrível, por me olhar como se eu fosse seu mundo inteiro.

O que acontecer amanhã é nosso destino e desejo exijo que você supere, sua missão no mundo é despertar a fé nas pessoas. Não me decepcione! Você me ensinou que coisas extraordinárias acontecem nas nossas vidas, se acreditarmos que é possível, e estarei te esperando para vivê-las ao seu lado.

Sempre você, Triana.

SÉCULO XXII

Um século havia decorrido. Anjos, decaídos e nefilins andavam entre os humanos, cidades inteiras eram ocupadas por seres celestiais, o sobrenatural era um segredo guardado sob o conspecto mundano.

Ana Guerrero

Minhas amigas não entendiam o porquê tinha trocado Londres e meu ex-namorado — sim, ele era gato, gostoso, bom de cama, mas para mim nunca passou de um lance e quando me pediu em casamento, ficou meio óbvio que tínhamos interesses discordantes —, por Bruges, a pacata cidade no noroeste da Bélgica. Que culpa tinha eu, se uma vaga para curadora de um grupo de museus me dava mais tesão do que a noite londrina e um loiro de um metro e noventa.

Prioridades, prioridades! As minhas eram minha carreira, a preservação histórica e cultural de obras de artes e, se esbarasse em um pedaço de mal caminho, não me incomodava que a noite terminasse em sexo. Quente e suado, por favor! Se fosse para ficar no morno, dispensava. Sabia muito bem como me divertir sozinha.

O que não tinha explicação era como conseguia me atrasar morando numa cidade com menos de cento e cinquenta metros quadrados. Minha mãe diria que é um dom, não duvidava. A verdade é que era difícil andar pelas ruas e não divagar, observando as casas e canais bucólicos, as ruelas estreitas, constituídas por pedras ornamentadas e arandelas, para não mencionar as construções belíssimas e carruagens que davam um toque de conto de fadas às praças da cidade. E o inigualável aroma dos chocolates que exalava no ar de Bruges? Definitivamente, não me arrependeria da minha escolha nem em mil

anos.

Ramón Del Castillo

Alguém poderia ter me dito que quando saltasse do trem teria voltando alguns séculos no tempo. No percurso da estação para o apartamento alugado passei pelo centro da cidade e fiquei embasbacado pela arquitetura, dei voltas e mais voltas, observando os detalhes, a grandiosidade atemporal que inundava a atmosfera. O problema é que para um admirador de arte, Bruges era um palco perfeito para desprender-se da dimensão temporal.

Chegar atrasado no primeiro dia de trabalho não deixaria, exatamente, a melhor impressão. Paguei pelo café e optei por levá-lo. Suspendi a alça da pasta, deslizei pela cabeça, colocando-a na transversal e saí na direção que a atendente me indicou.

Era primavera, as sacadas das janelas e ruas estavam repletas de flores, o que dava um ar pitoresco e campestre. Prometi a mim mesmo que no final do dia caminharia sem rumo pelas ruas e pontes, apreciando os canais, o que poderia se tornar um hábito, a vida noturna da cidade era algo entre entediante e inexistente.

— Com licença! — Um jovem de olhos azuis translúcidos me parou. — Você pode tirar uma foto nossa? — Apontou para uma garota de longos cabelos ruivos.

— Desculpe, estou com pressa.

— Por favor, cara. — Deslizou os dedos no cabelo platinado e por um momento pensei conhecê-lo. — Ela está meio brava porque me recusei a fazer o passeio de carruagem.

— Está bem.

— Valeu! — Ele pegou o café da minha mão e colocou no batente de uma janela, entregou-me o celular e foi ao encontro da namorada, abraçando-a. — Pode mandar ver, cara.

Eu tirei algumas fotos, eles pediram que fizesse outras, em outro ponto. Concordei dizendo que seriam as últimas. Quando devolvi o aparelho, virei-me para buscar o café e trombei com alguém. Por reflexo, abracei seu corpo, puxando-a para mim, de modo a evitar sua queda. Um perfume familiar me envolveu.

— Desculpe, eu...

Putá merda! Esqueci o que estava dizendo. A mulher entre meus braços

tinha os olhos mais penetrantes que conheci. Ela entreabriu a boca e fechou em seguida, o movimento trivial foi ofensivo de tão sexy.

— Você pode me soltar.

Balancei a cabeça, removendo as mãos do seu corpo. Ela perpassou os dedos numa mecha castanha, prendendo-a atrás da orelha, me deu um olhar confuso, virou-se e foi embora.

— Ei! — chamei. Ela olhou-me sobre o ombro. — A gente já se conhece?

— Você não é do tipo que se esquece. — Sorriu e seguiu seu destino.

Levei a mão à cabeça, o olhar perdido por onde ela se foi. Meus neurônios só podiam estar com defeito. Como uma mulher daquela caiu nos meus braços e eu não perguntei o nome.

— Ela flertou comigo e fiquei com cara de idiota? — resmunguei, pegando o café e retomando meu caminho. — Alguém deveria me socar.

Ana Guerrero

O antigo *Hospital Saint-Jean* abrigava o *Museu Memling* e era meu escritório fixo. Quando cheguei ao pátio, pesquei o celular da bolsa e digitei uma mensagem para minhas amigas. O estranho atraente tinha aflorado lembranças esquecidas há anos e queria dividi-las, sabia que se estivesse sendo louca, elas me dariam um tapa de realidade. Esperava que não o fizessem, porque o sorriso que os lindos olhos cor de cobre provocaram, não dava indícios de me abandonar.

Eu: Disse que meu destino estava em Bruges.

Evy: Descobriu que quer ser freira?

Jen: É mais gostoso do que o Isaac?

Eu: Calma, não deu tempo de me aprofundar nesses aspectos.

Jen: Foto?

Evy: No mínimo tem que fazer o *check in* antes de declarar como destino.

Eu: Lembram do garoto dos meus desenhos?

Evy: GAROTO? Espero que seu destino seja maior de idade.

Jen: O garoto dos seus sonhos?

Evy: Os esboços?!!!!!!

Eu: HOMEM. GOSTOSO. SEXY. MÃOS GRANDES. PEGADA

FIRME (abraço). ALTO. MORENO. Está bom ou quer mais, Evy?

Evy: Nesses termos, quero é ele na minha cama.

Jen: Responde!!!

Eu: Tira o olho, porque esse é, LITERALMENTE, *o homem dos meus sonhos*. Sim, Jen. Ele está mais velho do que nos meus desenhos (graças!), mas é ele. Tenho certeza.

Jen: Não acredito!

Eu: Há um porém. Não sei onde encontrá-lo de novo.

Evy: Por favor, né! Você mora na casca de um ovo, não é como se precisasse desbravar o mundo para achá-lo. Quantos bares tem nessa cidade?

Cumprimentei o rapaz na entrada e voltava a digitar quando dois jovens ajoelhados no oratório do jardim chamaram minha atenção. A garota ergueu-se, volveu o corpo, as ondas vermelhas deslocando-se para os ombros, e olhou-me. Um sorriso acolhedor ilustrou os lábios finos. O celular vibrou, indicando que havia novas mensagens. Abaixei os olhos para ler.

Jen: Volta aqui! Quero saber mais...

Evy: TÁ VIVA?!

Uma sensação de nostalgia me invadiu. Levantei a cabeça. Não havia ninguém no oratório, movi o olhar e não os vi. Abandonei a direção que deveria tomar, guardei o aparelho na bolsa e regressei no sentido do pátio. Eles tinham que estar em algum lugar.

Abstraída pelo sumiço do casal, atravessei a porta sem me atentar e colidi com uma muralha de músculos. Um líquido quente — café, a fragrância infestou-me por inteira — entornou em meu busto, mãos me agarraram, impedindo-me de cair estabanada no chão, mas não foram o suficiente para me impedir de praguejar aos quatro ventos.

Entre todos os dias, aquele tinha que ser o escolhido para que o universo conspirasse contra mim? Deveria apresentar o complexo de Museus do Bruges e seu acervo para o novo restaurador, recomendado com caráter de excelência e impreteribilidade pela direção. Não fiquei feliz em ter meu poder de escolha castrado, mas vi o portfólio de trabalho dele e era irrepreensível. No entanto, como minha primeira reação ao comunicado de sua contratação foi questioná-la, era possível que se ele fosse reclamar do meu atraso, pensassem que estava fazendo de propósito.

— Inferno! — O empurrei e segurei no decote do vestido, abrindo mais um botão e sacudindo-o para que a umidade não vazasse para o sutiã. — Porcaria.

— Perdão, sinto muito.

Se eu olhasse para a cara do desgraçado seria para dar um tapa, estava emputecida. Ainda balançando o vestido, numa tentativa pouco eficaz de secá-lo, olhei sobre o ombro para a recepção.

— Louis, você pode avisar ao Sr. Del Castillo que tive um contratempo e me atrasarei mais alguns minutos?

— Srta. Guerrero, ele não...

— Ramón Del Castillo, com mil perdões. — A pronúncia do nome evidenciou o sotaque castellano. Volvi os olhos para meu interlocutor. — Pelo atraso, os dois encontrões... — abaixou os olhos para meu busto por um breve segundo — e o estrago que fiz na sua roupa.

— Ana Guerrero. — Estendi o braço para cumprimentá-lo. — Acho que não tinha como causarmos uma primeira impressão pior.

— Isso porque você impediu uma péssima cantada ao me ignorar para falar com o Louis.

— Era ser ignorado ou levar uma bofetada. Você ficou no lucro. — Sorri. — Como era a cantada?

— Levando em conta que você é minha chefe e não quero ser demitido por justa causa no primeiro dia, vamos fingir que nunca a mencionei.

— Terrível assim? — Mordi o lábio.

— Pois é. — Franziu o nariz. — Posso esperar, não tem problema. Afinal fui eu quem fez isso com você.

— Minha preocupação era causar uma boa impressão porque você tem fama de ser...

— Presunçoso. Acho que estamos quites, porque ouvi que você é obstinada.

— Verdade. — Dei de ombros.

— Escolheria autoconfiante para me descrever, mas aceito o julgamento.

Iker Romero

— Precisava ser tão clichê?

— Qual seria a graça se fosse diferente? — Cingi sua cintura. — Foi assim que eles se conheceram, achei que deveríamos manter o padrão. Sabe como é, garantir que tudo dê certo dessa vez.

— Que história é essa de garoto dos sonhos? — Ela entrelaçou os dedos

na minha nuca. — Você prometeu que ia deixá-los se encontrar no tempo deles. Não foi o bastante pedir para o Criador que ele fosse nosso bisneto?

— Eu só quis garantir que ela fosse saber que o cara é ele. Vocês, mulheres, tem uma mania de negar o óbvio.

— Nós? Não fui eu quem fiquei de casinhos.

— Você me ignorava, ruiva! — Resvalei minha mão para sua bunda.

— Deixei um bilhete me declarando! Pensei que depois que conseguimos fundar o Conselho Universal, você fosse enfim parar com as provocações e dizer o que sentia por mim.

— *"Haverá maior insensatez que olhar com desdém para o que está perto de nós, com admiração para o que está distante, e perseguir a sombra de uma quimérica esperança?"* — recitei o trecho que ela jurava ser uma declaração estampada. — Em que raios de mundo isso é óbvio, Mia?

Ela era péssima em demonstrar sentimentos, mas eu não me importava, sabia que era ela antes que me deixasse chegar perto o suficiente para nossas almas se fundirem e revelarem que tínhamos um elo etéreo. Eu vi a aura índigo no dia em que seu irmão caiu e ela desabou em meus braços. Não era a hora. Escolhi esperar que ela estivesse aberta para isso. Não pensei que demoraria quarenta anos.

— No meu mundo e você deveria ter entendido.

Gargalhei e beijei a curva do seu pescoço.

— Agora que eles estão encaminhados, nós podemos ter aquelas férias?

— Cassandra vai amar essa notícia — ironizou.

— Ela precisa aprender a relaxar e curtir o balanço das ondas entre as tempestades. Sempre haverá problemas a serem resolvidos, alguns mais complicados do que outros, a gente não pode parar de viver por causa deles. E os suplentes não foram escolhidos com esse fim? Substituir-nos quando precisássemos nos ausentar?

— Precisar no dicionário da Cassandra pressupõe urgência.

— Minha necessidade de tirar férias com minha mulher numa praia brasileira e tê-la em um micro biquíni, andando para lá e para cá, é desesperadora. Alerta de prioridade máximo.

— Convença-me — murmurou, pressionando nossos corpos.

— Com prazer.

Ana Guerrero

Entrei em casa, puxando Ramón e arremessando a bolsa no sofá. Ele pegou a chave, bateu e trancou a porta. Quando se virou, foi despiando a jaqueta e agarrando-me pela cintura. As mãos apertaram minha bunda e a língua invadiu minha boca. Os lábios moveram-se com os meus, a ereção vigorosa pressionou contra meu ventre. Gemi, arrastando o tecido da camisa e contornando os músculos intercostais.

Ele buscou pelo zíper do vestido e o abaixou com urgência, as digitais resvalaram na minha pele, fazendo-me ansiar por mais. Desprende o sutiã e as palmas acariciaram-me. Desafivelei seu cinto e encaixei os dedos no cóis da calça, segurando-o e conduzindo-nos para o quarto.

Não queria perder um instante do seu toque e da sensação inflamada que me despertava, me movi de costas, prisioneira entre seus braços. Avançando tão rápido quanto podia, mas não o suficiente para atender à súplica dos nossos corpos de se verem livres das roupas e juntos se perderem entre as chamas febris que ardiam sob nossa pele.

Ramón segurou-me pela cintura, a boca exigente beijou-me duro. Compreendendo sua intenção, cruzei minhas mãos no seu pescoço e ele me impulsionou para os quadris. Joguei a cabeça para trás quando seus lábios trilharam o caminho até meu pescoço, a barba arranhando-me, despertando impulsos onde sequer imaginava que pudesse senti-los.

— Esquerda — murmurei entre suspiros. — Primeira porta.

Em minutos estávamos adentrando o quarto, estirei minha mão e liguei o interruptor. Ele deitou-me, deslizou as alças do vestido e sutiã por meus braços. Arranquei sua camisa, arrebatando alguns botões, ansiosa por tê-lo. Chutei meus saltos e busquei por preservativos na mesinha de cabeceira. Ele removeu calça e sapatos. Joguei as embalagens na cama, fiquei de joelhos e prendi o dedo no elástico da cueca boxer, impressionada com o volume.

Ramón levou as mãos ao meu pescoço, espalhando os dedos na minha nuca e beijou-me com fervor. Terminei de despi-lo e envolvi seu membro, pesado e robusto, pulsando quente sob os meus dedos. Inclinei-me para trás e ele foi comigo, movendo as mãos para os contornos do meu corpo. Afundamos entre os lençóis, seus beijos percorreram meu busto e seguiram para os seios, ao tempo que os dedos se desfaziam da ínfima calcinha rendada que vestia minha intimidade.

Eu vinha fantasiando com ele desde que o conheci, há três meses. Distraía-me com frequência vendo-o trabalhar, e quando o flagrava me observando sentia-me eufórica. Tínhamos uma química ímpar no âmbito profissional e, pelo que descobri naquela noite, melhor ainda no pessoal. Embora

tivesse pensado em convidá-lo para sair algumas vezes, tinha receios em razão do nosso vínculo laboral.

Conquanto, morávamos numa cidade pequena, uma hora ou outra terminaríamos por nos encontrar fora do trabalho, e aconteceu de ser numa cervejaria. Estava sentada sozinha e ele perguntou se podia me fazer companhia, a conversa fluiu fácil, o tempo todo sentia como se fôssemos velhos conhecidos.

Quando deveríamos ter nos despedido, nos beijamos. A iniciativa foi mútua. Ramón perguntou se poderia me levar para casa, nós dois sabíamos que minha afirmativa foi um convite para estendermos a noite e ele estava fazendo valer cada segundo. Em pensar que quase pedi um *delivery* ao invés de sair.

Ele me tinha nas mãos e lábios e língua. Eu gemia, suspirava e me contorcia, enrolando meus dedos entre seus cachos, puxando-os, adorando o raspar da barba em minha pele e quão perto ele me deixava da borda antes de me puxar de volta. Provocando-me, incitando-me, expandindo os limites do prazer.

Senti um mundo inteiro sob minha pele no instante que nossos corpos se uniram. E, no final, não sabia como falar sobre o que tinha acontecido, foi apenas sexo e, de alguma forma, foi muito mais. Fiquei deitada, olhando para o teto, absorvendo o que tinha acontecido, lidando com um coração que ameaçava explodir, tão rápido estavam meus batimentos. Ao meu lado, ofegante e silencioso, ele virou-se e pôs o braço em meu abdômen, abrindo a mão entre meus seios.

— É de nascença? — O polegar afagou a marca que tinha ali.

— Sim. Marquei remoção algumas vezes e sempre desisto na última hora.

— Não remova. — Ele se apoiou no cotovelo e dedilhou a linha que iniciava no meio do peito e ascendia sobre o seio esquerdo. — Ela parece contar a história de outra vida.

— Você acredita nisso? — Estreitei os olhos.

— Você não?

— Nunca pensei a respeito, mas sei lá... acho que não. Você tem alguma marca?

— Duas.

Ele se moveu e sentou-se. Estiquei a mão e palmeei suas costas, no princípio das omoplatas, duas listras exibiam-se em paralelo.

— Você era um anjo caído. — Brinquei, contornando o desenho. — Pelo menos segundo os livros ficcionais.

— Acho que estou muito distante de ser um anjo, ainda que caído.

— Depois das últimas horas, devo dizer que concordo. Não estranharei se os vizinhos reclamarem do barulho, mas que se dane. — Deslizei minhas unhas por sua coluna. — Você sabe como levar uma mulher ao inferno.

Ramón olhou-me por cima do ombro e debruçou-se sobre meu corpo, alcançando minha boca.

— Imaginei estar com você muitas vezes. Não quero assustá-la e... — Levou a mão ao meu rosto e o acariciou. — Está tudo bem se for unilateral, compreenderei que hoje foi um evento isolado e prometo que não afetará nossa relação profissional. — Beijou-me e afastou-se para olhar nos meus olhos. — Sinto-me atraído por você como nunca estive antes, o que houve aqui... nunca vivi nada tão intenso. Tenho a sensação que não foi o acaso que a colocou em minha vida, sinto que estava a procurá-la.

— O quão estranho é me sentir mais conectada com você do que estive com um homem que namorei por três anos?

— Ele foi uma pausa no meio do caminho, eu sou o ponto final.

— Isso é tipo nosso primeiro encontro, você não pode dizer essas coisas.

— Então teremos outros? — Ele não escondeu o sorriso.

— Quem sabe. — Mordi o lábio.

— No que depender de mim essa noite pode ser repetir todos os dias.

— Se não der certo e as coisas ficarem estranhas?

— Se te deixar mais confortável, peço demissão.

— Não, Ramón. Você é louco?

— Estou disposto a me arriscar por você. Sinto que devo isso a nós dois e não me pergunte como ou o porquê, não posso explicar.

— Vamos fazer disso — esfreguei minha perna na dele — uma rotina e ver no que dar.

— Adoro rotina — disse, beijando-me.

Nós recomeçamos, depois tomamos banho e fui à cozinha buscar algo para comermos. Parei na porta do quarto, contemplando-o nu em pé junto às prateleiras. As duas marcas se destacavam nas costas, ele era muito alto, largo e tinha a musculatura com proporções perfeitas. Meus olhos recaíram sobre sua bunda e emití um suspiro alto.

— Minhas amigas vão repensar umas cem vezes a aversão que têm por cidades pequenas se o virem.

— Avise que não estou disponível. — Virou-se para mim e piscou. — Mas tenho alguns amigos que posso apresentar.

— Nem pensar, não vamos facilitar as coisas para elas. — Retribuí a

piscada e levei a bandeja para a cama. — Sanduíches naturais, suco e café. Não sabia o que você preferia.

— Tanto faz. — Apontou para um livro em destaque na minha estante, guardado numa caixa de vidro com moldura dourada e almofada no fundo. — É alguma edição especial?

— É uma herança de família. É uma história triste e também inspiradora. — Subi na cama. — Traga a caixa. Não é um livro comum, a história dele não está escrita em suas páginas. — Ele me entregou o item e acomodou-se, sentando-se de modo que eu ficasse entre suas pernas. Recostei-me nele e abri a caixa, percorrendo as letras na capa. — Este foi um presente póstumo. Meu bisavô, Hamon Guerrero, tinha uma irmã, ela morreu no aniversário de dezoito anos. Ela e o namorado sofreram um acidente. Ela morreu. Ele fez esse livro, é composto por fotos de quando percorreu o Caminho de Compostela, um tempo depois da morte dela, pelo que entendi, ele buscava por uma razão para continuar... — Esfreguei o braço no rosto, limpando as lágrimas. — Desculpe.

— Está tudo bem. — Beijou meu ombro.

— Entre as fotografias, ele escreveu sobre o quanto sentia a falta dela e promessas de que um dia, em outro tempo, eles ficariam juntos. Você consegue imaginar um amor assim? Ele era um garoto quando ela morreu, mas a dor expressa em suas palavras é algo que desconheço.

— Sempre você — murmurou, entrelaçando nossas mãos. — Será que eles se reencontraram?

— Não sei se acredito que isso é possível, Ramón.

— Eu acredito que sim.

— Tenho que te contar algo. Não pense que te persegui, não sabia quem você era até...

— Eu sei da sua revelia à minha vinda para cá, Ana.

— Não é que fosse contra, só achei que, como curadora, a decisão deveria passar pelo meu crivo. Mas confesso que quando analisei seu currículo, soube que nem se quisesse, contrataria alguém mais adequado para o trabalho.

— Não precisa se explicar, te entendo. O que você ia me contar?

— Eu sonhava com você.

— Tive muitos sonhos...

— Não, Ramón... — Empurrei a caixa para o lado, deixando-a de frente para a bandeja de lanches, e sentei sobre as panturrilhas, de frente para ele. — Sonhei com você muito antes de te conhecer, na adolescência. Tenho desenhos do garoto dos meus sonhos e é você.

— Também tenho algo para contar. — Ele passou os braços na minha cintura. — Acredito que você é meu reencontro, Ana.

— Se você estiver enganado?

— Assumo o risco.



POSFÁCIO

Lúcifer

O tempo tem dimensões curiosas, a depender da perspectiva de quem o vive, um século é mais do que uma vida para a maioria dos humanos e um piscar de olhos para os seres celestiais, porém quando adicionamos sentimentos à balança, as coisas tendem a mudar. Eu compreendia como ninguém suas nuances, já somavam vinte séculos que cometi o que para muitos foi meu grande erro. Para mim, apesar do sofrimento inegável advindo, amá-la foi uma dádiva.

Bertha representou os humanos no Conselho Divino por quase três décadas. Ela morreu aos oitenta e seis anos, nos meus braços e, pela primeira vez, não me senti derrotado, nós pudemos viver um amor que nos foi negado por séculos. Eu a esperaria e nos reencontraríamos numa próxima vida, depois na seguinte, e persistiria tentando descobrir um meio para que as despedidas não fossem mais necessárias e pudéssemos ficar juntos pela eternidade, ou além dela.

Minha jornada estava a cada dia menos solitária. Em partes porque minha filha estava comigo. Ver sua determinação e dedicação em transformar o Conselho em um órgão que ouvisse os anseios de anjos e decaídos, que desmitificasse o temor que tinham dos nefilins, me enchia de orgulho. E também porque Mehiel e a ruiva, como ele adorava chamar a Damabiah, me deram três sobrinhos-netos.

Demorou para que se acertassem, mas quando aconteceu, não perderam tempo. O nascimento do primogênito foi celebrado com um acordo com Yang, ao garoto foi concedido evoluir no tempo dos humanos, até que atingisse os dezoito anos, como acontecia com os nefilins, para que pudesse alcançar a maturidade sexual e gerar uma nova vida. A partir da união deste com uma humana, nasceu o primeiro neto de Mehiel e Damiabah, aquele que viria a ser o

pai de Martín — ele não era mais um ser celestial, seu nome humano era o único vigente —, que morreu aos setentas e seis anos, para que pudesse renascer dezoito anos depois, quando Triana também reencarnaria.

Ela veio ao mundo como bisneta daquele que um dia foi seu irmão, assim como ele tornou-se o primeiro bisneto da irmã. Fiquei surpreso que Yang tivesse concordado que um elo etéreo trouxesse ao mundo uma alma antiga, mas os argumentos de Mehiel eram excelentes, não posso negar. Ele e Damabiah integravam o Conselho, mas nas horas vagas — se é que podemos chamar assim —, personificaram os significantes dos seus nomes celestiais: anjos da guarda. Foi o que eles se tornaram na vida de Ana e Ramón, desde o nascimento os acompanharam de perto, cuidando para que pudessem viver o amor que a morte impediu de florescer.

Conhecendo Mehiel, imaginei que sua influência não pararia por aí, e acertei, ele não esqueceria Belinda e, mesmo que o Criador somente tivesse concordado com o ano do seu renascimento, ele deu um jeito de aproximá-la da melhor amiga. Belinda tornou-se Evy e sua amizade com Ana era tão forte quanto na vida anterior, elas ainda teriam muitas histórias para contar.

Se estiver se perguntando sobre Xavier e Isabel, estavam na Fonte das Almas, mas não demoraria para que um novo ciclo na Terra se iniciasse para ambos, bem como para Bertha. A raque da pluma em meu pulso estava se formando, quando ela nascesse, as barbas surgiriam, mais dezoito anos e buscaria por ela, como prometido.

Algumas coisas permaneciam iguais. Outras, tão diferentes que seria impossível para as novas gerações compreenderem como era o mundo na Era dos Principados. A Academia dos Campos Celestiais foi substituída por Colégios na Terra, onde anjos, decaídos, nefilins e também alguns dos seus descendentes, aprendiam mais do que o manejo de armas, habilidades de combate ou estratégias de guerra, eles eram ensinados da responsabilidade que os poderes traziam e a exercer o livre-arbítrio.

A escolha de manter-se, ou não, nos redutos das Cidades Celestiais cabia a cada um e era respeitada por todos. A maioria, no entanto, escolhia viver dentro das muralhas e explorar as Cidades Mundanas, diminuindo os riscos de exposição. Havia uma única regra vigente: dons celestiais não deviam ser usados para manipular humanos.

Os descendentes nefilins, filhos de pais que escolheram a vida comum, cresciam desconhecendo a existência do universo sobrenatural, assegurando que seus poderes permanecessem ocultos e não se tornassem armas nas mãos erradas. Ramón e Ana estavam nesse grupo, não sabia até quando. Ainda mais

com a proximidade da chegada do primeiro Guerrero Del Castillo.

Sempre
Você

Estou escrevendo ciente que você não
poderá ler estas palavras, ao menos
não nesta vida, mas não posso
guardá-las para mim...

Por um tempo depois que você partiu,
pensei que não fosse conseguir,
tenho tanta saudade, faria qualquer
coisa para estar com você mais uma
vez, para vê-la sorrir, beijá-la,
ouvi-la falar, ou apenas
observá-la de longe. Eu fiz tudo
o que pude para salvá-la, Tri.

No fim, foi você quem salvou a
todos... E continua me salvando.

Aguardo ansioso para te reencontrar.

A dor da sua ausência foi tudo
o que me restou, eu precisava
voltar a ter fé, por você.





*Não foi uma jornada fácil,
nada tem sido fácil desde aquela
noite...*





Não tenho certeza de como será viver
décadas sem você, a verdade é que
nem sei bem como sobrevivi a este
primeiro ano. Espero que, com o tempo,
a saudade seja menos amarga.
Você será sempre minha lembrança
mais doce, minha dor mais
profunda e minha fé mais eloquente.
Sempre você, por todo o sempre.

Chegar ao fim dessa caminhada exigiu mais do que pensei ser possível. Perdi-me tantas vezes, percorri quilômetros na direção errada, senti frio e fome, me senti exausto até os ossos, e em todas as vezes que pensei em voltar atrás, alguém me estendia a mão...



Para ser sincero, você foi a razão de ter embarcado nessa aventura em busca da fé que perdi quando a vi morrer nos meus braços. Não me pareceu justo, Tri. Ainda não parece, mas hoje, compreendo que tudo aconteceu como deveria, por mais doloroso que tenha sido, que continue a ser, você tinha uma missão e se entregou a ela com todo seu coração. A minha foi amá-la e acredito que fazê-la acreditar no impossível e na força incontestável da sua fé. Ela estava lá desde sempre, você só precisava percebê-la.

Perdão, Tri, mas não sou capaz de me despedir ainda, sinto que muitas outras palavras e fotografias preencherão estas páginas até que possa estar diante do seu túmulo. Não sou tão forte como você me fazia acreditar... mas descobri que amá-la é o suficiente para não me deixar fraquejar. Estou me esforçando para ser alguém de quem teria orgulho e acredito que encontrei um propósito. "Seja o líder que as pessoas precisam". Foi algo que você me disse uma vez. Fe, é o que todos precisamos.

Acho que, finalmente, entendo a magnitude das emoções e o poder que elas têm de nos levar ao limite, da profunda melancolia à extrema euforia, do transbordar ao vazio da alma. Continuo sentindo sua falta todos os dias, continuo amando-a como há dez anos, continuo esperando pelo dia que a terei em meus braços outra vez. Sempre você.

Martín

*Espero que sua jornada por estas
páginas tenha sido emocionante!
Se puder, deixe sua avaliação.*

*Beijos, Sinéia
Rangel*



AGRADECIMENTOS

Aqueles que me acompanham no [Hospício Literário](#) sabem o quanto este livro foi desafiador. Primeiro porque era um projeto pessoal, sou apaixonada por fantasia juvenil e dei início a escrita de “O Epinício de Sangue” para atender a um desejo meu, enquanto leitora aficionada pelo gênero. Segundo porque quando percebi que esta história estava exigindo seu espaço e que não conseguiria mantê-la apenas para mim, bateu um leve desespero, compartilhá-la significava sair da minha zona de conforto e por isso agradeço imensamente por cada comentário de apoio, muitas leitoras sequer incluíam fantasia nas suas listas de leituras, mas disseram “*Por que não?*”

Obrigada por se aventurarem comigo!

BIOGRAFIA

Escritora e psicóloga, Sinéia Rangel, aposta em temáticas que humanizam os personagens, estreitando a linha entre ficção e realidade.

Nasceu em Mutuípe, no interior da Bahia. Encontrou nos livros o passaporte para um mundo de sonhos e fantasias que transformaria a sua vida. Geminiana, bookaholic, cinéfila, chocólatra e musicólatra, é amante de rock, poesias e histórias de amor.

Visite o site e acompanhe a escritora nas suas redes sociais.

www.sineiarangel.com.br



^[1] Na Espanha, o bacharelado é uma etapa de dois anos, de preparação para o ensino universitário. Ele é dividido em quatro áreas distintas e o aluno escolhe uma conforme seu interesse: Artes, Tecnologia, Ciências da Natureza e da Saúde ou Humanidades e Ciências Sociais. Concluída essa etapa, o aluno presta vestibular (pruebas de acceso – provas de acesso). A aprovação depende tanto do resultado das provas quanto das notas obtidas no bacharelado.

^[2] Na parte interna do lábio.

^[3] É a parte central, que divide a pena em dois vexilos.

^[4] É uma pistola de fabricação austríaca que pode disparar 20 balas a cada segundo.

^[5] Os "raminhos" das penas, que estão presos à raque e que formam os dois vexilos.

^[6] Boatos, rumores.

^[7] Punho da espada.

^[8] Obra de Carlos Ruiz Zafón. Segundo volume da Série O Cemitério dos Livros Esquecidos.

^[9] Equivalente ao vestibular no Brasil.

^[10] Besta de pulso.

^[11] Tornai-nos receptores de vossos mistérios.

^[12] Meramente o som de sua voz. Me fez acreditar que, que você fosse ela. Assim como o rio perturba minha paz interior (The Hauting – Kamelot)

^[13] Referente a curta-metragem.

^[14] Tornai-nos receptores de vossos mistérios. Nosso Senhor e Mestre é o Todo Uno.

^[15] Torta à base de açúcar, farinha, creme de leite, gelatina, queijo fresco e limão.

^[16] Marmelada.

^[17] Trilionésimo de bilionésimo de segundo — ou o equivalente a 10^{-21} de um único segundo.

^[18] Tornai-nos receptores de vossos mistérios.

^[19] É uma arma química incendiária.

^[20] Vós então erguestes vossas vozes e jurastes obediência e fé a Ele, que vive e triunfa, que não tem início, nem fim, que brilha como uma chama no meio de vosso palácio, e reina entre vós como a balança da retidão e verdade.

^[21] Transgressões.

^[22] Ações que amenizam as transgressões.

^[23] Contração involuntária dos músculos, que desperta violentamente uma pessoa.

Table of Contents

Sinopse	
Playlist	
Índice de Armas	
Epígrafe	
Prólogo	
Capítulo 1	
Capítulo 2	
Capítulo 3	
Capítulo 4	
Capítulo 5	
Capítulo 6	
Capítulo 7	
Capítulo 8	
Capítulo 9	
Capítulo 10	
Capítulo 11	
Capítulo 12	
Capítulo 13	
Capítulo 14	
Capítulo 15	
Capítulo 16	
Capítulo 17	
Capítulo 18	
Capítulo 19	
Capítulo 20	
Capítulo 21	
Capítulo 22	
Capítulo 23	
Capítulo 24	
Capítulo 25	
Capítulo 26	
Capítulo 27	
Capítulo 28	
Capítulo 29	
Capítulo 30	

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Epílogo](#)

[Posfácio](#)

[Bônus](#)

[Agradecimentos](#)

[Biografia](#)